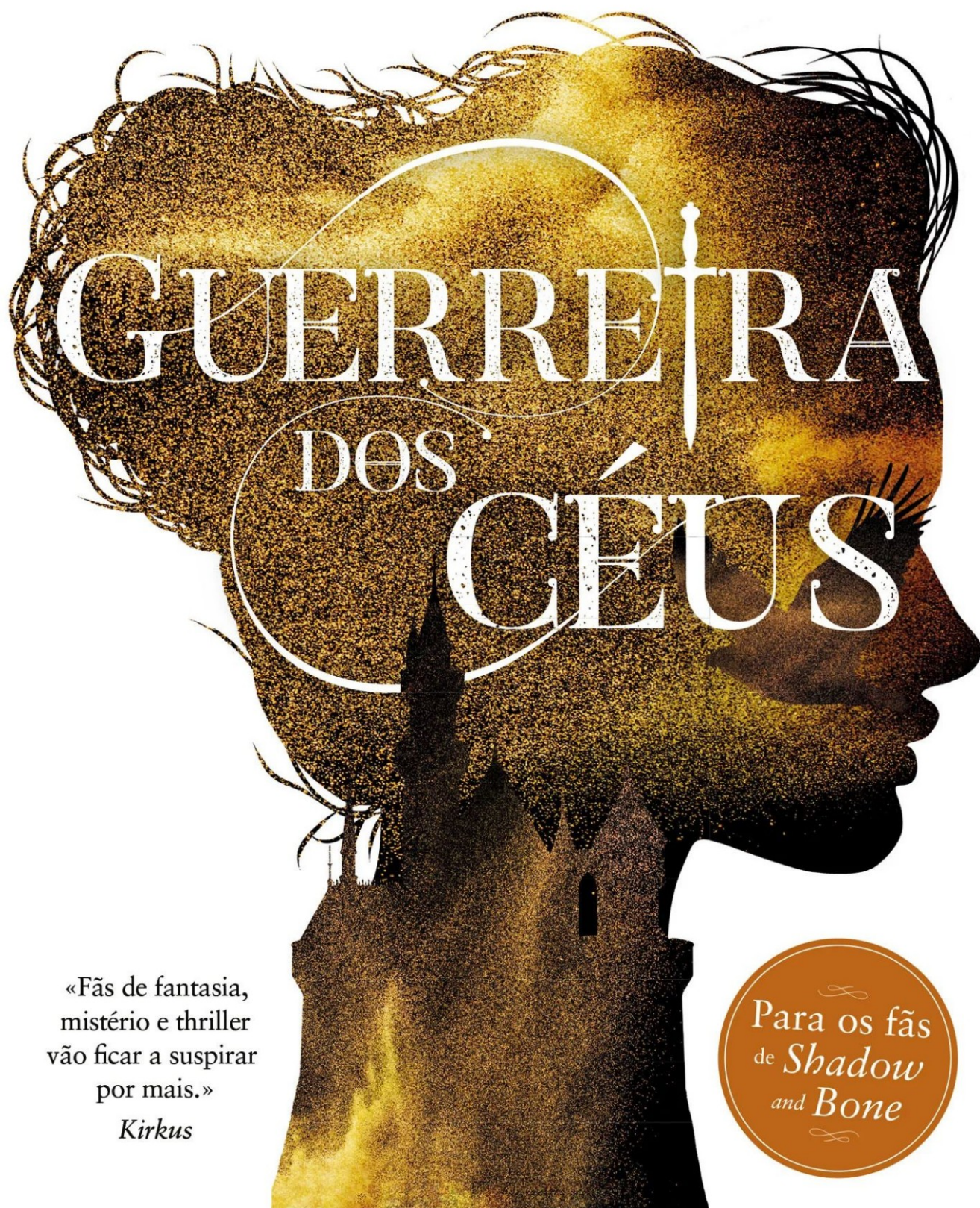


DAS TREVAS NASCERÁ A UNIÃO



«Fãs de fantasia,
mistério e thriller
vão ficar a suspirar
por mais.»

Kirkus

Para os fãs
de *Shadow*
and *Bone*



ADDIE THORLEY

AUTORA NOMEADA PARA O PRÊMIO YALSA PARA MELHOR ROMANCE YOUNG ADULT



Table of Contents

[Ficha Técnica](#)

[Dedicatória](#)

[Victor Hugo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)



Penguin
Random House
Grupo Editorial

GUERREIRA DOS CÉUS

Título original: *Sky Breaker*

Texto: © 2021, Addie Thorley

Publicado por Page Street Publishing Co., uma chancela de Macmillan, Nova Iorque.

Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2023, PRH Grupo Editorial Portugal, Lda.

Topseller é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial Portugal.

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Portugal apoia a proteção do *copyright*.
Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida,
no todo ou em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico,
fotográfico ou eletrónico, nem ser introduzida numa base de dados,
difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado,
além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

Tradução: Pedro Póvoa

Revisão: Manuela Duarte

Paginação: Raquel Silva

Capa: Kylie Alexander

Fotografia da autora: Jordan Wallace

Publicado por acordo com Jill Grinberg Literary Management
e Sandra Bruna Agencia Literaria

1.ª edição: janeiro de 2023

Depósito legal: 508384/22

ISBN: 978-989-623-569-7

Impressão e acabamento: Printer Portuguesa

*Dedicado à Lor e à Court,
as melhores irmãs do mundo.*

*Ainda bem que não nos matámos umas às outras
quando éramos miúdas, porque não sei o que faria sem vocês.*

«O amor é como uma árvore; cresce por si mesmo;
lança as suas raízes no mais profundo do nosso ser
e mantém-se verdejante num coração em ruínas.»

Victor Hugo, *O Corcunda de Notre Dame*

Capítulo 1

Enebish

A escuridão ergue-se à minha volta como um escudo, envolvendo-me numa couraça e cingindo-me em aço, desviando os sussurros que trepam as paredes da gruta como aranhas gigantes.

É fácil perceber quando estão a falar de nós: juntam-se em grupos e lançam-nos olhares furtivos por cima do ombro. Murmuram em surdina e dão pulos sobressaltados quando entramos na sala, de sorrisos demasiado rasgados e rostos falsamente radiantes.

Quero dizer aos pastores para não se preocuparem. Estou escondida em todas as sombras, presente em todos os recantos obscuros destas grutas. O que significa que ouço todas as palavras cétricas e reprovadoras que eles proferem.

A areia raspa-me os joelhos enquanto rastejo ao longo de uma estreita saliência que se sobrepõe à boca da gruta como um lábio inchado. Cerca de mil pastores sem-abrigo estão acampados lá em baixo, com as suas tendas e animais espalhados por todo o sistema de grutas calcárias ocultadas pelas dunas de areia de Verdenet.

Ouvi um sem fim de boatos acerca destas grutas quando era miúda. Os comerciantes afirmavam que eram o local ideal para se refugiarem das tempestades de neve e esconderem dos salteadores de caravanas. Se conseguíssemos dar com elas, claro. Reza a lenda sulista que foram tantos os que perderam a vida à sua procura que as dunas são compostas por ossos desintegrados em vez de areia — e é por isso que o deserto é tão branco. Mas superámos essa parte da viagem sem grandes problemas — a *única* parte que não foi repleta de problemas — graças à escuridão. Os tentáculos pegaram-me pela mão e guiaram-me ansiosamente em direção aos túneis e poços mergulhados nas trevas.

No entanto, não me parece que alguém na nossa companhia considere as grutas ideais. São frias e sombrias, com pisos mo-

lhados e paredes cobertas de musgo luminescente que, embora bonito, é mortal ao toque. Já para não referir as aranhas gigantes, as lagartixas de fogo e as víboras demoníacas que gritam como crianças moribundas quando se atiram das fendas para nos morderem os tornozelos.

É o último lugar que os nómadas habituados às pradarias sem limites e ao céu aberto de Ashkar escolheriam para viver. O último lugar onde eu escolheria viver. Mas quando estamos a ser perseguidos pelo Exército Imperial por termos libertado um famigerado criminoso e somos *traídos* por esse criminoso depois de ele se aliar ao nosso maior inimigo, temos de fazer concessões. Escondemo-nos num lugar onde ninguém esperaria encontrar-nos. Um lugar que mais ninguém conseguisse encontrar.

Aprendi isso com o Temujin.

— Enebish! — O meu nome ricocheteia nos túneis de forma tão audível que uma nuvem de morcegos levanta voo. Ponho-me imediatamente de pé, subestimando a altura do teto serrilhado e a rugosidade do chão rochoso. A parte de trás da minha cabeça embate numa estalactite e a minha perna aleijada raspa na protuberância de uma rocha.

Fecho os olhos, praguejo entre dentes e cinjo-me ainda mais no casulo da escuridão, desejando que ele fosse capaz de bloquear vozes e luz.

— Enebish! — gritam novamente. Devem ser pelo menos cinco pastores, todos a gritar ao mesmo tempo. Todo o meu corpo treme.

As queixas e as exigências são ininterruptas. E o mais irónico é que os pastores tão depressa duvidam de mim e me desprezam, como logo a seguir clamam pela minha ajuda. Sou o problema e a solução. O bode expiatório e a salvadora.

Mas digo a mim própria que aquilo já seria de esperar. Um bom líder vive e morre pelos seus sucessos e fracassos. É confiante e inabalável — por mais sombria que seja a batalha — até que a guerra seja vencida.

Tu querias esta oportunidade.

Agora, tudo o que quero é passar mais de dois minutos sem ser criticada ou convocada. Quero desaparecer por algumas horas para tomar banho nas piscinas geotérmicas escondidas na parte de trás destas grutas, onde as rochas são amarelas e a água é de um verde elétrico e surpreendentemente quente. Espero que quente o suficiente para queimar a minha exaustão, a ansiedade e a dúvida.

Tento não pensar no que isso diz de mim — o facto de querer voltar a ficar sozinha após dois anos de solidão em Ikh Zuree; de estar disposta a entregar o meu título de líder apenas duas semanas depois de retirar os pastores das pastagens desoladas às portas de Sagaan.

Quando a voz do Serik se junta aos gritos, suspiro e liberto o meu domínio sobre a escuridão. O facto de fazer coro com eles significa uma de duas coisas: ou se trata realmente de uma emergência; ou está farto dos queixumes dos pastores ao ponto de estrangular alguém, o que *criará* uma emergência.

Desço da saliência em direção aos gritos. Devia apressar-me, mas os meus pés arrastam-se pelas poças. E, desta vez, isso não tem nada que ver com os meus ferimentos antigos. Na primeira dezena de vezes que os pastores chamaram por mim desta maneira, saltei da cama com o coração na garganta, imaginando os cenários mais horríveis:

As tendas estavam a arder.

Os batedores Shoniin tinham encontrado as grutas.

As crianças tinham tocado no musgo venenoso.

Mas não.

O Cezari tinha amarrado as suas cabras demasiado perto do acampamento do Yimran e os animais tinham roído os seus cobertores durante a noite. Agora, a família do Yimran passaria frio e estava a exigir uma compensação ao Cezari. Todavia, o Cezari não podia dar-lhes os seus cobertores ou seria a sua família a passar frio.

— Temos um Fogueiro do Sol. Ninguém vai passar frio — assegurei-lhes com lugares-comuns pacientes e sorrisos graciosos. Depois disso, tive o imenso prazer de passar o dia inteiro a remendar os buracos nos cobertores. A família do Yimran tinha insistido que não deviam ser eles a fazê-lo. E o Cezari não tinha tempo, já que era evidente que as suas cabras estavam esfomeadas. Tinha de as levar para a superfície para tentar encontrar as poucas ervas que brotavam da areia.

Quando acabei de remendar os cobertores tinha os dedos tão enrugados como os de uma velha e a pele coberta de pequenos salpicos de sangue. Era demasiado nova e arredia para aprender a costurar quando era criança em Verdenet. E a Ghoea estava mais preocupada em ensinar-me a matar do que a curar.

Quando entreguei os cobertores ao Yimran, nem ele nem ninguém da sua família me agradeceu os esforços. Tiraram-me os cobertores das mãos, tendo o cuidado de evitar que os nossos dedos se tocassem, para que eu não os infetasse com as minhas cicatrizes ou maldade ou o que quer que fosse que os assustava em mim, e viraram costas. Chegaram a lançar olhares cautelosos por cima dos ombros, não fosse eu atirar as agulhas de costura às suas costas como se fossem facas. *Depois* de os ter ajudado.

Na vez seguinte, os gritos tinham sido tão frenéticos que pensei que havia notícias dos batedores. Ou que alguém tinha caído de um poço e morrido.

A última opção não estava muito longe da verdade.

Há várias noites que o Emeric levava o saco-cama para junto do Serik para conseguir dormir aproveitando o seu calor, em vez de esperar pela sua vez na rotação. Naquela noite, pisou acidentalmente na cauda de um cão e, quando o animal ganiu, o seu esquema foi descoberto.

O grupo queria atirá-lo para dentro de um poço. Ou bani-lo para o deserto inclemente. Alguém chegou a sugerir que eu fizesse desabar as estrelas sobre ele, o que lhe valeu um olhar tão fulminante como o fogo das estrelas.

— Eu não atiro estrelas às pessoas — rosnei.

Os pastores olharam para os pés ou para alhures. Porque me viram, com os seus próprios olhos, a tentar matar a Ghoe e a arasar o Palácio Celeste com fogo das estrelas durante o resgate do Temujin.

Assumo total responsabilidade pelo que aconteceu no grande pátio. A noite e o fogo das estrelas são obrigações minhas. Mas culpo a Ghoe por me incriminar de um massacre, por me manipular e enganar ao ponto de eu me sentir obrigada a usar o meu poder contra ela. Quase permiti que ela me transformasse no monstro do qual tinha passado anos a fugir. Um monstro que estas pessoas nunca esquecerão.

Os pastores afastam-se à medida que coxeio pela gruta principal em direção ao alarido, mas isso não me faz sentir importante ou venerada, como acontecia quando eu era membro dos guerreiros Kalima. Em vez de se curvarem com respeito e veneração, os pastores recuam e levantam as mãos para tapar os rostos, como se tivessem medo de que os dilacerasse com as minhas garras ferais, ou fizesse abater sobre eles a noite, apenas por diversão. Mesmo que eu não tenha sequer levantado a voz contra eles desde que saímos de Sagaan.

Não sou responsável por Nariin! Quero encher todos os túneis e fendas com a verdade. Para que vêm pedir a minha ajuda se depois se encolhem com medo quando respondo?

Não esperava cair imediatamente nas boas graças dos pastores. Mas esperava que me dessem uma oportunidade. A Ghoe e o Rei Celeste abandonaram-nos à fome e ao frio nas pastagens de inverno. E os Zemyanos e os Shoniin vão invadir Sagaan mais cedo ou mais tarde, se é que não o fizeram já. Estes pastores fracos e flagelados teriam sido os primeiros a perecer. Ou a ser aprisionados.

Passo por um conjunto de estalagmites que formam uma espécie de divisória entre as grutas e entro num espaço mais pequeno, onde temos armazenados comida e mantimentos.

O Serik está no centro do espaço com os braços esticados, apartando dois homens que gritam um com o outro e têm atrás de si dois grupos de revoltados.

— Estás a tentar matar a minha família! — ruge o mais velho dos dois, Iree.

— Só porque *tu nos* queres matar! Foste o primeiro a violar o código! — atira-lhe Bultum, um pastor de bochechas redondas e, por norma, bonacheirão.

— Vou matar-vos *aos dois* se não pararem de gritar! — sobrepõe-se o Serik.

Nas suas mãos surgem duas chamas — acidentalmente, a julgar pelo seu grito de surpresa. No entanto, é o suficiente para fazer recuar os dois lados.

Se há uma pessoa que descobriu que gosta de liderar ainda menos do que eu, é o Serik.

— Devíamos deixar os pastores matarem-se uns aos outros — tinha murmurado apenas duas noites após o início da nossa viagem pelas pradarias, durante as quais tivemos de lidar com uma roda de carroça partida, discussões sobre locais para pernoitar, rotações de pastoreio injustas e locais onde fazer fogueiras. — Ao estilo sobrevivência dos mais fortes, estás a ver?

Revirei os olhos com a sugestão exagerada do Serik.

— Eles vão acalmar em breve. Estão assustados, ansiosos e à nora. Pensa em tudo o que sofreram. Temos de ser pacientes.

Mal sabia eu que os pastores *não* acalmariam. O seu pânico e paranoia só aumentaram. Não demorou muito até os pensamentos obscuros do Serik começarem a fazer algum sentido na minha mente.

— Folgo em saber que estás a apaziguar a situação. — Esboço um sorriso provocador ao Serik quando me aproximo do local da contenda. Aprendemos rapidamente que podemos rir ou chorar com estas disputas exasperantes, e eu tento optar pela primeira a bem da nossa sanidade.

— Tenta tu chamá-los à razão! — Serik atira os braços para cima da cabeça e outra explosão de calor é projetada pelas suas mãos. O controlo que ele tem sobre o seu poder Kalima ainda é, quando muito, ténue, e o seu suspiro de desalento faz-me sorrir ainda mais. O que o deixa ainda mais zangado, mas não consigo evitar. Ele é adorável quando está frustrado: fica corado, o que lhe realça as sardas, e puxa o cabelo, que já cresceu quase até às orelhas.

— Nós só queremos o que é nosso por direito! — grita a pequena, mas imponente mulher do Bultum, Emani.

— O nosso quinhão de cereais não te pertence — cospe Iree, secundado por vários elementos do seu grupo. — Se a tua família devorou a parte que lhe competia, não queiras agora vir comer a nossa.

— Que conversa é essa? Não comemos nada há dias, não vês? — contrapôs Bultum, apontando para a família que, de facto, parecia bastante debilitada. Mas não mais do que qualquer outra pessoa. Entre as pradarias cobertas de neve e as areias inclementes, Ashkar não é uma região generosa no inverno. Estamos todos lentamente a morrer de fome.

Junto-me ao Serik no centro da luta, o que faz com que ambos os lados recuem ainda mais.

— O que se passa? Quem está a roubar quem? E porquê? Ainda esta semana fizemos a distribuição das porções.

Foi um processo lancinante. Tivemos de convencer todos os pastores a colocarem as suas provisões num local comum e a permitirem que fossem redistribuídas de forma uniforme, de modo a garantir que todos tivessem comida. Os que tinham muito ficaram obviamente indignados e os que tinham candeias e sacas vazias atiraram-se às provisões com voracidade.

— Exatamente! — intervém o Iree. — Todos recebemos uma porção, mas eles estão a tirar da nossa — diz, apontando para o saco de sarapilheira meio vazio que o Bultum traz nas mãos.

— Porque ficámos sem a nossa porção, que vocês roubaram!

— Como te atreves a acusar-nos de roubo? — grita um jovem por trás do Iree.

Espero que parem de gritar, tentando manter a calma, já que o Serik está a esfregar as têmporas como se fosse explodir.

— Como assim, ficaram sem a vossa porção? — pergunto ao Bultum.

— Foi exatamente isso que aconteceu! Quando vim recolher as nossas rações, não havia nada para levar. O Iree nunca gostou de mim porque as minhas ovelhas produzem lã mais fina, por isso sabia que ele era o culpado e procurei compensações sempre que necessário.

Os olhos do Iree pareciam querer saltar das órbitas.

— A tua lã não é mais fina do que a nossa!

— Tenho a certeza de que a tua parte está aqui. — Corri para o monte de mantimentos para fazer uma busca completa. — Talvez tenha caído para trás das rochas ou tenha sido extraviada para outro monte.

Mas não havia nada em nenhum dos buracos, nada escondido atrás dos afloramentos.

— Tu queres a nossa morte para teres mais para ti! — grita Emani, enfiando a cara no ombro de uma velha ao seu lado.

— Vocês é que querem a *nossa* morte! — contrapõe a família do Iree.

— Estão a discutir por nada! — A bota do Serik derruba o saco de cereais das mãos do Bultum. Todos ficam em silêncio enquanto o trigo se espalha pelo chão da gruta molhada. — Seja como for, estas escassas rações não nos manterão vivos por muito mais tempo.

— Serik! — Claro que ele tem razão, mas só me apetece pontapear-lhe cabeça com a mesma força com que ele pontapeou o saco, por o ter admitido em voz alta. Por dar aos pastores ainda mais razões para temer e duvidar. — Felizmente, não vamos precisar das rações por muito mais tempo — digo rapidamente, num

tom mais ligeiro. — Já não falta muito para encontrarmos o rei Minoak. Em seguida, vamos marchar contra o governador imperial e retomar Verdenet. Assim que chegarmos à cidade de Lutaar, haverá muita comida. É uma questão de dias.

O Serik lança-me um olhar cansado. Foi o Temujin quem me informou da tentativa do Rei Celeste de assassinar o rei Minoak. Também foi o Temujin que disse que Minoak conseguiu sobreviver e fugir. E a verdade é que o Temujin provou ser tudo menos de confiança.

— Já na semana passada disseste que seria uma questão de dias — geme o Iree.

— Precisamente — digo, com mais convicção do que a que sinto. — Só estamos à procura há uma semana. Não é quase nada.

Olho para o Serik em busca de apoio, e embora saiba que ele prefere continuar a vomitar o seu realismo deprimente, os seus olhos cor de avelã cruzam-se com os meus e ele acena.

— Estas coisas demoram o seu tempo. Temos de continuar a ter fé.

— Temos tudo menos tempo — diz o Bultum, pegando no saco de cereais agora vazio. — Não sobreviveremos muito mais tempo.

— Tu e o Iree podem dividir a nossa parte para contrariar a escassez — ofereço, ciente de que tenho de lhes dar *alguma coisa*.

Serik fica boquiaberto, mas é tarde demais, já estou a entregar o saco de trigo. — E vamos pedir ao Azamat para guardar a gruta.

Embora seja velho e pouco digno de confiança — roubou o meu cajado assim que entrei nas pastagens de inverno quando saí de Ikh Zuree pela primeira vez —, não tem família, nem lealdade e, mais importante ainda, é tão teimoso que não se deixa comprar.

Esta decisão parece apaziguar o Iree, o Bultum e as respetivas famílias. Mas não me agradecem. Isso obrigá-los-ia a reconhecer que fiz algo bem feito.

— Sabes a fome com que eu estou? — murmura o Serik enquanto os grupos dispersam.

— Tinhas uma solução melhor?

— Vêm-me algumas à ideia... Se me deixares arrancar-lhes os dentes, eles deixam de conseguir comer. Problema resolvido. Ou podemos deixar a natureza seguir o seu curso até que comecem a morrer à fome. Os sobreviventes podem comer os mais fracos que morrerem primeiro.

— Serik! — exclamei, batendo-lhe com força.

— Eu sei, eu sei. Paciência, resiliência, nada de canibalismo.

Blá, blá, blá.

— Isso não tem nada de blá, blá, blá. Sempre quiseste ser um guerreiro. Pois bem, aqui estamos nós. No calor da batalha. — Aponto para o interior da gruta apertada, tão cheia de animais ruidosos e pastores a discutir, que mal conseguimos ouvir os nossos pensamentos.

O Serik avalia o grupo, cerrando os olhos.

— Acho que pensei que ser um guerreiro Kalima implicaria mais adoração e esgrima e menos... lamúria de ingratidão.

Massaja as palmas das mãos empoladas. Não chega a passar uma hora sem que ele seja obrigado a aquecer o ar frio ou a água do banho ou abrir um caminho por entre a neve e a areia, de forma a que os pastores possam sair das grutas em busca de forragem para os seus animais. Metade das vezes nem consegue realizar estas tarefas. O seu poder é demasiado recente, demasiado volátil. Ele deixa-se ficar ali, com as orelhas vermelhas e o rosto sombrio, enquanto os pastores abanam a cabeça, desiludidos — como se ele *tivesse a obrigação* de conseguir controlar o céu na perfeição poucas semanas após o despertar do seu poder Kalima.

Curiosamente, o Serik nunca se irrita com eles. E nunca deixa de tentar. Mas a cada dia que passa, o seu sorriso perde parte do brilho, os olhos ficam menos despertos. E às vezes, quando ele está a dormir à noite, sinto o seu poder a manifestar-se de forma errática. Ele treme e chora no seu saco-cama.

É demasiada tensão para um guerreiro tão recente; demasiada tensão para *qualquer* guerreiro Kalima.

Depois de encontrar o Azamat e de o colocar no seu novo posto, o Serik puxa-me para um canto, longe da vista dos pastores. As algas brilhantes desenham estranhos padrões verdes no seu rosto, conferindo-lhe um ar ainda mais exausto.

Entrelaço os meus dedos nos seus e aperto.

— Só mais um pouco. Prometo. Os batedores devem estar a voltar, e tenho a certeza de que encontraram o rei Minoak.

— E se não encontraram? — pergunta ele sem olhar para mim. — Não estou a duvidar de ti — acrescenta gentilmente. — Espero que tenhas razão, que Minoak esteja vivo e que nos queira liderar, mas talvez devêssemos pensar num plano de contingência, caso ele esteja...

— Não o digas — corto, antes que o Serik profira a palavra que vai estragar tudo.

O rei Minoak não está *morto*.

Não pode estar morto.

Recuso-me a colocar essa hipótese. E não podemos pensar num «plano de contingência», porque não temos outra opção. Sem a ajuda de Verdenet, nunca seremos capazes de libertar e recrutar os outros Protetorados, o que significa que não teremos a mínima hipótese contra Ashkar e Zemya.

Tento soltar a minha mão, mas agora é o Serik que a aperta com força.

— En, sabes que não é da minha natureza ser hesitante ou ponderado, mas não vamos ter um rei só porque o desejamos muito. Tal como não podemos permitir que estas pessoas morram à fome. Ou ao frio, se a minha energia se esgotar. — Flete os dedos da mão livre e franze a testa. — Alguns dos pastores têm estado reunidos e...

— O quê? — A minha voz estridente ecoa à nossa volta. — Porque não me avisaste logo? Se estão a conspirar nas minhas

costas...

— Ninguém está a conspirar nas tuas costas.

— Achas que não consigo ouvir, Serik? Estão sempre a resmungar, a sussurrar e a criticar-me. Não tens de mentir para me proteger.

— Que conversa é essa? Ninguém está a fazer nada disso. — Liberto finalmente a minha mão, cruza os braços e amuo. — Sim, eles queixam-se — admite ele, por fim —, mas não especificamente de ti. As pessoas podem ter conversas e opiniões. Se proibires isso, a nossa rebelião vai começar a parecer-se muito com o Exército Imperial. E só porque a Ghoa e o Temujin te traíram, não significa que todos façam o mesmo. Tens de ter fé nas pessoas — conclui, em surdina.

Faço um esforço monumental para não revirar os olhos. Partir do princípio de que os meus aliados não se vão virar contra mim é tão idiota como presumir que as tempestades de neve não vão devastar as pradarias este inverno, quando o fizeram sempre, ano após ano. E desde quando é que o Serik fala de fé?

Quando não respondo, o Serik agarra-me com firmeza pelos ombros, como se apertasse as rédeas de um cavalo nervoso.

— Alguns dos pastores têm andado a ponderar a entrada em Verdenet — diz.

— Se fizermos isso, ficaremos sob a alçada do governador imperial! Não poderemos sair das muralhas de Lutaar e continuar a nossa busca pelo rei Minoak. E mesmo que, por milagre, o encontrarmos na capital, não teremos o elemento surpresa para retomar Verdenet.

— Mas eles terão abrigo e comida, que é a preocupação mais imediata. Já passaram por tanta coisa. E acham que podemos criar uma resistência quando estivermos dentro da cidade.

Estremeci.

— Isso nunca vai acontecer. O povo de Verdenet já o teria feito, se pudesse.

— Talvez não, se lhes faltar liderança. Acho que...

— Tu concordas com eles! — Levanto os braços, obrigando o Serik a libertar-me. Ele suspira.

— Eu não disse isso, En. Só acho que seria bom ter outro plano. Nunca é mau ter opções.

— Não temos *opções*. Se entrarmos em Verdenet, ficaremos encurralados. Cativos. O que significa que seremos alvos fáceis quando o Kartok e os Zemyanos atacarem. Eles vão conquistar Verdenet e todo o Império Unificado, e os nossos esforços e sofrimento terão sido em vão. Ficaremos sujeitos a um governante ainda mais impiedoso do que o Rei Celeste. Será que sou a única que vê isto? — Antes de o Serik responder, um coro de gritos ecoa pelo túnel, vindo da direção da gruta principal. Passo a mão pela trança que começa a desfazer-se e o pequeno músculo por baixo do meu olho direito começa a tremer. — Se eles estiverem outra vez à bulha por causa das rações, juro pelos céus que vou...

— Os batedores voltaram! — A mensagem ressoa nas rochas e nos meus ouvidos quase me fazendo desmaiar de alívio.

Graças à Senhora e ao Pai.

Corro pela gruta, arrastando dolorosamente a minha perna estropiada. Tenho feito um esforço adicional ultimamente, a caminhar por estes pisos irregulares e a escalar as paredes escorregadias. Preciso de ter mais cuidado. A única coisa que pode piorar esta situação é se eu não conseguir esgueirar-me à socapa para ouvir as conspirações.

O Serik corre atrás de mim. Assim que o seu passo coincide com o meu, ele passa um braço por baixo dos meus ombros. Não o afasto nem me queixo. Só está a tentar ajudar. E assim chego mais depressa e preservo a minha força. Mas não permito que suporte todo o meu peso. Recuso-me a colocar-me numa posição em que possa ser largada e cair.

Não que eu pense que o Serik alguma vez o fizesse.

Mas também não pensava isso em relação ao Temujin, aos Shoniin ou à Ghoa.

Entramos na gruta principal e dirigimo-nos para o ponto onde uma multidão de pastores está reunida em torno dos três batedores que têm vasculhado o deserto em busca do Planalto de Sawtooth. É o local para onde os reis de Verdenet sempre se dirigiram para o seu Despertar, a altura em que as sacerdotisas dos Primeiros Deuses gravam a tatuagem real nas suas pernas. É um ritual sagrado: o futuro rei deita-se numa mesa de arenito, totalmente nu e vulnerável perante a Senhora do Céu durante três dias. O tempo que ela escolher para esses dias é representativo do reinado do futuro rei. Após a cerimónia, os reis muitas vezes voltam ao planalto para rezar e meditar. Mas os Ashkarianos não sabem disso porque não veneram os Primeiros Deuses e não mostraram interesse em aprender as nossas tradições. E o templo está localizado no centro do planalto, escavado na terra, como um formigueiro, o que o torna invisível por baixo da elevação.

Como Minoak não estava acampado perto do Lago da Senhora, onde as crianças são apresentadas à Deusa para a cerimónia do batismo, ou escondido nos Braços do Pai — um pequeno oásis que floresce no meio do deserto — o Planalto de Sawtooth foi o local onde me lembrei que podia estar. É o esconderijo perfeito para um rei em fuga, e só o seu povo saberia disso.

— Novidades? — pergunto, assim que nos aproximamos dos batedores.

O rei Minoak não está com os batedores. É a primeira coisa em que reparo. Mas isso não quer dizer nada. É um rei, não arriscaria seguir estranhos sem provas de identidade e garantias das nossas intenções.

A segunda coisa em que reparo é que os batedores se encolhem ao ouvir a minha voz. E que se recusam a olhar-me nos olhos.

— E então? — exijo saber. — Encontraram-no?

— Nem sequer encontrámos o planalto — diz-me Lalyne, a mais experiente batedora entre os pastores.

— *Nada?* — A minha réstia de esperança desvanece-se com o sopro que sai da minha boca. — Mas eu dei instruções detalhadas...

— Para um lugar onde nunca estiveste! — clama um pastor atrás de mim.

Lanço-lhe um olhar irritado e aproximo-me dos batedores.

— Atravessaram a bacia do rio seco? Tens a certeza de que constaste bem as dunas a partir da estrela guia?

Olham para mim sem o menor indício de frustração ou convicção. E quando reparo com mais atenção, percebo que os seus rostos quase não parecem queimados pelo sol. As botas não estão incrustadas com uma semana de neve e areia.

Ao menos tentaram? É o que me apetece perguntar. Mas cerro os punhos, travando o fogo das estrelas nas minhas mãos. Tenho de ser uma líder calma e confiante.

— Obviamente, não é o que esperávamos, mas vamos organizar outra expedição.

A gruta explode com queixas.

— Nunca encontraremos esse planalto escondido, porque ele não existe!

— E nem o vosso rei desaparecido! É óbvio que ele está morto.

— Caso contrário, ele próprio estaria a organizar uma rebelião para retomar Verdenet!

— Não, ele não o faria — respondo de forma resoluta. — Ele sabe que não devemos entrar numa cidade fortificada quando não estamos devidamente preparados. Está à espera do momento oportuno. E de reforços. — Gesticulo para o grupo, e a explosão de risos quase me atira ao chão. Sinto-me como um gato, suspenso de um galho instável, preso por uma pata.

— Não podes querer que sejamos reforços. Olha para nós! — diz uma idosa.

— Somos apenas o começo — respondo. — O suficiente para fazer Minoak passar pelos portões de Lutaar. O povo da cidade vai apoiar-nos assim que vir que o seu rei está vivo.

— E se não estiver? — grita o Iree. — Cá para mim, entramos já!

A sua família grita em aprovação, mesmo que estejam mais preparados do que os outros para esperar mais alguns dias, graças às rações que sacrifiquei.

— Não podemos simplesmente entrar em Lutaar! — Tento não me emocionar, mas sinto a minha voz trémula e oscilante como o atizador de uma Leitora de Ossos.

O Serik agarra-me pelo cotovelo e afasta-me alguns passos do grupo.

— Respira, En. Sei que achas que encontrar o rei Minoak é a única solução. E é um plano nobre. Mas às vezes as peças necessárias não se alinham. Não significa que tenhas falhado. Significa apenas que temos de manter a mente aberta.

Sinto um ardor nos olhos e a voz a arranhar-me a garganta.

— Também estás a desistir de mim?

— Não desisti de ti. Não digas disparates. Talvez seja boa ideia ouvir a maioria neste caso e arranjar uma forma de nos defendermos dos Zemyanos no interior de Lutaar, onde teremos comida e abrigo.

Liberto-me do Serik, mas torço o braço magoado. A dor explode ao longo das cicatrizes roxas e salientes que tenho acima do cotovelo. As cores fluorescentes das algas bailam enquanto avanço aos tropeções para os túneis sinuosos, às cegas e ofegante. O Serik chama por mim. Sinto os olhares críticos dos pastores nas minhas costas. E não suporto nada daquilo por mais um segundo que seja.

Lanço um manto de escuridão sobre mim mesma e afasto-me para longe. Para um lugar profundo e escuro. Para os braços protetores da noite, onde ninguém me pode alcançar.

Capítulo 2

Enebish

O túnel termina numa gruta azul-escura onde nunca penetrou um raio de luz. Deixo-me cair numa laje de pedra que se projeta sobre uma nascente cheia de peixes translúcidos e fecho os olhos. O Serik e os pastores podem estar dispostos a desistir e entrar em Lutaar, mas não o podemos fazer. Os pastores só vão cooperar se precisarem de nós, e não precisarão de nós lá dentro. Pelo menos, não até à chegada do Kartok e do Temujin. Mas aí será tarde demais. Ficaremos encurralados. Escravizados. Obliterados pelo fogo das estrelas que o Kartok me roubou no seu falso Azul Etemo.

— Como posso chamá-los à razão? — Inclino a cabeça para trás e olho para a Senhora do Céu. Não consigo vê-la aqui, enterrada debaixo de uma liga de calcário e areia, mas parece-me correto levantar os olhos em reverência. Olho para o teto enrugado, onde aranhas amarelas balançam de teias prateadas. Enquanto rezo, ro-dopio os tentáculos da noite como um pintor, pincelando-os suavemente na obscuridade até que as aranhas e o bolor e as estalac-tites estejam cobertos de uma penumbra orvalhada e brilhante. Em seguida, salpico-a com uma amálgama de estrelas. Por último, esculpo a *Orbai* e solto-a na escuridão.

Perco o fôlego quando a vejo voar por cima de mim. A minha mão treme enquanto traço as suas asas sombreadas.

— Onde estás? — sussurro, embora já saiba a resposta: ou morreu nas chamas ou vive eternamente ligada ao Kartok através da sua magia de cura de Loridium. Mas a minha pergunta também é para a Senhora do Céu, que me conduziu até aos pastores e me mostrou o caminho para estas grutas, mas que depois não me guiou até ao rei Minoak, a peça mais importante deste quebra-cabeças. — Volta. Ajuda-me. Por favor!

Os meus soluços enchem a gruta, lamentos estridentes e agoni-zantes que abafam o som dos passos do Serik. Só me apercebo

que está atrás de mim quando diz o meu nome.

— O que fazes aqui?

Volto-me tão depressa que quase caio na nascente.

— Como é que me encontraste?

— Estava preocupado contigo. — O Serik baixa-se para entrar na gruta. Uma pequena bola de luz amarela pisca na palma da sua mão, do tamanho de um globo de ouro. Podia soltar o meu domínio sobre a escuridão para que ele não tivesse de gastar o seu poder, mas não o faço. — E encontrei-te porque avancei aos tropeções pelo túnel mais escuro, até vir dar aqui. — O sorriso do Serik é tão orgulhoso e enternecedor que *quase* dou por mim a sorrir também. Ele é muito melhor a invocar o calor do que a luz, por isso a pequena chama de fósforo que paira sobre a sua mão é um grande feito. — A sério, En, estás bem? Estavas a gritar. Como se estivesses a ser torturada.

Estou a ser torturada.

— Estou bem. — Volto para a nascente e fico a ver os peixes. É perturbador conseguir ver através das suas escamas e ossos até aos seus corações que batem rapidamente. Sinto que a minha pele é igualmente fina. Como se o meu coração estivesse em exposição, apesar dos meus esforços para me proteger. O Serik suspira e aproxima-se de mim.

— Por favor, não me afastes. E não te distancies dos pastores. Temos de nos manter unidos ou será o caos. — Levanto uma sobancelha cética como se dissesse, *não o é já?* E ele corrige: — Mais caos.

Depois de um minuto de silêncio, digo:

— Temos de nos manter unidos. Tu e eu. Se os pastores te virem a duvidar dos meus planos, não terei a menor hipótese de ganhar o seu respeito ou liderar uma revolta contra o Kartok, o Temujin e o Exército Imperial. Não vês como olham para mim? Como sussurram e se afastam? E viste os batedores? Nem sequer

estão a tentar encontrar o Planalto de Sawtooth. Ninguém está a levar isto a sério, porque querem que eu falhe.

Arranco os rebentos enrugados que crescem nas rochas e atiro as folhas oleosas para a nascente. Os pequenos peixes acorrem à superfície, atacando-se uns aos outros como se estes fossem os últimos pedaços de comida na Terra. A água ganha tons de vermelho, que me parecem apropriados. Reveladores. Estou a ser comida viva pela minha espécie.

— Não digas disparates — diz-me o Serik. — Ninguém quer que falhes. Não nos teriam seguido até ao deserto se não achassem que esta era a sua melhor hipótese de sobrevivência. Sabotar-te seria prejudicial para eles.

O meu cabelo cola-se à minha cara quando abano a cabeça.

— Tu não percebes porque eles adoram-te. Precisam do teu calor. Mas tratam-me como um canhão defeituoso que pode explodir a qualquer momento.

— Sei que te é difícil, depois de tudo o que passaste, porém, se queres que alguém confie em ti, podes começar por tentar confiar nas *pessoas*. Algo tão simples como um meio-termo, ou mesmo apenas reconhecer as suas preocupações, pode ser muito útil.

Rio-me. Não vou confiar em mais ninguém. Não depois da Ghoe. E do Temujin. E do Kartok. E do Rei Celeste. A lista continua...

O Serik aproxima-se ainda mais. O calor do seu corpo é ainda mais pronunciado nesta gruta remota. Penetra na minha pele como o sol.

— Se não consegues confiar neles, confia em mim. — Os seus dedos quentes deslizam pela minha face e enrolam-se na minha orelha. Fecho os olhos e encosto a testa ao seu queixo. O cheiro a pergaminho e tinta de resina do mosteiro estão a desaparecer do seu manto e das suas vestes. Agora, cheira a algo selvagem: a sol, areia e madeira a arder. Assenta-lhe ainda melhor.

— Não podemos desistir — sussurro. — Minoak está perto. Consigo senti-lo.

— Temos de lhes dar algo, En.

— Está bem — cedo. — Vamos enviar os batedores mais uma vez. Se não encontrarem o rei Minoak em cinco dias, podemos entrar em Lutaar.

Sinto cada palavra a cortar-me a boca como uma faca. É a última promessa que me apetece fazer. Mas sei que é o que o Serik quer ouvir, e o gesto cai-lhe bem. Os seus olhos formam quartos crescentes e os seus lábios contorcem-se num sorriso. Ele dá-me um leve beijo na testa e depois pega na minha mão, levando-me para junto dos pastores, que não se mostrarão tão gratos.

— Tu e ela podem ficar aqui descansadinhos da vida — grita o Iree quando o Serik anuncia o nosso plano —, mas eu vou partir ao raiar da aurora.

Os aplausos de concordância preenchem todo o sistema de grutas. O ruído deve ter chegado ao mercado de Nashab, no centro de Lutaar.

— Açam que é sensato marchar para uma cidade ocupada em plena luz do dia? — grito por cima deles. — Será muito mais prudente entrar a coberto da escuridão, de forma a que os guerreiros imperiais não possam seguir os vossos movimentos. E precisam de mim para isso.

Os pastores ignoram-me. Sei que devo manter a boca fechada e deixar que seja o Serik a falar com eles — vai obter melhores resultados —, mas a sua frieza, depois de tudo o que fiz por eles, faz-me ferver como uma panela ao lume. Agarro num punhado de tentáculos pretos que rondam a minha cara e mergulho a gruta na escuridão.

Os gritos encham o espaço e, por momentos, delicio-me com o tenor e a impotência que demonstram. Já que insistem em tratar-me como um monstro, mais vale dar-lhes algo para temerem.

Mas caio em mim e solto de imediato o meu controlo sobre a noite. Esta é a maneira de pensar da Ghoe. É a sua maneira de

reagir: com ameaças pesadas e punições cruéis.

O Serik fixa os olhos em mim, com as sobrancelhas cerradas e os lábios comprimidos, e eu percebo exatamente o que ele está a pensar: *O que estás a fazer? Para de cavar um fosso ainda maior entre ti e eles.*

Levanto as mãos em frustração e lanço-lhe um olhar igualmente acutilante: *Então, faz alguma coisa. Fá-los concordar. Foste tu que sugeriste um meio-termo.*

O Serik fecha os olhos e esfrega as têmporas. A voz sai-lhe ténue e entrecortada:

— Se não apoiarem esta missão final de reconhecimento, deixarei de providenciar calor. — Os pastores recuam e olham para o Serik como sempre olharam para mim. — São só mais cinco dias — diz, vacilante.

— Menos, se localizarem o rei Minoak rapidamente — corto, encarando os batedores. — Reponham as vossas rações e preparem-se para partir imediatamente.

Lalyne cerra o maxilar e lança-me um olhar demorado e desconfortável, com a cara fechada e os olhos implacáveis. Devolvo-lhe o olhar. Relutante, ela acena e os outros dois batedores agarram nas sacolas e seguem em direção à gruta dos víveres.

Quando o Azamat nos vê, levanta-se do banco e deixa-nos passar com um aceno oficial do seu bordão. As rações estão divididas por variedade: cereais a um canto, carne seca a outro e queijo de cabra disposto ao longo da parede mais distante.

— Cada um pode levar um naco de queijo e duas tiras de carne dos sacos que estão marcados com a data da próxima semana.

Os batedores vasculham os mantimentos e juntam-se à volta da carne.

— Não há nenhum saco com essas datas — diz Lalyne em voz suficientemente alta para que qualquer pastor que nos tenha seguido possa ouvir.

— Como assim, não há nenhum saco? — Aproximo-me do monte cada vez mais pequeno. — Fiz o inventário há poucas horas e estava tudo em ordem.

Revolvo os sacos e percebo que a Lalyne tem razão. Falta um saco inteiro de carne.

— Azamat! — grito, e dou meia-volta. — Alguma das famílias veio buscar o seu quinhão antes do tempo?

— Ninguém entrou na câmara desde que saíste — diz-me, levantando o queixo.

— Tens a certeza? Será que não saíste daqui para ir buscar água? Ou adormeceste sem querer?

Ou aceitaste um suborno?

Ou decidiste juntar-te ao plano para me sabotar?

— Não adormeço quando estou de vigia — resmunga ele, com uma fungadela.

Tento manter um tom de voz neutro. Calmo.

— Então, tiraste tu o saco com a carne seca?

Os dedos do Azamat apertam o bordão e a cara sulcada contorce-se num esgar. O seu grito ecoa pela gruta.

— Porque me mandaste guardar a comida se achas que sou eu que ando a roubar?

Estremeço. Não contava que um homem tão velho e franzino tivesse uma voz tão cavernosa.

— A Enebish não estava a acusar-te. — O Serik passa por mim, mas é tarde demais. A cacofonia de queixas que tinha acabado de amainar recomeça com o dobro do fervor.

— Desapareceu mais comida!

— Não vamos durar mais um dia!

A histeria aumenta como o barulho da chuva, até que a gritaria desaba num aguaceiro. A gruta está tão inundada que mal consigo manter a cabeça à tona.

—Tenho a certeza de que o saco foi simplesmente mal marcado. Ou então extraviou-se — digo. — Vou voltar a fazer o inventário. E depois fico eu de guarda às rações.

O Azamat protesta, assim como todos os outros que estão por perto, mas eu agarro no bordão dele — que na verdade me pertence — e uso-o para o afastar da gruta como uma ovelha teimosa. Felizmente, o bordão arrasta consigo uma grande parte da multidão.

Assim que o espaço fica vazio, posiciono-me na abertura da gruta, braços e pernas estendidos, de forma a que as minhas mãos e pés toquem na rocha de ambos os lados, como uma parede humana. Os pastores murmuram e resmungam enquanto dispersam, sussurrando que sou a menos fiável de todos, mas todos sabemos qual é o verdadeiro motivo para não quererem que seja eu a guardar as rações: querem que a comida desapareça. Tal como querem que os batedores regressem de mãos vazias. Qualquer motivo é bom para abandonar os meus planos. Estão dispostos a desperdiçar a nossa única hipótese de liberdade por uma taberna fedorenta e um pedaço de pão em Lutaar.

O Serik é o último a sair. Os seus passos são lentos e esfrega uma mão sobre o rosto exausto. Sei que não estou a facilitar-lhe a vida — ele vai passar a noite toda a pedir desculpa e a proporcionar mais calor para apaziguar os pastores — mas todos temos de fazer sacrifícios.

Eu terei certamente de os fazer.

E pelo menos os esforços dele são valorizados.

As horas passam mais devagar do que os caracóis verde-claros que sobem pelas paredes da gruta. Ninguém vem aqui para conversar comigo, como faziam com o Azamat. Mas não quero visitas. Não quero ser distraída, seja propositada ou inadvertidamente. E tenho a escuridão. A única companhia de que preciso.

Os tentáculos serpenteiam pelos meus pulsos e enrodilham-se nos meus dedos. Envolvem as minhas pernas e tronco num abraço

aveludado. Inspiro e expiro. Descontraio, volto a centrar-me.

É impossível medir a passagem do tempo sem nunca ver o céu, mas pelo menos uma noite e um dia passaram sem problemas. No entanto, quando os pastores se instalam nas suas tendas na noite seguinte, os meus olhos ardem e as minhas pálpebras caem, pesadas como pedras. Sinto o corpo tão pesado que me deixo deslizar pela parede. Talvez tenha sido mais dura com o Azamat do que devia. A pausa sedutora do sono é quase tão irresistível como a noite.

Descanso os olhos por um segundo. Um instante. Ninguém se atreveria a roubar as rações enquanto estou aqui sentada...

Não sei se passa um minuto, ou várias horas, mas do fundo do meu casulo de sono, sinto um ligeiro toque. Gemo e abano a mão, afastando o rato ou lagartixa-de-fogo. Mas logo a seguir volto a sentir a mesma sensação, e desta vez percebo que não é um toque, mas sim um puxão.

Um repelão.

Os fios da noite, que repousam nas palmas das minhas mãos, deslizam para longe, queimando como corda à sua passagem.

Mas que raio...?

Os meus olhos abrem-se e levanto-me de repente, perscrutando a gruta dos víveres. Não terá mais de 10 passos de diâmetro. Um intruso ficaria sempre ao alcance da minha mão.

Sinto os músculos tensos, preparados para atacar quem tiver a audácia de roubar o grupo. Mas obrigo-me a esperar enquanto sondo a escuridão.

Ao princípio, não vejo nada, mas quando reúno uma mão cheia de noite e a atiro para a frente, como fazia com os cobertores que a Goa empilhava quando partilhávamos a cama quando éramos pequenas, começo a distinguir um contorno.

Não reconheço o ladrão imediatamente. É pequeno, com pernas magras a espreitar por baixo de uma batinha esfarrapada e um capuz a cobrir-lhe o cabelo.

As palmas das minhas mãos picam com fogo das estrelas quando o vejo a vasculhar os sacos, a roubar um pouco disto e um punhado daquilo. A levar o que bem entende, sem se importar que os outros passem fome.

Como pode ser tão egoísta?

Mais curioso ainda, como consegue *ver* na escuridão?

Deixo-me estar sentada, enrolada como uma víbora na entrada da gruta, à espera do momento oportuno para atacar.

Quando o ladrão acaba de pilhar a pouca comida que temos, passa a sacola por cima do ombro e aproxima-se. Mais perto. Fecho os olhos quando olha para mim. Sou apenas um guarda descuidado, vencido pelo sono. Mas quando salta por cima das minhas pernas, agarro-lhe o tornozelo.

— Apanhei-te! — Um grito ensurdecedor enche a gruta quando o ladrão cai. O saco de rações roubadas embate no chão e eu urro de indignação quando a nossa comida preciosa vai cair nas poças de água suja. — Como te atreves! — digo, num rugido, atirando-me ao ladrão. Os meus ferimentos antigos são apenas uma ligeira impressão comparados com a raiva que sinto. Agarro-o pelos braços e tento prendê-lo ao chão. Por um segundo, ele não se mexe e creio que sou bem-sucedida. Em seguida, os tentáculos da escuridão levantam-se e eu caio para trás num turbilhão de negrume, como se tivessem puxado um tapete de debaixo dos meus pés.

Fico tão atordoada que perco completamente o controlo, e tanto o ladrão como a noite se libertam.

O intruso recupera o saco de comida quase vazio e já está vários passos à frente quando me levanto. O que é um problema, já que não sou dada a grandes velocidades.

— Para! — grito, correndo o mais depressa que consigo, apesar da dor. Sou assolada pelo pânico: os Zemyanos estão aqui, a usar o poder que me roubaram. Mas porque se dariam ao trabalho de roubar a nossa comida? Deve haver outro Fiador da Noite entre os pastores. Só que eu teria sabido. Tê-lo-ia sentido mais cedo. Já

estariamos a fazer braço de ferro com os tentáculos das trevas há muito tempo.

Entro de rompante na gruta principal, onde os pastores sonolentos começam a emergir das suas tendas, horrorizados. Todos gritam comigo quando deviam estar a gritar com o ladrão.

— Eles estão a roubar a nossa comida!

Aponto para a figura encapuzada, que já está a meio da gruta, mas todos continuam a olhar para mim.

Tento arrancar o manto da escuridão do ladrão, mas está muito longe e o seu aperto é muito forte. As minhas mãos estão a tremer demasiado.

— Se não vão ajudar, ao menos saiam do meu caminho! — grito enquanto avanço pela multidão, por entre cotoveladas e choques de ombros. Estou quase no túnel por onde o ladrão se esgueirou quando alguém se põe à minha frente.

— Para com isto, En! — O Serik parece tão horrorizado como o resto do grupo. — Não há ninguém aqui. Estás a assustar toda a gente.

— Só porque não consegues vê-lo, não significa que não esteja aqui ninguém!

O Serik coloca as mãos nos meus ombros e agarra-me com firmeza.

— Sei que estás desesperada, mas achas mesmo que esta é a melhor maneira?

— Esta é a *única* maneira. Desvia-te!

Mas o Serik não me larga, o que não me dá alternativa. Não só o ladrão está a roubar a nossa comida, como está de alguma forma a controlar a escuridão. Não pode escapar.

Cubro-me com a noite e enterro um joelho no estômago do Serik.

— Desculpa — grito, enquanto ele cai por terra. Em seguida, esgueiro-me pela multidão com maior eficácia e avanço para o

túnel.

Tarde demais.

Nem vestígios do ladrão. Apenas dezenas de túneis que se ramificam em cem direções diferentes. Rosnando de frustração, bato com a mão na parede. É então que sinto o puxa e empurra da escuridão. Sempre que aperto o punho, o ladrão recua. Como se estivéssemos ligados por uma corda.

Retomo a marcha, seguindo o puxão para a direita, depois para a esquerda e depois para a direita outra vez. Para onde vai ele? Nunca encontrarei o caminho de volta. Um segundo depois, o ar frio bate-me na cara e o teto explode com estrelas. Os meus pés afundam-se na areia ainda quente, o que atrasa ainda mais o meu progresso.

Porque sairia das grutas?

O pânico apodera-se dos meus pulmões à medida que uma terceira possibilidade ganha forma na minha mente. Se o ladrão não é zemyano ou um dos nossos, deve ser de fora. E se for esse o caso, a comida roubada é a menor das nossas preocupações. Pode revelar a nossa localização ao governador imperial de Verdenet. Ou vender-nos aos Zemyanos.

Imploro aos meus pés para que se movam mais depressa, mas a areia é funda e a minha perna começa a pulsar. O ladrão corre pela duna mais próxima, aumentando a distância entre nós. Até que o puxão da escuridão se toma tão fraco que deixo de o sentir.

Caio de joelhos, viro a cara para o céu e chamo pela Senhora e pelo Pai, gritando às estrelas que brilham ao longe. E é quando me lembro de que a escuridão não é a única arma à minha disposição.

Não!

A minha mente evoca imagens do Palácio Celeste em chamas, mas não tenho escolha. Tenho de pensar na segurança do grupo.

O ladrão é um Fiador da Noite.

Sempre fui a única, além da minha mentora Tuva, que morreu quando eu tinha 13 anos. Onde é que esta pessoa se tem escondi-

do? Porque não foi recrutada pelos Kalima?

Será algum tipo de desafio?

Só há uma maneira de descobrir.

Com um grito desesperado, alcanço um punhal de fogo das estrelas e atiro-o à sombra que se desenha sobre as dunas.

Capítulo 3

Ghoa

Os comerciantes de especiarias parecem estar prestes a urinar as calças.

Um homem e uma mulher patéticos acocoram-se atrás da sua frágil carroça, os rostos pálidos como areia, as mãos trémulas. Fios de açafrão amarelo e de colorau cor de ferrugem escapam das sacolas e flutuam na brisa. Sorrio enquanto inalo o ar pungente.

Testemunhas assustadas são testemunhas cooperantes.

— Passaram por alguma caravana ao longo desta rota? — pergunto, do cimo da altura imponente da *Tabana*.

Os seus olhos recaem no meu cavalo de guerra, no seu pelo negro ajaezado a azul-imperial e dourado. Em seguida, os seus olhares deslocam-se para cima, para o sabre que brilha nas dobras do meu manto e para a minha armadura lamelar que refulge ao sol de inverno, até assentarem finalmente nos fios de cabelo que preendi num rabo de cavalo e que tilintam brancos com a geada.

— Não vimos ninguém, c-comandante — balbucia o homem, numa vénia ridícula. — Não encontrámos vivalma.

— Estão a meio caminho entre Verdenet e Sagaan numa das estradas mais movimentadas do Império Unificado — digo calmamente. Perigosamente.

— A maioria das pessoas opta por não viajar tão tarde no ano — diz a mulher.

— É por isso que sei que tiveram de passar por vocês. — Corto o ar com o braço e a geada rasga os sacos de especiarias. — Por certo terão visto rastos de carroças ou pegadas na neve. Ou ouvido o balido das ovelhas. Ou até mesmo vozes que parecem vir do nada.

Só porque não *viram* a traidora da minha irmã e o seu bando de rebeldes maltrapilhos, não significa que eles não estejam aqui. *Sei* que a Enebish teria fugido para Verdenet. Conheço-a tão bem como a inebriante queimadura de gelo que se destaca nos meus punhos. No entanto, de alguma forma, ela, o Temujin e os seus Shoniin, assim como todos os pastores abandonados nas pastagens, desapareceram sem deixar uma única pegada ou marca de roda na neve. Sinto que estou a seguir sombras, a perseguir fantasmas.

O que não está longe de ser verdade.

Faço a *Tabana* avançar com um toque de calcanhar e os comerciantes gritam quando os seus enormes cascos quase lhes cortam os dedos dos pés.

— Sabem qual é o castigo por obstruir a justiça imperial? — pergunto, rodopiando os dedos no ar.

A mulher grita quando padrões intrincados de geada começam a subir pelas rodas da carroça. Faço surgir alguns fractais nos seus mantos, que vão morder-lhes as faces. O homem cai de joelhos, balbuciando de forma incoerente.

— Digam-me o que sabem! — grito.

Antes que ele possa confessar, um guincho enche o ar. Os meus olhos viram-se para o céu e sinto dedos invisíveis esmagarem-me os pulmões. Por instantes, convenço-me de que é a águia dela, a mergulhar sobre mim com asas encharcadas de sangue, e punhais de gelo ainda a saírem-lhe do peito. Mas à medida que a ave se aproxima, vejo que é demasiado pequena, demasiado pintalgada e demasiado *viva* para ser a *Orbai*.

O falcão imperial sobrevoa-me, larga um pergaminho e volta para as nuvens baixas ainda antes de eu desenrolar a missiva.

Os fios gelados do meu rabo de cavalo endurecem ainda mais, raspando a minha nuca como uma lâmina.

Quem escreveu esta carta não me deu uma oportunidade de responder.

Abro o pergaminho.

Volte para Sagaan imediatamente.

A carta não está assinada, mas a letra do Rei Celeste é inconfundível. A irritação toma conta de mim enquanto olho fixamente para a caligrafia ornamentada.

— Encontra-os. Custe o que custar — ordenara-me das entranhas do Tesouro, para onde o levei em segurança durante a execução frustrada do Temujin. Ficámos sentados em silêncio durante horas, a ouvir o fogo das estrelas da Enebish a arrasar o Palácio Celeste e o grande pátio. Por fim, disse-me:

— Terás o controlo total. Plena confiança. Prova-me que não me engano por continuar a confiar em ti.

Mas como posso provar seja o que for se ele me chama antes de ter a oportunidade de procurar? Mal passou uma semana.

Uma semana devia ser mais do que suficiente. Um comandante competente tê-los-ia encontrado em poucos dias. Horas.

Não sei se a voz da censura é minha ou do Rei Celeste, mas não interessa. Somos um e o mesmo. A vontade dele é a minha.

Os comerciantes de especiarias gritam, e é então que me apercebo de que esmaguei a missiva com o punho, não sem antes a congelar. Fragmentos quebradiços de pergaminho escapam dos meus dedos e cortam o ar, impulsionados pela brisa de inverno. A mulher cai ao lado do homem e ambos tapam a cabeça, por fim dispostos a colaborar. Mas ordens são ordens. Sem dizer uma palavra a nenhum deles, viro a *Tabana* e finco os calcanhares nos seus flancos.

Cavalgamos para norte durante cinco dias, por pradarias eivadas de neve, até que a cidade de Sagaan se ergue à minha volta. Uma fortaleza de torres altas e muros impenetráveis que rodeiam o esplendor brilhante do complexo real. O que *costumava ser o* complexo real, corrijo-me enquanto avanço a galope pelos destroços. A fachada branca do Palácio Celeste está agora mais negra do que carvão esboroadado, as torres estão escoradas por andaimes e o cheiro acre do fumo ainda paira pelo ar.

A reconstrução vai demorar meses. Anos. Uma ferida aberta que se tomou pútrida.

Por mais vezes que veja a devastação, nunca me habituarei. E nunca perdoarei a Enebish. Não só me virou costas, como virou costas ao Rei Celeste. Ao nosso império.

— Bem-vinda a casa, comandante — saúda-me o Reza, o meu pajem, à porta do edifício em pedra azul do Tesouro.

Olho por cima do rapaz, com os olhos semicerrados. Estes destroços ardentes não são a minha casa. E onde está o Varren? O meu tenente vem sempre saudar-me e trazer-me mensagens e relatórios da frente de batalha. Sem falha. Porque tenho à minha frente esta criança escanzelada que não sabe de nada? Nem devia dirigir-se a mim, ou sair sequer do estábulo, e estou prestes a lembrá-lo disso, mas os seus olhos revelam ânsia e adoração e ele puxa os ombros para trás num esforço para me impressionar. Esta pequena demonstração de veneração descongela a minha raiva por segundos.

Até que ele volta a abrir a boca.

— Fez algum progresso, comandante? — pergunta o Reza, esperançoso.

As minhas costas ficam rígidas. Desmonto e atiro-lhe as rédeas congeladas à cara.

Estaria afazer progressos se me deixassem fazer o meu trabalho em vez de me chamarem de volta a Sagaan.

— O que achas? — rosno para evitar a pergunta.

Esfusiente, Reza faz-me a saudação Kalima, mesmo não dispondo de poderes mágicos, e apressa-se a levar a *Tabana* para o estábulo.

Galgo os degraus e escancaro as pesadas portas de latão do Tesouro. O espaço é quase tão cavernoso como o Palácio Celeste, composto por duas alas que se interseitam como uma cruz. Há frisos prateados a adornar todas as paredes, e uma cúpula de vidro remata o centro da escada em espiral. Quando a luz do sol penetra

pelas vidraças cortadas em forma de diamante, as paredes azuis refulgem como relâmpagos nas pradarias.

Costumava achá-lo um espaço bonito, até sereno. Esgueirava-me para aqui e sentava-me nos degraus quando precisava de uma pausa do bulício do Palácio Celeste. Lembrava-me de dias mais lentos e despreocupados, quando o meu pai me levava para o seu gabinete e me ensinava a fazer cálculos e gerir o tesouro real. Sempre achei o tilintar constante de moedas e as transações murmuradas muito reconfortantes. Como um cântico. Mas desde que o Rei Celeste reivindicou o Tesouro como sua residência temporária que esses sons tranquilizantes foram substituídos pelo bater das botas, pelo chocalho das armas e, cada vez mais, pelo som das suas reprimendas.

— Varren! — Chamo, sentindo a exasperação na minha voz quando também não o vejo à minha espera no átrio sob a cúpula de vidro. E a Cirina não está a postos com toalhas e uma muda de roupa. A fina camada de irritação que se forma na minha pele como suor endurece até cristalizar em gelo. Como se atrevem a chamar-me sem se prepararem para a minha chegada? — Varren! — grito novamente, avançando resoluta em direção ao cofre, a nossa sala de guerra improvisada. É o único lugar que está a salvo de ouvidos curiosos e setas traiçoeiras. Ao ver que o meu tenente ainda não apareceu quando chego à porta oculta revestida a painéis de carvalho para combinar com o resto do corredor, juro despromovê-lo.

Rodo a tranca.

Direita, esquerda, direita.

— Espero que haja um bom motivo para terem interrompido as minhas buscas — digo quando a porta cede. — O que pode ser tão importante?

A minha voz desvanece-se e as botas congelam-se no limiar da entrada. A espuma do Ártico chicoteia-me os pulsos quando os meus braços batem contra os meus flancos. Sentados na longa mesa de ébano que arrastámos do grande salão estão todos os

guerreiros Kalima. Incluindo o Varren. E à cabeceira da mesa senta-se o Rei Celeste.

— O que é isto? — Percorro com os olhos todas as caras, tentando em vão manter um tom calmo, que a cada palavra fica mais agudo. — O que fazem aqui? — Aponto para Iska e Eshwar.

— Deviam estar a patrulhar a estrada que liga Sagaan a Lingosk.

— Viro-me para Karwani e Vanesh, que olham para a mesa como se estivesse incrustada de ouro. — E vocês deviam estar a vigiar o mercado de peixe que fica a um dia de viagem de Chotgor.

Todos olham para baixo e para longe. O meu coração bate tão descontroladamente que ecoa das paredes de aço, preenchendo o espaço minúsculo. Respiro fundo e exalo lentamente. Se a todos foi dada ordem para regressarem, deve haver uma boa razão.

— Encontraram-nos? — pergunto, esperançosa.

Silêncio.

O tiquetaque do relógio nunca me pareceu tão ensurdecedor.

Solto uma gargalhada histérica.

— Que espécie de conspiração é esta? Não admira que não tenhamos capturado os traidores. Nem sequer estão à procura deles!

O Rei Celeste levanta-se lentamente.

— Só porque não estão a seguir as *tuas* ordens, não significa que não estejamos a caçar os traidores.

Tento dar sentido às suas palavras.

— Que ordens seguem eles senão as minhas? Destes-me controlo total. Plena confiança. *Encontra-os. Custe o que custar...* Não foram essas as vossas ordens? — Lembro-me do que me disse e de como olhou para mim neste mesmo cofre, com orgulho e convicção inexoráveis. E todas as rotas e turnos que defini? Todas as missivas que escrevi? Todos os relatórios detalhados que recebi?

Será que cumpriram alguma das minhas ordens?

Levo instintivamente a minha mão ao sabre.

— Não compreendo.

O Rei Celeste lança-me um olhar condescendente, cheio de piedade.

— Tens sido errática e pouco digna de confiança, por isso fizemos o que era necessário para te manter afastada.

— Errática e pouco digna de confiança? — Aquelas palavras perfuram-me a carne como flechas zemyanas. Sinto a pulsação descontrolada na garganta. — Como assim? Não sou nada disso!

— Colocaste os teus sentimentos por essa tua monstruosa irmã acima do teu dever e do bem-estar de Ashkar — acusa o Rei Celeste.

— Eu *nunca...*

— Ajudaste-a a fugir de Ikh Zuree para levar a cabo uma missão não autorizada. — Levanta um dedo e conta os meus crimes.

— Perdeste-a de vista em Sagaan, o que permitiu que ela unisse forças com os Shoniin. Quando finalmente a recapturaste, não foste capaz de extrair nenhuma informação útil e, em vez de a matares, permitiste que impedisse a execução do Temujin e que fugisse. *Outra vez.*

A cada palavra proferida, as paredes fecham-se sobre mim. Pelo menos metade dos Kalima trocam sorrisos lúgubres.

— Não a *deixei* fugir! — grito. — Corri para vós, senhor. Para vos proteger e guiar para um local seguro. Como qualquer bom guerreiro faria.

— E ao fazeres isso, *fugiste dela.*

Pisco os olhos, sentindo as pestanas incrustadas de gelo.

— Como podeis acreditar que eu defenderia a Enebish depois de ela ter tentado matar-me?!

— Talvez não conscientemente. Mas os laços familiares são profundos. Às vezes, mais profundos do que o amor pela pátria e... pelo rei.

— Estas acusações são absurdas! — urro. — Varren, diz-lhe! Estiveste sempre comigo. Sabes que eu nunca... — *Trairia o meu rei e a minha pátria*. Não consigo sequer pronunciar aquelas palavras horríveis.

Inclino-me sobre a mesa e encaro o meu tenente em desespero. Estamos praticamente juntos desde os 15 anos, quando um nunca conseguia superar o outro, no ringue de treino. Ele era forte, mas eu era rápida, e por mais vezes que lutássemos, acabava sempre empatado. Até que, um dia, isso não aconteceu. Os seus olhos fixaram-se nos meus e, com um aceno de acordo, ele deixou que o meu punho fosse bater na sua têmpora.

Por norma, desprezo aqueles que desistem, mas isto era diferente. A rendição de Varren foi uma mensagem. Um voto. Estava disposto a submeter-se. Colocaria as minhas necessidades acima das dele. E assim consolidou o seu lugar ao meu lado. Desde então que ali se mantém, firme e inabalável como as Montanhas Ondor. Uma presença tranquila e imponente. O meu rochedo.

— Varren, *por favor* — imploro, odiando o tom vacilante da minha voz.

Os nossos olhos fixam-se, tal como naquele dia no ringue de treino, mas em vez de ceder, ele endireita-se na cadeira e a cara contorce-se num esgar. O dragão que tem tatuado na face parece arreganhar os dentes.

— Um comandante mais competente ter-me-ia levado para um lugar seguro e capturado os traidores — continua o Rei Celeste. — Não há margem para erro nestes tempos tumultuosos. Muito menos para quem quiser liderar o meu regimento de elite.

Uma explosão de indignação rebenta-me no peito, estilhaçando-me, enquanto a minha mente tenta encaixar as peças da traição de todos eles.

— Planearam isto desde o início. — Rio-me amargamente enquanto aponto para cada um deles até chegar finalmente ao rei. — Perdi a vossa *confiança* a seguir ao ataque, verdade? Foi por isso

que me permitistes fazer tantas missões de reconhecimento, para que pudésseis afiar a faca para me apunhalar nas costas.

— Não havia outra opção — diz o Rei Celeste, calmo como sempre. — Sabíamos que não te afastarias de livre vontade, e esta não é a melhor altura para lutas internas. Podes dizer às pessoas que decidiste afastar-te, se quiseres — acrescenta, como se estivesse a prestar-me um grande favor.

A raiva toma conta de mim. O cabelo pesa-me, da geada, e as minhas faces crepitam como o gelo. Solto um grito gutural, dente de ter dado tudo a este país. Tudo! Não posso dizer às pessoas que me demiti. Recuso-me a ser afastada. Nunca, na história de Ashkar, um comandante dos guerreiros Kalima abandonou o seu posto por outro motivo que não a morte. Eu seria a única. A personificação da desonra e do fracasso. Não seria capaz de mostrar a minha cara em lado nenhum do império. Nem mesmo na propriedade dos meus pais.

Sobretudo ali.

As recordações surgem diante de mim — os seus rostos sorridentes e lacrimějantes no dia em que tomei posse como comandante; o seu orgulho tão tangível, que seria capaz de o agarrar e cingir contra o meu peito couraçado.

Recuso-me a perder tudo isso.

Com um urro, desembainho o sabre e ergo-o à minha frente.

— Se quiserem afastar-me, terão de me matar. — Em seguida, estendo o braço esquerdo e projeto a geada e a fúria que cresceram no meu âmago através das pontas dos dedos, formando uma lâmina brilhante idêntica à que empunho na mão direita. Cruzo os sabres gémeos à minha frente e olho para os meus guerreiros, desafiando-os a atacarem-me.

Mais de metade dos Kalima levantam-se de imediato, e aquele ato deliberado de traição é tão lancinante que quase choro de dor. Mas contenho os gritos. Emudeço as emoções.

Não preciso destes traidores.

E não os *quero*.

Bato com a bota no chão e um espesso manto de gelo espalha-se debaixo da mesa e das cadeiras, mais escorregadio que o Amereti no inverno. Baixo a cabeça e ranjo os dentes, porém, antes de conseguir avançar, um tremor sacode as paredes do Tesouro. O cofre de aço geme. Livros e penas batem nas prateleiras e deslizam pelo gelo.

— Terramoto! — grita a Cirina, escondendo-se debaixo da mesa. Mas nunca senti um terramoto daqueles. Os tremores chegam em vagas. Quase como o detonar de canhões. Só que mais forte. Mais inclemente.

— Mas que raio...? — Viro-me e semicerro os olhos para o fundo do corredor. Um segundo depois, a enorme cúpula de vidro que encima as escadas estilhaça-se. Os cobardes que estão atrás de mim gritam à medida que os cacos de vidro colorido caem como chuva, mesmo que não estejamos em perigo de ser atingidos.

Mantenho-me em silêncio. Imóvel.

Escutando. Observando.

É quase como se estivéssemos a ser atacados, mas por quem? Os Zemyanos estão a avançar, mas não conseguiriam chegar a Sagaan tão depressa. Acabam de capturar Ivolga. E o Temujin e os seus rebeldes maltrapilhos não têm este tipo de poder de fogo. São todos desertores sem magia.

Exceto uma.

O rosto marcado da Enebish preenche a minha mente: contorcido de indignação durante a nossa discussão no salão. Como se eu tivesse feito algo imperdoável em Nariin e não apenas o necessário para defender o nosso país e fortalecer os Kalima. Precisávamos de um líder forte depois da morte de Chinua. Alguém experiente e de confiança. Teria sido desastroso se eu tivesse sido afastada. Além disso, os comerciantes podiam muito bem ser Zemyanos. Tive de debelar a ameaça.

Outro estrondo agita as paredes, e os meus músculos ficam hirtos como gelo — cientes do que aí vem.

— Não tens uma réstia de honra? — grito à minha irmã enquanto me precipito em direção à cúpula despedaçada. — Como podes trair assim a tua família e a tua pátria? Como?

Como é que tu podes?

Não sei se ela falou ou se é o fantasma da sua voz a cuspir-me a acusação, mas a cara da Enebish volta a preencher a minha mente, furiosa e a clamar por vingança. Tem a mesma expressão que tinha antes de lançar o seu fogo das estrelas contra o meu peito — como o carrasco antes de baixar o machado.

Há um momento de silêncio estranho. Como o suspiro profundo antes de um grito.

Logo a seguir, cada réstia de luz é sugada do Tesouro.

Capítulo 4

Enebish

A linha do horizonte do deserto incendeia-se de luz. Um segundo depois, o calor feroz passa por mim antes de o fogo das estrelas que convoquei explodir na crista da duna mais próxima. A areia pulverizada eleva-se ainda mais do que a explosão que o Serik criou para destruir o acampamento dos Shoniin no Azul Eterno. Os destroços apagam as estrelas e o crescente da Lua. Estrangula os catos que são projetados para o céu empoeirado.

Sustenho a respiração e espero. O ladrão estava a uma distância considerável, quase fora de alcance. Mas depois de cinco longos segundos, a noite ressalta. Os tentáculos roubados regressam às minhas mãos e um grito estridente atravessa a noite. Um tremor intenso e visceral atravessa o meu corpo, como se mil escorpiões me percorressem os membros.

Se não és Enebish, a Destruidora, porque é que os gritos ainda te seguem?

Demoro muito mais tempo do que gostaria a chegar aos destroços. Tempo suficiente para que o meu ataque impressionante perca a maior parte do seu impacto, mas acabo por chegar junto do ladrão, que se arrasta de gatas pela areia. A devastadora bola de fogo das estrelas arde atrás dele, lançando para o ar fumo branco tóxico.

Não me dou ao trabalho de me esconder na escuridão. Não vale a pena.

— Não acredito que pensaste que podias roubar-nos sem sofrer as consequências — digo, num tom de voz frio e duro. — Ou vencer-me com as minhas armas.

O ladrão olha para trás e grita. Levanta-se e tenta fugir, mas o fogo das estrelas raspou-lhe na perna esquerda, deixando uma faixa de pele vermelha. Está queimada até ao osso.

— Afasta-te de mim! — grita, erguendo as mãos para o céu.

Estaco, preparando-me para levar com uma salva de fogo das estrelas. Mas os pontos de luz por cima de nós mal tremem.

— Não sabes invocá-lo, pois não? — digo, num tom ligeiramente jocoso.

O ladrão resmunga e tenta avançar, mas as feridas que lhe infligi não lhe permitem ser mais rápido do que eu. Avançamos a coxear pelo deserto. As minhas coxas queimam e a areia acumula-se nos cantos dos meus lábios, mas a cada passo excruciante fico mais perto dele. Estou tão concentrada em apanhá-lo, que nem me dou conta que mudamos várias vezes de direção e atravessamos uma extensão de rocha plana, antes de o ladrão cair num buraco quadrado recortado no chão.

O meu coração palpita com descrença quando espreito pela borda e deteto longas colunatas e um altar de arenito, assim como paredes revestidas por mosaicos ornamentados e colunas esculpidas à mão. Um lugar que os nossos batedores juraram não conseguir encontrar. Um lugar que alegaram não existir.

O Planalto de Sawtooth.

— Espera! — chamo, com a mente num turbilhão.

O ladrão prossegue a marcha titubeante.

Salto para dentro do templo sem considerar a queda, e aterro com um baque doloroso. Ondas de eletricidade sobem pela minha perna ferida como vespas, mas são fáceis de ignorar. Todo o meu corpo é um formigueiro. Fervilho com uma energia recém-descoberta. Persigo a sombra do ladrão, mais determinada do que nunca a apanhá-lo.

Se sabe o caminho para o templo dos reis, isso significa que é verdenês. E de classe alta. Pode saber alguma coisa sobre o rei Minoak.

O altar de arenito, no qual todos os reis de Verdenet foram tatuados, domina o centro do espaço. O ladrão passa por baixo dele e avança para as colunatas, que estão cobertas por azulejos com pa-

drões intrincados em tons de laranja e branco. Ao perto, toma-se perceptível que retratam cenas da vida em Verdenet. Mas ao longe, transformam-se num impressionante mural dedicado à Senhora e ao Pai. Ao longo de cada parede, há pelo menos 20 portas que, sem dúvida, abrem para o dobro dos salões. Posso demorar semanas a encontrar o ladrão se ele desaparecer por uma delas. Isto se chegar a encontrá-lo.

— Espera! Só quero falar contigo! — digo, ofegante.

O ladrão solta uma gargalhada esforçada e arquejante.

— Quase me arrancaste a perna! Não tenho interesse em *falar* contigo.

A voz é mais aguda do que eu esperava. E mais suave. Faz-me parar meio segundo antes de atirar:

— Se não parares, destruo o templo! — Ergo a mão para o céu e rezo para que ele não veja o quanto o meu braço está a tremer. Não quero destruir este lugar sagrado, e muito menos destruir a única pista que encontrámos em semanas, mas já viu demasiado. Está claramente a preparar alguma.

Detém-se, com os olhos esbugalhados na escuridão.

— Não te atreverias.

— Achas que não? — A respiração pesada preenche o silêncio. — Responde às minhas perguntas e serei misericordiosa. — Nada. — Isto não é uma sugestão; é uma exigência! — grito, puxando um raio de fogo das estrelas para mais perto.

O ladrão permanece em silêncio, mas atrás de nós, escuto uma segunda voz a chamar:

— Ziva, és tu?

Esta voz é mais profunda e acompanhada pelo restolhar de pés mais pesados. Viro-me de repente, à procura de um segundo agressor, mas para minha grande surpresa, o ladrão chamado Ziva grita:

— Não te mostres!

O resultado é um acelerar dos passos.

— Porquê? O que se passa? — As perguntas são entrecortadas pela tosse.

— Foge! — grita Ziva. — Esconde-te nas profundezas do templo! Vou ter contigo quando for seguro.

— Não vais ter com ninguém se estiveres morto — digo, alto o suficiente para o cúmplice ouvir.

— Ziva! — grita a voz invisível, desta vez mais perto. Alargo a minha postura, abro os dedos e fixo cada uma das portas ornamentadas como se estivesse à espera de ser atacada por um leão.

A verdade é que acabou por ser uma previsão quase em cheio.

Uma figura sombria emerge de uma porta à minha direita — grande e imponente. Traz os ombros nus cobertos por umas peles repugnantes, incrustadas de areia, e os olhos raiados de sangue, que me perscrutam através de uma melena emaranhada de cabelo. Chega a rugir, antes de me atacar.

Sinto um formigueiro na garganta e a palma da minha mão crepita quando aperto o fogo das estrelas.

Ziva tenta erguer uma parede protetora de noite à volta do homem, sem com isso afetar minimamente a minha visão. Mas o homem tropeça na escuridão repentina e esbarra num pilar. Quando cai no chão, gemendo e agarrando-se ao flanco, Ziva atira-se para a sua frente. No entanto, é um sacrifício desnecessário.

O fogo das estrelas já está a escorregar pelos meus dedos afrouxados, a flutuar de volta para os céus enquanto olho para a figura lamuriosa.

Embora envergue os trapos de um mendigo, o homem tem longos cabelos grisalhos, da cor das nuvens de tempestade, pernas musculadas, cobertas de tatuagens desde o joelho até ao tornozelo, e os aros dourados que lhe adornam a orelha esquerda são quase incontáveis, sobretudo enquanto ele se contorce com as dores.

Mas eu conto-os. Até aos 17. Um número que só um homem no meu país pode usar.

— Rei Minoak? — arquejo.

— Não sejas ridícula — atira o ladrão. Está parado à frente do rei de Verdenet, com os braços magros estendidos. — Somos proscritos sem-abrigo. Desculpa ter roubado a tua comida. Estamos famintos. — Debaixo do capuz, vejo uma cara redonda, sem uma única ruga ou linha. Caracóis escuros desenham-lhe os contornos das faces. Não terá mais de 12 anos. Talvez 13.

O que faz uma *criança* com o rei Minoak? Pensei que, tendo sobrevivido, estaria acompanhado por guardas. Ou guerreiros. Não por uma rapariga.

No entanto, é evidente que não estou em frente de uma rapariga *qualquer*.

Ignoro as palavras da Ziva e aproximo-me mais.

— N-nunca duvidei que estivésseis vivo — gaguejo, subitamente constrangida por estar diante do meu rei. — E sabia que viríeis para aqui.

Sou tomada pela irritação ao pensar nos esforços patéticos dos batedores. Encontrei o rei desaparecido na minha primeira tentativa. Isso só prova que têm tentado sabotar-me.

Mas a verdade é que também não teriam sido capazes de encontrar Minoak ou a rapariga. Apercebo-me disso mesmo quando a parede de escuridão que a Ziva ergueu entre nós desaba. Provavelmente, nem sequer conseguiriam ver o planalto...

— Há quanto tempo estão escondidos aqui? — pergunto. — E há quanto tempo consegues fazer esse truque com a escuridão? — Aceno para as mãos da Ziva.

— Estamos só de passagem. E não sei de que truque estás a falar — refuta. Ela levanta o rei Minoak pelos braços e tenta arrastá-lo de volta para a colunata, mas a sua perna queimada dá de si e ambos se despenham no chão.

O rei agarra-se ao flanco com um gemido. Manchas vermelhas surgem através da sua túnica imunda — o tipo de ferida resultante de uma punhalada, não de uma queda ou da fome. E a julgar pela

quantidade e padrão do sangue, o punhal tinha pelo menos o comprimento da minha mão. O ataque foi feito por trás. Sem defesa.

O que significa que o Temujin não mentiu relativamente à tentativa de assassinato. Pelo menos desta vez.

— Olha o que fizeste — rosna a rapariga. — Aquela ferida estava quase fechada.

Ignoro as suas palavras e apresso-me a ajudar.

— Ele precisa de pontos e compressas para evitar a infeção. — Pego no canto da túnica de Minoak para inspecionar a ferida mais de perto, mas o silvo que sai da boca da Ziva é mais feroz do que o rosar de um leopardo ferido.

— Só quero ajudar — garanto-lhe. — Tenho andado à procura do rei. Preciso de o levar de volta.

— Claro que andaste à procura dele! Tu e toda a gente. Todos os cães do império estão desesperados para terminar o trabalho depois de eu ter abatido o primeiro assassino.

Demoro um instante a perceber o alcance das palavras da Ziva. Quando isso acontece, a minha boca abre-se lentamente e eu encaro-a com novos olhos.

— Detiveste o assassino?

— Sim — diz rapidamente, antes de emudecer.

— Quem és tu?

Ela endireita os ombros e os seus olhos cor de mel queimam os meus, ferozes como o sol do deserto.

— Zivana Bonwatu Yimeni, princesa herdeira de Verdenet, e acabo contigo se encostares um dedo no meu pai.

Quase me tinha esquecido que o rei tinha uma filha. Ela era tão nova quando a minha aldeia ardeu que a sua cerimónia de consagração ainda nem tinha sido realizada. E agora ali estava ela, em fuga, a tentar cuidar do pai quando ela própria mal tinha passado da idade de precisar de uma ama.

— Não sou um cão do império, e não quero matar o teu pai — reforço. — Muito pelo contrário. Sou verdenesa. Minoak é o meu rei. Quero vê-lo sentado no trono. — Aponto para mim mesma, para os meus gémeos tatuados, a pele bronzeada, o cabelo e os olhos escuros.

— O teu aspeto não me interessa. Um cidadão leal de Verdenet nunca me atiraria uma *estrela*, nem me perseguiria pelo deserto, ameaçando fazer desabar todo o planalto. É óbvio que és uma guerreira do Rei Celeste.

— Óbvio porquê?

— Todos aqueles que têm poderes são.

— Isso quer dizer que também tu és uma das suas guerreiras? — Ergo uma sobrancelha. — Parece que temos muito em comum...

— Não sei o que isto é — diz, levantando as mãos —, mas sei que não sou como tu. Nunca ajudaria um porco ganancioso a devastar o meu país.

— Nem eu. É por isso que estou aqui. Quero libertar Verdenet e os outros Protetorados. Quero colocar o rei Minoak no trono que lhe pertence. Mas claro que para tal precisava de o encontrar. Todas aquelas pessoas que estão escondidas nas grutas pensam como eu.

— Não acredito em ti.

— Podes não acreditar, mas é a verdade, e se voltarem comigo...

— Não vamos a lado *nenhum* contigo.

— Quais são as tuas opções? — Olho preocupada para a cara pálida do rei. A mão com que agarra o flanco está coberta de sangue e os seus lábios murmuram palavras ininteligíveis. Está magro debaixo dos trapos e das peles. Tão magro como a rapariga.

— Não sei, mas vou descobrir sem a tua *ajuda* — diz, dispensando-me.

Aproximo-me mais.

— O que fizeste para manter o teu pai escondido e vivo foi impressionante, mas ele precisa de cuidados. Ambos precisam. — Aceno para a sua perna queimada. — E de comida. Não há mal nenhum em mudar de rumo e aceitar ajuda.

Apercebo-me de que este é o discurso que ouço do Serik desde que deixámos Sagaan. Mas as circunstâncias são completamente diferentes. Os pastores não querem ajudar. Querem que eu fracasse. Tão depressa oferecem ajuda como logo a seguir me caluniam. Já eu estou disposta a fazer qualquer coisa, a sacrificar qualquer coisa, para salvar o meu rei e o meu povo.

O rei Minoak tosse novamente. Tem grossas manchas de sangue nos lábios. Quando a tosse passa finalmente, ele perde a consciência e deixa tombar a cabeça no colo da Ziva. Enquanto ela grita e lhe agarra a cara, ordenando-lhe que acorde, aproximo-me deles.

— Sem ti e sem o rei Minoak, nunca seremos capazes de recuperar Verdenet. O meu grupo morrerá nas grutas ou será obrigado a entrar em Lutaar, onde ficaremos sujeitos ao governador imperial. E sem tratamento, o teu pai morrerá devido a estas feridas, não obstante os teus esforços para o proteger. Precisamos uma da outra.

— Não precisamos de ajuda. — A Ziva abana teimosamente a cabeça.

Pelos céus! Estou tentada a moldar uma mão gigante com a escuridão e a esbofeteá-la com ela. Em vez disso, expiro e viro-me para a Senhora do Céu.

— Incumbiste-me de tantas tarefas impossíveis — e é para mim uma honra executá-las —, mas peço que tenhas piedade de mim desta vez e amoleças o coração desta criança beligerante.

A Ziva olha para mim, inclinando a cabeça para o lado. Tenho a certeza de que me vai insultar por lhe chamar criança, mas em vez disso, ela diz:

— Prestas culto à Senhora e ao Pai?

— Claro que sim. Não sei quantas vezes tenho de repetir: sou como tu. Estou do teu lado.

Ela estreita ainda mais os olhos.

— Jura pelo teu descanso imortal no Azul Eterno que tudo o que disseste é verdade. — Rio-me da ironia do seu pedido. De como já pensei ter chegado ao Azul Eterno. — Não vejo onde está a graça — atira. Mordo a língua e olho para baixo.

— Não me estou a rir de ti. Apenas tenho sido usada e já me mentiram tantas vezes, que é estranho ter alguém que acredite que vou fazer a dupla travessia.

— E vais?

— Se quisesse matar o rei, podia fazê-lo facilmente. — Aponto para o corpo prostrado do rei Minoak. — Mas tudo o que disse é verdade. Sei bem o que é pensar que não posso confiar em ninguém, sentir que o mundo inteiro está contra mim, mas juro pela memória dos meus pais, que morreram há dez anos durante a invasão zemyana de Sangatha, que farei tudo o que estiver ao meu alcance para ver o teu pai no trono.

A Ziva olha para baixo e passa um dedo pela cara barbuda e marcada pelo tempo do pai.

— Pois bem. Vamos voltar contigo. Mas não hesitarei em invocar a noite ao primeiro sinal de problemas. — Levanta a mão e estica os dedos, fazendo-me sorrir. Ela baixa a mão e olha envergonhada para os pés. — Esqueci-me de que as minhas ameaças não significam nada para ti. És muito mais forte.

Faz uma pausa, como se esperasse que eu a incentivasse, mas eu aceno com a cabeça e digo:

— Pois sou.

Enquanto a Ziva junta as suas coisas, desaperto o meu manto e pouso-o nas pedras frias ao lado do rei Minoak. Ele ainda está inconsciente, e pesa o dobro de um felino do deserto, mas consigo arrastá-lo para cima do manto. Em seguida, livro-o da pele que tem aos ombros, pressiono-a contra a ferida e amarro-a com tiras de

pano que rasgo do seu manto. É rudimentar e nada higiénico, mas deve estancar a hemorragia até chegarmos às grutas.

Quando regressa, a Ziva examina o meu trabalho e saúda-me com um ligeiro aceno.

— Já tens tudo aquilo de que precisas? — digo, apontando para a sacola que ela traz a tiracolo, e que ela atira apressadamente para trás das costas e para longe da minha vista. Como se eu fosse uma salteadora. — A sério? Só estava a fazer conversa.

A Ziva levanta um canto do manto e atira o seu peso para a frente.

— Conversa menos e arrasta mais.

Capítulo 5

Enebish

À entrada da gruta, a Ziva hesita, deitando um olhar ao pai, pálido e estendido no meu manto.

— Tens a certeza...

— Temos andado à procura dele desde que saímos de Sagaan. Eles vão ficar muito contentes. — Avanço pelo túnel, obrigando a Ziva a seguir-me, ansiosa por mostrar o rei Minoak aos pastores. *Aqui está a prova em como eu tinha razão: o rei de Verdenet está vivo. Encontrei-o, tal como disse que faria, apesar da vossa impaciência, descrença e sabotagem.* Se com isto não ganhar o respeito e a confiança deles, não há nada mais que possa fazer. — Estamos salvos! — grito enquanto caminhamos pelos túneis. Estamos muito longe da nossa gruta, mas não consigo evitar. Tenho de gritar as boas notícias. Sinto-me capaz de reorganizar as estrelas e de escrever no céu. Isto muda tudo. Isto *resolve* tudo. Podemos finalmente deixar estas grutas sem comprometer a nossa liberdade.

Quanto mais nos aproximamos, mais depressa me desloco. Quando entramos na grande gruta, estou praticamente a correr, com a Ziva ofegante ao meu lado. O seu pai permanece no manto, mas está *aqui*. É a esperança viva em figura de gente.

— O rei Minoak está vivo! — Os meus gritos ressoam nas paredes de calcário. Solto o manto e afasto-me para o lado para que o grupo possa ver Minoak. — Já podemos entrar em Lutaar e dar continuidade aos nossos planos para libertar Verdenet.

A azáfama da gruta cessa abruptamente. As mulheres levantam os olhos das suas panelas de cozinha, com as colheres ainda na mão, e os jovens que transportam baldes de água e restos de comida para os animais param a meio caminho. Até os homens mais casmurros e desbocados, como o Iree e o Azamat, param de discutir e se viram.

Não sei se é o adiantado da hora que os faz piscar os olhos — arrastar o rei Minoak pelas dunas demorou quase a noite toda —, mas estão a olhar como se não vissem o gigante verdenês que está deitado aos meus pés. Ou talvez não consigam compreender a magnitude do que aquilo significa.

— Como é que ele nos vai salvar? — grita alguém.

Ziva alterna o peso do corpo entre os dois pés e as sandálias rangem.

— Disseste que eles ficariam muito contentes. — As suas mãos agarram os lados do vestido esfarrapado, fazendo-a parecer muito mais nova do que nas colunatas do Planalto de Sawtooth. E mais pequena também.

— Ele está vivo? — grita a mesma voz. Aposto que é a Emani, a mulher intratável do Bultum, que tem sempre algo a dizer.

— Claro que está vivo! — A Ziva atira-se para a frente do pai e aperta os punhos. A escuridão adensa-se. Levanto as mãos para estabilizar os tentáculos, mas eles contorcem-se, pouco habituados a obedecer a dois mestres.

Para a proteger, posiciono-me entre a Ziva e os pastores, esboço um sorriso amarelo e forço uma gargalhada.

— Que boas-vindas são estas? Encontrámos o rei verdenês! Devíamos estar a celebrar! O nosso plano pode avançar. — Bato palmas e abro ainda mais o sorriso, instando os pastores a que me deixem ter esta pequena vitória. Mas eles continuam ali, imóveis e de testa franzida.

Foi idiota da minha parte prever um retomo triunfante, como o desfile de guerreiros que marcham por Sagaan após a vitória em batalhas difíceis, mas esperava mais do que isto. Os pastores nunca estiveram tão calados. Nem mesmo quando um batalhão de guerreiros imperiais passou pela nossa caravana nas pradarias, e as nossas vidas dependiam literalmente de ficar em silêncio sob o meu manto de escuridão.

É porque eles não querem isto. Nunca quiseram isto. Nunca acreditaram em ti ou no teu plano.

— Nunca vou ganhar, pois não? — A minha voz treme como a da Ziva. Mas se a dela tremia por timidez e medo, a minha treme de raiva. — Faça o que fizer, nunca será suficiente.

Há um clarão de movimento ao fundo da gruta. O Serik sai do túnel contíguo, com os batedores atrás de si.

— Enebish! Voltaste, graças aos céus. — Todo o seu corpo parece desabar, e um olhar de puro alívio toma conta do seu rosto sardento. Mesmo depois de eu lhe ter dado uma joelhada no estômago e fugido.

Se alguém devia estar zangado, era ele. Mas corre pelo meio da multidão de pastores para chegar até mim. Vem ajudar-me mais uma vez. O meu peito enche-se da mesma emoção que senti quando ele apareceu através do fumo no *xanav* em chamas do Kartok — uma dor benfazeja que me aquece as entranhas como *vorkhi* quente.

— Onde te meteste? E porque estão todos à volta... — Serik emudece quando repara no rei Minoak deitado no manto. Leva imediatamente uma mão à boca. — Quem é *aquela*? Parece uma carcaça sangrenta deixada a apodrecer na berma da estrada.

Ziva vacila.

— Experimenta tratar de uma ferida de facada no deserto sem ervas ou ligaduras!

Serik avalia a rapariga com olhos afilados.

— E quem és tu?

— Esta é a Ziva, a Fiadeira da Noite e ladra de comida que persegui pela gruta — respondo.

O Serik engasga-se e os seus olhos semicerram-se ainda mais.

— Por que raio é que a trouxeste de volta? Ela roubou-nos! E já temos muitas bocas para alimentar.

— Porque *este* é o seu pai, Sua Majestade Real, o rei Minoak de Verdenet. — Suplico com o olhar. Se o Serik reagir bem, os pastores seguirão o exemplo. É nele que confiam. É a ele que seguem.

No entanto, o Serik é o Serik, e nunca teve de ser exemplo para ninguém.

— Este é o rei Minoak? — diz, pouco convencido. — Como é que ele nos vai guiar?

Os pastores retomam os lamentos e eu olho para o Serik, agora com sentimentos menos calorosos.

— Obrigada pela ajuda — expludo. Ele tenta pedir desculpa, mas já me virei para o grupo. — Sei que o rei Minoak não está no auge da forma física — o eufemismo do século —, mas vamos pô-lo bom num instante.

— Quanto tempo? — perguntam várias pessoas. — E com que mantimentos?

— Olha para ele! Vai demorar meses!

— Meses que não temos!

— No rei Minoak reside a nossa única esperança de liberdade — digo, tentando manter a calma enquanto explico pela centésima vez, mas até eu consigo ouvir o desespero na minha voz. — Por favor, confiem em mim...

Sou assolada pelos seus gritos, uns atrás dos outros.

— Eu sabia que seguir uma criminosa era uma má ideia.

— O melhor é entrarmos em Verdenet.

— De que nos serviu confiar em ti?

Foi graças a mim que não morreram congelados nas pastagens! Apetece-me gritar. E não serão chacinados quando o Temujin e os Zemyanos conquistarem Sagaan.

Podia continuar, mas cerro os dentes porque falar com eles não serve de nada. Só veem o que querem ver.

À medida que o caos aumenta, a Ziva ajoelha-se ao lado do pai e protege-o do ataque, como se as suas palavras fossem flechas. Lanço outro olhar desesperado ao Serik, mas ele abre os braços e abana a cabeça. Estamos os dois tão sem pé que podíamos estar a afogar-nos no Mar de Zemya.

Foste uma idiota ao pensar que isto iria resultar, sussurra-me uma voz traiçoeira ao ouvido. *Uma idiota ao pensar que até estas pessoas desesperadas te seguiriam*. Um peso esmagador pressiona-me, mais pesado do que a liga de rocha e areia que está por cima da minha cabeça, e a minha respiração errática é tão audível que quase não dou pela voz titubeante da Ziva, que emana do seu corpo prostrado.

— E s-se eu pedisse para confiarem em *mim*? — As suas palavras são tão hesitantes e os pastores são tão barulhentos que ela tem de repetir três vezes e subir para uma grande saliência de rocha antes de ser ouvida. E teria sido melhor se não a tivessem ouvido.

— Porque haveríamos de confiar numa criança?

— E ladra, ainda por cima!

A Ziva abraça o corpo com os seus braços magros. Começa a encolher-se, mas depois olha para o pai e levanta-se. Passa os caracóis que lhe dão pelo queixo para trás das orelhas, e parece-se agora com a rapariga impetuosa que persegui até ao Planalto de Sawtooth.

— Não sou uma criança! — grita à velha rabugenta. — Tenho 13 anos. E sei que o meu pai é forte. Vai retaliar contra o império, assim que puder. Também sei que correr para Lutaar é inútil. O governador imperial tão depressa alimenta as pessoas como logo a seguir as executa. Não é uma solução a longo prazo.

— Não nos podemos dar ao *luxo* de esperar! — diz Azamat.

Ziva cerra os lábios.

— Quem é que falou em esperar?

— Qual é a alternativa? — pergunta Serik.

— Vamos para Namaag — responde Ziva, como se fosse a solução mais simples e óbvia do mundo. E talvez fosse, se o Temujin não tivesse previsto que seria o que o rei Minoak faria quando nos sentámos a falar sobre o assunto no falso Azul Eterno do Kartok. Os Shoniin e os Zemyanos podiam estar à espera no caminho para lá.

Abano a cabeça, mas a Ziva continua, com a voz a crescer com a convicção.

— A minha tia Yatindra é casada com o vice-chanceler. As relações entre os nossos países são fortes, e a presença de Ashkar sempre foi mínima nos pântanos, por isso não corremos o risco de sermos apanhados. Se me ajudarem a transportar o meu pai para um lugar seguro, posso convencer os Namagaanos a juntarem-se a nós na luta contra o governador imperial.

Pela primeira vez desde que entrámos nas grutas, os pastores não estão a gritar. Consigo vê-los a ponderar naquele plano: comida, abrigo, proteção, reforços. Uzul, a capital namagaana, fica a uma semana de caminho. Uma semana, e o seu sofrimento pode acabar. É um bom plano, em tudo semelhante ao meu, só que estaríamos a recrutar os Protetorados numa ordem diferente. E os pastores não dizem nada, o que já é uma vitória. Mas quando a Ziva olha para mim com um sorriso rasgado, eu abano a cabeça.

— Não vai resultar.

— Porquê? — Ela salta da rocha e põe as mãos nas ancas.

— Porque podias usar-nos para te levarmos e ao teu pai até Namaag, e depois expulsar-nos.

Ziva recua, com os olhos escuros vidrados com a dor. E por baixo dessa dor, uma raiva calma e fervilhante.

— Achas mesmo que abandonaria o povo de Verdenet? O meu pai é o rei! E eu sou a princesa herdeira. Hei de regressar e lutar pelo meu país com ou sem a ajuda deste grupo.

— Não leves o cinismo dela a peito, princesinha. — O Azamat lança-me um olhar venenoso. — Ela pensa que somos todos traidores. Acusou-me de roubar a comida que me pediu para guardar.

— Eu não... Eu nunca... — A minha voz assume um tom desesperado. — Também temos de pensar nas ligações da família dela com Namaag. Dezenas de assassinos estão à procura do rei Minoak. Devem estar atentos à rota da caravana.

— A Enebish recusa-se a acreditar que qualquer um de nós é capaz — diz Lalyne, a batedora, a Ziva. — Ela acusa-nos de insurreição e incompetência, mesmo quando nos incumbe de tarefas impossíveis. Nunca vos teríamos encontrado, a ti e ao teu pai, enquanto estivessem escondidos debaixo do manto da noite.

— É *exatamente* por isso que não temos de nos preocupar com assassinos ou batedores shoniin que estejam à nossa procura durante o percurso para Namaag! — lembra o Serik. — Agora, temos *duas* Fiadeiras da Noite para nos esconder.

— O *quê*? — pergunto.

— Todos sabemos que estás exausta, En. A Ziva pode ajudar.

— Deves estar a brincar! — retorqui. — Ela não sabe nada sobre fiar a noite.

Ziva recua como se eu a tivesse esbofeteado.

— Sei o suficiente para ter roubado mantimentos debaixo do teu nariz!

— Eu também não sabia controlar o meu poder — continua o Serik. — Mas aprendemos rapidamente quando somos empurrados para a luta. E tu podes ensiná-la, En. Ser mentora dela. Ela *já* deu provas de que consegue. Escondeu o rei Minoak durante todo este tempo.

Os pastores sussurram e acenam com mais veemência, afastando-se de mim como os tentáculos das trevas ao amanhecer.

— Tens noção do que estás a sugerir? — pergunto ao Serik em voz baixa. *Não posso* ser a mentora da Ziva. A Ghoha destroçou-me. Não quero outra relação dessas. E se eu permitir que a Ziva ajude, não terei o controlo total sobre a noite. Não serei capaz de garantir a segurança de todos quando ela inevitavelmente cometer um erro. Ou quando nos sabotar propositadamente.

— Solta as rédeas e deixa de ser tão desconfiada — diz-me o Serik. — Podemos fazer isto, mas só se confiares em nós. Temos de usar todas as vantagens à nossa disposição, e a proposta da Ziva é boa.

Atrás dele, os pastores acenam as cabeças. A Ziva levanta o queixo e lança-me um olhar de desafio.

— E se o meu poder falhar? — Insisto, apesar de saber que é inútil.

— E se o *meu* poder falhar? — repete o Serik solenemente. — Todos os dias, o *meu* pavio fica mais curto. Quando chegar ao fim, vamos morrer enregelados.

— Mas...

— Se tens um plano melhor, venha ele! — grita alguém.

Sabem que não. Sem cuidados adequados, o rei Minoak vai morrer. E não podemos invadir Lutaar sem ele. É fundamental para nós que os Namagaanos se juntem à nossa rebelião. Esperava recrutá-los a longo prazo, quando os nossos números fossem mais impressionantes.

— Tenho um mau pressentimento em relação a isto, Serik — digo-lhe, com o meu coração a bater sobressaltado como as asas de uma libélula.

O rosto do Serik ameniza. Entrelaça os seus dedos nos meus e puxa-me para mais perto, pousando o queixo sobre a minha cabeça.

— Eu sei que é difícil — sussurra-me ao ouvido —, mas somos teus aliados. Se não confiares em nós, esta rebelião está condenada ainda antes de começar verdadeiramente.

Aperto-lhe mais a mão. Sei que o Serik tem razão. Não estou a ser justa. Estou a tratá-los a todos como se me estivessem a trair, como se já o tivessem feito. Mas não consigo deixar de ser cautelosa quando a Ghoa me culpou de um massacre, o Temujin me enganou e o Kartok recolheu o meu poder para dentro das suas umas.

— Nós vamos conseguir fazer isto — murmura o Serik para o meu cabelo. — Tem fé.

Ali está ela outra vez. Aquela palavra na boca do Serik.

Ele aperta-me os ombros, depois encara a Ziva e a multidão de pastores à espera.

— Reúnam os vossos pertences! Partimos para Namaag ao pôr do sol.

Capítulo 6

Ghoa

Em certa medida, todos temem a escuridão. Sentem as paredes mais próximas. Os sons parecem mais altos. Todos os sussurros são sinistros e todos os arrepios ameaçadores.

As trevas amedrontam até guerreiros experientes como os Kalima.

Os seus gritos enchem o cofre atrás de mim e derramam para a longa sala do Tesouro, altos e baixos, estridentes e cavos, quando eles se apercebem do significado das trevas.

Do que a Enebish fez.

Ela não está a agir em legítima defesa ou a resgatar os «fracos». Está a *atacar-nos*.

— Sabes o que estás a fazer? — rujo para a escuridão. Nunca seremos capazes de enfrentar os Zemyanos se estivermos ocupados a lutar entre nós. Talvez seja esse o objetivo. O Temujin nunca se preocupou em preservar a força de Ashkar, sempre roubou as nossas rações e canhões, atraiu os nossos soldados e libertou os prisioneiros. Provavelmente, deseja a queda de Sagaan. Quer depor o Rei Celeste. Quer acabar com os Kalima.

E conta com o apoio da Enebish.

Uma parte de mim quer gritar e esbracejar como os meus camaradas que estão encurralados no cofre escuro, mas recuso-me a dar essa satisfação à Enebish e ao Temujin. Além disso, tenho uma vantagem que os outros não têm: estou habituada à escuridão da Enebish. Tão habituada como podemos estar quando não temos a capacidade de fiar a noite, claro.

Estico os braços e apalpo o caminho através do átrio coberto de vidros até ao corredor, e desato a correr assim que a minha mão toca na parede.

Quando o poder da Enebish se revelou pela primeira vez, ela ficou acordada toda a noite a brincar com os fios negros, como lhes chamava, preenchendo o espaço com uma sombra impenetrável. E nunca teria parado de praticar — nunca teria sequer percebido que o Sol já nascera — se eu não tivesse acordado aos gritos quase todas as manhãs.

Com o tempo, fui perdendo o medo da escuridão opressiva. Mas nunca me esquecerei de como o meu coração bateu descompassado naquela primeira manhã. De como me senti asfixiada, sufocada, como se estivesse a cair por um poço sem fundo.

É aquilo que estão a sentir os meus guerreiros traidores e sem honra.

Continuam a debater-se, desesperados para sair do cofre.

Quando escolhemos o espaço para a nossa sala de guerra, as paredes próximas e as prateleiras salientes pareciam ser uma boa ideia. Uma camada extra de proteção. Mas no escuro, os obstáculos transformam-se em barras de prisão. Nem mesmo os Fogueiros do Sol podem contrariar a escuridão da Enebish. Estalam os dedos, mas todas as faíscas são apagadas num instante, o que obriga a nata dos guerreiros de Ashkar a andar às apalpadelas, impotentes, à procura da porta.

Apalpo o meu caminho até à entrada e encosto-me à ombreira, a ouvir a sua fraqueza. A imaginar o seu desespero. Corro para junto deles por instinto, para os exortar a defender o nosso rei e a nossa cidade, mas sinto-me tentada a abandoná-los. Seria tão fácil deslizar pelo corredor e sair porta fora. Eles que tentassem escapar e orquestrar um contra-ataque sem mim.

Isto é o que acontece quando «dispensam» o vosso comandante, dir-lhes-ia, ufana, ao ver a Enebish e o Temujin a dominá-los.

Ou melhor ainda, podia fechar a porta com gelo e encher o ar de geada. Prendia-os ali até ficarem paralisados com o frio, congelados ao ponto de não se conseguirem mover. Um presente para os Shoniin.

Alcanço a porta do cofre com um sorriso nos lábios, quando a voz melodiosa da minha mãe e a cara abatida do meu pai chegam até mim na escuridão. Estão sentados na sala de música da nossa propriedade, como sempre, mas em vez de se apressarem a cumprimentar-me, ansiosos por ouvir as minhas vitórias, a mamã está a soluçar para cima do seu bordado e o papá anda pela sala, a emborcar copos de vorkhi.

— Como conseguiste escapar sozinha? — pergunta.

— Não podias ter feito nada para os salvar? — lamenta-se a mamã.

— Estamos muito contentes por teres sobrevivido, mas...

Mas, mas, mas!

Nunca conseguiria enfrentar a minha família ou o povo de Ashkar sem os meus guerreiros. Ninguém vai respeitar um comandante que abandonou o seu batalhão à morte — mesmo que merecida —, porque as pessoas nunca saberão que eles conspiraram contra mim. Ninguém me permitirá falar mal dos mortos. Sobretudo se o Rei Celeste estiver entre eles. Aos olhos de Ashkar, eu seria a traidora. A cobarde.

Igual ao Temujin.

Quero gritar contra a injustiça, mas exalo, ajeito o rabo de cavalo e passo a mão pela couraça. Nunca esquecerei a sua traição, e nunca lhes perdorei, mas se tiver de salvar os meus guerreiros para salvar a minha reputação e recuperar a minha posição, que seja.

— Fiquem quietos! — grito.

Eles continuam a acotovelar-se e a gritar, a esmurrar-se e a arranhar-se.

Rastejando uns por cima dos outros como cães selvagens assim que veem a menor réstia de luz dos Fogueiros do Sol.

— Prestem atenção se quiserem sair daqui!

Mais uma vez, ignoram-me. Ou talvez não consigam sequer ouvir-me. Felizmente, tenho maneiras de os fazer ouvir.

Encosto as palmas das mãos aos dois lados da ombreira da porta e projeto o frio para fora, fazendo com que deslize pelo chão e ao longo das paredes como os enormes blocos de gelo que cortamos do Amereti todos os invernos. É isso que sinto em relação ao meu poder Kalima: um peso esmagador que devo descarregar. Quase demasiado pesado para deslocar.

Não consigo ver os fractais azuis e brancos a tomar conta das paredes, mas sinto o poder a sair pelas pontas dos meus dedos. Tremo de prazer à medida que a temperatura desce. Mais e mais, até que o meu bafo visível me faz cócegas na cara.

— A comandante está a atacar-nos! — esbravejam os meus guerreiros.

— Ela desertou para o inimigo!

Quem não pensaria o mesmo?

A voz mais alta parece ser a do Bastian, e tomo nota para o aniquilar na nossa próxima sessão de treino.

Partindo do princípio de que haverá uma próxima sessão de treino.

— Ao contrário de ti, não traí ninguém — reajo. — Estou a tentar ajudar. Mas se preferirem morrer às mãos da Enebish e do Temujin, continuem a fazer-me frente à vontade.

Para meu grande espanto, a algazarra cessa. Provavelmente por hábito ou desespero, mas não me importo.

— Estiquem as mãos. Se sentirem a mesa ou as cadeiras ou o que for, juntem tudo no centro da sala. Em seguida, afastem-se o mais possível. Encostem-se às paredes.

Dou-lhes exatamente um minuto para completarem esta tarefa antes de me posicionar à entrada, levantar as mãos e enviar contra a mobília uma rajada de gelo que fende a escuridão como uma longa lança branca, visível por um instante fugaz, antes de atingir a pilha com estrondo. Parece que toda a sala começa a despedaçar-

se, e os meus guerreiros arquejam. O Rei Celeste grita, mas sem motivo. O meu objetivo está cumprido. Sinto o meu gelo a penetrar na madeira, a unir cada peça e a congelá-la ao chão do cofre.

— Eshwar, relâmpago! — ordeno. Depois de uma breve hesitação, o Eshwar lança um raio de eletricidade para a minha braseira improvisada. Assim que a mobília se incendeia, grito para os Fogueiros do Sol:

— Aticem o fogo!

Os cinco Fogueiros do Sol avançam com as palmas das mãos para cima e direcionam o seu poder para o fogo. A onda de calor e luz resultante é tão intensa que sou obrigada a proteger a cara. A escuridão da Enebish mergulha sobre a madeira e ataca as chamas bruxuleantes, mas ao contrário dos lumes individuais dos Fogueiros do Sol, este fogo é demasiado intenso e alimentado por demasiada madeira para ser extinto. E graças à minha base de gelo, todos os obstáculos na sala permanecem cimentados no chão. O que significa que, por alguns segundos, há luz e espaço suficientes para eles se orientarem até à porta.

— Mexam-se! — grito.

Desta vez, não tenho de repetir.

Saídos para o corredor, temos a sensação de ter caído numa sepultura — numa daquelas valas comuns que escavei para os Zemyanos tombados em combate — diante do súbito muro de escuridão que encontramos. Sempre pensei que os Zemyanos retribuiriam o favor se eu morresse numa batalha. Nunca imaginei que seria a minha irmã, aliada a desertores do nosso próprio exército, a tratar do meu funeral.

Sou tomada por outra onda de indignação.

Como se atreve? *Como se atreve?!*

— Formem uma fila atrás de mim — ordeno. — Segurem-se à pessoa à vossa frente e façam exatamente o que eu disser, quando eu disser. — Agito os braços e avanço aos tropeções até que a minha mão esquerda toca na parede. A seguir, respiro fundo e fecho

os olhos. Sinto-me mais segura na escuridão da minha própria mente do que presa debaixo da mortalha da Enebish. Isto também toma mais fácil recuar no tempo, até à minha infância, quando saltitava por estes corredores de mãos dadas com o papá.

A partir dos cofres, o escritório do papá fica a sete portas de distância, ao cimo de um lance de escadas. No entanto, se subirmos vamos ficar encurralados, por isso guio os Kalima até passarmos mais duas portas, e vou apalpando terreno através do átrio até chegarmos ao corredor perpendicular, que desemboca na entrada das traseiras. O Temujin vai querer dar espetáculo, como sempre. O que significa que vai irromper pela entrada principal, para que todos em Sagaan assistam aos seus feitos e vejam como surpreendeu e prendeu os guerreiros Kalima. Enquanto ele prepara o espetáculo, nós escapamos pelas traseiras. Só então, quando estivermos a céu aberto e totalmente expostos, decidiremos o que fazer. Mas as nossas probabilidades serão melhores no exterior, onde temos espaço para lutar e libertar o poder do céu.

Acelero para passo de corrida. As mãos do rei são como alge-mas à volta do meu pulso — frias e cortantes —, mas ele não põe em causa as minhas ações nem faz ameaças. Os Kalima tão-pouco.

Não voltarão a duvidar de mim.

Avanço resoluta, calculando a distância até à saída. Vinte pas-sos. Dez. Retiro a mão da parede e estendo os braços para abrir as portas duplas, mas o som de um apito agudo faz-me parar. O Rei Celeste e vários outros chocam contra as minhas costas e as suas queixas atingem-me como estilhaços, mas ordeno-lhes que se ca-lem. O apito aumenta de intensidade. Está mais perto. Sinto um nó no estômago. Aquele som é um prelúdio de morte. Um som que sempre associei à vitória até a Enebish se virar contra mim durante a execução do Temujin.

— Para trás! — Viro-me e empurro o Rei Celeste às cegas. Ele cai em cima do Varren, que tomba para cima de outra pessoa, mas nem ouço os seus queixumes. O estrondo do mármore a explodir abafa qualquer outro som.

Sou atingida por detritos na cara, e uma onda de calor escaldante projeta-nos de volta para o corredor. Como se não pesássemos mais do que uma erva daninha.

O que acaba por ser uma bênção, já que toda a parte final do corredor foi arrasada por uma bola de fogo das estrelas que deixou um rasto vermelho e dourado que se estende até à parede enegrecida. Olho para aquela devastação. Siderada. E depois furiosa.

Eles atacaram pela entrada das traseiras.

A frustração cresce dentro de mim até a minha visão se inflamar. Enganei-me. Não conheço o Temujin tão bem como pensava, apesar de ele me atormentar como um fantasma vingativo há vários meses, avivando feridas invisíveis que não podia saber que existiam.

— Invocadores da Neve! — grito. O calor proveniente do fogo das estrelas parece ainda mais quente do que o fogo que ateei no cofre. Está a derreter o meu núcleo de gelo. Felizmente, os Invocadores da Neve não precisam de instruções adicionais. Flocos de neve pesada e húmida caem do teto do Tesouro e apagam as chamas. Exorto-os a continuarem, e a neve ergue uma parede branca sólida que veda o salão incinerado. Não vai travar o Temujin e a Enebish por muito tempo, mas espero que dure o suficiente.

— Congelem o chão! — ordeno à medida que retrocedo por onde viemos, confiando no brilho ténue do fogo das estrelas para nos guiar. Os restantes Kalima seguem-me, com os Arautos do Gelo atrás, pintando os azulejos com lampejos de gelo cintilantes.

— Não podemos usar a entrada principal — diz o Rei Celeste numa voz estridente que em nada lembra o homem que servi durante metade da minha vida. Mas ele tem razão. Essas portas devem ter sido destruídas como as das traseiras ou haverá traidores à espera no pátio, prontos para nos lançar uma emboscada. — Estamos encurralados!

Engana-se. Há uma alternativa — uma maneira que imaginei quando era pequena, a olhar para as janelas que cobriam a totali-

dade da parede do escritório do papá enquanto ele despachava o seu trabalho.

«O que são àquelas pontes minúsculas?», perguntara eu, com a cara colada ao vidro, fascinada com as asas geladas que se estendiam do seu escritório no segundo andar até ao edifício adjacente. Pareciam uma estrada para pássaros. Só que os pássaros não precisavam de uma estrada. Eles voam.

«Chamam-se contrafortes, minha querida», dissera o papá. «Mantêm o edifício estável, ajudam a que não se mexa. E são muito bonitos, não achas?»

Se conseguirmos alcançá-los, não serão apenas bonitos.

— Porque estamos a ir para cima? — murmura Iska quando entro pela sétima porta à esquerda e começo a subir as escadas. — Vamos ficar encurralados como leopardos da neve. Mais vale rendermo-nos aqui em baixo.

— Se quiseres render-te, fica aqui. Se quiseres fugir e continuar a lutar, segue-me — digo, enquanto embato na porta do escritório do papá.

Sou avassalada pelos cheiros familiares a fumo de cachimbo e água-de-colónia de bergamota, o que tem tanto de reconfortante como de paralisante. Ele e a mamã retiraram-se para a segurança da nossa propriedade depois do ataque ao Palácio Celeste, mas se ele estivesse aqui, nunca duvidaria de mim. O papá sempre sentiu orgulho e sempre me apoiou — prova disso são os prémios de todos os concertos ou competições em que já participei que estão pendurados pelas paredes e pelo teto. A visão das inúmeras medalhas entra-me pelos olhos e toma a pressão ainda mais avassaladora.

Tropeço na escuridão e embato na secretária gigantesca do papá. Espalho a papelada pelo chão e desarrumo as penas que estão meticulosamente organizadas. Esgueiro-me por entre mobília, levanto as mãos e tateio até as minhas palmas tocarem no vidro gelado. Abro os dedos e projeto o meu frio contra o vidro. Sinto-o

logo a estremecer e expandir, como a corda de um arco demasiado retesada.

Com um estrondo, o vidro tilinta e cai sobre as minhas botas e pela parede exterior do Tesouro, despenhando-se nas pedras da calçada. Não sei se a minha audição está mais apurada com as trevas, mas o som é mais audível do que o disparo de um canhão.

Se a Enebish e o Temujin não sabiam onde estávamos, agora já sabem.

— Vamos, despachem-se!

— Vamos para *onde*, Ghoha? — pergunta o Varren. — Queres que saltemos de uma janela do segundo andar?

— Claro que não. Há contrafortes. Caminhem até ao edifício adjacente. Espero que não tenha sido invadido.

— Como? — grita alguém.

— Não vemos nada! — atira outra voz.

— Deslizem ou rastejem — retruco. — Façam o que for preciso, mas vão. Não podemos ser capturados. Eles vão matar-nos a todos e Ashkar ficará perdida para sempre.

— Façam o que ela diz! — grita o Rei Celeste atrás de mim e, apesar das circunstâncias, o meu coração acelerado enche-se de satisfação. Sinto-me vingada.

— Podemos tentar fornecer alguma luz — diz a Weroneka, uma Fogueira do Sol. Ela e os outros tateiam o caminho até à janela e levantam esferas de luz enquanto a Lizbet se aventura nos contrafortes. É a mais pequena e leve de todos nós e, enquanto Encantadora da Brisa, pode usar o vento para se equilibrar. É a escolha natural para fazer a primeira travessia. Fico a observar a sua trança castanha até chegar a meio do caminho. As esferas dos Fogueiros do Sol tomam-se mais ténues a cada segundo que passa, encolhendo do tamanho de melões até ao de batatas, mas o poder da Enebish também começa a enfraquecer. Cada vez que ela apaga a luz dos Fogueiros do Sol, a escuridão opressiva toma-se menos

densa, adquirindo tons mais sombreados. É uma batalha de resistência, e ela está destreinada.

O Vanesh, outro Encantador da Brisa, é o próximo a subir para os contrafortes. Depois de avançar alguns passos, vira-se e estende a mão ao Rei Celeste. O Varren ajuda o rei a passar pela janela de pontas aguçadas, equilibra-o até ele se agarrar ao Vanesh, e os dois vão progredindo lentamente. Demasiado lentamente.

— Mais depressa! — sibilo. Mas os passos do Rei Celeste são pouco firmes; avança aos tropeções sob o pesado manto de pele de raposa, e os chinelos pontiagudos pouco o ajudam. — Livrai-vos dos ornamentos! — ordeno. O Vanesh vira-se cuidadosamente e, com as mãos a tremer, tenta desapertar a fivela do manto do Rei Celeste. Que está presa. Claro. O Vanesh ainda está às voltas com a fivela quando a escuridão começa a ondular. O céu assume uma tonalidade laranja e nos meus ouvidos soa um zumbido mortal.

— Para trás! — grito.

Tarde demais.

Várias bolas de fogo das estrelas silvam pela janela, demolindo o pátio e a ala leste do Tesouro. O Varren consegue saltar de volta para o escritório, mas o Vanesh e o Rei Celeste estão muito longe, quase no cume do contraforte, e deslocam-se mais devagar que nunca devido à histeria do rei, que vocifera ameaças e gesticula descontroladamente em vez de pôr um pé à frente do outro.

O tempo desacelera até parar. Do céu cai outra estrela em chamas. Atravessa o centro do contraforte, e eu assisto à queda de cada farpa e fragmento, à medida que a estrutura se desmorona.

Não.

O Rei Celeste grita. O Vanesh escorrega e tenta agarrar-se a um parapeito que não está lá.

Atiro-me para a frente, com os braços a raspar no vidro partido, como se fosse capaz de os apanhar. Ambos caem em cambalhotas lentas e arrepiantes, como as sementes esvoaçantes de um botão-

de-ouro. O Rei Celeste debate-se enquanto o Vanesh tenta reduzir a velocidade dos seus corpos com frenéticas rajadas de vento.

Do outro lado do contraforte, a Lizbet junta o seu vento à corrente, e chego a acreditar que o Vanesh e o rei vão conseguir sobreviver. Mas é então que outra rajada de fogo das estrelas embate nas ameias do Tesouro. Um gigantesco pedaço de mármore azul cede e despenha-se, como um glaciar que se desmorona no mar. Primeiro, embate no Vanesh, fazendo-o rodopiar, depois rasga as costas do Rei Celeste, que fica com a coluna torta, de uma forma pouco natural. O seu rosto fica inerte. Os gritos soltam-se da minha garganta enquanto fico a ver o Rei Celeste de Ashkar, meu senhor e mestre, a mergulhar na escuridão profunda por baixo de nós.

Enterro a cara nas mãos, estranhamente grata pela escuridão da Enebish, que me poupa ao golpe de ver o meu rei e o meu camarada desfeitos nas pedras da calçada.

Atrás de mim, os Kalima estão em silêncio. Nem consigo ouvidos respirar.

Os nossos pulmões foram esmagados, como os do Rei Celeste.

Ele não pode ter morrido. Nunca houve um líder mais poderoso na história de Ashkar. Ele é transcendente. Um deus na Terra. E um deus não pode morrer esborrachado como um inseto na calçada. Não pode.

Os soluços emergem da minha garganta inchada, e urro na direção do silêncio. Como foi a Enebish capaz de fazer tal coisa? Como foi capaz de *assassinar* o nosso rei?

— Não os desonres com as tuas lágrimas — atira o Bastian atrás de mim. — A culpa é toda tua.

— *Minha?* — Viro-me repentinamente e o meu rosto está tão endurecido pela geada que crepita e estala.

— Empurraste-o para aquela trave estreita. Provavelmente, querias que ele caísse. Provavelmente, foste tu que disseste à tua irmã monstruosa para vir.

— Se alguém tem culpa, são vocês, seus traidores! — Lanço a minha mão contra os Kalima e a geadas solta-se dos meus dedos e vai deslizar sobre as suas cabeças. — Se tivessem cumprido as minhas ordens em vez de conspirarem nas minhas costas, teríamos apanhado a Enebish e o Temujin antes de atacarem. Não teríamos sido alvos fáceis...

— Silêncio — diz o Varren.

— Não te atrevas a mandar-me calar! — rujo. — Como foste capaz de me trair? Depois de tudo o que passámos? Devias ser o meu tenente!

O Varren passa o braço tatuado pela minha cara e a sua mão sapuda tapa-me a boca. Quando tento gritar, não sai nada.

— Silêncio — diz ele novamente num sussurro.

É então que ouço. O som de vozes no pátio. Sem dúvida que os rebeldes descobriram o seu maldito prémio. Só que as vozes são melífluas e sussurradas, a cadência demasiado fluida e melodiosa para serem ashkarianas.

Uma nova onda de pânico dança na minha coluna.

— Zemyanos — sussurra a Cirina.

Só que é impossível. Não podem ter chegado já a Sagaan.

E a Enebish nunca lutaria ao seu lado. Mataram-lhe a família e queimaram-lhe a aldeia.

Mas a verdade é que também nunca pensei que ela se aliaria ao Temujin. Ou que tentaria matar-me. Já não sei o que ela faria ou não. O seu fogo das estrelas é tão inegável como os gritos em língua estrangeira que ecoam nos corredores por baixo de nós.

O meu suor congela assim que sai dos poros e rola pela minha cara como pequenos diamantes.

Isto muda tudo.

O Temujin e os seus rebeldes tomarem Sagaan é incomodativo, mas retificável — assim que a escuridão da Enebish se apagar. Os Shoniin não têm efetivos suficientes para manter Sagaan, quanto

mais o império. E os cidadãos não estavam a ser vítimas de violência. O Império Unificado não estava em perigo de colapso. Mas se os *Zemyanos* já estão aqui, se estão a tomar a nossa capital, não se avizinha um fim à vista para a devastação. Vão arrasar as nossas cidades, aprisionar o nosso povo e, se conseguirem capturar um guerreiro Kalima, como têm tentado fazer há décadas, vão matar-nos. Ou pior, manchar o nosso poder com a sua magia diabólica. Envenená-lo para o usar contra nós.

Recuo, incapaz de recuperar o fôlego. Será por isto que vou ser lembrada: a morte do Rei Celeste. A queda do império. Não pelas minhas vitórias impressionantes na frente de batalha ou pela minha lendária marcha sobre as praias de Karekemish. Não pela minha liderança inigualável ou pela força do meu gelo.

O meu gelo.

Olho para as minhas mãos, quase invisíveis na escuridão opressiva. Se consigo criar uma lâmina de gelo, porque não um contraforte?

O mero pensamento faz tremer os meus músculos. O gelo terá de ser dez vezes mais comprido e dez vezes mais espesso do que um sabre para suportar o peso de uma pessoa, e terei de mantê-lo durante vários minutos, o que pode esgotar o meu poder.

Mas é a única opção.

A nossa única esperança de fuga.

Se conseguir levar os Kalima para um sítio seguro, poderemos reagrupar. Retomar Sagaan. Serei anunciada como a maior guerreira de Ashkar, apesar de todos os obstáculos e pessoas que se interpuseram no meu caminho. Serei a sua salvadora, a comandante que se recusou a recuar após uma tragédia indescritível.

— Afastem-se! — grito, abrindo caminho até à janela. Agarro o parapeito e solto um silvo quando os fragmentos de vidro se cravam nas minhas mãos. Os meus dedos escorregam nas pedras ensanguentadas, mas fecho os olhos e imagino a forma como o contraforte de mármore azul se encaixava na parede. Uma junção perfeita. Em seguida, recrio o arco, porém, em vez de um adorno fino e in-

trincado, crio uma laje rudimentar que é duas vezes maior do que a original. É praticamente uma estrada. Se os meus guerreiros não conseguirem atravessar, não são dignos de pertencer aos Kalima.

Atrás de mim, os gritos zangados desaparecem.

— Rei dos Céus — diz Varren ao ver a minha criação a ganhar forma. As brilhantes explosões de gelo que rasgam a escuridão são estranhamente belas, como fantasmas que dançam no céu.

— Vão — ordeno. O meu nariz está a sangrar. As minhas mãos estão a tremer. O esforço de falar é demasiado exaustivo. Uma pequena fratura forma-se no centro do arco. Tenho de ranger os dentes para a preencher. — Agora — digo, ofegante e a suar com o esforço. Mas ainda assim eles hesitam.

Só quando a porta do salão se abre e ouvimos botas a subir as escadas é que os Kalima se mexem. O Bastian olha para o contra-forte, depois para mim, com o olhar carregado de respeito e talvez de uma pontada de remorso. Ótimo. Ele avança para o gelo e os outros seguem-no. A minha energia fraqueja com o peso de cada bota. A minha visão gira como sangue na água.

Aguenta. Só mais um pouco.

E se não tiver mais tempo? As histórias que contamos para assustar os novos recrutas não são inteiramente falsas. Vi a mentora da Enebish, Tuva, ficar reduzida a pó durante a Batalha das Cem Noites, quando conquistámos Chotgor.

O Varren e a Weroneka são os últimos a subir para a ponte, quando os Zemyanos penetram no escritório do papá. Gritos de batalha encham a sala — sons que assombram os meus pesadelos há quase 10 anos. Abano a cabeça porque ainda não entendo como marcharam para Sagaan tão depressa. Ou porque é que a Enebish está a ajudá-los. Vi-a salvar o Temujin. Sei que se juntou aos Shoniin.

Mas os Zemyanos estão aqui, a atacar-nos com o seu poder de Fiadeira. Isso só pode significar uma coisa:

É uma traidora ainda maior do que eu pensava.

Quando o Varren e a Weroneka estão a meio caminho da ponte, solto a mão do parapeito da janela e tento subir para o contraforte. Mas tenho as pernas trémulas e os olhos turvos. Quando olho para baixo, vejo duas janelas e dois contrafortes e não consigo distinguir o que é real. Os Zemyanos avançam pela sala, destruindo a secretaria do papá, arrasando todas as fitas e medalhas.

— Varren! — grito. — Ajuda-me!

Ele vira-se, com os olhos ainda mais esbugalhados do que quando viu os Zemyanos — eu nunca peço ajuda.

— *Por favor!* — imploro, enquanto me arrasto para a frente.

Da segurança do edifício adjacente, os outros guerreiros Kalima gritam algo que não consigo perceber.

A Weroneka olha para eles, mas o Varren continua a olhar para mim.

Mãos fortes agarram-me pelos ombros e puxam-me para o interior do Tesouro. Grito, esperneio e tento usar o meu poder, mas nada restou. Gastei cada gota de gelo no contraforte. Tento alcançar a minha espada, mas os meus braços estão inertes e os Zemyanos prendem-nos facilmente ao meu corpo. Olho para o meu batalhão através da distância sombria. Rostos que conheço há anos. Pessoas por quem arrisquei a vida. Eles devem-me isto. Os guerreiros ashkarianos nunca deixam um camarada para trás. Sobretudo o seu comandante.

Os Kalima gritam para a Weroneka e o Varren, e cada palavra é um golpe mais doloroso do que os punhos dos Zemyanos:

— Derretam. A. Ponte!

O Varren e a Weroneka trocam um olhar hesitante. A escuridão já se dissipou o suficiente. Podiam exercer o poder do céu sem correrem o risco de errar ou acertar nas casas dos cidadãos inocentes. Os Kalima podiam atacar os Zemyanos com vento, chuva e relâmpagos até conseguirem libertar-me.

Mas não o fazem.

Com um aceno sombrio à Weroneka e um olhar fugaz lançado na minha direção, o Varren vira costas e corre a esconder-se num lugar seguro. A Weroneka segue atrás dele, com uma mão ardente a derreter o caminho da fuga que eu providencieei.

À medida que o contraforte cai, o meu coração cai com ele.

Ninguém olha para trás quando os Zemyanos me atiram ao chão.

E ninguém fica para ouvir os meus gritos.

Capítulo 7

Enebish

Esboço um sorriso forçado ao ver os últimos pastores a saírem da gruta e a entrarem na rede de escuridão que criei à pressa. As junções estão pouco firmes e toscas, o cobertor instável e desajeitado, o que permite que cascos e rodas de carroça se tomem ocasionalmente visíveis. Mas é o melhor que posso fazer depois da nossa viagem cansativa desde Sagaan e das semanas que passei à fome e a discutir e a espiar os pastores ingratos e pouco fiáveis.

Pensei que o tempo passado a esconder a caravana na sua travessia do continente já tinha ficado para trás. Devíamos estar a atacar a cidade de Lutaar, a reimplantar no trono o rei Minoak e depois a libertar os outros Protetorados para tomarmos uma posição contra os Zemyanos e o Rei Celeste. Mas aqui estamos nós. A caminho de Namaag com um rei moribundo e um grupo de «rebeldes» que estão dispostos a abandonar a causa após algumas semanas de dificuldades.

Olho para a escuridão ondulante, desesperada para encontrar o rosto da Senhora nas sombras movediças.

Não pode aliviar a minha carga, nem um bocadinho?

— Devias sentar-te — diz a Ziva. — Parece que vais cair para o lado.

Afasta-se da parede oposta da gruta e oferece-me a mão.

Ignoro-a e agarro-me às rochas escorregadias.

— Estou bem, só estou cansada da perseguição de ontem à noite pelo deserto. — Lanço-lhe um olhar acusatório. — Infelizmente, não vou poder dormir esta noite, nem qualquer outra noite, *já que* convenceste os pastores de que temos de partir imediatamente, e que é mais seguro viajar quando o meu poder é mais forte. — Aponto para o grupo em movimento, com o meu olho

direito já a tremer, atento às ovelhas tresmalhadas e ao ritmo desigual, e ainda agora saímos da gruta.

Vai ser uma semana longa.

— Podias deixar-me ajudar. — A voz da Ziva é hesitante, mas os seus olhos denotam esperança.

— Não tens de tomar conta do teu pai ou coisa parecida? — Aceno para a liteira que segue no meio do grupo, aos ombros dos nossos seis homens mais fortes.

— Não há nada que eu possa fazer por ele até chegarmos a Namaag, e prometi cumprir as tuas ordens à risca. Sei que sou novato. — Ela acena com a mão, fazendo rodopiar os tentáculos da escuridão, o que torna ainda mais difícil manter o manto esticado e firme sobre o grupo. — Mas consegui esconder-me a mim e ao meu pai durante quase dois meses.

Abano a cabeça de forma tensa.

— Esconder uma caravana é muito mais difícil do que esconder duas pessoas. Não podes simplesmente atirar a escuridão ao acaso. Deve haver ordem e disciplina para que os tentáculos fiquem planos e se movam na perfeição com um grupo tão grande.

— Então, ensina-me.

Rio-me. Não consigo evitar.

— Não é algo que possa ensinar num minuto ou dois. Demora anos. Uma vida inteira de treino.

E não quero ser mentora.

A minha própria mentora, a Tuva, era tão paciente e encorajadora. Lembro-me da sua voz de pomba e mãos graciosas de artista, rodopiando pela escuridão com a facilidade de um pincel.

Durante muito tempo pensei que ela era demasiado tímida e frágil para ser uma boa guerreira ou uma mentora respeitável. Sobretudo depois da minha infância com a Ghoa. Mas agora vejo o quão forte e humilde ela tinha de ser, confiando-me o seu conhecimento e acreditando que não a deixaria ficar mal.

A Tuva teria aceitado treinar a Ziva sem hesitar. Mas eu não sou metade da Fiadeira da Noite ou da pessoa que a Tuva era. Os destroços que deixei no grande pátio são prova disso. Ela nunca se teria deixado enganar pelo Temujin e pelo Kartok.

— Não — reitero, não vá a Ziva confundir o meu silêncio por consideração.

— Mas é óbvio que precisas de mim. E o Serik disse...

— O Serik não sabe nada sobre manipular a escuridão, por isso não pode decidir em quem devo confiar para o fazer ou não.

— Tem que ver com confiança ou capacidade? Porque antes de dizeres...

— Tem que ver com as duas coisas! — expludo.

— Confiei em ti o suficiente para te seguir até estas grutas. — A voz da Ziva toma-se cada vez mais estridente. — Não mereço a mesma cortesia?

— Só vieste porque não tinhas escolha. E *podes* ajudar se ficares quieta e calada.

Aponto para a parte de trás da caravana.

A Ziva resmunga algo que não consigo decifrar e segue caminho. Tenho a certeza de que está a amaldiçoar-me, mas não ligo. Melhor ainda, a minha vida será muito mais fácil se ela me desprezar ao ponto de parar de me incomodar.

Fecho o manto das trevas atrás de nós e apanho a parte de trás da caravana. À frente do grupo, vejo um clarão dourado na escuridão. Sustenho a respiração, mesmo sabendo que não é a *Orbai*, mas apenas o manto dourado do Serik. Não obstante, o meu coração não consegue parar de sentir esperança e desgosto sucessivamente. Daria tudo para a ter aqui comigo.

O brilho repete-se quando o Serik sobe para uma carroça e olha para mim ao fundo da procissão. Durante a árdua caminhada até às grutas, foi obrigado a seguir o grupo e a derreter a neve para eliminar o nosso rasto. Ele nunca se queixou, mas eu sei que ele se sentia sozinho e desvalorizado. Agora é a minha vez de seguir

atrás, visto que não temos de nos preocupar com o rasto na areia, e daqui é mais fácil gerir o manto das trevas. Posso fazer os ajustes necessários consoante as deambulações dos pastores.

Secretamente, esperava que o Serik recusasse liderar a marcha até Namaag para que pudesse ficar ao meu lado, mas não o fez. Não podia. Os pastores confiam nele e, mais importante, ouvem-no. E fazem bem, ele esforça-se tanto para ser um bom líder. Só gostava de estar lá à frente com ele em vez de ficar aqui a comer pó com a princesa efervescente.

O Serik acena quando me vê, mas quando vê a Ziva a caminhar à frente, o seu sorriso desaparece. Sinto o peso da vergonha nos ombros. E sei o que ele está a pensar: *Tu não és assim. Não deixes que a Ghoe e o Temujin te transformem numa cínica. Precisamos do Minoak. O que significa que precisamos da Ziva. O que significa que tens de ser simpática.*

Sei que bati no fundo quando o Serik se toma a voz da moral na minha cabeça.

Olho para o lado e concentro-me nas dunas sombrias. Onde o Temujin e os seus Shoniin estão seguramente à espreita.

Durante as primeiras léguas, sobressalto-me ao menor ruído. Os meus dedos agarram-se à escuridão com cada piscar de olhos no horizonte. Mas passam-se dois dias e nem sinais dos Shoniin. Nem deles nem de ninguém. As estradas estão desertas. Não sei se é devido ao mau tempo — o vento ainda está gélido e inclemente, fustigando-nos o rosto com areia e flagelando os animais — ou ao facto de só viajarmos de noite, mas só encontramos um homem a levar um lama de aparência triste pelas rédeas.

Onde é que eles estão?

Talvez me tenha enganado. Talvez Sagaan não tenha caído tão facilmente como planeado e os Shoniin e os Zemyanos não possam dispensar guerreiros para patrulhar esta estrada. Ou talvez o cerco tenha terminado tão depressa que até Namaag já caiu e tenhamos o Kartok e o Temujin à nossa espera quando chegarmos a Uzul.

Tento imaginar o continente sob o domínio dos Zemyanos. Vão poupar os mais jovens? Os mais velhos? As cidades antigas, com a sua arquitetura deslumbrante e história rica? Ou será que vão queimar tudo, como fizeram à minha aldeia em Verdenet? Vão executar o Rei Celeste? A Ghoe?

A imagem da cabeça dela no cadafalso preenche o meu pensamento, a sua expressão sombria e desafiadora à medida que o machado zemyano se aproxima do seu pescoço. Digo a mim mesma que nada disso me interessa. Ela merece bem pior. Mas não consigo evitar um arrepio quando o aço trespassa a sua carne.

Outra noite de travessia — o que significa mais uma noite de suor e esforço para esconder o grupo; e mais uma noite a olhar para os patéticos ombros caídos da Ziva. Ela caminha vários passos à minha frente, mas ainda atrás dos pastores. Não é alta nem forte o suficiente para ajudar a carregar a liteira do pai, e os pastores não confiam naqueles que não são como eles. Sobretudo naqueles que são como eu.

Todos os dias, ela tenta entrar na multidão; e todos os dias os pastores juntam os ombros, criando uma parede para manter a Ziva de fora.

Para nos manter de fora.

Se juntarmos os olhares cada vez mais frequentes do Serik e as notas irritantes que ele me tem passado através da multidão, a perguntar se eu e a Ziva estamos a fazer progressos, sinto que vou explodir. Ou desmoronar. Provavelmente, as duas coisas.

Pois *bem*.

Cerro os dentes e obrigo a minha perna mutilada a andar mais depressa até apanhar a Ziva, que está a atirar areia às costas dos pastores. Não serei sua mentora, mas creio que posso esforçar-me um pouco mais no capítulo da amizade.

— São um pouco insuportáveis, não são? — digo.

Ziva dá um salto e olha para mim.

— O que fazes aqui?

— Estou a caminhar. E a falar contigo, se não te importares. Ela franze a testa.

— E porque farias isso?

— Sinto muito pela forma como tenho agido. Estou desorientada, exausta... e magoada — acrescento, quase em surdina. Não queria admiti-lo, porque ao reconhecer que o Temujin, o Kartok e a Ghoo me destruíram, sinto que, de alguma forma, estou a dar-lhes ainda mais poder. Mas, na verdade, fez-me sentir um pouco melhor. Mais forte. Porque essa sensação, essa vulnerabilidade, é o que me separa deles.

— Podes não acreditar, mas sei o que é ser magoada e traída — diz a Ziva após um longo silêncio. — O teu império, os nossos supostos protetores, tentaram matar o meu pai.

— Sinto muito — digo-lhe. E é sentido. — Nunca foi por isso que lutei.

Ela acena com a cabeça e voltamos a ficar em silêncio, de olhos postos no deserto invernos. Os pastores não veem nada além do túnel da escuridão, só o caminho à frente, para onde quero que vão. Digamos que têm umas palas, como os cavalos. Mas a Ziva consegue ver tudo: as dunas, tingidas de roxo ao luar; a geada que polvilha as pequenas flores de gato; e a raposa que se esgueira pela vegetação e salta para uma pedreira invisível.

— Quando é que o teu poder se manifestou? — pergunto, a tentar parecer amigável.

— Isso que te interessa? — responde-me, olhando para mim como eu se quisesse enganá-la. — Quando é que o *teu* poder se manifestou?

— Ao bater da meia-noite, no meu 11.º aniversário.

Ela resfolega.

— Claro que sim. Deves ter feito algo de *muito* heroico.

Sei que ela está a gozar comigo, mas encolho os ombros e respondendo com sinceridade.

— Na verdade, não. Os salteadores zemyanos saquearam a minha aldeia, Sangatha, quando eu tinha 8 anos, e incendiaram a nossa cabana. A minha mãe atirou-me pela janela para me salvar, mas voltei lá para dentro. Recusei-me a deixá-los morrer. Mas era demasiado tarde. O telhado desmoronou. Só sobrevivi porque ainda mal tinha passado a soleira da porta e evitei o pior. Acho que a Senhora do Céu apreciou o meu esforço.

— Perdeste os teus dois pais?

Assinto com a cabeça.

— Assim como a maior parte da minha aldeia.

— Não sei se a minha mãe está viva — admite a Ziva, com a voz embargada. — Não consegui salvar os dois. Não houve tempo. O papá estava a sangrar, e não sabia se havia mais assassinos atrás de nós, por isso fugi.

— Tenho a certeza de que a tua mãe está bem — digo, sem fundamentos para tal.

— Sim, se achares que ficar presa no palácio com o governador imperial é estar *bem* — murmura a Ziva, sombria. — E isso na melhor das hipóteses.

— Mas conseguiste salvar o teu pai. O rei! O que é um feito incrível. Como conseguiste? Usaste o teu poder?

— O meu poder só se manifestou depois de termos fugido. No início, pensei que as sombras que me atormentavam eram uma maldição, um castigo enviado pela Senhora e pelo Pai por ter tirado a vida a um homem.

— É o contrário. O poder foi uma recompensa pela tua coragem.

— Achas que esfaquear um homem pelas costas é um ato de coragem? — pergunta, num tom de voz tão sumido que quase me parece o restolhar da areia ao vento.

— Não era um homem inocente. Era um assassino.

A Ziva franze a testa e vira-se para a frente. Quero puxar por ela, mas obrigo-me a ficar calada, dando-lhe espaço para preencher o silêncio.

Depois de quase dez minutos, ela atira:

— Eu... eu nem sequer quis matá-lo. Foi a meio da noite. Eu devia estar a dormir, mas fiquei com sede e quando ia a caminho da cozinha para beber um copo de leite, vi três guardas mortos no corredor. Quis gritar, mas vi uma sombra a entrar no quarto do papá, por isso agarrei na espada de um dos guardas e segui-a. Tenho treino de esgrima desde os 5 anos, por isso senti que podia pelo menos assustá-lo. Pensei que fosse um ladrão, à procura de ouro e joias nos apartamentos reais. Mas depois vi-o debruçar-se sobre a cama do papá e erguer uma faca.

» Não me lembro do resto. Só sei que nunca me mexi tão depressa em toda a minha vida, e nunca vi tanto sangue. Estava por todo o lado. A jorrar do papá e do assassino, a manchar a roupa da cama, o tapete e a minha camisa de noite. Quando o assassino bateu no chão, arrastei o papá para fora da cama e para o corredor com ideias de o levar aos curandeiros, mas no andar de baixo só ouvia o barulho de botas a marchar e de vozes a gritar, todas em ashkariano. Por isso arrastei o papá pelas escadas de serviço até ao celeiro, onde encontrei uma carreta. Consegui pô-lo lá dentro e puxei-o dali para fora. Estava demasiado assustada para pensar para onde ir ou em quão estranho era que ninguém nos travasse. Agora, sei que foi porque não nos viram. Evoquei a escuridão sem sequer me aperceber.

Lágrimas prateadas corriam-lhe pela cara, e ela limpou-as *furiosamente*. Sinto uma súbita afinidade com ela, não tanto ternura, mas compreensão.

— Passaste por muito.

— E isso foi apenas o começo! — diz ela com um riso histérico. — Agora, estes irritantes tentáculos pretos não me deixam em paz, mas também não colaboram comigo, e sinto uma dor constante na cabeça e a garganta sempre arranhada. Sinto que estou a perder o juízo. — Ela levanta a mão e os fios das trevas espalham-se por todo o lado, interrompendo o meu ténue domínio. Mas guio os tentáculos de volta ao devido lugar sem me queixar.

— No início, os poderes Kalima podem ser avassaladores, mas podes ter a certeza de que esta é a vontade da Senhora. Salvar o teu pai despertou o teu poder, o que significa que passaste no teste.

— Então porque sinto que falhei? — Ela entala os caracóis atrás das orelhas e encara-me, com os olhos vidrados e em ânsias.

Não digo nada. Não posso dar-lhe o que ela quer. Não posso ensiná-la a controlar a escuridão. E ela não devia querer que eu o fizesse. Sou um fracasso. A última pessoa no continente que deveria dar lições ou conselhos.

— *Por favor...* — implora, mas eu interrompo-a.

— *Por favor*, não me peças para fazer algo que ambos sabemos que vai acabar mal.

— Achas mesmo que sou assim tão inútil e incompetente?

Não. A inútil e incompetente sou eu. Mas minto e digo:

— Sim.

Porque isso vai afastá-la de mim. E é isso que os mentores fazem: mentir.

A Ziva volta a ignorar-me e a evitar-me, e a minha consciência volta a ficar pesada. Só que agora é uma pulsação constante, em vez da ponta afiada e fugaz que sentia quando os olhos do Serik se cruzavam com os meus. Mas não sei o que dizer. Não sei o que fazer. Tentei ser simpática, e correu mal. Ela não quer uma amiga. Quer uma mentora. Algo que eu nunca serei.

À medida que a temperatura sobe e os pântanos começam a intercalar as dunas de areia, a disposição do grupo melhora consideravelmente. Os pastores começam a rir e a cantar. Alguns até me dirigem a palavra, e não só para reclamar.

Chegamos aos escarpados bosques de ciprestes que cobrem a maior parte de Namaag ao nascer do sol do nosso último dia de viagem. O espaço é escasso, temos todos de nos encolher no emaranhado de raízes que atuam como um caminho por cima da

lama, mas é mais seguro se passarmos as perigosas horas de luz ocultos pela sombra das árvores.

Consigo encontrar um pequeno recanto, longe de todos os outros, e estender o saco-cama. As articulações nodosas das árvores estão longe de ser confortáveis, mas pelo menos estão secas. E estou demasiado cansada para me importar com isso. As minhas mãos não param de tremer, o meu nariz está a pingar sangue e o manto de escuridão começa a mostrar sinais de desgaste.

Felizmente, vamos chegar a Namaag esta noite.

Aninho a cabeça nas mãos, deito-me a contemplar o musgo a balançar na brisa, tão verde que é quase negro contra o pano de fundo das dunas brancas e arenosas. Estamos na fronteira de dois mundos distintos: um pé em Verdenet e o outro em Namaag.

— Parece que te dás bem com os pântanos — diz o Serik, aparecendo do nada.

Endireito-me de repente.

— O que fazes aqui atrás? Quem está ao comando da caravana? Sabes como são os pastores, não podes deixá-los sozinhos por um segundo. E eles precisam do teu calor!

— Calma. — O Serik espalha o seu saco-cama ao lado do meu.

— Nos pântanos não está tanto frio, caso ainda não tenhas reparado, e deixei o Azamat no comando.

— O Azamat! — Tento pôr-me de pé, mas o Serik agarra-me o braço e ri-se.

— Sim, o Azamat. Eles ficam bem durante alguns minutos.

Além disso, Uzul é já ali à frente, basta seguir o carreiro de raízes elevadas. Não seria muito fácil perderem-se.

— Tens demasiada confiança neles — resmungo.

— Talvez porque tu nunca lhes dás confiança suficiente... — A voz do Serik é doce, nada acusatória, mas não deixa de me fazer comichão.

— Eles não a mereceram.

— Não? Quando olhas para a evolução deles e para aquilo por que passaram... é notável.

— Falas como um verdadeiro «herói do povo». — Abano a cabeça e aperto-lhe o nariz sardento. — Vieste ter comigo só para me fazer sentir mal?

— Isso, e porque tenho frio a dormir sozinho. — Lança-me um sorriso atrevido enquanto se enfia nos cobertores, aproximando-se o mais possível de mim sem entrar no meu saco-cama.

— Nunca tens frio. E o Azamat? Tu e ele parecem cada vez mais próximos...

O Serik solta uma gargalhada.

— O Azamat é demasiado ossudo para se abraçar, já para não falar do hálito dele.

— É impossível *não* sentir o cheiro do hálito dele. — Rio-me. — Até aqui atrás o sinto.

Os braços do Serik serpenteiam à volta do meu corpo e eu deixo-me derreter no seu calor, pressionando a minha cara contra o peito dele.

— Senti a tua falta, En — murmura para o meu cabelo.

— Fizeste um excelente trabalho a liderar a caravana — digo.

Acena com uma mão como se não fosse nada de mais, mas os seus olhos de avelã brilham com satisfação.

— Ninguém se perdeu, e os pastores não se mataram uns aos outros, e *eu* não matei nenhum deles, por isso suponho que seja um sucesso. Também te saíste bem a proteger-nos. — Vira-se de lado para ficarmos cara a cara. As sardas fundem-se num laivo de bronze brilhante sobre o nariz, e só me apetece traçar com um dedo uma linha que una os sinais. — Mas preocupa-me que seja demasiado para ti, En. Vejo como as tuas mãos tremem, como ficas pálida e exausta, como a escuridão vacila ocasionalmente... — acrescenta, em surdina, mas a sua expressão é penetrante. — De vez em quando, até os guerreiros mais fortes precisam de ajuda. E tu tens ajuda. Ali.

Ele acena por cima do meu ombro, na direção da Ziva, que está sentada num ramo baixo, tentando pela milésima vez encher as mãos com as trevas. Quando inevitavelmente falha, lança as mãos ao ar com uma maldição e quase se atira para a água turva.

— A sério? — digo, impassível.

— Sei que não te agrada a ideia de a treinar — diz o Serik —, mas acho que seria bom para as duas.

— Como é que isso seria bom para mim? Olha para ela! Já estou exausta, e *isso* só me vai deixar mais cansada.

— Ao princípio, talvez sim, mas vai aliviar-te o fardo a longo prazo.

Peço aos céus para não ficar presa à Ziva a longo prazo, mas sei que é melhor não dizer isso em voz alta.

— E seria bom para o grupo — continua o Serik. — Os pastores podem estar mais inclinados a confiar em ti se te virem a confiar nela.

— Não vai mudar nada — resmungo. — Eles vão desprezar-me, dê por onde der.

— Mas nunca foram deliberadamente contra o teu juízo... — O Serik fica em silêncio por instantes, com o dedo a desenhar círculos minúsculos no meu braço. — Porque é que têm de conquistar a tua confiança, En? Sempre procuraste o melhor nas pessoas e sempre confiaste às cegas, até as circunstâncias provarem que elas não eram merecedoras.

Afasto-me do Serik, abano a cabeça sem conseguir acreditar nas suas palavras porque ele *sabe* porquê. Ele estava lá! Aquela versão ingénua e idealista de mim morreu quando a Ghoe, o Temujin e o Kartok me apunhalaram pelas costas.

Levanto-me a custo, pronta para lhe lembrar isso mesmo, mas antes que eu possa abrir a boca, um guincho familiar enche o ar.

O meu coração para e olho para o céu, para as penas douradas que mergulham nas árvores.

Capítulo 8

Enebish

— *Orbai!*

O seu nome rasga-me as entranhas, tão natural e instintivo como a respiração.

Sinto os olhos marejados de lágrimas quando a vejo planar graciosamente por entre as árvores. Senti a sua ausência como a de um membro perdido. Como se ela me tivesse arrancado o coração e levado para longe nas suas garras. Mas agora está de volta. *Ela* está de volta. Eu estou completa.

Chamo-a novamente e corro na sua direção, de braço no ar. Tão efusiva que me esqueço de que ela pode representar uma ameaça, até mergulhar e repousar pacificamente na liteira do rei Minoak. As suas garras esgravatam-lhe o peito e arrancam um pedaço da túnica e da pele do rei, que leva consigo enquanto sobe novamente para as copas das árvores.

Por um segundo, o único som audível é o gemido de Minoak.

Logo a seguir, a Ziva começa a gritar e os pastores seguem o exemplo. Correm em todas as direções enquanto os observo, dormente, alheia ao meu corpo físico, enquanto a minha águia voa para a orla do bosque e aterriza no ombro de uma figura que enverga o cinzento dos Shoniin. A *Orbai* deposita o pano ensanguentado na mão estendida, e a figura acena-o como se fosse uma bandeira.

Não consigo respirar. Não posso fazer nada a não ser ver a minha melhor amiga empoleirada no ombro de um deles. Não esperava vê-la de novo antes de matarmos o Kartok e cortarmos a ligação do Loridium.

Mas é claro que ele enviaria a *Orbai* para me provocar.

Para me enfraquecer.

— Enebish! — O Serik tem a cara tão vermelha que deve ter gritado o meu nome pelo menos dez vezes. — O que faz a *Orbai* com eles? E a atacar-nos? Faz alguma coisa!

Bafejo as sombras viscosas que espreitam por baixo da copa das árvores. Resta muito pouca escuridão. Os poucos fios persistentes estão desesperados para evitar a luz do dia, mas faço um esforço desesperado para os agarrar. Se o batedor voltar para junto do Kartok e do Temujin, os exércitos Zemyanos e Shoniin voltarão aqui para nos massacrar.

Parece que estou a raspar o fundo do poço pelo meu poder, mas consigo estabilizar e atirar os tentáculos contra o chão com estrondo.

Durante um segundo nada acontece. O choque atinge-me como um murro no estômago. Fui longe demais, evoquei o meu poder demasiado tempo. Então é isto que sentimos quando estamos desprovidos de magia. Mas logo a seguir sinto um aperto dentro de mim e a noite estende-se para fora, percorrendo a via navegável arenosa entre os pântanos e as dunas. Engolindo a manhã rosada e o batedor.

— Temos de os deter! — Desato a correr e tropeço imediatamente. O meu corpo está fraco e entorpecido. As raízes do cipreste enredaram-se na minha perna.

O Serik aparece à minha direita, com a respiração pesada. Pelo menos uma dezena de pastores flanqueiam a minha esquerda. Lalyne, Azamat, Iree e Bultum. Todos unidos pela primeira vez desde que deixaram as pastagens.

— Atira-lhes o fogo das estrelas! — grita o Azamat.

O batedor ainda está ao alcance, a cambalear por entre o último dos canaviais. Se chegar às dunas de areia, vai correr várias léguas sem o impedimento das rochas e árvores do pântano. Nunca o apanharemos. Nem mesmo com a escuridão.

— Acaba com ele! — grita Iree.

— Depressa! — reforça Bultum.

Engasgo-me com um lamento agonizante. Eles têm razão. De-
via fazer abater as estrelas sobre o batedor. Mas não posso, porque
Orbai voa diretamente sobre a cabeça dele, a seguir o batedor como
costumava fazer comigo.

— De que estás à espera? — exige a Lalyne.

Não sabem o que a *Orbai* significa para mim. Não conseguem
perceber.

— Ainda estamos nos pântanos — digo, tentando arranjar uma
desculpa. — Acham que o rei Ihsan se juntará à nossa causa se eu
incendiar o seu reino?

— Enebish. — O Serik vira-se para mim, sem pinga de sangue e
com a aflição plasmada no rosto. — A *Orbai* compreenderia.

— Não! — grito. Não posso matar o meu pássaro. *Não posso.*

E o Kartok sabe disso.

Ajuda-me. Caio de joelhos, implorando à Senhora do Céu que
intervenha.

— Eu trato disso. — A Ziva surge do fundo do grupo, com a mão
já erguida para o céu.

Sou tomada pela náusea.

— Nem sequer consegues agarrar a escuridão com as mãos.

É impossível...

A Ziva esmurra a areia com um grito ensurdecador. Por cima de
nós, uma estrela carmesim ofuscante atravessa a manhã dourada e
acelera em direção ao batedor.

E à *Orbai*.

O meu coração bate descompassado. O mundo perde os con-
tornos, como se estivesse encerrado atrás de uma vidraça de gelo.

Não escolho conscientemente evocar outra estrela, mas de
repente ela está lá, a queimar-me a mão, e atiro-a.

Não contra o batedor, mas contra o astro volátil da Ziva.

— O que estás a fazer? — Os pastores gritam e tapam a cabeça enquanto os dois projéteis de fogo das estrelas colidem.

A explosão é mais violenta do que qualquer outra coisa que alguma vez senti. Ainda mais devastadora do que aquela que arrasou o Palácio Celeste. O céu incendeia-se numa explosão de luz, cem vezes mais brilhante do que o Sol. Fogo branco e faíscas fervilhantes rasgam o manto da escuridão. Um segundo depois, um estrondo abala a terra, prostrando todos os que estão nas imediações. Parece que o mundo está a dividir-se em dois. A autoconsumir-se.

À medida que as torrentes de cinza caem, o chão assenta com um gemido e o brilho desaparece. A minha visão regressa mesmo a tempo de ver o batedor shoniin a chegar à crista da duna. Vira-se, acena com a sua lembrança ensanguentada do rei Minoak e desaparece no deserto com a *Orbai* a guinchar atrás de si.

Tusso e caio sobre o chão pantanoso. Sinto que tenho um punhado de lã enfiado nos ouvidos. Infelizmente, não é o suficiente para bloquear a raiva dos pastores.

— Estás completamente descontrolada! — atira a Lalyne.

— Eles virão atrás de nós — diz o Iree enquanto tenta levantar-se, em vão. — Condenaste as nossas famílias à morte!

— O fogo das estrelas da Ziva era instável — contraponho desesperadamente. — Podia ter-nos destruído. Tive de anular a ameaça...

A minha voz desaparece quando me apercebo do significado das palavras: *tive de anular a ameaça*.

Foi exatamente o que a Ghoha me disse em Nariin.

Encosto a cara na areia molhada e respiro de forma ofegante.

— O fogo das estrelas dela não parecia mais instável do que o teu — diz o Bultum.

— Não acredito que preferes sacrificar a vida destas pessoas inocentes a dar-me uma oportunidade — cospe Ziva, num tom de voz cortante.

— Não é isso... — Tapo a cara com o braço, como se bloquear os honores mudasse o que tinha acontecido. — Não teve nada que ver contigo, Ziva, foi tudo por causa da minha águia. — É a verdade. E é também a pior coisa que podia ter dito.

Os olhos do Iree voltam a ficar esbugalhados, ainda mais do que durante a discussão sobre as rações roubadas, que parece agora tão trivial.

— Águia? — diz, apontando para o céu matinal vazio. — Sacrificaste-nos a todos por um pássaro?

— Não, não foi isso que eu quis dizer. — Lanço um olhar de suplica ao Serik, implorando-lhe que me defenda como sempre fez, mas ele continua a olhar para o deserto, com a testa sulcada e o maxilar cerrado. Como se estivesse zangado. Ou desiludido. Mas como? É o único que sabe o que a *Orbai* significa para mim. E foi mesmo a opção mais segura. A Ziva é perigosa e inexperiente.

— Nunca devíamos ter seguido Enebish, *a Destruidora!*

Os pastores continuam a atormentar-me.

— Junta mais mil vidas ao teu número de mortes!

Devia ficar calada — nada do que possa dizer vai ajudar —, mas já não aguento mais o seu escárnio, desconfiança e ingratidão.

— Eu não queria vir para aqui! — As palavras furiosas projetam-se dos meus lábios como um enxame de abelhas agitadas, picando tudo à sua volta. — Eu *sabia* que os Shoniin estariam a vigiar esta estrada. E eu avisei-vos. Mas, mais uma vez, ninguém valoriza a minha opinião.

— E com razão! — A Ziva levanta a mão para o céu, onde fantasmagóricos fios de fumo ainda mancham o azul celeste.

Rio-me amargamente e viro costas, furiosa por serem todos tão obtusos, farta de me defender constantemente e devastada com a terrível possibilidade de haver uma parcela de verdade naquelas acusações. Apesar das minhas boas intenções, de facto, os meus esforços parecem resultar sempre na perda de vidas inocentes. Sou Enebish, *a Destruidora*, faça o que fizer.

— Desculpem — murmuro, numa voz sumida. Mas ninguém responde. Não sei se é porque não me ouviram ou porque optaram por não ouvir. De qualquer forma, desisto e lanço apelos silenciosos à Senhora e ao Pai. São os únicos que podem ter pena de mim agora.

Perdoem-me. Deem-me forças. Mostrem-me o que fazer.

Mas não vejo nenhum relâmpago de clarividência, e as respostas não aparecem na minha mente como por milagre — como acontece quando escrevo no meu Livro de Murmúrios —, mas enquanto rezo, sinto o calor de braços firmes que me envolvem e que me dão alento para me levantar do chão.

— Temos de ir — diz o Serik com um suspiro cansado. — Não sabemos onde os Shoniin e os Zemyanos estão acampados, e temos de estar dentro das muralhas de Uzul antes que cheguem.

— Não vou a lado nenhum com ela — diz a Emani, a assustadora mulher do Bultum, apontando-me um dedo.

— Por favor, não tomes isto mais difícil do que já é — pede o Serik. — É fácil clamar por sangue quando esse sangue não mancha as nossas mãos. Estamos todos a fazer o nosso melhor. Incluindo a Enebish.

Os pastores murmuram e queixam-se, mas deixam-me seguidos até onde está o resto da caravana à espera — até onde estão centenas de outras pessoas que ficarão igualmente furiosas comigo. Decido que não é o momento de mencionar o problema ainda maior que todos parecem ignorar: o rei Ihsan nunca nos receberá em Namaag. Não se souber que os Shoniin e os Zemyanos nos perseguem.

Durante o resto do dia, ninguém fala comigo e nem sequer olha para mim. O que não é uma grande mudança em relação aos outros dias. Na verdade, até prefiro assim. É mais silencioso, mais fácil, melhor. Ou seria, se não tivesse de ver os pastores a louvar e a mimar a Ziva. Assim que avançamos para os pântanos, eles puxam-na para o centro da caravana, acariciando-lhe o cabelo e oferecendo-

lhe água, mostrando um súbito interesse pela sua história, como se o seu fogo das estrelas fosse suficiente para os salvar.

Se querem aplaudir alguém por rajadas de fogo das estrelas errático e decisões perigosas e intempestivas, esse alguém devia ser eu. Mas ela é a heroína e eu sou o monstro, mesmo que já estivessem todos mortos se a Ziva os tivesse guiado desde o início.

As minhas botas ensopadas tropeçam numa raiz saliente e quando caio no caminho inclemente pela que me parece ser a milésima vez, um pensamento inesperado toma conta de mim: Foi assim que a Ghoha se sentiu quando passei a ser eu a destinatária das missivas do Rei Celeste? Quando os Kalima passaram a dirigir-se a mim e não a ela em busca de conselhos? Quando as multidões em Sagaan começaram a aplaudir mais vivamente o meu poder?

Claro que eu nunca mutilaria a Ziva ou a incriminaria de um massacre, mas senti um arrepio, apesar do ar mais quente do pântano. Onde está a Ghoha agora? O que se passa em Sagaan? Quero saber, e ao mesmo tempo, não. Estaria a mentir se dissesse que não há uma parte de mim que espera que tenha sofrido uma morte horrível. Mas se ela estiver morta, significa que o Kartok e o Temujin conseguiram tomar a capital. E a ideia de o seu plano ser vitorioso, e de saber que tive uma quota parte de culpa nisso revolve-me o estômago.

Não há uma boa opção. Não há um desfecho positivo.

Tento distrair-me com a paisagem. Sabia que Namaag seria húmido e densamente arborizado, mas nada me poderia ter preparado para a extraordinária beleza dos pântanos. Os rios emaranham-se e serpenteiam pela floresta, cada um com uma cor diferente: do azul do céu noturno e do verde das algas ao castanho do lodo e ao amarelo do enxofre. Sinto o ar pesado na minha garganta e um sabor enjoativo a podridão.

É o único Protetorado que nunca visitei. O rei Ihsan aliou-se aos Ashkarianos muito antes de eu nascer, quando o Rei Celeste o convenceu a construir aquedutos até Sagaan para acabar com as secas, e desde então que ele não tem agitado as águas. Nunca

houve motivos para enviar os Kalima. Estávamos ocupados a lutar com Zemya e a anexar os outros territórios.

Um estranho inseto iridescente zumbia à volta da minha cabeça, mais alto do que os moinhos de especiarias do mercado de Nashab, e o ar enche-se do som dos chamamentos de pássaros. Nunca na minha vida vi tantos pássaros! Garças, cegonhas, patos e íbis. Noutras circunstâncias, teria adorado tudo aquilo, mas cada bico e cada pena me recorda a *Orbai*, a atacar o rei Minoak, a escolher o batedor, a abandonar-me quando mais precisava dela.

A fúria e o desgosto travam um combate pelo controlo do meu coração, ao ponto de só me aperceber que a caravana está parada quando embato nas traseiras de uma carroça. Conto ser brindada com um olhar fulminante do dono, mas ele não olha para trás. Ninguém olha. Toda a caravana está fascinada a olhar para a cidade de Uzul, à nossa frente.

Foi construída nas copas das árvores, sobre plataformas e pontes que ligam as gigantescas árvores entre si. Tento absorver tudo o que vejo, de queixo caído. Se algum rei se deve intitular Rei Celeste, é inegavelmente Ihsan. O mais certo é os seus pés nunca tocarem no chão. Os telhados das casas estão cobertos por musgo, e as paredes são construídas de forma a parecerem folhas, fundindo-se perfeitamente na folhagem. Tubos de cobre que se assemelham a ramos espalham-se pela parte inferior, sugando a água do pântano que abastece as casas nas copas das árvores.

Tudo é verde, tão verde como o falso Azul Eterno do Kartok, à exceção dos laivos de amarelo, laranja e turquesa que pontilham a vegetação densa. Ao princípio, confundo-os com pássaros, mas à medida que olho com mais atenção, percebo que são *pessoas* num corúpio pelas vias de passagem.

Tão cedo não retomamos a nossa marcha. Presumo que o Serik e o chefe de cada família de pastores estejam a discutir as táticas da nossa entrada — coisas que não me dizem respeito —, por isso dou um salto gigantesco e quase caio à água turva quando alguém toca no meu cotovelo.

— Já tinhas visto algo tão extraordinário? — Os olhos cor de avelã do Serik brilham e há uma nova jovialidade na sua passada. É uma grande diferença do fiapo de gente de olhar baço em que se tomara nas últimas semanas. — Conseguimos, En.

Por pouco, apetece-me dizer, mas recuso-me a tirar-lhe este momento. E ele tem razão. Namaag é inacreditável. Sorrio e passo o meu braço pelo seu.

— Conseguimos — repito. — O que me faz pensar no que fazes aqui comigo, nobre líder.

— A Ziva achou que seria melhor ser ela a abordar primeiro os Namagaanos, sozinha, por isso pude tirar algum tempo para mim.

É claro que a Ziva quer ir sozinha. Para depois poder dizer que só entrámos na cidade graças a ela e aos seus contactos.

— Para com isso — admoesta o Serik com uma cotovelada. — Consigo ouvir todos os pensamentos horríveis que passam pela tua cabeça.

— Para de escutar os meus pensamentos se não gostas deles — digo, com um sorriso seco.

O Serik puxa-me para junto de si, e consigo sentir o calor do seu flanco.

— Compreendo que estejas frustrada com ela.

— Frustrada? — Engasgo-me com uma gargalhada cínica. — Ela tentou matar a *Orbai* e fez-me parecer uma traidora errática e desequilibrada.

— Ela não é de todo inocente, mas foi a tua reação que motivou a ira dos pastores. Atacaste o fogo das estrelas da Ziva em vez do batedor. Mesmo que tenha sido por um bom motivo — acrescenta, antes de eu me zangar. — Tinhas de o fazer. Às vezes, não podemos deixar de acreditar nos nossos amigos, mesmo quando parecem desesperados e perdidos. Nunca se sabe quando as circunstâncias vão mudar. Ou quando pode surgir uma nova verdade. Ele olha para mim com aqueles olhos de lua crescente, e eu derreto.

Completamente impotente pela proximidade dos nossos lábios e pelo nó que sinto no estômago.

— Estás a anunciar os teus pensamentos outra vez — sussurra.

— Gostas mais desta mensagem? — pergunto.

— Muito mais. — O olhar dele recai na minha boca, antes de se afastar, com relutância. — Mas há uma coisa que não percebo: o que fazia a *Orbai* com aquele batedor?

— O Kartok curou-a com Loridium, um tipo de magia zemyana. Ficaram ligados — murmuro, à espera de que as palavras doam menos se forem ditas em surdina.

— Foi por isso que não veio connosco quando saímos do *xanav*? Assinto.

— E não achaste por bem dizer-me isso? — O Serik evita gritar. Por pouco. — Céus, En. O Temujin e o Kartok sabem o que ela significa para ti. Sabem que podem usá-la para te manipular e para nos colocarem em perigo.

— Lamento — sussurro.

O Serik suspira.

— Tenho de voltar, vim só ver como estavas e pedir-te que ajudasses a que isto corra bem. Temos de convencer os Namagaanos de que esta rebelião vai ser bem-sucedida, o que nunca acontecerá se nos virem a discutir entre nós. Temos de apresentar uma frente unida, um batalhão eficaz, se não mesmo imponente.

Se fosse outra pessoa a dar-me este sermão, eu reviraria os olhos e mandá-la-ia dar uma volta, mas aceno e digo:

— Eu sei.

— Isso significa que tens de acreditar que eu e o grupo vamos tomar as decisões certas. E tens de estar disposta a confiar nos nossos potenciais aliados. E acabaram-se os segredos.

— Não achas que isso é um pouco hipócrita? — indago.

O Serik franze o sobrolho.

— Como assim?

Os pastores estão a uma distância segura, mas baixo o tom de voz e aproximo-me dele.

— O rei Ihsan nunca nos receberá se souber que estamos a ser perseguidos pelos Shoniin e pelos Zemyanos. Ele não é muito amigo de ajudar. Namaag só apoia as nações vizinhas se isso não representar uma ameaça para o seu território e para o seu povo. Que é uma das razões pelas quais eu não queria começar o nosso recrutamento aqui. É o único Protetorado que não foi explorado pelo Rei Celeste porque Ashkar depende dos seus aquedutos, por isso não são tão hostis em relação ao Império Unificado.

— Para todos os efeitos, não sabemos se o Temujin e o Kartok estão a chegar, por isso não precisamos de lhes dizer nada — argumenta o Serik, e agora sou eu que lhe lanço um olhar de dúvida.

— Tal como não sabemos se o Sol se vai erguer todas as manhãs, mas é uma hipótese tão remota que não nos preocupamos em considerar o que aconteceria se não o fizesse.

— As duas coisas não têm comparação — rebate o Serik.

— O que vai acontecer quando o Kartok e os Zemyanos treparem a estas árvores gigantescas para chegarem até nós? O rei Ihsan vai sentir-se usado e ludibriado. Não virá em nosso auxílio e muito menos se juntará à nossa rebelião.

— Discordo. Lutar ao nosso lado é preferível a ser conquistado pelos Zemyanos... E não interessa que não seja muito honesto da nossa parte. É a nossa única opção. Só temos de esperar que o batedor seja lento e que os guerreiros que o Temujin e o Kartok enviarem sejam ainda mais lentos. As pradarias são inclementes nesta época do ano e eles não têm Fogueiros do Sol.

Mordo o lábio inferior e olho para a cidade na copa das árvores.

— Há tanta coisa que pode correr mal...

O Serik segura-me pelos ombros e obriga-me a olhar para ele.

— É disto que estou a falar, En. As coisas também podem facilmente correr bem. Tenta ver o lado positivo. Nunca conseguiremos convencer os Namagaanos a fazer esta aliança sem a tua

ajuda, mas estaremos condenados ainda antes de entrarmos em Uzul se albergares desconfianças e permitires que o passado te assombre. Esquece-o... por ti mesma. Por todas estas pessoas que dependem de nós — diz, apontando para os pastores — e pelo teu povo cativo em Verdenet.

Olho-o nos olhos, calorosos, doces e cheios de esperança apesar de tudo.

— Está bem. Arranja-me uma pá — sugiro, com um aceno relutante.

A expressão na cara do Serik denota confusão.

— Uma pá? Para que queres uma pá?

— Porque estou finalmente pronta para enterrar o passado.

Capítulo 9

Ghoa

Os Zemyanos riem-se e felicitam-se uns aos outros enquanto me enfiam à força na parte de trás de uma carroça coberta. Cheira a suor e a vômito, e eu encolho-me quando a minha cara bate nas tábuas e desliza por algo húmido e grumoso.

Levanta-te! Luta! Deixa de ser patética.

Mas a minha mente não consegue convencer o meu corpo a mexer-se. Nem quando os Zemyanos cospem no meu cabelo e batem a porta. Para quê? Não sou a comandante ímpar que pensava que era. Os meus guerreiros *abandonaram-me*. Depois de os salvar. Se me mexer, terei de aceitar que é *real*. Que tudo isto está mesmo a acontecer.

O Rei Celeste morreu.

Os Zemyanos tomaram Sagaan.

Não percebo como foi possível. Apesar do seu avanço, teriam de ganhar asas e voar para chegarem à capital tão depressa.

A não ser que *alguém* em Ashkar os tenha ajudado e deixado entrar na cidade à socapa.

Vejo o fogo das estrelas da Enebish a demolir o contraforte e a esmagar o Rei Celeste pela milionésima vez, e o nome dela explode na minha garganta como uma bala de canhão.

— Hipócrita! — grito. — Como te *atreves* a condenar-me pelo que aconteceu em Nariin se depois fazes algo ainda pior? Serás responsável por dez vezes mais mortes!

Por muito que inspire, não consigo encher os pulmões. Por mais que pressione a testa, não consigo abrandar o sangue que pulsa nas minhas têmporas. A Enebish é o que mais se assemelha a uma irmã para mim. É a única pessoa que eu tinha a certeza de que nunca perderia. Ela deve-me tudo. Sempre fui tudo para ela.

E é assim que ela me retribui.

Não devia ser uma surpresa para ti. Não devias permitir que isso te magoasse.

Não me magoa.

Mas à medida que a carroça avança, vejo os seus olhos escuros através do fumo da sua aldeia em chamas, em Verdenet. Sinto-a tremer à minha frente na sela enquanto cavalgamos de volta a Sagaan. Ouço a sua respiração apaziguada pelo sono, o seu corpo delgado a afundar-se no meu como se fosse o saco-cama mais confortável onde já dormiu.

— Enebish! — Volto a gritar o nome dela. Sei que está perto.

— Ao menos tem a coragem de me olhar nos olhos enquanto me espetas a faca nas costas! Como podes lutar ao lado das pessoas que assassinaram os teus pais? Como podes ajudá-los a destruir o império que te acolheu? Sabes o que isto significa para Verdenet?

Ela não responde, porque é uma cobarde. Mas isso não significa que não me possa ouvir. Respiro fundo e continuo a gritar. Tenho acusações suficientes para preencher toda a viagem até Zemya. Mas menos de cinco minutos depois, a carroça range e um rosto pálido enche a pequena janela da porta.

— Cala a boca ou arranco-te a língua — ameaça uma voz rude. Só consigo ver a metade superior do rosto do homem. Os seus olhos são da cor de um glaciador, encimados por espessas sobranceiras loiras, e uma barba dispersa cobre as suas faces. É hediondo e espectral, como se toda a cor tivesse sido sugada do seu corpo como castigo pela sua magia perversa, tal como rezam as lendas.

— Se queres silenciar-me, porque não vens tentar? — atiro.

O seu riso causa-me arrepios nos braços.

— Disseram-me que eras fogosa. Agrada-me ver que correspondeste às expectativas. Vai tomar o tempo que passarmos juntos muito mais interessante. Quanto à tua língua... porque haveria de ir aí se posso silenciar-te daqui?

Deslizou as mãos brancas pelas grades, tentando agarrar-me. Rastejo para trás, para fora do seu alcance, mas os seus braços crescem e estendem-se para mim como o caramelo que a mamã costumava fazer todos os anos no aniversário do Rei Celeste. Pressiono-me contra a parede mais distante, mas o Zemyano apanha-me facilmente. Os seus dedos nodosos contorcem-se entre os meus lábios e prendem-me a língua.

Grito e arranho a minha boca. A dor é alucinante. Parece que está a puxar-me a língua com uma tenaz de ferreiro. Tenho de o impedir, mas os meus dedos não encontram nada para agarrar. Não tenho nenhuma mão dentro da boca, mesmo que a sinta lá.

É tudo uma ilusão. A sua desprezível magia zemyana.

Amaldiçoo-o durante um minuto, desejando que fosse mesmo a mão dele. Pelo menos podia mordê-la. Quando finalmente perco o fôlego e fico em silêncio, a dor diminui. Mas assim que abro a boca para recomeçar a gritar, os dedos angustiantes regressam em força.

— Vais aprender rapidamente que será muito mais agradável se cooperares — ameaça.

— Maldito feiticeiro imundo! — grito, mesmo sabendo qual será o preço a pagar. Preciso que ele saiba que *não* vou cooperar. *Nunca*.

Agarro as barras de ferro e evoco o meu gelo, ordenando-lhes que dobrem e quebrem. Tento explodir a carroça. Mas é claro que isso não acontece. As palmas das minhas mãos nem arrefecem contra o metal. Esgotei todas as reservas que tinha para salvar os meus guerreiros traidores. O meu poder pode demorar dias ou semanas a regenerar. Se é que vai regenerar.

Afundo-me no chão a ferver à medida que a carroça treme e avança, légua a légua. Dia após dia. Os meus raptos não se dão ao trabalho de me alimentar. Todas as noites, quando acampamos, a luz da fogueira pisca através das grades e o cheiro de carne assada enche o ar, mas os Zemyanos não me atiram nem uma lasca de osso. Em vez disso, dão as sobras aos cães — pequenos rafeiros sarnentos que engolem a carne com grande estardalhaço.

Faço ali mesmo uma jura. Quando fugir, vou assar aqueles raífeiros num espeto e comê-los só por despeito, saboreando cada pedaço de nervo. Em seguida, vou esculpir flechas com os seus ossos e atirá-las aos corações dos seus donos.

Quanto mais viajamos, mais o tempo aquece. A humidade inunda o ar, soprando pelo meu pescoço como um bafo quente. De alguma forma, o cheiro a sal e areia sobrepõe-se ao fedor da carroça.

A última vez que cheirei estes odores estranhos, era eu que liderava a carga. Desci pela passagem de Usinsk, em Tabana, com os Kalima atrás de mim como um manto interminável enquanto invadíamos Karekemish. Não só invadimos a capital zemyana, como também avançámos até ao palácio à beira-mar da imperatriz Danashti antes de sermos finalmente rechaçados pela sua magia. Os melhores feiticeiros da imperatriz fizeram parecer que toda a cidade estava a afundar no mar, e nós pensámos que nos afogaríamos se não recuássemos.

Nunca tinha visto o mar, que me pareceu perigoso de uma forma que não consigo descrever. Maior do que alguma vez serei. Tinha a certeza de que nada no mundo podia ser mais infinito do que as pradarias, até ver aquelas ondas, que se estendiam até à eternidade. Um milhão de tons de azul, cada um mais profundo do que o outro.

Quanto mais nos aproximamos de Karekemish, mais impossível se torna dormir. O ar é pesado, espesso e revoltante, e levo a noite toda a transpirar. O meu poder Kalima ainda está demasiado esgotado para invocar correntes frias. Mas nem no centro de um nevão eu conseguiria dormir, da maneira como tenho a cabeça a mil. O meu pânico agrava-se todos os dias, quando penso em Sagaan e nos Zemyanos a cravar as garras cada vez mais no meu país, agora que não há nada nem ninguém para os deter.

Não temos rei, os Kalima terão recuado para o ponto de encontro nas estepes do Norte para se reagruparem, e as nossas

tropas na frente de batalha foram sem dúvida obliteradas quando os Zemyanos abriram caminho até Sagaan.

Imagino os sete setores da capital em chamas, a arder como o Palácio Celeste. Toda aquela bela arquitetura destruída. Milhares de anos de progresso, perdidos. Imagino as pessoas a correr pelas ruas como ratos diante de um gato, a gritar pela ajuda de guerreiros que nunca virão.

E o que será dos Protetorados? Quanto tempo vão demorar os Zemyanos a ocupá-los? Quero acreditar que as nossas tropas restantes vão aguentar e guardar as nossas propriedades, mas quando fecho os olhos, vejo os soldados a abandonar os seus postos e a fugir noite dentro. Não há nada que os mantenha lá sem um rei que os comande.

Sem que eu os lidere.

Felizmente, não terei de ver nada disso. Já estarei morta há muito tempo.

Afinal, talvez os Kalima me tenham feito um favor.

Chegamos a Karekemish uma semana depois, e a cidade não é nada como eu me lembro.

Quando invadimos a capital zemyana há três anos, passei a galope por casas que não passavam de cabanas feitas de lama e colmo. Poços rudimentares tinham sido escavados no centro das ruas, causando enormes inundações. Havia barquinhos tristes virados ao contrário em cima das extensões de rocha na praia, e cheirava a peixe e a esgoto. E as pessoas! Pareciam os escorpiões da areia brancos que só emergem no deserto à noite.

Agora, os gigantescos portões de cobre deixam-me boquiaberta. São tão altos como as muralhas de Sagaan e igualmente bonitos — o verde do cobre reflete o verde do mar no horizonte, as barras são serpentes esculpidas e pequenas conchas em espiral. Estrelas-do-mar e algas compridas coroam o topo.

Dentro da cidade, as casas já não são feitas de lama e colmo. Podem ser castanhas, mas são altas e resistentes, com varandas a toda a volta, janelas feitas de vidro marinho e telhados brilhantes. As estradas são pavimentadas não em pedra da calçada, mas numa laje interminável de arenito que é tão lisa que o vagão parece flutuar.

É evidente que os Zemyanos reconstruíram a cidade.

Só que os bárbaros nunca conseguiriam realizar tudo isto tão depressa.

— Impressionada, comandante?

Afasto-me da janela e o feiticeiro zemyano ri-se. Olha para mim através das grades, tão perto que quase vomito com o cheiro acre do seu hálito.

Quanto mais nos embrenhamos na cidade, mais a carroça abranda. Multidões de Zemyanos em trajes dourados saem das suas casas para apontar e gritar. Trompas estridentes fazem-se ouvir e há mãos a esmurrar as paredes da carroça como trovões. Como se fosse uma ocasião monumental. Como se eu fosse alguém importante.

A ironia não me passa ao lado.

Os meus inimigos veneram-me mais do que os meus guerreiros.

O Sol está mais alto e o calor aperta. Sinto que estou a assar dentro desta maldita caixa enquanto descemos pela longa e fina península. A luz que brilha na água é tão ofuscante que só vejo o palácio da imperatriz Danashti a sair do mar quando paramos à sua frente.

É o oposto do Palácio Celeste em todos os sentidos.

O Palácio Celeste é construído em mármore branco imaculado e toca as nuvens, ao passo que o palácio da imperatriz Danashti se estende ao longo de um só piso e é feito em coral preto que se projeta e contorce em formas estranhas e porosas.

Não diria que é bonito. Todo este território é agreste e austero, desprovido das pradarias luxuriantes, da neve cintilante e dos edi-

fícios altaneiros que definem a beleza de Ashkar — mas também não é o pardieiro que guardo na memória.

Ouçó o som da fechadura das portas da carroça a girar e a luz do sol enche o espaço, o que ajuda os Zemyanos a prenderem os meus pulsos com grilhetas e a empurrarem-me para fora da carroça enquanto eu pisco os olhos.

Caio ao chão como um peixe torpe e a multidão ruge mais alto.

O calor pegajoso é ainda mais opressivo aqui fora. Se o meu núcleo gelado tinha começado a congelar, agora não passa de uma poça debaixo da minha armadura que escorre para fora da minha pele em baldes de suor.

— Trouxemos um presente para a imperatriz! — grita o meu captor.

A multidão ruge, e arautos com longas e estranhas trombetas voltam-se para o palácio. A sua música é grave e ruidosa, e faz vibrar a medula dos meus ossos. Eles só param quando uma carruagem de água surge do interior do palácio de coral. A carruagem tem a forma de uma taça, com sulcos curvos, como uma concha, e é puxada por golfinhos. Transporta um grupo de pessoas, mas os meus olhos focam-se imediatamente na mulher que segue à frente: uma inimiga que só vi do outro lado do campo de batalha.

A imperatriz Danashti é de alguma forma mais imponente e mais vulgar ao perto. Só a vi montada no cavalo de guerra, e é muito mais pequena do que pensava, quase do tamanho de uma criança. Os seus traços são severos e pouco refinados. As sobrancelhas escuras enquadram o seu rosto branco como a cal e o cabelo prateado cai-lhe ondulante pelas costas como a espuma que se forma atrás da carruagem. Parece simultaneamente demasiado branda e demasiado intransigente. Demasiado simples e bonita para ser a líder implacável destes demónios mágicos.

A multidão prostra-se quando ela levanta a sua saia esvoaçante e pisa na areia. O silêncio é tal que ouço o tilintar das suas pulseiras prateadas. O meu captor estende a capa e faz uma vénia melo-

dramática que suscitaria gargalhadas no Palácio Celeste. Os outros soldados zemyanos fazem o mesmo.

— Nobilíssima Excelência — diz ele em ashkariano, para que eu perceba. Nunca me rebaixei ao ponto de aprender a sua língua bárbara.

A governante de Zemya olha para mim e responde também em ashkariano, num sotaque carregado.

— O que me trouxeste agora, Kartok? Sabes que dispenso presentes, já és o meu general supremo.

— Garanto-vos, minha imperatriz, que ides gostar deste presente. — Ele agarra-me pelo colarinho, torcendo um punhado do meu cabelo. Grito quando me atira aos pés da imperatriz. A areia preta grossa cola-se aos meus lábios e faces. — O Rei Celeste está morto. E capturei a comandante dos guerreiros Kalima.

Danashti olha para mim com a testa franzida. Estou toda suja e a sangrar. Não pareço um comandante. Nem sequer pareço um guerreiro. Mas um sorriso exultante surge no seu rosto.

— É efetivamente um presente muito apelativo. Superaste-te, Kartok.

— É sempre esse o meu objetivo, Excelência.

A imperatriz Danashti dirige-se à multidão, aponta para mim e fala em zemyano. Não grita, mas de alguma forma a sua voz é projetada no espaço. Só percebo algumas palavras: Rei Celeste. Morto. Comandante. Capturada.

A multidão ruge numa aprovação ensurdecadora.

A imperatriz Danashti volta a falar, e adivinho a sua pergunta com base na resposta encarniçada da multidão.

— Matem-na! — gritam.

Engulo em seco, mas reteso o queixo. Recuso-me a dar parte de fraca.

A imperatriz Danashti espera que o seu povo se acalme, depois vira-se para mim e volta a falar em ashkariano.

— Uma sugestão sábia. Mas como sou uma governante magnânima, tão diferente do teu rei como o oceano é do céu, tenho uma oferta a fazer-te, comandante. Admite a denota, proclama a tua desdita perante o meu povo, jura fidelidade a Zemya e ajuda-nos a dismantelar o teu império. Se o fizeres, poupo a tua...

— Prefiro a morte — rosno antes que ela termine.

A imperatriz Danashti acena.

— Assim será. Mas só depois de arrancarmos cada gota de utilidade da tua carcaça. Podes levá-la para o teu laboratório, General Supremo.

Kartok faz outra vénia ridícula, mas antes de ele se levantar, um dos homens perfilados atrás da imperatriz dá um passo em frente. Pensei que eram todos guardas e criados. A maioria usa trajes simples ou fardas verde-mar. Mas este homem usa um fato azul marinho adornado com galões prateados e uma grinalda de algas no cabelo platinado, muito parecida com a da imperatriz. Não é bonito — nada que se assemelhe tanto a um verme rastejante poderia ser atraente — mas as jovens zemyanas quase desfalecem ao dizer o seu nome: Ivandar. Juntamente com outra palavra: *Príncipe*.

Toca no braço da mãe e murmura algo em zemyano.

A imperatriz vira-se para ele, e olha para a mão agarrada à sua manga. Ele não larga.

— Por favor.

É uma palavra que conheço bem, tendo interrogado centenas de prisioneiros zemyanos.

Danashti ladra-lhe qualquer coisa e aponta para a carruagem de água. Ele vacila, mas encaminha-se nessa direção como uma criança a fazer beicinho, apesar de aparentar ter a minha idade. A imperatriz segue-o. O Kartok pontapeia-me o rabo e obriga-me a gatinhar atrás deles.

A multidão zemyana rejubila. Sempre que tento ficar de pé, o Kartok volta a derrubar-me. Arrasto-me pela areia áspera e pelas

conchas partidas, deixando um rasto de sangue.

Ele enfia-me de bruços na carruagem de água e entra atrás de mim, pisando propositadamente os meus dedos com as botas enquanto seguimos em direção ao palácio de coral.

A viagem é curta, e ninguém diz uma palavra.

Assim que atracamos no lado oposto do palácio, longe da multidão, o Kartok agarra-me pelas grilhetas, atira-me para o cais e arrasta-me para uma porta escondida nas saliências do coral.

O príncipe segue mesmo atrás de nós, a gritar e a gesticular. Está a falar demasiado depressa para eu perceber muitas palavras, mas, mais uma vez, bastam-me algumas.

— Inimigo. Suspeita. Planos.

Estão a discutir sobre quem vai ter o prazer de me torturar. Que bom.

O Kartok rosna algo por cima do ombro. O príncipe levanta as mãos e vira-se para a mãe. A imperatriz Danashti olha para os dois homens em silêncio durante um minuto antes de acenar para o Kartok.

Com um sorriso presunçoso, o general zemyano faz-me passar pela porta escondida. Ainda consigo ouvir o príncipe a gritar antes de se calar. Murmurando algumas palavras, o Kartok puxa-me por uma escada estreita, embora eu não perceba como é possível estarmos a descer. Pelo que pude ver, debaixo do palácio só há água, o que é uma má notícia para mim.

Não sei nadar.

Nenhum Ashkariano sabe. Não há necessidade nem sítio para aprender. O Amereti é o nosso único rio, e mal me chega às ancas.

O meu coração bate descompassado e sinto a respiração entrecortada quando as escadas desembocam numa sala totalmente submersa. Só as paredes frágeis de vidro é que impedem a entrada do azul avassalador. A água não parece estar a infiltrar-se nas paredes, mas não deixo de me encolher e avançar a medo, atenta a qualquer racha. Ou gotejar.

— Tens medo da água, comandante? — pergunta o Kartok com uma gargalhada. — Não me esquecerei disso.

Uma porta invisível abre-se e ele encaminha-me para um túnel ainda mais pequeno e sufocante. Avanço aos tropeções o mais depressa que as minhas grilhetas permitem e fico sem fôlego ao emergir do outro lado.

É pior do que uma cela de prisão ou até mesmo outra sala de vidro.

Estou no centro da sala do trono no Palácio Celeste.

Olho boquiaberta para o longo salão abobadado. Abano a cabeça ao ver as paredes azuis matizadas e as nuvens pintadas à mão. Passo um dedo ao longo do trono dourado vazio e tremo sob os moldes faciais dos maiores guerreiros do nosso país, suspensos do teto por cordas invisíveis. Sempre pensei que as máscaras me encaravam com orgulho. Como uma igual. Convidando-me a um dia a juntar-me às suas fileiras.

Agora, os seus olhos estão cheios de reprovação. E parecem rosnar de ódio.

Desiludiste o Rei Celeste.

Inclino-me e vomito.

— Não gostas? — amua o Kartok. — Mas fiz especialmente para ti. Quero que te sintas confortável.

— Tira a tua magia venenosa da minha cabeça! — rujo. — Onde estou? Que lugar é este?

Não há celas nem qualquer tipo de grades. Nenhum tição em brasa ou instrumentos de tortura. A falta do expetável faz-me arrepiar de inquietação.

Nada disto é possível. Nada disto está certo.

Viro-me e mergulho para trás do conjunto de cadeiras onde o Conselho dos Anciãos normalmente se senta. Sei que a mobília não me protegerá das ilusões do Kartok, já que as próprias cadeiras são uma ilusão, mas não sei o que mais fazer, por isso deixo os meus

instintos e o meu treino assumirem as rédeas. Procurar cobertura, traçar um plano, contra-atacar.

As grilhetas dificultam as coisas, mas torço as mãos junto ao meu flanco e enrodilho os dedos num punho. Em circunstâncias normais, o meu gelo já teria criado um sabre, mas o glaciador que normalmente reside no meu peito ainda é do tamanho de um seixo. O suor escorre pela minha pele, extraindo o meu gelo gota após gota.

Foi inútil.

O punhal que acaba por cristalizar na minha mão é do tamanho de uma faca. E tão rombo que mal conseguiria cortar manteiga. Atiro-o à cabeça do Kartok, num grito de frustração. O voo é certo — pelo menos a minha pontaria não foi afetada — mas em vez de bater no seu peito, o punhal atravessa-o. Ou talvez tenha desaparecido completamente. Não sei dizer. Só sei que evaporou. Sem o menor som ou vestígio de sangue.

O Kartok devia estar a gritar em agonia, mas o único som que se ouve nesta réplica assustadora da sala do trono vem de dentro de mim.

E mais parece um choro.

Capítulo 10

Enebish

Ziva regressa à caravana com um sorriso triunfante.

— Eles aceitaram acolher-nos!

A mulher namagaana que a segue parece muito menos satisfeita. No entanto, não sei se isso se deve à maquilhagem escura que usa entre as sobrancelhas e lhe imprime um ar permanentemente sorumbático, ou à explosão de aplausos e gritos dos pastores, que levantam as mãos e se desfazem em abraços chorosos.

Cinjo os lábios porque não é assim que um grupo de potenciais aliados formidáveis deve reagir. A mulher namagaana tira a mesma conclusão. É claramente um soldado, alta e musculada, envergando uma armadura com chapas de madeira, rematada por um manto cor de laranja coberto de emblemas incrustados de joias. O seu cabelo loiro cai em mechas compridas e tufadas que mais parecem caudas de gato — o estilo tradicional namagaano — e sua pele é tão áspera e sulcada como as árvores em que eles vivem. Todos os Namagaanos têm o aspeto enrugado das cascas de árvore, seja qual for a sua idade. São bonitos de uma forma rude e intimidante.

Os seus olhos passam por cima do nosso grupo variegado.

— São tantos. Que bom — diz ela, mas as palavras saem trincadas. — Sigam-me.

Outro caminho de raízes emerge da lama e ela encaminha-nos para uma das árvores gigantescas. Pressiona o tronco com a palma da mão e um painel desliza até se abrir, revelando uma escada em espiral que serpenteia até à copa. Os pastores acorrem como uma inundação e sobem a escada até ao topo, salpicando tudo à sua volta. A minha perna estropiada escorrega e entorta-se dolorosamente nos degraus molhados.

Quando finalmente chego à plataforma, vejo a guerreira namagaana acompanhada por um grande contingente de soldados,

que nos observam com um desprezo pouco velado. Não desembainharam as espadas, mas os dedos pairam sobre elas em alerta.

O nosso grupo é tão grande que ocupa toda a plataforma e várias das pontes de corda interligadas. O Serik está do lado oposto da multidão, e quando os nossos olhares se cruzam, tento esboçar um sorriso encorajador, mas é difícil abstrair-me da algazarra de pastores e animais e dos olhares de escárnio dos soldados. A tensão é tão densa como o ar do pântano.

Quando ouço alguém gritar, tenho a certeza de que os soldados de Namaag perderam a paciência e estão a atirar-nos por cima das cordas, mas logo a seguir vejo uma mulher de pele dourada do meu país a empurrar a multidão e a voar pela plataforma.

— Zivana?

— Tia! — A Ziva deixa-se cair sobre as tábuas, lembrando-me, de repente, que só tem 13 anos, e sinto um nó no estômago. Talvez tenha sido *um pouco* dura com a rapariga.

A mulher estende as mãos para a Ziva e ambas caem nos braços uma da outra, entre risos e choros, enquanto a tia afasta os caracóis da cara da Ziva. Nem consigo olhar. Então é *isto* o amor familiar. É essa a ligação que uma tia ou mãe ou irmã devem partilhar. Ternura desenfreada. Confiança plena. Nunca se trairiam uma à outra.

— Benditos céus, o que aconteceu? — pergunta a tia da Ziva. Deve ter a idade da Ghoe, embora isso não seja totalmente certo, já que lhe pintaram o rosto para lhe conferir um aspeto tão áspero como o dos Namagaanos. É estranho ver alguém de Verdenet apresentar-se ao estilo do povo do pântano — tem o cabelo escuro atado como um molho de juncos, a maquilhagem preta e densa une as suas sobrancelhas, e usa um vestido vermelho vivo que envolve o corpo e que ela ata à cintura.

Tento imaginar-me a ser enviada para viver num país completamente diferente do meu. Não demoro muito a perceber que foi exatamente isso que aconteceu comigo. Aprendi a viver em Ashkar.

Aprendi a vestir-me, a falar e a lutar como eles, quase ao ponto de esquecer as minhas origens. Será que aconteceu o mesmo com a tia da Ziva? Será que se considera totalmente namagaana? Ou será que tem saudades de Verdenet e se importa com o seu futuro? Sabe ao menos que o irmão foi afastado do trono? O rei Minoak é uma figura decorativa, desde que abdicou da sua soberania há 20 anos, quando Verdenet se tomou um Protetorado. Mas pelo menos foi-lhe permitido manter as aparências e a tradição. Até agora.

— Fomos atacados! — A voz da Ziva treme e a sua respiração é rápida e ofegante. — Um assassino tentou matar o papá. Fugimos do palácio, mas ele ficou gravemente ferido. Tentei tratar das feridas e cuidar dele, mas estávamos sozinhos no deserto sem comida nem mantimentos. Foi por isso que comecei a roubar estas pessoas. São refugiados de Ashkar, e tiveram a gentileza de nos ajudar. Não podíamos voltar a Verdenet porque um governador imperial tomou a cidade.

As lágrimas escorrem pelo rosto da mulher, esborratando a maquilhagem, e ela abana-se com a mão. Só consegue falar depois de uma longa pausa.

— Minha menina corajosa. E o meu pobre irmão. Fizeste bem em vir para cá. — Levanta-se, faz uma vã tentativa de alisar o seu vestido vermelho, e dirige-se a nós. — Sou Yatindra Yimeni, filha de Verdenet e esposa de Namaag. Obrigada por ajudarem a minha família. Têm a minha profunda gratidão e são bem-vindos até recuperarem dos vossos esforços. Posso ver o meu irmão?

— Os pastores abrem alas. Yatindra passa pelas fileiras e ajoelha-se ao lado da liteira. — Até que enfim vieste visitar-me — diz, com a voz embargada, enquanto toca na cara de Minoak. Passa os dedos pelas suas vestes ensanguentadas e tapa a boca com as costas da mão. Ele mexe-se ao ouvi-la. Não está totalmente acordado, mas nota-se uma ligeira mudança na sua respiração. Um pequeno sinal de vida que a faz chorar ainda mais. — Temos de tratar destes ferimentos imediatamente. — Indica aos pastores que transportam a liteira para a seguirem por uma das pontes oscilantes, e Ziva vai atrás deles. Antes de desaparecer na densa folhagem,

Yatindra vira-se para nós. — Virei tratar de vocês assim que ele estiver entregue aos cuidados dos curandeiros.

Quero protestar. Não nos pode deixar aqui, cercados por soldados numa terra estranha. Mas deixa.

A soldado que nos escoltou até à cidade avança, parecendo ainda mais imponente com a sua brigada com armaduras cor de laranja atrás. Estão armados com lanças finas e pequenos arcos presos aos pulsos. Armas que podem passar facilmente entre árvores.

— Sigam-nos — rosna.

O Serik avança, com um sorriso forçado no rosto.

— A Yatindra disse-nos...

— Eu não sirvo a Yatindra. Sirvo o rei Ihsan, que vai querer ver-vos. — Ela aponta a lança aos pastores mais próximos. Enquanto se lamentam e tropeçam pela ponte de corda, apetece-me invocar a noite para que possamos ter mais proteção. Solto os tentáculos antes de escurecerem o pântano. Se queremos firmar uma aliança com os Namagaanos, não devemos parecer uma ameaça.

Também não devemos parecer um grupo lamentável de refugiados, mas quanto a isso não há nada a fazer.

Os soldados empurram-nos cada vez mais para o interior da copa das árvores. O som de vozes junta-se à cacofonia do canto dos pássaros e há cores vibrantes que espreitam atrás das folhas. Namagaanos curiosos seguem os nossos movimentos. Observam-nos.

Mas ninguém sai das casas e lojas que pululam nos ramos para nos receber. E as áreas comuns que construíram através da ligação das plataformas de árvores que estão perto umas das outras estão agora desertas. Há refeições que ficaram por terminar. Balanços ondulantes abandonados à pressa.

O palácio do rei Ihsan foi construído à volta de uma árvore particularmente grande, com níveis sobrepostos até alcançarem os ramos mais finos. Não sei como conseguem suportar o peso e eu

não tenho interesse em subir até lá. Só de olhar para as janelas distantes lembra-me do salão da torre e de bater contra o vidro gelado. De saltar da varanda.

Tudo para salvar um traidor.

Conto que os soldados nos levem para uma sala do trono extravagante, capaz de rivalizar com a do Rei Celeste, mas a comandante bate a uma humilde porta feita de cortiça com uma maçaneta peculiar em forma de maçã. Um homem magro com cabelo fino abre a porta e espreita para fora.

— Ruya? O que significa isto? — A cara do homem está marcada pelo sono e a sua voz soa estremunhada.

Espero ouvi-la a repreender o criado e a ordenar-lhe que vá chamar o Rei, mas ela leva o punho à testa e faz uma vénia.

— Perdoai esta intrusão, Vossa Majestade.

Vossa Majestade?

Sussurros chocados perpassam a multidão de pastores. Que tipo de rei abre a própria porta? E de roupão! Observo o roupão gasto e as meias deslaçadas. A luz fraca da divisão atrás de si revela uma lareira modesta e uma mesa simples cheia de livros.

— Estes refugiados chegaram sem avisar e querem pedir asilo na nossa cidade — resume a Ruya. — Presumi que gostaríeis de tratar deste assunto, visto que eles são muitos. Parece-me tudo muito suspeito.

— Sim — O Rei dos Pântanos examina-nos. — Sobretudo quando parecem tão... ameaçadores. — Observa as nossas caras sujas, as roupas puídas e os cordeiros a debaterem-se nos braços dos pastores.

— Precisamente — concorda Ruya.

O rei Ihsan tenta conter um sorriso e dá uma palmadinha no ombro da Ruya.

— Excelente trabalho. Podes ir. Vou pensar no que fazer com estes intrusos.

A Ruya hesita.

— Perdoai a minha impertinência, Vossa Majestade, mas...

— Só acho que és impertinente se sugerires que não consigo lidar com este assunto sozinho.

— Claro que não, senhor. Perdoai-me. — Ruya faz uma vénia e encaminha os restantes soldados para a ponte.

O rei Ihsan encosta-se à soleira da porta e ergue o sobrolho grisalho.

— E então? — É a ação menos formal e soberana que já vi. — Estão aqui para sitiar o meu reino? Ou roubar as minhas joias? Ou talvez queiram atacar-me com as vossas ovelhas raivosas. — Ri-se para um cordeiro, que desaparece pela ponte a balir.

O Serik dá um passo em frente, e o meu peito enche-se de orgulho quando ele molha os lábios e arqueia os ombros.

— Não vimos para vos fazer mal — diz ele num tom oficial ensaiado. — Somos humildes refugiados de Ashkar, simples...

— Espera, deixa-me adivinhar — corta Ihsan. — Pastores?

— Como haveis percebido? — pergunta o Serik, tão concentrado em impressionar o Rei que parece ter-se esquecido dos animais assustados que estão aos nossos pés.

O rei Ihsan ri-se e dá uma palmada no ombro do Serik.

— Gosto de ti. Tens piada. Anda, vamos conversar no salão.

A Minerva vai preparar qualquer coisa para comerem. Parece que passaram por muitas provas.

Vários pastores desatam a chorar e o Serik diz:

— Vai receber-nos assim, sem mais nem menos?

— Há alguma razão para não o fazer? — Pela primeira vez, os olhos do rei refulgem com um lampejo de alerta. É visível apenas por um instante, antes de ser substituído por um sorriso alegre. Mas estava lá, como um leopardo agachado nas copas das árvores.

Sempre faminto.

Sempre pronto.

O Serik engole em seco e olha na direção da Ruya e dos soldados, que estão parados em fileiras rígidas à distância de algumas árvores.

— Não lighes à Ruya — diz o rei Ihsan. — Ela é demasiado zelosa, mas eu faço-lhe a vontade. Não há mal nenhum em deixar que os nossos inimigos acreditem que somos mais ferozes do que somos na realidade.

O seu humor pueril e autocrítico provoca o riso do Serik e dos outros, mas eu tenho os pelos eriçados e as palmas das mãos suadas. Porque os Namagaanos são ferozes. Devem ser, para terem merecido o respeito e a independência do Rei Celeste. Precisamos que sejam ferozes para nos ajudarem a libertar os Protetorados e a derrotar Zemya. No entanto, aqui estamos nós, a falar com o rei em roupão; a sermos recebidos calorosamente sem hesitação ou suspeita.

Não gosto disso.

Lá estás tu outra vez, adverte-me a voz do Serik. A ver problemas onde eles não existem.

Mas ser excessivamente gentil também é uma tática de combate, e enquanto a nossa comitiva aplaude e corre para o palácio, eu registo sistematicamente a posição de cada ponte, plataforma e escada.

Localizo todas as potenciais saídas — caso precisemos delas.

Capítulo 11

Enebish

O palácio do rei Ihsan é colossal, com tetos abobadados que parecem projetar-se muito para lá das copas das árvores, apesar de eu saber que ainda há dezenas de pisos acima de nós. Passamos por salas decoradas com grinaldas de folhas bordadas, matizadas numa imitação perfeita das quatro estações, e por um salão de baile forrado de uma madeira tão escura que reflete o meu olhar de espanto. Tudo parece demasiado grandioso para estar suspenso por ramos.

Ihsan aponta com orgulho para o arsenal e para a galeria real, onde está exposta a obra dos escultores mais famosos de Namaag, e brinda o grupo boquiaberto com a história do palácio e da família real. Por fim, entramos num salão de banquetes amplo com longas mesas feitas de troncos de árvores, com almofadas de cogumelo a servir de banco. Afundo no conforto daquele assento macio e suspiro muito mais alto do que era minha intenção. Felizmente, todos suspiram como eu. E os suspiros tomam-se mais audíveis quando a comida chega: castanhas e bolotas assadas, jacaré assado picante e uma grande variedade de aves e peixes que nunca tinha provado. Como sem parar, limpando a boca com a manga e deglutindo vinho de seiva. Há semanas que tento convencer-me de que não me custa sacrificar as rações, mas é mentira.

Olho para a mesa farta e sorrio quando vejo o Serik. Está coberto de gordura e de migalhas, a devorar pudim de mirtilo às colheradas.

A Ziva e a Yatindra juntam-se a nós a meio do banquete, com o marido sisudo desta, o Murtaugh. Olham com horror para a forma como abocanhámos a comida como animais.

— Também vão devorar a mesa? — pergunta a Yatindra.

— Se for deliciosa como o resto destas iguarias, claro que sim!
— diz-lhe o Bultum.

Todos se riem e o Ihsan sorri com orgulho.

— A nossa deliciosa gastronomia é apenas um dos muitos atrativos de Namaag.

Uma mulher de meia-idade com a cara empoeirada de farinha brilha de contentamento enquanto se afadiga a substituir as bandejas vazias.

— De onde é que vocês são ao certo? — pergunta a Yatindra, sem se dirigir a alguém em particular, antes de levar uma colher cheia de sopa à boca.

— Somos daqui e dali — responde o Iree. — Somos pastores, por isso vagamos pela tundra, em busca dos melhores pastos e do melhor tempo.

— Fascinante — diz a Yatindra, mas os seus lábios cingidos dizem o contrário.

— Parece-me uma maçada — acrescenta o Murtaugh com a boca cheia de guisado.

— Onde está o vosso espírito de aventura? — atira o rei Ihsan.
— Imaginem todos os lugares que ficariam a conhecer. Todas as pessoas que encontrariam pelo caminho. A emoção de nunca saber onde vão dormir.

Yatindra limpa os lábios com um guardanapo.

— E para onde vão quando nos deixarem?

Eu e o Serik trocamos olhares. O momento não parece o mais indicado, pedir-lhes para se juntarem à nossa causa imediatamente, quando já nos acolheram e prepararam este banquete. Além disso, não parecemos os aliados mais desejáveis neste momento. Eu também não quero entrar em detalhes com toda a comitiva presente. Há muitas vozes sonantes e opiniões estridentes.

— Não temos a certeza — começo. — Depende de inúmeras variáveis...

— Como assim, não tens a certeza? — corta a Ziva, batendo com a colher na mesa. — Assim que o papá estiver melhor, vamos voltar a Verdenet para depor o governador imperial e retomar o governo do país. Esse sempre foi o nosso plano.

A Yatindra esbugalha os olhos para a sobrinha.

—Tencionas confrontar o governador imperial com *esta* gente?

— Porque confrontarias sequer o império? Eles são nossos aliados. — O Murtaugh lança-nos um olhar contundente, e o seu rosto de cortiça parece ainda mais sulcado.

O Serik tosse levemente, para chamar a atenção.

— Houve alguns desenvolvimentos complicados recentemente... Mas a Ziva levanta-se de supetão, brandindo a faca da manteiga como um sabre.

— O império não é nosso aliado. Os aliados não tentam matar um rei e tomar de assalto a sua capital.

— Que conversa é essa? — A expressão alegre do rei Ihsan desaparece.

O emaranhado de conversas laterais cessa, e todos os olhares no salão de banquetes alternam entre o rei namagaano e a princesa verdenesa.

Só me apetece bater com a cabeça na mesa *depois* de torcer o pescoço à Ziva. Tento lançar-lhe um olhar ameaçador, mas é claro que ela não olha para mim. Os olhos da Yatindra retalham-me como fiz ao peixe que repousa no meu prato.

— Tencionam arrastar o meu irmão e a minha sobrinha de volta para Lutaar depois de eles quase não escaparem com vida da primeira vez? Nem sequer são soldados!

— Não vamos *arrastá-los* para lado nenhum — explico, mas o rei Ihsan grita por cima de mim.

— Quem é que foi assassinado, e porque é que só agora é que estou a saber disto?

— Não sabeis de nada por vontade do império traidor — grita a Ziva, como se estivesse a motivar as tropas para a batalha. — A seguir, podem muito bem vir atrás de vós.

O rei Ihsan levanta-se e, de repente, parece muito mais alto e feroz do que há pouco. O salão está imóvel, à exceção do velho Azamat, que continua a roer um osso de pombo.

— São acusações muito graves — rosna o rei.

— Perdoai, Majestade. — Avanço pela mesa e agarro num pedaço da túnica namagaana que a Ziva traz vestida; parece que ela teve tempo para mudar de roupa, enquanto nós continuamos imundos, e puxo-a para fora da cadeira.

— O que estás a fazer? — diz, arranhando-me o braço.

Arrasto-a para a porta.

— A nossa viagem tem sido longa e difícil — rogo ao rei Ihsan.

— Estamos claramente exaustos e delirantes. Talvez nos possamos retirar e voltar a esta questão depois de descansarmos.

Ele olha para nós durante uns dez segundos sem piscar. Por fim, acena e toca um sino. Menos de um minuto depois, a Ruya chega com o seu batalhão de soldados de cara sinistra.

— A Zivana vai ficar comigo. — A Yatindra levanta-se e arranca a Ziva dos meus braços, mas eu cravo os dedos no vestido da Ziva. Não vou deixá-la ir embora, não quando é ela a razão para estarmos a ser dispensados.

— Deixa-a ir — murmura o Serik. — É melhor assim. Temos todos de nos acalmar.

— Mas ela não consegue ficar de boca calada — sibilo. Já era mau a Ziva ter dado a notícia sobre a situação em Verdenet. Se mencionar o batedor shoniin, vamos ser todos expulsos imediatamente. Ou executados.

A Ruya bate com a ponta da lança no chão.

— Fora. Todos vocês.

— Todos nós? — indigna-se o Iree. — Mas não temos culpa que a Enebish...

A Ruya bate novamente com a lança no chão e aponta para a saída do salão.

Os pastores lamuriam-se e lançam-me olhares assassinos enquanto os soldados nos escoltam pelas copas das árvores ainda com mais desprezo e suspeita do que antes. Só que agora ninguém intercede por nós, nem o Rei dos Pântanos e muito menos a Yatindra ou o Murtaugh, que cochicham furiosamente com a Ziva a um canto.

Os soldados levam-nos por várias pontes oscilantes até uma série de camaratas onde vamos passar a noite. Os pisos de madeira são duros e as cobertas de folhas de palmeira entretecidas ásperas, mas são condições muito mais confortáveis do que quaisquer outras que tenhamos tido no último mês. Por fim, os pastores deitam-se e acabam com as lamúrias em relação ao banquete interrompido.

O Serik agita-se ao meu lado com um gemido exausto.

— Até não começámos mal. O rei Ihsan é muito mais hospitaleiro do que eu esperava.

— Ele *era* hospitaleiro — rosno, enquanto puxo violentamente os atacadores das minhas botas. — A Ziva deu cabo de tudo. Como eu sabia que faria.

O Serik pousa a sua mão firme em cima da minha e ajuda-me com os atacadores — o meu braço magoado recusa-se a cooperar quando estou agitada.

— Na verdade, acho que ela não deu cabo de nada — diz-me.

— Estavas no mesmo salão de banquetes que nós? Foi um desastre! Fomos expulsos.

— Por enquanto. Mas o Ihsan vai perceber que estamos cansados e assustados e que as emoções estavam ao rubro. Assim que nos sentarmos num ambiente mais íntimo e explicarmos a situação toda, acho que a ferocidade da Ziva pode ser vista como uma coisa

positiva. Desde que o pai dela partilhe do seu fervor quando acordar. Quem não queria aliados tão resolutos?

Exalo um suspiro contrariado, deito-me no chão e tapo a cabeça com a coberta áspera.

— O fervor só é útil quando é acompanhado pelo comedimento.

— Achas que algum de nós é comedido? — pergunta o Serik, e eu consigo ouvir o sorriso na sua voz. Resmungo de forma incoerente e ele ri-se. — Não desistas já da Ziva. Acho que ela ainda nos pode surpreender.

— Estou a tentar — sussurro pouco depois.

— Eu sei.

O Serik deita-se ao meu lado, perto o suficiente para eu ver o tom rosado a rodear as suas sardas. Perto o suficiente para eu alcançar e afagar gentilmente as rugas de preocupação que se formam entre as suas sobrancelhas. E perto o suficiente para sentir o bálsamo do seu calor, que ele não tem de partilhar com ninguém.

Pela primeira vez em semanas, ele pode realmente descansar.

O meu coração palpita de ternura enquanto o observo a dormir.

À nossa volta, os pastores estão a adormecer ou a conversar em surdina, animados com a comida e as acomodações. Rezam para ficarmos pelo menos um pouco mais. Por cima de nós, pirilampos zumbem em fiascos pendurados no teto, a bater contra o vidro como se estivessem ébrios. Sempre que o fazem, a noite afasta-se do clarão de luz, e os meus olhos começam a fechar enquanto assisto àquele bailado pueril. O céu toma-se mais profundo, mais escuro, e os tentáculos da noite descem serpenteantes do teto e envolvem-me como um nevoeiro.

Estou quase a adormecer, envolta no negrume do seu amplexo, quando sinto os tentáculos a serem sugados repentina e desajeitadamente. O choque corta-me o ar nos pulmões ainda mais abruptamente do que quando nos arrancam o cobertor numa noite fria — e os meus olhos abrem-se de imediato. Obrigó o meu corpo a

ficar perfeitamente imóvel enquanto tento sentir a presença da Ziva, que preferiu não regressar à nossa companhia... até agora.

Quando todo o grupo está a dormir.

Sinto um formigueiro na garganta, mas resisto à vontade de lhe arrancar a escuridão das mãos. Semicerro os olhos e vejo-a a caminhar em pontas de pés por entre os pastores adormecidos, baixando-se de vez em quando. Finalmente, ela pega num embrulho, passa-o por cima do ombro e encaminha-se para a saída da camarata.

A tensão que se acumulou nos meus ombros começa a aliviar e posso respirar finalmente. Só veio buscar os seus pertences. Mas se era só isso, porquê aquela furtividade? Ela podia muito bem ter vindo quando estávamos acordados.

A suspeita toma conta do meu peito quando ela se aproxima dos pastores que dormem perto da porta. O zumbido nos meus membros é intenso. Esmagador. *Levanta-te, diz-me. Algo não está bem.* Mas o meu olhar pousa no Serik, que descansa pacificamente ao meu lado e sinto a culpa pesar-me como um cobertor de lã encharcado. Dou as costas à porta e fecho os olhos. Forço-me a adormecer e a ignorar a Ziva. Não me importa o que está a fazer. Segui-la só iria causar mais problemas.

Mas quando ouço a porta a fechar-se, a agitação no meu estômago toma-se insuportável — como se tivesse um felino do deserto a roer-me os ossos. Recordo-me do monstro que tinha a certeza de que vivia dentro de mim. Um monstro de quem passei dois anos a esconder-me. Um monstro que acabou por ser nada mais do que um instinto natural para lutar e para me proteger. Uma espécie de alerta.

Sim, tenho de confiar nos meus aliados, mas também tenho de confiar no meu instinto. E o meu instinto diz-me que a Ziva está a tramar alguma.

Livro-me da minha coberta e avanço pé ante pé até à porta, sem me dar ao trabalho de me esconder com a noite. Primeiro, porque a Ziva repararia. E segundo, porque não preciso. Ela está

tão concentrada em não fazer barulho e em manter o controle da escuridão, que posso segui-la como uma sombra comum.

Passamos por duas pontes oscilantes e subimos uma escada incrivelmente alta até chegar a uma das maiores casas na copa das árvores. Deixo-me ficar cada vez mais para trás, tentando não perder o fôlego. Esta maldita cidade não foi feita para pessoas com ferimentos como o meu. Felizmente, consigo não perder a princesa de vista, apesar do meu ritmo lento e metódico. Se me esforçar em demasia, vou tropeçar e cair e atrair a Ruya e todos os soldados namagaanos. Vão pensar que estou a espiar — o que não deixa de ser verdade. Mas não a eles.

A minha subida pela escada é lenta e agonizante. Os degraus são íngremes e vejo-me obrigada a parar para descansar a cada poucos passos. Quando finalmente chego ao cimo, estou ofegante e desnorteada, e não reparo na cara redonda da Ziva a pairar à minha frente.

— Porque me segues? — exige saber.

Grito e quase caio na escada. Fico pendurada durante alguns instantes aterradores antes de cravar as unhas na madeira.

— Porque te esgueiras como um bandido? — acuso, quando fico cara a cara com ela.

— Só precisava de ir buscar a minha sacola. — Tira a sacola do ombro e sacode-a. — Tens algum problema com isso?

— Depende do porquê de sentires a necessidade de a ir buscar enquanto estávamos todos a dormir.

— Porque a Yatindra disse que seria melhor não perturbar o grupo. Disse que pareceria que estou a abandonar-vos se fosse vista a sair com todas as minhas coisas.

— Que se importa a Yatindra com o que pensamos? Não quis saber dos nossos sentimentos no salão de banquetes.

A Ziva lança-me um olhar arrasador.

— É graças a *ela* que fomos acolhidos em Namaag. Não sejas ingrata. E não fui eu que disse que não temos a certeza para onde

vamos e o que fazer a seguir. Se alguém enganou o grupo foste tu.
— Volta a colocar a sacola ao ombro. — Estamos conversadas?

— Eu só disse o que disse porque não queria perturbar o rei Ihsan e parecer muito exigente quando tínhamos acabado de chegar. E não quero negociar uma aliança à frente de toda a caravana. Viste como eles são.

A Ziva abana a cabeça como uma mãe desiludida.

— Continuas a recusar-te a confiar em qualquer um de nós. O Serik sabe que estás aqui? A espiar-me?

— Não, e ele não precisa de saber. Isto é entre nós as duas. *Por favor*, pelo amor da Senhora e do Pai, não faças nem digas nenhuma tolice. Não sabotes as negociações e não fales no batedor shoniin. Ninguém pode saber que fomos vistos. Nem mesmo a Yatindra.

— Queres acompanhar-me até lá dentro para teres a certeza de que me porto bem? — A Ziva aponta para a mansão por cima de nós. Resmungo e começo a descer a escada.

Quando chego à nossa camarata, enfio-me debaixo da coberta e obrigo-me a dormir, mas não consigo parar de me mexer. Estou preocupada com a Ziva. E com o batedor shoniin. E com o rei Ihsan. E com todos os pastores, que parecem tão gratos e satisfeitos.

Quando o restolhar das cobertas assinala o início de um novo dia, sinto-me mais exausta do que quando caminhava pelo deserto. Já o Serik boceja e espreguiça-se como um gato mandrião — costas arqueadas e dedos agarrados às cobertas.

— Não dormia tão bem desde que me tranquei «sem querer» no quarto do abade enquanto lhe limpava a sanita. Claro que tive de dormir no seu colchão de penas enquanto eles arrombavam a fechadura. — Revira os olhos e eu tento esboçar um sorriso escandalizado, mas ele recua, assustado.

— Fogo, En, estás com péssimo aspeto.

— Não consegui dormir — digo-lhe.

Ele aproxima-se, o que faz a minha temperatura subir.

— Não te podes preocupar tanto. As coisas estão finalmente a melhorar. Pela primeira vez em semanas, os pastores estão calmos e esperançosos, e acho que conseguimos convencer o rei Ihsan a ser favorável à nossa proposta. — Abraça-me pelos ombros e puxa-me para si. — Estamos a fazer tudo bem.

Eu *não*. *Ontem à noite saí do quarto e segui a Ziva*.

Era isso que devia ter dito.

Mas não consigo. Não quando ele está a olhar para mim com aqueles olhos doces. Não quando sinto a respiração dele a deslizar na minha cara. Por isso, não digo nada.

Uma hora depois, a Ruya e os seus companheiros escoltam-nos até ao gabinete do Rei dos Pântanos, onde o vimos pela primeira vez. Hoje, o Ihsan optou por usar uma simples túnica bordada de folhas em vez do seu roupão. Uma melhoria significativa, mas não deixa de ser um visual pouco régio. Está sentado numa poltrona de couro surrada, tão macia que quase o engole. O fogo da lareira arde com intensidade e há uma série de bolinhos de mel e queques de frutos secos dispostos ao lado de um jarro com um líquido que cheira a seiva. O Ihsan sorri bem-humorado, como se fôssemos dignitários de visita ao invés de refugiados perseguidos.

Não volto a cair no artil. Não depois do que se passou ontem à noite.

— Por favor, sirvam-se. — O Ihsan aponta para as iguarias, mas os meus olhos fixam-se imediatamente nas centenas de insetos emoldurados nas paredes. Criaturas que nunca vi, com mandíbulas finas e pernas longas e espinhosas que foram esticadas além dos seus limites. Asas opalescentes delicadas foram perfuradas e presas com alfinetes. Tem o aspeto macabro de uma câmara de tortura, o que é reforçado pela presença de um pequeno jacaré

branco enroscado sobre si mesmo, como um gato, ao lado do Ihsan. Os seus olhos rosados e leitosos observam-nos, e fica asanhado quando nos aproximamos do Rei, revelando fileiras de dentes afiados como navalhas.

— Quietos, *Alamacus* — ordena o Rei dos Pântanos com uma reprimenda indulgente. — Estes são os nossos *convidados*.

Nunca a palavra «convidados» soou tão ameaçadora.

Olho para o Serik, mas ele, claro, já está a empilhar guloseimas num prato e a fazer perguntas sobre o jacaré, como se fosse a coisa mais fascinante do mundo.

Passo ao largo do réptil, retiro um bolo da bandeja e instalo-me numa das cadeiras de madeira que dispuseram para nos sentarmos. O Murtaugh, a Yatindra e a Ziva entram na sala pouco depois. O Murtaugh posiciona-se ao lado do Rei como uma estátua de pedra, mas a Yatindra e a Ziva atravessam a sala para se juntarem a mim. Perscruto o rosto da Yatindra em busca de qualquer indicação de que ela sabe mais do que devia, prova em como a Ziva teria revelado os nossos segredos. Mas a cara está plácida e o sorriso sereno quando se sentam nas cadeiras à minha frente.

— Espero que tenhas dormido bem, Enebish — comenta a Ziva com a boca cheia de bolinhos.

— Como uma morta. Podíamos ter sido assaltados por um ladrão que eu não teria dado por nada — respondo, sentindo o olhar confuso do Serik do outro lado da sala.

O rei Ihsan levanta-se e pigarreia, acenando ao Serik para se sentar ao meu lado.

— Temos muito que falar, e como o rei Minoak não pode participar neste conselho, a sua filha ofereceu-se para o representar, sob a orientação dos seus tios. Presumo que não tenham nenhuma objecção — diz o Rei dos Pântanos, dirigindo-se a nós. *Oh, eu tenho muitas objecções*. A começar pelo facto de não sabermos o que ela e a Yatindra discutiram ontem à noite. Isto pode ser uma armadilha. Mas abano a cabeça. — São circunstâncias muito invulgares — prossegue o rei Ihsan, enquanto caminha lentamente pelo meio da sala. Eu e o Serik estamos de um lado, a Ziva e a Yatindra do outro. O Murtaugh e o *Alamacus* estão de guarda ao rei. — Nunca na história de Namaag tivemos refugiados de Verdenet e de Ashkar a

aparecer nos nossos pântanos, aparentemente unidos num mesmo propósito. O que me interessa saber é que propósito é esse.

A Ziva apressa-se a engolir o que tem na boca e chega-se à frente na cadeira, mas o Ihsan levanta uma mão.

— Já conheço as tuas opiniões, menina Yimeni. Deixaste-as bem claras ontem à noite. Quero ouvir o que eles têm a dizer. — Vira-se e olha para mim e para o Serik.

— Sei que são circunstâncias estranhas, Majestade. — O Serik levanta-se e alisa a túnica, mesmo que esta continue enrugada e suja. — E vamos esclarecer todas as vossas dúvidas, mas primeiro gostaríamos de vos agradecer por esta faustosa receção. — Lá está ele a usar aquele tom estranho e oficial, e a tentar imitar aquela vénia complicada que os Namagaanos fazem quando se dirigem ao Rei; uma combinação de acenos de braços e de cruzamentos de pernas muito elaborados. Quando são os Namagaanos a fazer isso, assemelham-se a pombas a pousar suavemente nos ramos. Quando é o Serik a fazer isso, mais parece uma águia a embater com estardalhaço num ninho de tentilhão.

É tão desajeitado que chega a ser adorável. Mas eu sou a única que pensa assim. A Ziva, a Yatindra, o Murtaugh e até o próprio rei, parecem prestes a desfazer-se em gargalhadas. Só me apetece arrancar aqueles sorrisos cruéis das suas caras. Ao menos, o Serik está a esforçar-se.

Não tens de compensar por nada, quero dizer-lhe. Sê tu próprio.

Mas aí é que está o problema. O Serik nunca achou que era bom o suficiente.

— Tudo começou com os pastores a morrerem ao frio e à fome nas pastagens de inverno nos arredores de Sagaan — resume o Serik. — Por norma, suportam os meses de inverno nas pradarias com a ajuda de Fogueiros do Sol, mas o Rei Celeste não os dispensou este ano e depois recusou-se a disponibilizar abrigo ou ajuda. Foi então que decidimos levar o grupo para sul, em direção a Verdenet — a cidade natal da Enebish —, na esperança de pedir-

mos asilo ao rei Minoak em troca da nossa ajuda para reconquistar Lutaar ao governador imperial.

— Que tentou matar o meu pai! — A Ziva salta da cadeira, mas a Yatindra põe-lhe uma mão firme sobre o ombro e obriga-a a sentar-se.

— Como é que sabiam que Lutaar tinha sido tomada? — pergunta o Murtaugh. — Não soubemos de nada e as nossas relações são fortes — diz, apontando para a esposa verdenesa.

— Havia rumores... — digo, irritada por parecer tão pouco convincente.

— Arrastaram centenas de pessoas pelas pradarias durante o inverno com base em rumores? — O rei Ihsan olha para nós, com uma expressão de reprovação estampada no rosto sulcado. Mas ele não compreende. Eu sabia que era mais do que um rumor. O Temujin pode ter mentido sobre muitas coisas — quase tudo —, mas não mentiria sobre Verdenet.

— Para todos os efeitos, não é um rumor se for verdade — diz a Ziva casualmente e, pela primeira vez desde que a conheci, agradeço a sua raiva incontida. — O Rei Celeste tentou matar o meu pai.

— Como é que sabes que foi o Rei Celeste e não um mercenário qualquer? — pergunta o rei Ihsan.

— Porque eu estava lá! *Eu* cravei uma lâmina nas costas do assassino. Vi-lhe a farda azul e dourada. A voz do governador imperial era audível do salão no piso de baixo, caramba! Eles nem sequer tentaram esconder a sua traição.

O rei Ihsan avalia a jovem com grande interesse.

— *Tu* mataste o agressor do teu pai?

A Ziva cruza os braços e tenta amuar, mas o seu lábio treme.

— Mesmo antes da tentativa de assassinato do rei Minoak — intervenho —, o Rei Celeste já tinha começado a devastar Verdenet, privando as pessoas da sua cultura e dos seus costumes, forçando-

as a travar uma guerra que não era a sua e que não tinham hipóteses de ganhar.

— É verdade. — A Ziva acena-me do outro lado da sala. — Nunca fomos tratados com respeito nem recebemos a proteção que nos foi prometida.

— E o mesmo acontece em Chotgor — digo. — Os seus habitantes têm mais de escravos conquistados do que de cidadãos imperiais.

— Essa «situação» em Chotgor foi confirmada ou é apenas outro rumor? — pergunta o Murtaugh com altivez, o que lhe merece olhares exasperados da minha parte e da parte do Serik. — E continuo sem perceber o que tem isso que ver convosco e com os vossos pastores.

— Tem tudo que ver connosco! — O calor irradia do Serik como o sol do deserto. — O Rei Celeste explorou e virou as costas aos pastores, tal como fez em Verdenet e Chotgor. E como fará em Namaag, se não fizerem nada para o impedir. Só conseguiremos salvar a nossa independência se estivermos juntos, unidos. O Exército Imperial perderia três quartos da sua força se não pudesse contar com os guerreiros dos Protetorados. O império enfrentaria a possibilidade real de perder a guerra com Zemya, o que nos colocaria em posição de fazer exigências ao Rei Celeste.

É muito provável que percamos a guerra contra Zemya, sejam quais forem as alianças, mas guardo isso para mim. Poderia fazer com que Ihsan permanecesse do lado do Rei Celeste. A aliança manteve o seu povo seguro no passado.

— O que é que tudo isso interessa a Namaag? — pergunta o Murtaugh. — Se os outros territórios estão a ser atacados, a culpa é só deles. Não deviam ter permitido que o Rei Celeste ganhasse tanto poder. Obriguem-no a respeitar-vos.

— Nós não *permitimos* nada! — Acho que a Ziva está prestes a atirar o bolo meio comido ao tio, mas a Yatindra agarra-a pelo pulso.

— Respira, Ziva. Lembra-te do que falámos.

— O resto do continente não tem o poder negocial de Namaag — explica o Serik, mantendo sempre a compostura. — O Rei Celeste depende dos vossos aquedutos, por isso têm o seu respeito, mas não pensem que estão seguros. Assim que ele tiver exaurido Chotgor e Verdenet de pessoas e recursos, o Rei Celeste vai apontar a sua mira para aqui.

— Não podem querer forçar uma aliança através do medo com base nessas alegações infundadas e francamente ridículas — diz o Murtaugh bruscamente, como se estivesse a pôr um ponto final na conversa.

Mas o rei Ihsan tamborila os dedos na cara e caminha em silêncio por alguns instantes.

— Não quero parecer depreciativo — diz por fim —, porém, se as vossas alegações forem verdadeiras, acham sinceramente que vão ter sucesso com um exército de pessoas fustigadas pela guerra? Mais efetivos nem sempre é sinónimo de mais força.

Obrigo-me a esboçar um sorriso, mas a minha cara parece que começa a fragmentar-se. Porque a nossa situação é ainda mais sombria do que ele imagina.

— Sei que podemos ter sucesso — digo —, mas só com a força e a liderança de Namaag.

O Murtaugh abana a cabeça com firmeza e inclina-se para a frente para sussurrar ao ouvido do rei. O Ihsan franze a testa escura e eu sinto o nó no meu estômago a apertar. Se ele não concordar, é o nosso fim. Seremos mortos às mãos do Rei Celeste ou dos Zemyanos. É indiferente.

Por fim, o Ihsan pronuncia-se:

— Vou ponderar sobre o assunto. O Rei Celeste tem demorado a responder às minhas missivas. E o nosso carregamento de mercadorias ashkarianas está atrasado duas semanas. Vou fazer algumas diligências.

O Murtaugh parece que vai cair no pântano como uma árvore tombada.

— Majestade!

A Yatindra arregala os olhos para o marido enquanto a Ziva se recosta na sua cadeira com um sorriso satisfeito.

O rei Ihsan ignora todas as reações.

— Também quero enviar batedores para verificar as condições nos outros territórios e validar as vossas alegações antes de tomar a minha decisão.

O Serik acena diplomaticamente, mas eu contorço-me na minha cadeira e digo:

— Isso vai demorar semanas.

— Há algum problema? — O rei Ihsan vira-se para mim.

O Serik agarra-me o pulso e sinto os seus dedos a fecharem-se.

— Não, claro que não — sussurro, baixando o queixo.

— Não é prudente apressar decisões tão importantes — prossegue o Rei dos Pântanos. — Se vamos formar uma aliança, quero conhecer-vos tão bem como conheço os meus próprios parentes. Por isso, por favor, façam da copa das árvores a vossa casa. — Estende os braços como se estivesse a oferecer um presente magnífico. Mas o brilho nos seus olhos castanhos parece menos um convite e mais um aviso.

Ou uma ameaça.

Capítulo 12

Ghoa

Olho fixamente para o feiticeiro zemyano, odiando o sorriso presunçoso naqueles lábios finos. Ele olha por cima de um ombro, depois do outro, e finge-se espantado por não encontrar o meu punhal de gelo. Chega a apalpar as paredes forradas *a papel* azul e abana as elaboradas tapeçarias que adornam a sala do trono, embora seja óbvio que a lâmina que forjei desapareceu.

Evaporou-se.

Mas como?

Os Zemyanos são capazes de manipular a tessitura do mundo, de modo a ocultarem coisas que existem ou a criarem réplicas de coisas que não existem. No entanto, em 12 anos de batalhas, nunca vi um Zemyano fazer desaparecer algo que eu tenho a certeza que era corpóreo.

Não é possível.

No entanto, o Kartok está diante de mim, ileso.

— Como fizeste aquilo? — grito.

— Como fiz o quê? — O seu sorriso toma-se ainda mais escar-ninho. — Perdeste alguma coisa, comandante?

Levanto as mãos e concentro as últimas réstias de força nas palmas das mãos, de modo a criar outra lâmina e provar que não estou a ficar louca. Mas o meu frio está tão esgotado que é vapor e não gelo aquilo que sai das minhas mãos.

O Kartok senta-se numa das cadeiras ornamentadas do conselho e cruza as longas pernas, com as mãos apoiadas no joelho.

— Tu e a tua irmã são tão parecidas. Enfurece-te à vontade, Arauto do Gelo. Quem ganha com isso sou eu.

Levanto-me e atiro-me a ele com um rugido furioso.

— Eu não sou *nada* como a minha irmã! Nunca vou usar o meu poder para teu benefício! — Ele é tão magro e engelhado que eu devia ser capaz de o partir ao meio, mas estou ainda mais lenta e desajeitada do que um guerreiro desprovido de magia. Ele desvia a cadeira um nadinha para a esquerda e eu bato no chão escorregadio. Incapaz de controlar a minha impulsão, esbarro contra a parede. O som do meu nariz a partir-se ecoa pelo meu crânio e, enquanto praguejo e me debato, uma das tapeçarias solta-se da parede e envolve-me como uma mortalha, fazendo-me gritar ainda mais alto, porque fico cara a cara com o Rei Celeste. A sua cara esta criteriosamente tricotada em fios dourados e cor de pêssego.

Sinto que me condena; que me sufoca.

Luto contra o pano. É surpreendentemente pesado, ou talvez eu esteja extremamente debilitada. Seja como for, não consigo libertar-me nem esconder-me daqueles olhos penetrantes.

Desiludiste-me. Desiludiste Ashkar.

Por fim, o Kartok aproxima-se, sem pressa, e livra-me da tapeçaria. Contempla-me do alto, sem sequer tentar reprimir o sorriso trocista.

— Toda esta algazarra é desnecessária. Só quero fazer alguns testes. Não sentirás nada.

— Prefiro avançar já para a parte em que me matas. — Tinha a certeza de que seria executada assim que chegássemos a Karekemish, que a minha morte serviria de entretenimento para a sua imperatriz e para a multidão de Zemyanos sanguinários. Quando não aconteceu, fiquei momentaneamente aliviada. Mas agora vejo que foi um infortúnio. Não quero morrer. Mas quero ainda menos ser a cobaia do Kartok.

Ele ronda-me como os tubarões que enxameiam as águas que rodeiam esta prisão e tira um odre das pregas do seu manto.

— Presumo que conheças a história da nossa fonte termal sagrada? — pergunta.

Olho para o odre a balançar como um pêndulo nos seus dedos ósseos.

— Se por «fonte termal sagrada» queres dizer «poça diabólica de magia negra», sim.

Kartok não morde o isco. Ergue-se e fala para o teto com uma reverência que em tudo se assemelha a fanatismo.

— Podemos não nascer com poder, mas isso não toma as nossas capacidades menos válidas. Muito pelo contrário. Zemya criou os nossos poderes através da persistência e da inovação. Características que passou ao seu povo — somos ambiciosos e trabalhadores porque temos de ser. Em vez de acumular o seu poder e de o conceder a um punhado de escolhidos, Zemya deu a cada um de nós *igualdade* de oportunidades para ter sucesso transferindo a sua magia para a fonte termal e permitindo que todos bebessem dela. Somos senhores do nosso próprio destino. Tudo depende do esforço que estamos dispostos a investir.

Rio-me.

— Dar poder a todos é meio caminho andado para o desastre. *Obviamente.* — Aponto para o general.

— Achas? Ou tens medo do que isso significaria para ti? De seres tão comum como todos nós? Não há como negar a força que vem da luta. Diz-me, comandante, quem é o melhor guerreiro: aquele que tem capacidades naturais, mas uma fraca ética de trabalho, visto que nunca teve de se esforçar, ou aquele que é naturalmente mais fraco, mas que treina ao máximo, que arranja formas de contrariar as suas insuficiências, que tem de lutar, com unhas e dentes, por cada pequeno sucesso? Quem preferias ter ao teu lado na batalha?

Quando não respondo, Kartok agacha-se à minha frente. Sinto o cheiro do pó e do suor da estrada nas suas vestes, a presença avassaladora do alho no seu hálito. Encosto-me à parede e viro a cabeça. Mas isso só o aproxima ainda mais. O seu rosto paira sobre o meu.

— Todo o «poder» é criado por alguém ou por algo — diz. — O que interessa se nasceu da Senhora e do Pai ou de um dos seus filhos? Ao fim e ao cabo, são uma só carne. O poder de Zemya é o poder deles os dois. Ela não devia ter sido condenada e banida.

Olho diretamente para os seus inquietantes olhos azuis.

— Zemya teve o que merecia. E não percebo o que tenho que ver com tudo isto.

Ele agarra-me um punhado de cabelo, atira-me a cabeça para trás e obriga-me a beber do odre. O líquido jorra pela minha garganta, espesso, quente e sulfúrico. Como a podridão sufocante que paira sobre um campo de batalha. Tusso, engasgo-me e cuspo, sentindo um ardor dentro da minha própria pele. Nó entanto, o meu corpo treme de frio. A minha língua fica mais ressequida do que a carne seca que consta nos sacos de ração nojentos que são entregues aos guerreiros menores.

O Kartok ri-se quando me vê agarrar o decote da minha túnica.

— Estás a sentir alguma coisa?

— Se a tua água termal é assim tão preciosa e poderosa — rosno finalmente através da dor —, porque decidiste dar-ma a beber? Porquê conceder-me mais poder?

Kartok toca com a palma da mão no fundo do queixo, num estranho gesto religioso que vi muitas vezes na frente de batalha.

— Porque tenho fé na minha Deusa. Sei que Zemya nunca permitiria que a Sua magia te fortalecesse. Na verdade, presumo que faça o contrário.

— Pensei que Ela queria que todas as pessoas fossem iguais — devolvo.

O Kartok dá-me uma estalada na cara.

— Evoca o teu gelo.

— Não me apetece.

— Evoca. O. Teu. Poder.

— Prefiro morrer.

A verdade é que não sei se seria capaz de evocar o gelo, mesmo que quisesse. Sentia-me febril, esgotada e exausta antes de o Kartok me envenenar com a magia da Deusa. Mas não lhe vou dar a satisfação de pensar que ganhou. E parte de mim tem medo de saber se funcionou, se a água da fonte termal pode realmente privar-me do meu dom. Por isso, concentro-me na veia azul que pulsa no centro da testa do Kartok, e esboço um sorriso escarninho. Sinto uma vontade imensa de a prender entre os dedos e rebentá-la como uma sanguessuga inchada.

— Não me queres ver zangado, comandante — ameaça.

— Oh, claro que quero.

As suas mãos voam na minha direção e a mesma dor que me incapacitou na carroça agarra-me a língua. Só que agora não me re-traio. Porque sei que não é real. Se não acreditar nas mentiras, elas não me poderão magoar. O aperto invisível do Kartok aumenta, mas a dor não se intensifica. Também não diminui, mas estou lentamente a ganhar terreno contra a ilusão. A aprender a combatê-la.

— Muito bem. — O Kartok retira uma longa lâmina de dois gumes das suas vestes e atira-a à minha cara. Voa mais depressa do que eu conseguiria reagir, mesmo que não estivesse ferida e exausta, e a ponta afiada crava-se no fundo do meu olho direito. A dor preenche o meu crânio, explosiva e penetrante. Grito e agarro-me à ferida, ciente de que é suficientemente profunda para me matar. Mas não há sangue nos meus dedos. E tão pouco encontro uma lâmina espetada no meu crânio.

Mais uma ilusão. Esta é dez vezes mais dolorosa do que o truque com a minha língua. Quase me faz sentir remorsos pelos milhares de punhais gelados com que atingi crânios zemyanos ao longo dos anos. Exceto, claro, em relação aos que mereciam.

— Da próxima vez, a lâmina não será uma ilusão — alerta ele, retirando uma arma idêntica das dobras do seu manto azul.

Só que esta produz um som audível quando ele a desembainha e sinto o gume de aço frio e afiado encostado logo abaixo do meu queixo.

Molho os lábios secos e olho para os seus espectrais olhos azuis. Olhos de demónio.

— Ambos sabemos que não me vais matar.

— Isso não significa que não possa fazer com que desejasses estar morta.

— Tenho uma tolerância extremamente elevada à dor.

Kartok pressiona a lâmina e gotas de sangue escorrem pela minha garganta.

— Há mais do que um tipo de dor, comandante. — Ele volta a embainhar a arma e mexe em pequenos botões escondidos na parede até que a passagem de vidro volta a aparecer atrás de si. — Descansa um pouco.

Um sorriso perigoso assoma-lhe aos lábios, e quando a sala do trono se solidifica entre nós, o som cavo de um riso enche o espaço.

O estômago sobe-me ao peito.

Porque o riso não é do Kartok.

É do Rei Celeste.

Reconheceria a sua voz em qualquer lugar.

Sei que não está aqui, mas viro-me para me certificar, porque soa tão real. Tão próximo — um riso tresloucado que roça o choro. Parece vir do trono dourado, e à medida que me aproximo ele, o Rei Celeste materializa-se lentamente, como se saísse de um nevoeiro denso. Aqueles olhos que tudo veem. O ângulo vincado das suas sobancelhas. A sua boca fina e implacável.

— Tu. — Levanta-se e aproxima-se de mim, e é então que reparo na mancha de sangue que ocupa a parte lateral do seu manto. A sua coroa de pele de raposa repousa torta na sua cabeça — a parte de trás do crânio esmagada. Tem sangue a borbulhar nos lábios, denso como alcatrão, quando fala. — Desiludiste-me. Desiludiste Ashkar.

Fecho os olhos e entoo:

— Não é real, não é real, não é real. — Mas *parece* tão real que o meu corpo se recusa a acreditar na lógica do meu cérebro. Sinto o cheiro do exorbitante perfume do rei. Até consigo ouvir o arrastar impercetível da sua passada provocado por um antigo ferimento de guerra de que só eu estou a par.

— Qual é a sensação de seres responsável pela queda de um império? — indaga. — De seres a maior desilusão que Ashkar já conheceu? O que vão pensar os teus pais?

Tento apagar aquela imagem da minha mente, mas o cheiro a fumo do cachimbo do papá e o aroma citrino do perfume de água de laranja da mamã penetram nas minhas narinas. E eles aparecem diante de mim. A soluçar.

Tusso com tanta força que vomito.

— A sua queda social será catastrófica — prossegue o Rei Celeste. — Não só morri quando estava à tua guarda, como foste capturada durante o cerco zemyano, e os comandantes nunca são capturados, porque os teus próprios soldados viram a tua fraqueza e ineptidão e se viraram contra ti. Os teus pais serão ostracizados. Humilhados. Vão arrepender-se de terem tido uma filha, isto, se sobreviverem ao cerco...

Volto a ouvir o seu riso, perfurando o meu cérebro como a ponta de uma lança. Sinto a garganta a fechar-se. Os olhos a arder. Tenho de sair daqui. Atiro-me contra as paredes, aos apalpões, numa busca desesperada para encontrar os botões invisíveis.

Depois do que me parecem dias, procuro refugio no canto mais distante da sala e encolho-me numa bola. Cerro os dentes. Tapo os ouvidos com as mãos. Mas isso só me dá um alívio parcial, porque estou rodeada de olhos. Todos aqueles olhos acusatórios, a observarem-me das máscaras penduradas. Só que agora já não são os olhos dos maiores guerreiros de Ashkar. São olhos que eu vi todos os dias durante mais de uma década. Os olhos dos meus guerreiros Kalima, mas despojados da sua humanidade e de todo o respeito, um pálido reflexo daqueles terríveis momentos finais na ponte de gelo. O olhar pesaroso, mas inflexível, do Varren. A

Weroneka, que nem se deu ao trabalho de olhar para trás. O escárnio do Eshwar e o desgosto da Karwani. Até o pequeno Reza, o meu pajem, que não estava encurralado no gabinete do papá e que sempre olhou para mim com adoração, pisca os seus olhos redondos e húmidos. Brilhantes com a traição. Como se lhe tivesse espetado o sabre nas entranhas.

Nunca vi magia como esta em todos os anos que passei na frente de batalha. Sabia que os Zemyanos podiam disfarçar as caras e manipular as suas armas, mas não sabia que podiam criar a ilusão de mundos completamente diferentes. E prender-me dentro deles.

As paredes pintadas fecham-se sobre mim, o riso do rei soa mais alto. Embalo-me no canto a vomitar insultos e a rezar para que a magia do Kartok desapareça rapidamente. O poder tem sempre um limite. Mas o ataque continua, e as imagens que me encham a cabeça são mais horríveis do que qualquer tortura corporal que ele me pudesse ter infligido.

A minha angústia é tão pesada que parece que estou a afundar-me pelo chão. Como se não conseguisse descer, mais baixo. É quando o espectro da Enebish aparece para me assombrar. Arrasta-se na minha direção pela neve manchada de vermelho, o braço direito quase separado do corpo, a perna a pender, sem osso.

— Estás contente? — atira, a brotar sangue dos lábios. — Destruíste-nos, a mim e a ti, para nada.

— A culpa é tua! — retruco. — Querias usurpar-me, humilhar-me. A mim que te salvei, que te treinei e que te dei tudo. Nada disto teria acontecido se te tivesse abandonado à morte em Verdenet.

Como a minha mãe me aconselhou a fazer.

— Não tenho a certeza de que esta seja a melhor ideia — disse, quando regressei com a Enebish da frente de guerra. Andou de um lado para o outro a roer as unhas enquanto as nossas criadas esfregavam a fuligem e a sujidade da pele da Enebish e procuravam roupas suficientemente pequenas para não ficarem a nadar no seu corpo magro. Por fim, a mamã puxou-me para o escritório do papá e baixou a voz. — Não sabemos nada sobre esta sulista. Ou sobre a

sua família. E já fomos alvo de tantos comentários por recebermos o teu primo. Ela nem sequer é de Ashkar...

Mas eu estava irredutível. Porque não conseguia esquecer a forma como a Enebish olhou para mim quando a levantei das cinzas e a sentei na *Tabana*. Como os seus olhos escuros memorizaram o meu rosto, cheia de espanto e admiração. Como os seus pequenos dedos traçaram os sulcos da minha armadura. Foi quase tão inebriante como o elogio dos meus pais. Queria que todos no império me olhassem assim. Que precisassem assim de mim.

Mas foi tudo um engano. Estavam apenas a usar-me. Tiraram, tiraram e tiraram até me deixarem exangue.

Esforço-me para me pôr de pé e corro para o trono do Rei Celeste. Não suporto vê-lo. Não suporto *nada* disto nem mais um segundo. Com um grito, projeto as palmas das mãos para a frente e uma fina camada de gelo cobre a almofada de veludo e o trono de ouro. Não ao ponto de o estilhaçar, mas o suficiente para provar que a magia negra de Zemya não me afetou. Pelo menos, não totalmente. Tento outra vez, mas o frio desaparece assim que sai das minhas mãos. Com um rugido de frustração, pego numa das pequenas cadeiras de madeira que estão alinhadas na parede e atiro-a contra o trono. Farpas da madeira pulverizada voam pelo ar e raspam-me a cara, fazendo-me mais mal a mim do que ao trono, mas é bom sentir que estou a fazer *alguma* coisa. Agarro nas cadeiras, umas atrás das outras, e continuo a destruí-las.

Quando já estão todas destruídas, apanho um fragmento de madeira, trepo para cima do trono — feliz ao aperceber-me de que as minhas botas estão a conspurcar a almofada índigo — e tento chegar às máscaras penduradas.

As cordas translúcidas podem parecer frágeis, mas cortam-me as mãos como arame farpado. O sangue espalha-se em manchas vermelhas brilhantes pelo chão e pelos braços dourados do trono. É horrível. E glorioso. Grito mais alto. Golpeio com mais força. E assim destruo as caras dos guerreiros que outrora admirei. Guerreiros cuja grandeza eu tinha a certeza de vir a eclipsar.

Só quando a última máscara cai, e a sinfonia de estuque estilhaçado desaparece, é que ouço alguém pigarrear atrás de mim.

Viro-me de repente, à espera de encontrar o Kartok a sorrir a um canto, mas é uma rapariga zemyana de cabelo prateado apanhado em cima e com um avental imundo atado à cintura. Tem a boca aberta e os olhos pálidos esbugalhados. Como se *eu* fosse uma bárbara.

Ficaria para morrer se tivesse alguma dignidade. Como não tenho, sento-me no trono, pouso as pernas num dos braços e a cabeça no outro, fixando o mural no teto. Espero que se vá embora se eu não responder. Como os guaxinins sarnentos de Namaag que se fingem de mortos como forma de autopreservação.

A rapariga alterna o peso do corpo entre as duas pernas e segura uma caneca de latão a fumar.

— Chamo-me Hadassah. Trouxe-te comida. — O seu ashkariano é lento e de sotaque cerrado, mas parece orgulhosa do seu esforço.

— A sério que esperas que eu coma ou beba seja o que for? — vocifero.

— Vou deixar aqui, então. Caso mudes de ideias. — Com as mãos a tremer, pouso a caneca e recua. Mas depois para e diz — Avisa-me se precisares de mais alguma coisa.

Como se eu fosse uma hóspede em vez de uma prisioneira.

— Estás a gozar comigo? — Passo as pernas por cima do braço do trono e inclino-me para a frente, empoleirando-me na borda do assento, como uma cobra pronta para atacar. — É que *preciso* mesmo de várias coisas. *Preciso* de sair desta prisão. *Preciso* de provar que os meus guerreiros cometeram o maior erro das suas vidas quando me traíram, e preciso de *conquistar* este país repelente para salvar a minha reputação, mas não me podes ajudar com nada disso, pois não, Hadassah?

Ela treme e olha para os pés.

— Não. Mas se responderes a algumas perguntas, posso destrancar as tuas grilhetas.

Olho-a de cima a baixo de forma ostensiva.

— Tens a chave?

Ela leva a mão ao bolso do avental e retira uma velha chave de latão, que balança para trás e para a frente.

Todo o meu corpo fica tenso. A minha mente grita para a atacar e tirar a chave, mas os meus membros maltratados não reagem.

— O que podes tu querer saber por mim?

— O que pretende o general com isto?

O riso que explode da minha boca é contundente e cínico.

— Ele mandou-te aqui para me convenceres a dizer algo que ele possa usar contra mim, não foi?

A Hadassah abana a cabeça furiosamente.

— Ele também me magoou. — Desaperta os atilhos da sua blusa incolor e desnuda um dos ombros. Vira-se para me mostrar as cicatrizes longas e salientes que lhe marcam as costas. Como se aquilo me importasse. Como se fosse fomentar algum tipo de camaradagem entre nós. Podia ter feito as cicatrizes em qualquer sítio. Só podem ser uma ilusão! Mas se foram obra do Kartok, ela já sabe tudo o que precisa sobre dele. — É o teu poder que ele quer? — insiste. — Diz-se que há anos que está obcecado em capturar um guerreiro Kalima, mas é quase impossível, já que nunca deixam os seus camaradas para trás.

— Chega!

O sangue desaparece do seu rosto já pálido.

— Peço desculpa se for um assunto delicado, mas...

— Mesmo que soubesse qual é o objetivo dele, achas que te daria alguma coisa? Que interesse pode isso ter para uma criada? — Ela morde os lábios num esgar. Como se esperasse sinceramente que o seu rosto inocente me amolecasse. Não teria resultado antes, e certamente não vai resultar agora. Não tenho coração, alma ou amigos. Sou apenas vingança e fúria em forma de gente. — Desaparece! — grito, erguendo as palmas das mãos. Não resta a menor

lufada de frio dentro de mim, mas a rapariga não sabe disso. Ela chora e cone pelo túnel de vidro enquanto me rio e lhe digo para ir pela sombra.

Só depois de ela se ir embora, quando as paredes da sala do trono voltam a solidificar entre nós e a vedar a única saída, é que me apercebo do meu erro.

Uma oportunidade desperdiçada.

Não tentei fugir. Nem sequer consegui a chave para abrir as minhas grilhetas.

O riso do Rei Celeste ecoa pela sala, provocando-me, troçando de mim, aproximando-me a cada segundo que passa do abismo da loucura.

Capítulo 13

Enebish

O Murtaugh e a Yatindra saem com alarido do gabinete do rei Ihsan, lábios comprimidos e mandíbulas cerradas, arrastando a Ziva atrás de si. Como se a decisão do Rei dos Pântanos de considerar a nossa proposta os ofendesse pessoalmente. A Ziva, por outro lado, mostra-nos o punho fechado e atira-nos um sorriso triunfante enquanto a puxam pela porta.

— Não percebo porque estão tão zangados — murmuro enquanto eu e o Serik os seguimos para o exterior. O sol já desponta através das copas das árvores, e uma multidão de mosquitos vorazes ataca-nos como beija-flores a pairar sobre os canteiros. O Serik esmaga um dos insetos de pernas longas entre as palmas das mãos e abre-as orgulhosamente para me mostrar a carcaça mutilada. Depois sopra o animal morto na direção do Murtaugh e da Yatindra.

— São como crianças, a fazer birra porque não conseguiram o que queriam. O vice-chanceler Murtaugh tem-se em muito boa conta. Duvido que alguma vez tenha apoiado um plano que não tivesse ele próprio delineado. E duvido que o rei discorde muitas vezes dele. Quase tenho pena da tia da Ziva por estar amarrada a um tamanho narcisista.

— Então, porque está *e/la* tão chateada? Seria de esperar que ficasse grata por o Ihsan estar a considerar ajudar o Minoak e Verdenet, o seu irmão e o seu país.

— Provavelmente, está apenas preocupada e sobrecarregada — diz o Serik. Começamos a descer pela ponte de corda mais próxima, que balança sob os nossos pés, e eu agarro-me ao corrimão entrançado com medo que aquela estrutura frágil acabe por se desmoronar. — O irmão dela quase foi assassinado e jaz inanimado na enfermaria. Além disso, tem de cuidar da sobrinha casmurra e acabou de saber que o seu país está em perigo.

Aceno com a cabeça enquanto vemos os três desaparecerem para dentro de outra mansão, que fica várias árvores mais à frente, batendo com a porta atrás de si.

— O Murtaugh é uma causa perdida, mas acho que a Yatindra, com o tempo e algum incentivo, vai acabar por mudar de ideias — diz o Serik, deitando-me um olhar.

Estreito Os olhos.

— O que queres que faça?

— Nada de mais. Acho que seria uma ótima altura para começares a treinar a Ziva e para mostrarmos aos Namagaanos os nossos pontos fortes enquanto aliados. Assim como a nossa disponibilidade para partilhar esses pontos fortes. — Passo pelo Serik e empurro-o propositadamente contra o corrimão frágil, avançando para a plataforma seguinte. — Isso quer dizer que vais considerar? — Ele persegue-me.

— Significa que a tua sugestão nem merece resposta. *Não* vou treinar a Ziva. Viste como ela é precipitada e imprevisível, a lançar fogo das estrelas sem fazer a mínima ideia de como controlá-lo. Não serei responsável por isso.

— Se a treinasses, ela saberia que não devia fazer essas coisas. E se o *fizesse* — insiste, a despeito do meu olhar mortífero —, pelo menos saberia fazê-lo em segurança. Pensa nisso, En. Já quase alcançámos o nosso objetivo, e isto pode cimentar a aliança. O rei Ihsan aceitou analisar as nossas alegações, mas é mais provável que veja os resultados a uma luz mais favorável se parecermos empenhados nisto.

Viro-me para ele e espeto-lhe um dedo no peito.

— O que vai acontecer quando os Shoniin e os Zemyanos aparecerem antes do regresso dos batedores do Ihsan? Ambos sabemos que eles vêm aí. Não podemos esperar semanas. E assim que atacarem Namaag, nada do que dissemos ou fizemos fará a menor diferença. Por isso, prefiro não perder o meu tempo. Ou comprometer a minha integridade.

— Fala baixo — rosna o Serik, afastando-me das casas e lojas construídas no enorme tronco de árvore onde nos encontramos. À nossa volta, os Namagaanos afadigam-se com as tarefas quotidianas, por isso ele leva-me por outra ponte mais para o interior da copa das árvores, onde há menos ouvidos indiscretos. — Não sabemos se ou quando os Shoniin e os Zemyanos vão chegar, por isso vamos prosseguir com o plano até lá. É a nossa única opção. E pediste-nos, a mim e aos pastores, que fizéssemos tantos sacrifícios, que seria bom...

Paro de repente e abro os olhos ao Serik, enquanto a ponte balança erráticamente à nossa volta.

— Achas que eu não fiz sacrifícios?

— Nunca disse isso.

— Foi o que me pareceu ouvir.

O Serik passa os dedos pelo cabelo e exala um suspiro das suas bochechas sardentas.

— Benditos céus, En. Claro que fizeste sacrifícios. Só quis dizer... Esquece. Devíamos estar a festejar o facto de o rei Ihsan ter aceitado considerar a nossa proposta, não a discutir por causa da Ziva. Desculpa — acrescenta, enquanto recomeço a coxear pela ponte.

— Também peço desculpa — admito com relutância. — Odeio sentir que estou a desiludir-te. Gostava de ser a mentora corajosa que queres que seja. Mas não sou.

— És tudo o que eu quero que sejas — insiste o Serik, pegando na minha mão.

Mas as palavras soam tão ocas como os juncos que assobiam no pântano mais abaixo, e eu enfio as mãos nos bolsos.

Os pastores não se queixam quando o Serik anuncia que vamos ficar em Namaag durante algum tempo. Na verdade, os seus gritos de alegria e abraços jubilantes são quase tão excessivos como quando chegámos a Uzul. Incomoda-me, apesar de me sentir tão

aliviada como eles. Precisamos desesperadamente de descansar, e é um milagre o rei Ihsan estar a considerar a nossa proposta. Mas enquanto vejo os pastores a abrirem alegremente os seus baús, sou invadida por uma inquietação que me corrói como as térmitas que se alimentam destas árvores seculares.

Sinto uma necessidade visceral de recorrer ao meu Livro de Murmúrios, uma dor que me aperta o peito. Com ele, podia perguntar diretamente aos Primeiros Deuses o que fazer, se ainda estamos no caminho certo. Já me daria por satisfeita se tivesse algo tão simples como uma boneca de oração. Qualquer coisa para atenuar as minhas dúvidas. Mas como perdi o meu Livro de Murmúrios nas pastagens de inverno, e a minha boneca de oração ardeu no *xanav* do Kartok, tenho de encontrar outra forma de comunicar com os deuses.

— Vou dar uma volta — digo ao Serik.

— Queres companhia?

— Importas-te que vá sozinha? Só preciso de um momento de silêncio... — Aceno para os pastores, que se aglomeram à nossa volta.

— Vai. Estarei aqui quando voltares. — Ele esboça um sorriso magro e apagado que não se reflete nos seus olhos.

A culpa toma conta do meu coração, mas não ao ponto de me impedir de fugir dali.

No exterior, o Sol brilha diretamente sobre a minha cabeça, e a luz quente é peneirada pela folhagem, incidindo sobre a minha pele e pontilhando as plataformas de madeira. Inspiro o ar húmido e liberto-o lentamente, sentindo-me imediatamente mais leve enquanto atravesso a ponte mais próxima. Não tenho um destino em mente, e não sei onde fica nada neste reino de copas de árvores, por isso, salto de plataforma em plataforma, passando por mercados movimentados e aglomerados de casas mais silenciosos. Os Namagaanos olham para mim com curiosidade. Alguns tentam esboçar sorrisos ou acenam educadamente quando nos cruzamos, mas ninguém tenta falar comigo. Fico tão grata pelo silêncio — não

ser convocada, repreendida ou insultada — que estou capaz de chorar.

Depois de vaguear durante cerca de uma hora, dou por mim em frente a um edifício longo e quadrado com um único traço distintivo: o molho de folhas de aloé que está pendurado sobre a porta. A planta é cara e rara, visto que cresce apenas em Namaag, por isso só os melhores curandeiros imperiais podem dar-se ao luxo de a levar para o campo de batalha.

Sorrio para aquele molho verde brilhante. A Senhora e o Pai sabem sempre aquilo de que preciso. Trouxeram-me até à enfermaria. Até junto do meu rei.

Se Minoak estiver acordado, poderá resolver esta questão. Será mais incisivo nas negociações com o rei Ihsan e garantirá que marchamos sobre Verdenet antes da chegada dos Shoniin e dos Zemyanos. Vê-lo vivo e bem de saúde vai lembrar aos pastores que nunca foi nossa intenção esconder-nos nos pântanos enquanto o resto do império desmorona.

Coxeio até à porta, mais ansiosa do que nunca para ver o meu rei, mas quando levo a mão à maçaneta, a porta cede para dentro e acabo por tropeçar numa mulher chorosa. O seu vestido turquesa está amarrotado, a maquilhagem nas sobrancelhas esborratada e ela tem de se agarrar à ombreira da porta, como se as pernas estivessem demasiado fracas para suportar o seu peso. Está tão desalinhada que só algum tempo depois percebo que é a Yatindra.

— Desculpe, não sabia que estava alguém a sair — disse-lhe.
— Sente-se bem?

O rei Minoak está bem? Tento espreitar por cima dela para a enfermaria.

A Yatindra lança-me um olhar fulminante, é um palmo mais alta que eu.

— O meu irmão ainda não se mexeu, por isso, não estou bem.

— Oh — desvio o olhar e tento disfarçar a minha desilusão. — Esperava que ele já estivesse muito melhor. Todos nós tínhamos

essa esperança.

Ela solta uma gargalhada dura.

— Não finja que ele é importante para si.

— Como assim? É o meu rei. Claro que é importante para mim.

— É importante desde que possa servir-se dele. Não quer saber do homem que está por baixo da coroa.

— Porque diz isso? — *Nós* é que resgatámos o rei Minoak.

Trouxemo-lo para aqui para recuperar. E estamos a tentar devolver-lhe o trono do seu país. Estamos do mesmo lado, mas ela baixa os olhos e passa por mim, abanando a cabeça enojada.

Apetece-me agarrar-lhe o cabelo comprido e puxá-la para perto de mim. Dizer-lhe que está a ser ingrata. Mas quando a vejo a fugir, penso no que o Serik disse — no quão preocupada, sobrecarregada e assustada ela deve estar — por isso respiro fundo e coxeio atrás dela.

Posso dar o braço a torcer. Posso fazer a ponte.

— Espere! — chamo. Ela hesita antes de se virar.

— O que foi?

— Sei que tudo isto deve estar a ser difícil para si. Trouxemos muitas más notícias. Não lhe levo a mal por ficar ressentida.

Ela acena com a mão num sinal de desprezo.

— Só estou grata pelo meu irmão e sobrinha estarem vivos.

E quero garantir que continuam assim.

— Temos todos o mesmo objetivo.

— Temos? — desafia.

O seu ceticismo faz-me querer gritar.

— Sim! E seria consideravelmente mais fácil se o seu marido não se opusesse às propostas que fizemos ao rei Ihsan.

Ela troça.

— Não está a ver bem as coisas — diz, antes de desaparecer num turbilhão de cabelo preto e tecido turquesa.

Murmuro maldições nas suas costas. O que mais espera que façamos? É ainda mais intratável do que a Ziva.

Volto para a enfermaria com a minha perna lesionada a pulsar com dores — e por nada. Mostrei um ramo de oliveira, tentei mostrar-me recetiva e a Yatindra cuspiu-me na cara.

Pelo menos, posso dizer ao Serik que tentei.

Dentro da enfermaria, sou apanhada de surpresa pela súbita onda de escuridão. Apenas dois frascos de pirilampos iluminam o espaço, possibilitando à noite ocupar muitos cantos sombrios. Os tentáculos dão-me as boas-vindas com afagos e turras enquanto me conduzem pelo longo corredor. As camas de corda estão alinhadas nas paredes e os paus de incenso queimam em pequenas placas douradas, enchendo o ar com fumo de canela e laranja, mas não é suficiente para abafar o cheiro fétido a doenças.

Algumas camas estão ocupadas com Namagaanos — alguns descansam com os olhos fechados, outros gemem e remexem-se com dores — mas eu avanço até ao final do corredor, onde dois sentinelas vestidos de cor de laranja vigiam uma cama mais elegante do que as demais. A estrutura é de madeira, o colchão é de penas, e um sumptuoso cobertor escarlate cobre a figura de cabelo grisalho que nela repousa.

Os guardas ficam em sentido quando me veem e posicionam-se entre mim e o rei Minoak, com as lanças cruzadas como grades.

— Não são permitidas visitas — diz um deles.

— Sei que ele acabou de ter uma visita. — Aponto para a porta por onde a Yatindra saiu.

— É a irmã do rei.

— E eu sou uma súbdita. — Aponto para o meu cabelo escuro e pele dourada e para os meus gémeos tatuados, que me identificam como verdenesa. — Fui eu que o salvei e trouxe até aqui.

— Não podemos permitir ninguém além da família real perto de Sua Majestade.

— Por ordem de quem? — digo, elevando de imediato a voz. — Só quero falar com ele. É importante. Sou responsável por muitos...

— Não é possível. Ele nem sequer está acordado.

— Eu tenho de o ver! — Sinto que a minha cabeça foi enfiada no pântano e que os meus pulmões gritam por ar. Não me tinha apercebido do quão desesperadamente precisava de ver o meu rei até agora. Quando isso me é negado. Os tentáculos de escuridão tremem contra os meus dedos. Sondam-me. Estão prontos. — Por favor! — imploro.

Os outros doentes olham para nós, e o curandeiro que saltita entre as camas parece estar pronto para me atirar a bandeja de instrumentos à cabeça.

— Fora! — Os guardas apontam-me as lanças à cara. Tenho de fazer uma escolha: ceder e retirar-me ou escurecer toda a enfermaria e fazer o que quiser.

Sei o que quero fazer, mas ser beligerante não vai fomentar a confiança e convencer o rei Ihsan a juntar-se a nós. E não há razão para levar a minha avante se o rei Minoak não estiver acordado para ouvir o que tenho a dizer.

Os tentáculos agitados beliscam-me as faces. *Porque tem de estar acordado para receber a tua mensagem?*

— Muito bem — digo aos guardas, voltando ostensivamente pelo mesmo caminho que me levou ali. Depois de fecharem a porta atrás de mim, esgueiro-me silenciosamente à volta do edifício e posiciono-me debaixo das janelas traseiras da enfermaria, onde está o rei Minoak.

Envolvo-me em sombras, empoleiro-me num ramo perto da janela — que está aberta para deixar entrar ar fresco — e evoco os tentáculos da escuridão da sala. Posso não ser capaz de falar com o meu rei num sentido mais tradicional, mas isso não significa que não possa expressar as minhas preocupações e necessidades. Vou

plantar as sementes da nossa rebelião enquanto ele dorme, e quando ele finalmente acordar, vai pensar que as ideias eram suas.

Foi exatamente o que fiz com o Rei Celeste há tantos anos, quando decidi fazer campanha para ser nomeada comandante dos guerreiros Kalima. A escolha que pôs em movimento toda esta loucura. Sinto-me invadida por esses mesmos sentimentos de urgência e necessidade, que se refletem na minha voz quando sussurro na escuridão.

Canto fragmentos de velhas canções do deserto, transmito os meus planos para libertar os Protetorados e uni-los contra o Rei Celeste. Não poupo nos pormenores sobre a frente de batalha, o Temujin e os Zemyanos. Tudo de que me lembre para combater a inevitável barragem de opiniões com que se confrontará quando acordar.

— Por favor, que seja em breve — rezo, enquanto envio os tentáculos de ébano de volta para a janela. Vejo-os a tomarem conta da cara do rei Minoak e a assentarem à volta dele como fumo. Em seguida, desço da árvore e regresso em passo lento às camaratas. Reflito sobre tudo aquilo. Imploro aos Primeiros Deuses que me mostrem a verdade. E o caminho a seguir.

— Estiveste fora que tempos — diz o Serik quando finalmente entro pela porta. — Estava a começar a pensar que tinhas caído no pântano. Já ia enviar uma equipa de busca.

O seu tom de voz é brincalhão, mas olha para mim com expectativa. À espera de que lhe diga onde estive. As razões da minha demora.

Durante meio segundo, ainda penso em contar-lhe tudo. O que pensaria ele da frieza da Yatindra — apesar dos meus esforços de aproximação — e da recusa dos guardas em me deixarem ver o rei Minoak? Mas, como sempre, a nossa camarata está cheia até ao ponto da asfixia; tudo o que eu disser ao Serik será ouvido pela caravana. E se lhe falar na Yatindra, ele vai pensar que a segui para arranjar confusão. Vai ficar frustrado por ter irritado os guardas da enfermaria, que podiam denunciar o incidente ao Ihsan.

Contar a verdade ao Serik não trará nada de bom. Não até eu perceber se os motivos por detrás da hostilidade da Yatindra são motivo de preocupação, ou se estou apenas a ver fantasmas onde eles não existem porque Sou demasiado desconfiada. Arruinada pelo passado. Indigna de confiança porque eu própria não sou capaz de confiar, nem mesmo nos meus aliados.

Um esgar de dor assoma à minha cara quando me sento no chão e desato os atacadores das botas a duras penas.

— Andei mais do que devia, por isso foi difícil voltar. Acabei por descer ao nível da água durante algum tempo para molhar a perna — minto.

— Lamento... aquilo que disse — diz o Serik em surdina. — Não te devia ter pressionado em relação à Ziva.

— Não teve nada que ver com isso — garanto-lhe, mas ele insiste em ajudar-me com as minhas botas e leva-me para a cama. Massageia-me os pés e traz-me a comida que guardou para mim, visto que perdi a refeição do meio-dia.

— Vou ser mais consciencioso — promete, fazendo-me sentir a criatura mais desprezível do continente. Pior ainda do que os mosquitos vampiros.

Mas esboço um sorriso e murmuro:

— Eu também.

Capítulo 14

Ghoa

Passo o resto da noite a inspecionar a parede que se abre para uma passagem. Se aquela criadita tem o poder e o intelecto para lhe aceder, certamente também serei capaz de o fazer. Mas por mais que esgatanhe, por mais tinta azul que arranque dolorosamente à unhada, não encontro nada. Agora, tenho as mãos ensanguentadas e os pulsos em carne viva por causa das grilhetas, o que toma a procura ainda mais impossível.

— Não me surpreende — a voz do Rei Celeste surge de toda a parte e de lado nenhum. — Sempre foste uma incompetente.

Arranco todas as cortinas em resposta. Claro que não me serve de nada — o rei não é real; tão-pouco as cortinas — mas ajuda a passar o tempo e a bloquear os espetros que estão apostados em me enlouquecer.

Depois de destruir tudo o que estava ao meu alcance e de ficar rouca de tanto gritar com aquelas ilusões, agacho-me ao lado da porta invisível e espero. Não me interessa quem for o próximo a entrar pelo túnel. Vou incapacitar essa pessoa com gelo ou com a força do meu desespero e sair daqui. A seguir, vou assassinar a imperatriz e o general supremo e enviar este palácio hediondo para o fundo do mar. Depois disso, serei acolhida de braços abertos pelo povo de Ashkar — a salvadora do império — e os guerreiros Kalima vão passar o resto das suas vidas a desejar não me terem traído.

Depois do que me pareceu uma eternidade, mas provavelmente não foi mais do que uma noite, a porta desliza e abre-se. A minha mente entra em estado de alerta e levanto as mãos, aliviada por ver que é a Hadassah e não o Kartok quem entra na sala.

Lanço-me contra ela como uma pantera da neve após o degelo, selvagem e faminta. Os meus dedos afundam-se na sua carne e enfio cada pedaço de frio do meu núcleo no corpo da criada. Mas a

pele não arrefece quase nada. Os seus lábios abrem-se num grito quando ela cai no chão. A tigela de papas que traz consigo cai também e o conteúdo salpica a parede, sem ter sequer arrefecido com o meu frio.

Não é a emboscada que imaginei, mas é suficiente. Passo por cima dela como se fosse um cadáver ensanguentado no campo de batalha, e corro para o túnel.

— Para! — grita ela.

Corro ainda mais depressa, tentando esgueirar-me pela porta quando esta começa a deslizar. Só que, quando julgo estar quase a salvo, os dedos da Hadassah agarram-me pelo tornozelo e, com uma força surpreendente, dá-me um puxão que me derruba. E eu incapaz de me proteger por causa das malditas grilhetas. Ela arrasta-me rapidamente para a sala, como se eu fosse a criada franzina e ela a guerreira experiente.

— Larga-me! — E dou-lhe um pontapé na cara.

— Estou a tentar ajudar! — grita, enquanto se esquiva dos meus ataques. — Ele está a chegar. Seria capaz de te recapturar em menos de nada e ainda me mataria por cima.

Aquelas palavras desequilibram-me, ao ponto de ela ser capaz de agarrar na tigela, saltar por cima de mim e desaparecer pela passagem antes de eu conseguir recuperar.

A porta fecha-se atrás dela e o Kartok aparece menos de um minuto depois.

— Bom dia, comandante. Como te sentes neste belo dia? — questiona, embora a resposta seja clara.

Pareço a morte. E pior, sinto-me como a morte. Mas esboço um sorriso amarelo e digo:

— As instalações são do mais repousante possível. Sinto-me mais forte do que nunca.

Agito os dedos e uma onda de espirais de geada surge entre nós. Apenas um vestígio que derrete imediatamente, mas o suficiente para provar que não estou impotente, que a sua Deusa não é

forte ao ponto de me privar do gelo. Nem mesmo quando já está esgotado.

A expressão do Kartok toma-se mais sombria. Antes de conseguir pestanejar, já ele está em cima de mim, com os joelhos cravados nos meus ombros e as mãos a forçarem outro odre contra os meus lábios. Sinto mais uma dose de água escaldante a descer pela minha garganta. Ele despeja tudo até o odre estar vazio e a água pingar pelo meu queixo abaixo. Em seguida, fica a pairar sobre o meu corpo, ofegante.

— Como te sentes agora?

O ardor invade o meu corpo mais depressa, mais quente e mais forte do que antes. Sinto-me como se estivesse a cuspir chamas. Mas ainda sinto o gelo dentro de mim, no fundo do meu peito. É ínfimo, um seixo que já foi um penedo, mas está lá. Só prova que os Zemyanos nunca foram e nunca serão tão fortes como os Ashkarianos. Nem mesmo a sua Deusa.

— E então? — O Kartok crava os joelhos ossudos nos meus ombros.

Estendo o meu dedo trémulo e toco no dedo do pé da sandália do Kartok. As suas faces barbudas enrubescem quando um belo floco de gelo se forma por cima das missangas. Quero gabar-me, mas só um ligeiro fôlego escapa da minha garganta escaldada.

— Ainda tens *fé absoluta* em Zemya?

— Não fales mal da Deusa! — O Kartok atira os braços para os lados e as paredes azul-celeste da sala do trono estilhaçam-se como vidro partido. Fecho os olhos e inspiro pela última vez, à espera de que a água do mar se abata sobre mim. Mas o dilúvio não vem. Nem uma única gota de água azul escura atravessa as fendas. Em vez disso, vejo sombras em movimento e luz refratada. Ouço murmúrios e correntes que se arrastam. Eu *sabia* que não podia ser a única prisioneira, mas a réplica da sala do trono era tão convincente que quase comecei a acreditar nas mentiras do feiticeiro.

Agora, vejo a verdade: estou rodeada por dezenas de celas de vidro idênticas, a maioria ocupada por guerreiros ashkarianos. No entanto, há alguns Shoniin cinzentos e até alguns Zemyanos. São sempre pessoas pálidas e doentes, mas as veias destes Zemyanos são azuis e brilham sob a sua pele translúcida — como as medusas que deslizam pela água, como se não vissem o sol há uma eternidade.

No entanto, o mais chocante de tudo é o som de alguém a cantar, ao longe. A melodia é distorcida pela água e pelo vidro, mas é uma canção que conheço de cor: a música da minha infância. Todas as noites, o papá cantava aquela canção de embalar tranquilizadora à minha cabeceira até eu adormecer. As palavras são diferentes, claro, estranhas letras zemyanas que são melífluas e ameaçadoras, mas a melodia envolve-me como a bainha envolve a espada. Confortável e protetora.

A cantora é uma mulher zemyana, ajoelhada com as mãos encostadas ao vidro. Em frente, um guerreiro imperial, que parece tão pequeno como os nossos recrutas mais jovens, ajoelha-se da mesma forma, as mãos estendidas para a mulher. Os ombros magros da criança tremem no seu azul e dourado inconfundíveis, e quanto mais alto chora, mais alto a mulher canta. A voz dela soa forte e clara, e dos seus dedos são projetadas explosões de cor que se espalham pelo vidro entre os dois como uma aquarela.

As cores formam a imagem difusa de uma pomba e de um leão, as personagens da canção, que se contorcem num rodopio vertiginoso que tem tanto de assombroso como de hipnotizante.

Lindo. É a única descrição possível. Mas *não* pode ser lindo porque a magia zemyana é vil. *Errado.*

O Kartok bate as palmas e as rachas na sala do trono voltam a unir-se, ocultando os outros prisioneiros.

— Não me podes deixar aqui a apodrecer como eles — digo, com convicção na voz. — O meu poder vai renovar-se e não há nada que possas fazer para o impedir. Assim que isso acontecer, vou destruir esta prisão.

— Impossível — diz o Kartok, mas a sua resposta é demasiado lenta, demasiado esganiçada. — Mesmo que conseguisses destruir as barreiras, nunca sobreviverias ao mar.

Esboço um sorriso malicioso.

— Não faz mal, porque tu também não.

As narinas do Kartok dilatam-se. Dirige-se para a parede e mexe nos botões que não consigo encontrar nem por nada.

— Isto pode ser tão simples ou tão difícil como tu quiseses — diz, enquanto puxa uma alavanca. Em vez de abrir a passagem de vidro, um painel no chão desliza e uma banheira comum sobe para a sala. A água transborda dela, e o cheiro amargo da magia zemyana é esmagador. Faz-me lembrar o cheiro a cavalos molhados e tendas bolorentas. — Podes cooperar e evitar mais dor. Ou podes sofrer. — Aponta para a banheira. — Seja como for, vou extrair a informação de que preciso.

— Este é o único método de tortura em Zemya? Ou és assim tão pouco imaginativo? A água da nascente termal nem sequer suprime o meu gelo.

— Mas afeta o teu corpo. E um corpo enfraquecido não pode controlar um poder volátil.

— Porquê? Porque não me matas e acabas com isto? — Não quero morrer, nem tenciono morrer, mas se não conseguir sair daqui, prefiro uma morte rápida a semanas de sofrimento, à medida que a água da nascente termal me derrete lentamente de dentro para fora.

— Preciso da tua ajuda. E se a nascente termal não for eficaz, temos de explorar outras opções.

— Não te vou ajudar em nada — respondo.

— Não tens alternativa — diz o Kartok. — Para onde irão os guerreiros Kalima agora que Sagaan caiu?

Abano a cabeça e sorrio.

— Caçá-los é uma perda de tempo. A tua nascente termal também não lhes vai tirar os poderes. Podem não ser tão fortes como eu, mas não são tão fracos como tu ou a tua Deusa.

Preparo-me para uma bofetada, mas após um momento de tensão, o Kartok agacha-se e avalia-me com um comprazimento enervante.

— Nunca pensei que fosses assim tão nobre e clemente...

— Que conversa é essa?

— Não tens motivos para proteger os Kalima. Na verdade, devias puni-los por te terem abandonado. Esta pode ser a tua vingança. Mostra-lhes o que fazes aos traidores.

— Eles fizeram o que tinha de ser feito para o bem-estar de Ashkar — digo contrariada, apesar de saber que terem-me abandonado *não* serviu os interesses do país e de adorar vê-los a todos metidos nesta prisão zemyana. Mas ao contrário daqueles cobardes traidores, estou a pensar no império. E, quer eu goste quer não, Ashkar precisa dos seus poderes. Se os Kalima forem capturados e mortos, nunca conseguiremos expulsar os Zemyanos.

— Diz-me qual é o ponto de encontro — insiste o Kartok.

— Parece-me *evidente* que os Kalima não querem que me junte a eles. — Estendo os braços para dar ênfase às minhas palavras. — Achas mesmo que eles combinariam encontrar-se num sítio que fosse do meu conhecimento?

O Kartok cerra o maxilar. Contempla-me com asco, como se eu fosse uma barata numa saca de arroz.

— É lamentável seres desprezada desta maneira pelos teus próprios soldados.

— Todos os comandantes são desprezados. Estás muito enganado se achas que és diferente. Ninguém gosta que lhe digam o que fazer. E ninguém segue um líder brando e indeciso. Temos de ser implacáveis. Exigentes. Os teus soldados não hesitariam em deixar-te na escadaria do Palácio Celeste, embrulhado em fitinhas para o rei Tyberion, se isso lhes conviesse.

— Esqueces-te de que o teu Rei Celeste está *morto*.

As palavras atravessam-me como se fossem um dos relâmpagos do Eshwar.

— Não era teu dever protegê-lo, comandante? — espicaça o Kartok. — Devias ter visto o corpo dele... mutilado sobre as pedras da calçada geladas.

Aqueles momentos finais terríveis no Tesouro surgem em clareiras: o Varren a ajudar o Rei Celeste a subir para o contraforte. A lentidão atroz dos seus passos. O pedaço de mármore a cair no céu de carvão. O som assombroso do seu grito.

— Para! — grito.

— Coopera! — responde o Kartok, também a gritar. — Quantos guerreiros Kalima existem no total?

Digo o primeiro número que me vem à cabeça.

— Dez mil.

— Mentira! — O Kartok aproxima-se, ameaçador, obrigando-me a recuar até as minhas costas estarem literalmente contra a parede. — Nem metade! Teriam acabado com a guerra há muito tempo.

— Se tens assim tanta certeza dos nossos números, porque me perguntas?

— Não me ponhas à prova, menina.

— Senão fazes o quê? O que mais podes tirar-me?

O Kartok estende os braços, as palmas para cima, e duas formas erguem-se do chão, como as plumas de poeira criadas por milhares de guerreiros em marcha. As partículas deslocam-se e agregam-se, até formarem lentamente os rostos de um homem e uma mulher. Ele tem cabelo encerado brilhante e um cachimbo entre os dentes. Ela usa caracóis ondulantes e um sorriso orgulhoso. Os meus pais dizem o meu nome e tentam alcançar-me, alheios à terceira figura que paira atrás deles. A figura encapuzada levanta uma lâmina — a lâmina que está presa à anca do Kartok.

— Cuidado! — grito. Mas é demasiado tarde. O aço *já lhes* cortou o pescoço.

— Os teus pais vivem em Sagaan, não vivem? — grita o Kartok por cima dos meus lamentos. — Uma cidade agora ocupada por Zemya...

— Se lhes tocares num único fio de cabelo...

— Para onde vão os Kalima? — ruge o Kartok.

Os meus olhos ainda estão pregados às cabeças degoladas dos meus pais, que rolam aos meus pés. Quase cedo e divulgo todos os potenciais pontos de encontro que me ocorrem, mas, felizmente, a minha língua não me obedece. Mantém-se quieta e pesada na minha boca. Os meus dentes estão cerrados. O Kartok não vai poupá-los, mesmo que eu coopere.

Quando dou por mim, já tenho os dedos ossudos do Kartok cerrados à volta do meu pescoço e estou a ser arrastada pela sala do trono. Nem sequer tenho tempo para encher os pulmões antes que ele me enfie a cabeça na banheira.

Mergulha-me sucessivas vezes, cada vez mais forte e mais rápido. Até eu não saber se a queimadura que sinto no peito é da água a escaldar ou da falta de ar.

Por fim, atira-me ao chão.

— Hei de arranjar maneira de te derrotar. Zemya será exultada. O remado de terror de Ashkar sobre o continente termina agora. Comigo.

Quando tento responder, cuspo jatos de água pútrida e uivo de dor. O meu corpo treme e transpira. Já era mau ter o veneno zemyano a escorrer-me pela garganta e a roer-me os órgãos. Mas agora também me ataca por fora. Encharca-me. Avassala-me.

A Enebish contou-me que queimam os mortos em Verdenet — uma tradição grosseira e pouco respeitosa que erradicámos assim que os sulistas se juntaram aos Protetorados — e imagino que é isto que devem sentir. Só que ainda pior, já que estou viva.

— Onde estão os Kalima? — O Kartok volta à carga.

— Não te vai adiantar de nada encontrá-los. Os nossos poderes não podem ser suprimidos ou tomados. Em primeiro lugar, terias de nos impedir de receber o poder.

Espero que a minha declaração o desanime e enfureça. Porque é impossível. Os poderes Kalima nascem connosco, como o coração ou os pulmões. Não é algo que possa ser removido. Mas um sorriso lento assoma ao rosto do Kartok e arrepia-me tão completamente que, por um instante, sinto frio. Mesmo com a água da nascente a escorrer-me pelo nariz.

— Até que enfim, comandante, disseste algo de útil — diz-me, com os olhos brilhantes. Depois vira-se sem dizer palavra e desaparece no túnel.

Fico deitada na poça de água termal, a gemer e a contorcer-me, sem saber o que mais me dói — se o calor agonizante ou o meu orgulho. O Zemyano venceu-me. Fez de mim uma idiota chapada.

— Patético. — A voz do Rei Celeste fere-me como estilhaços.

— Ninguém te perguntou nada! — expludo com a figura arrogantemente sentada no seu trono. Se tiver de aguentar o seu fantasma vingativo durante mais um dia, perco a cabeça.

— Ainda não a perdeste?

— Sai. Da. Minha. Cabeça. — Profiro cada palavra como uma ameaça, mas isso só faz com que ele se ria ainda mais.

— Não posso «sair» da tua cabeça. Sou uma projeção da tua própria mente. Uma personificação da tua culpa. Não estás zangada comigo, o que sentes é desprezo por ti mesma. Desiludiste-te, Ghoe. Tento levantar-me. Tenho de sair daqui. Vou abrir caminho a lutar ou morro a tentar. Porém, os meus braços estão tão fracos que mal consigo rebolar. Não vou muito longe, mas pelo menos já não tenho de olhar para o Rei Celeste. Infelizmente, o seu veneno já está na minha cabeça, debaixo da minha pele. Tão doloroso como a água termal.

As lágrimas formam-se nos cantos dos meus olhos, até que finalmente as deixo correr e desato a chorar.

E é neste estado que me encontra aquela criada intrometida, a Hadassah.

— Mar santíssimo! — Ela deixa cair a tigela de aveia que traz consigo e corre para o sítio onde estou. Tem inclusivamente a audácia de se ajoelhar ao meu lado. Como se se importasse que eu morresse. Estava à espera de que cheirasse a suor e a sabão como os criados do Palácio Celeste, mas os cheiros ricos de bergamota e jasmim envolvem-me enquanto me limpa a cara com a sua saia imunda. — O que aconteceu? O que é que ele fez agora? — pergunta. — É água da nascente termal?

— Tira os teus dedos escaldantes de cima de mim! — rujo.

O tecido queima-me a pele como brasas incandescentes.

— Desculpa! Desculpa! — Ela retira as mãos e fica a olhar para elas durante muito tempo. Em seguida, voa para o outro lado da sala, pega na tigela que estava no chão e segura-a entre as mãos. Sussurra algo em zemyano e o metal da tigela liquefaz-se, espalhando-se numa poça de prata.

— Achas mesmo que precisas de forjar uma arma agora? — rosno. — Nem consigo manter-me de pé.

— Não te mexas. — Ela volta para o meu lado, chega-me o metal à cara e passa-o suavemente sobre a minha testa como um pano molhado.

— Afasta isso de mim! — grito, mas é demasiado tarde. O metal já está a escorrer-me pela cara, pelo pescoço e pelo peito, a expandir-se até cobrir cada centímetro do meu corpo. Inspiro uma golfada de ar para gritar, mas esta rapidamente se toma num suspiro. Não sei como, a dor e o calor estão a desaparecer. A ser drenados do meu corpo como o sangue de um cadáver. — Como? — pergunto, num tom de voz brando e sonhador. Nunca senti um alívio tão grande. As minhas pálpebras esvoaçam e sinto que estou a flutuar. Leve, fresca e sem peso.

— É uma simples manipulação. O metal é um melhor condutor de calor do que a carne, por isso, se tiver de escolher, o calor vai preferir sempre o metal.

O som da voz da Hadassah quebra o feitiço, e lembro-me onde estou. E o que ela é.

— Porque me ajudaste? — atiro com escárnio, limpando freneticamente o revestimento de metal do meu corpo. Mas continua a escorrer por mim, derramando-se sobre as bordas do meu corpo e juntando-se no chão como xarope.

— Porque podemos ajudar-nos mutuamente. Preciso de saber o que o Kartok anda a tramar...

— Ele não te vai castigar? — interrompo. Quero parecer carancuda, mas é difícil fazer qualquer coisa além de suspirar enquanto a dor continua a desaparecer.

A Hadassah encolhe os ombros.

— Ele só me pode castigar se me apanhar.

— Desconfias assim tanto do general para arriscares a sua ira? E para fortaleceres o teu inimigo? Pensei que ele fosse um herói no vosso país.

— Ele tem sido a maldição da minha existência desde o dia em que nasci — murmura ela de forma obscura. — Eu disse-te que ele também me magoou. Pior ainda, os seus esquemas e sede de poder vão prejudicar Zemya. Por isso, se ele te quer ferida ou morta, eu quero-te viva e de saúde. Se ele exigir respostas, vou garantir que os teus lábios se mantêm fechados. O que for preciso para o prejudicar.

Meço-a de alto a baixo, com as sobrancelhas franzidas. *O que te interessa isso?*

Os criados de Ashkar não ligam minimamente ao estado do nosso governo ou liderança. Só estão a tentar sobreviver ao grande gelo. Mas calo-me porque os olhos azuis da Hadassah brilham com animosidade. O desprezo emana dos seus poros tal como o gelo se infiltra nos meus, enchendo-me com uma onda de esperança frígida.

Não interessa o motivo por que está zangada e desesperada. Só interessa que está.

O ódio é algo que posso aproveitar. O desespero faz dela uma pessoa útil.

— Se queres mesmo irritá-lo, liberta-me — desafio.

— Para poderes matar-nos, a mim e a todos os seres vivos deste palácio, e depois chamares os teus guerreiros sanguinários para arrasarem com o nosso país? Não me parece.

— Ah, aí está. Aquilo que realmente achas de mim. Eu sabia que toda esta simpatia era uma farsa.

— Ages como se a minha animosidade não fosse merecida — atira, — Há séculos que vocês nos atacam!

— Os vossos antepassados iniciaram esta guerra interminável, atacando Ashkar mesmo depois de terem sido banidos por praticarem magia negra.

O riso da Hadassah é surpreendentemente baixo e cínico.

— Foi essa a mentira que o vosso rei vos contou?

— É o que me dizem centenas de anos de registos. Zemya sempre foi o agressor.

— Errado! — A veemência da Hadassah faz-me saltar. — Foi Ashkar que nos atacou. Já tínhamos sido expulsos, mas isso não foi suficiente. Queriam destruir-nos por completo. Para garantir que não desenvolvemos as nossas artes mágicas ou prosperamos nesta terra árida. Os nossos antepassados tiveram de se defender. Ainda hoje continuamos a defender-nos.

Lanço um olhar fulminante à Hadassah e abano a cabeça. Os antigos Ashkarianos não tinham motivos para atacar depois de os Zemyanos terem sido banidos. Tudo o que sempre quisemos foi que nos deixassem em paz, mas os Zemyanos não esqueceram os seus rancores.

— Como será ser sujeito a uma tamanha lavagem cerebral? — pergunto. — O teu país assenta num chorrilho de mentiras.

— Como podes ter a certeza de que as mentiras não te foram enfiadas pelos olhos adentro?

— Porque conheço o meu povo. Conheço o meu rei.

— E eu conheço a minha imperatriz.

— O que é que uma criada sabe sobre uma imperatriz? — es-carneço.

A Hadassah acusa o toque.

— Mais do que pensas.— Afasta-se, murmurando indignada que nunca conheceu uma pessoa tão ingrata, arrogante e irritante. Sorrio enquanto sinto os seus insultos assentarem nos meus ombros e aquecerem-me como os maiores elogios. — Estou a tentar ajudar-te! — grita. — Tudo o que quero em troca é uma informação sobre um homem que ambas desprezamos. Seria de esperar que tu...

— O quê? — interrompo. — Pensavas o quê? Que me prostraria aos teus pés em sinal de gratidão? Que ficaríamos amigas para sempre e trocaríamos confidências enquanto escovávamos o cabelo uma da outra? — O rubor toma conta das suas faces, incentivando-me. — Eu não pedi a tua ajuda. Foi uma má decisão da tua parte. Não te devo nada. E estou-me nas tintas para as pessoas deste país miserável, sobretudo para as ambições mirabolantes de uma criada da prisão.

Ela para no centro da sala, deixando vincos na passadeira extravagante quando faz meia volta. A sua expressão é desesperada, os seus olhos suplicantes, mas isso deixou de ter efeito em mim há vários anos. Já trespassei com o meu sabre milhares de soldados de olhos suplicantes.

— Não tens um pinga de honra? — vocifera.

— Não — digo, com sinceridade. Honra e integridade são o que leva as pessoas a fazerem escolhas altruístas e sacrifícios irracionais. Tenho motivação. Ambição. Orgulho.

— E não te incomoda estar em dívida para comigo?

— Não — repito, mesmo que essa seja a única coisa que me incomoda.

— Não te irrita teres sido curada com magia zemyana? E teres *gostado*? Eu vi a tua cara. Ouvi os teus gemidos. Achas que consegues viver com isso? És uma hipócrita. Acorrentada a mim. Atormentada por esta dívida.

O desconforto eriça-me os pelos da nuca e sinto um arrepio, agora que já não estou sob o domínio do calor sobrenatural. Não quero ser atormentada por nada nem por ninguém depois de ser assombrada pelos espetros do Kartok, mas não posso deixar a rapariga perceber que tocou num ponto sensível. Fecho a cara e estendo as minhas mãos.

— Tira-me as grilhetas e eu conto-te tudo o que ele disse e fez.

— Mas já te curei!

— *Voluntariamente*. Este é o meu preço pela informação. — Abano as mãos para fazer chocalhar o metal.

A Hadassah murmura furiosamente, mas mete a chave na fechadura. Gemo quando as algemas caem e massajo suavemente os pulsos.

— E então? — diz, com as mãos nas ancas.

— O Kartok tentou anular o meu poder Kalima obrigando-me a beber da água termal, mas a vossa magia negra nunca foi nem nunca será suficientemente forte.

A Hadassah suspira com exasperação.

— Ele fez mais alguma coisa?

— Além de tentar afogar-me na água termal? Não. Esse parecia ser o seu único plano.

— Se ele pensa que anular os teus poderes é a chave para ganhar a guerra, só vai parar quando encontrar uma maneira. Fez ameaças ou disse alguma coisa que aponte para o que pode tentar fazer a seguir?

— Não. Infelizmente, não me descreveu os planos de tortura ao pormenor — digo. A Hadassah revira os olhos. — Só me perguntou quantos Kalima existem e quais são os seus pontos de encontro.

Como se encontrá-los lhe valesse de alguma coisa. A seguir, irritou-se e repetiu as velhas banalidades que o teu povo tanto adora sobre garantir que todos têm igualdade de oportunidades na magia, vingar e exultar Zemya, e por aí fora.

O desânimo é visível na expressão da Hadassah.

— Só isso?

Quase minto e digo que sim. Não quero acreditar que dei ao Kartok algo minimamente útil. Mas se o fiz, talvez esta rapariga zemyana consiga deslindar a sua linha de pensamento. Obrigó as palavras a sair.

— Há mais uma coisa. Antes de o Kartok sair, eu disse que a única forma de travar os nossos poderes Kalima seria impedir-nos de os receber. Foi uma provocação, para que ele tivesse noção da futilidade da sua demanda. Mas ele agradeceu-me por finalmente ter dito «algo útil».

— Como é que ele vos impediria de receber o poder... — A voz da Hadassah toma-se inaudível.

— Claro que isso é impossível — digo. Porque tem de ser.

Mas não gosto da forma como a testa da rapariga zemyana se enrugou, ou como cerra os lábios e murmura para si mesma enquanto sai da sala do trono. Como se pensasse que era algo que ele seria capaz de fazer.

Capítulo 15

Enebish

Não há nada a fazer a não ser esperar...

Que os batedores do rei Ihsan regressem e confirmem os nossos relatórios de Verdenet e Chotgor.

Que o rei Minoak acorde e recupere as suas forças.

Que os Zemyanos e os Shoniin cheguem e estraguem tudo. E eu sou a única que parece preocupada ou impaciente.

Numa inesperada demonstração de generosidade, os nossos anfitriões permitem-nos construir redis nos caminhos de raízes por baixo da cidade, para alojar as cabras e as ovelhas. Parece demasiado permanente: mal as cercas são erguidas, os pastores entram na rotina deste estranho mundo florestal. Todas as manhãs um grupo de pastores conduz os animais dos redis para uma clareira com erva no pântano, com a ajuda de guias de Namaag. Os animais passam o dia a pastar e os pastores trazem-nos de volta para o pântano ao pôr do sol, de modo a poderem ficar de olho neles durante a noite e garantir que não são atacados por jacarés ou panteras dos juncos, com os seus olhos amarelos.

O processo é incómodo e insustentável, mas por mais indiretas que eu dê para lembrar aos pastores a beleza das pradarias e que viajar é o seu modo de vida, eles descartam os meus comentários e garantem-me que os seus animais são resistentes. E que eles próprios não são avessos à mudança.

— Depois do sofrimento destes últimos meses, a nossa mentalidade mudou — explica o Bultum quando regressa do pasto com as ovelhas. — Finalmente percebo a vantagem de ter uma casa permanente e criar raízes. — Dá palmadinhas num dos grandes troncos de árvore e sorri. Como se Namaag fosse essa tal casa e estas árvores fossem as suas raízes.

Fico perplexa ante os acenos de concordância dos outros pastores, tão perplexa que vou a balbuciar todo o caminho até às copas.

— Não vos incomoda que os Namagaanos não nos queiram aqui? — pergunto à Emani e à Lalyne, assim como a várias outras pastoras, no dia seguinte, enquanto estão sentadas diante das rocas a fiar lã. — Não gosto da maneira como espreitam para nós pelas janelas e por entre a folhagem, mas nunca nos cumprimentam ou oferecem ajuda. Será um alívio quando o rei Minoak acordar e voltarmos a ter uma existência mais normal, num sítio onde não nos sintamos párias onerosos.

— E que sítio é esse? — pergunta a Lalyne. — Onde é que alguma vez seremos bem recebidos? Embora *tu* sejas de Verdenet, nós não. Lá, podem não ser mais hospitaleiros.

Não sei como responder a isso.

Uma semana depois, sou obrigada a engolir as críticas quando os Namagaanos começam finalmente a sair das suas casas na árvore e se tomam demasiado amigáveis: ensinam-nos a fazer pasta de rubiácea e emplastos de aveia marinha para as feridas, assim como a remendar buracos nas nossas túnicas e tendas com ervas fluviais fibrosas, que são mais resistentes do que o tecido, e a trabalhar com os seus engenhosos aquedutos. Basta rodar uma torneira para a água começar a cair, como se fosse invocada por um Domador da Chuva, lavando o suor e a sujidade do dia. Basta acionar uma alavanca para enchermos os odres ou lavarmos a loiça, tarefas que demoram dez vezes menos tempo a executar do que em Ashkar.

Em troca, os pastores assam borrego todos os dias na clareira, onde é seguro fazer uma fogueira, e os Namagaanos regalam-se alegremente com as novas iguarias. Estão igualmente fascinados com os novelos de lã crua que os tecelões transformam em fios como por «magia».

Transmito tudo isto ao rei Minoak enquanto me empoleiro do lado de fora da sua janela num casulo de escuridão, rezando para

que um destes relatórios seja suficientemente perturbador para o acordar. Mas ele não desperta do seu sono febril.

— Isto não te preocupa? — pergunto finalmente ao Serik ao final da nossa segunda semana nos pântanos. Estamos sentados na borda de uma plataforma, as pernas penduradas através do corrimão de corda, a observar o mercado por baixo de nós — onde os pastores usam coloridos lenços namagaanos na cabeça e recolhem avidamente arónias e nozes. Alguns até ajudam a preparar aves e jacaré para o jantar — coisas que nunca mais vão cozinhar quando deixarmos Namaag.

O Serik ri-se e lança-me um olhar perplexo.

— Porque é que isto haveria de me preocupar? É exatamente o que queríamos: empatia e camaradagem. Quando os batedores voltarem e confirmarem as nossas alegações, os Namagaanos serão mais propensos a apoiar-nos.

— Mas estamos a ficar muito confortáveis! — Aceno para a cena perturbadora mais abaixo. — Basta olhar para eles. Praticamente parecem Namagaanos. Nunca vão aceitar partir.

— Antes de mais, acho que eles merecem algum conforto depois de tudo o que suportaram. E é claro que vamos partir. Se não enfrentarmos o Rei Celeste e os Zemyanos, o território de Namaag também será ocupado. Os pastores sabem que não podemos ficar. Só temos de esperar que os Namagaanos se juntem a nós quando regressarmos a Verdenet. Tenta relaxar e desfrutar desta pequena vitória. Tivemos tão poucas. Espero que o moral esteja elevado quando partirmos.

Murmuro algo que pode passar por concordância, apesar de estar mais agitada do que nunca. Claro que o Serik não vê o problema.

Tal como os pastores, adaptou-se à vida em Namaag com uma facilidade assustadora. Ou está a confraternizar com os soldados e a bajular o rei Ihsan, ou desce ao nível da água com os pescadores, armado com uma lança de duas pontas. Ao que parece, o seu poder

é muito útil para ajudar a detetar as raias que nadam na água depois de anoitecer.

Sou a única que não encaixa aqui. A única que não se deixa embalar pela complacência. Quantas vezes tenho de lhes lembrar que o Kartok e o Temujin estão a caminho? Podem chegar a qualquer momento!

Invento uma desculpa e digo que prometi ajudar o Azamat a tecer um tapete de palma, mas assim que saio da vista do Serik, sigo em direção à mansão da Yatindra e do Murtaugh. A Ziva há de concordar com a minha inquietação. Está sempre a falar em marchar para Verdenet — quando está por perto. A inquietação percorre-me a coluna quando percebo que não a vejo há dias. Há mais de uma semana. É quase tão perturbador como a satisfação dos pastores. Se até a Ziva perdeu a urgência, é melhor começar a desfazer a trouxa.

Com as mãos trémulas, subo a escada traiçoeira e quase corro para a mansão extravagante. Puxo uma corda entrançada que está pendurada na entrada, tão desesperada para encontrar a Ziva que, estupidamente, parti do princípio de que ela abriria a porta. O meu sorriso vacila ao ver a Yatindra. O seu sorriso também desaparece, e faz-me sentir imediatamente ilibada. Recentrada. Não há necessidade de fingimentos.

— O que quer? — pergunta a Yatindra, a começar a fechar a porta. Apesar da sua maquilhagem pesada namagaana, são visíveis os círculos escuros à volta dos olhos e ela parece mais magra do que quando chegámos. Evitou-nos, mas vejo-a muitas vezes a entrar e a sair da enfermaria, em visitas ao irmão. Quando não está sentada à beira da cama, pavoneia-se pelas copas das árvores em almoços ou rabisca convites para o chá ou para o jantar em pequenos cartões amarelos que entrega pessoalmente. Como se todo o continente não estivesse à beira do colapso.

— Queria falar com a Ziva — digo.

A Yatindra estala a língua.

— É insolente da sua parte referir-se à princesa do seu reino de forma tão casual.

— A Ziva não se importa.

— Já lhe perguntou?

— Vá chamá-la e eu pergunto.

Abana a cabeça em sinal de reprovação.

— Receio que a minha sobrinha esteja ocupada.

— A fazer o quê? Porque é que nunca a vejo? Está a escondê-la de nós de propósito?

A Yatindra suspira de forma audível.

— Isso implicaria que eu me preocupasse consigo e com a sua caravana de desajustados. Pode não acreditar, mas não é uma preocupação premente na minha vida.

— Mentirosa — acuso.

A Yatindra finge não ouvir.

— A Zivana é uma princesa. Tem muito que estudar. E tem de cuidar do pai, que não foi devidamente tratado e protegido por vós no caminho para cá. Não esperaria que alguém da sua laia compreendesse as exigências que são feitas aos líderes de um país.

— O que tem contra nós? — digo finalmente, exasperada. — Estamos aqui para ajudar!

— É verdade que foi aliada do rebelde Temujin?

Ouvir aquele nome desequilibra-me ao ponto de ter de me agarrar à soleira da porta.

— Onde ouviu esse nome? — pergunto, mesmo sabendo que só pode haver uma explicação lógica: a Ziva falou-lhe no batedor.

— Vejo que toquei num ponto sensível. — A Yatindra sorri. — Ihsan não é o único que tem espiões. Nem é o único que quer saber mais sobre as vossas alegações e a vossa causa.

Viro costas e vou-me embora. Não tenho energia para lutar com ela. E ela já não é o principal alvo da minha fúria.

Caminho até encontrar uma ponte tranquila, sento-me e evoco os tentáculos de escuridão que começam a surgir no céu índigo e rúbeo. Assim que agarro num punhado, puxo-o com veemência. Desde a morte da Tuva que não comunico com outro Fiador da Noite na escuridão, e parece que parte de mim ficou presa numa pequena sala sem janelas, a gritar a plenos pulmões. Mas agora, por fim, tenho alguém que me consegue ouvir.

Mesmo que seja só a Ziva.

Quando ela não responde imediatamente, puxo uma e outra vez, o que pode ser um pouco injusto, visto que ela não sabe como responder. Provavelmente, nem sabia que era possível comunicar através da escuridão, mas a sua ignorância não é um problema meu. Continuo a puxar e a empurrar até que ela responde, por fim, com azedume.

O que foi?

O tom ríspido dela faz-me sorrir. Também é gratificante saber que a Yatindra não ganhou. Ela não pode impedir-me de falar com a sobrinha.

Quero interrogar a Ziva sobre o Temujin e, mais especificamente, o que ela contou à tia, mas não chegarei a lado nenhum se falar com ela com quatro pedras na mão. Por isso, uso a escuridão para criar uma imagem da Yatindra a bater com a porta na minha cara e envio-a à Ziva.

Ela demora uma eternidade a responder e, quando o faz, a imagem é tosca e desconjuntada — como uma criança que está a aprender a escrever as letras. No entanto, estou impressionada por ela ter conseguido responder.

Ela é forte. Sinceramente, mais forte do que eu gostaria.

A escuridão dela expande-se por cima da minha cara, formando uma imagem dos seus olhos estreitos e da sua cabeça a abanar.

Porque foste falar com a Yatindra?

Murmuro a minha resposta para a escuridão.

Estava à tua procura, mas da não me deixou entrar. Sabes porquê? A resposta da Ziva chega muito mais depressa desta vez. O que me querias?

Não te vejo há dias...

Tiveste saudades minhas?

Resmungo com a sua resposta atrevida, esquecendo-me de que a noite ainda está a ouvir e a transmitir a minha frustração.

Os tentáculos tremem à minha volta com o riso da Ziva, e o meu único fio de paciência acaba por partir.

Falaste à Yatindra do batedor shoniin?

O riso para abruptamente.

Porque pensarias isso? Vieste falar comigo para me acusar?

De início, não. Queria a tua ajuda para evitar que os pastores se tomassem demasiado complacentes, mas depois a Yatindra mencionou o Temujin. Como saberia ela o nome se não lhe tivesses contado?

As respostas da Ziva atingem-me como os dardos usados pelos Namagaanos para caçar pássaros.

Como queres que saiba? Os rumores estão sempre a correr. Não foi essa a explicação que deste ao rei Ihsan por saberes dos Protetorados? Mas obrigada por pensares o pior de mim.

Fecho os olhos e conto até dez antes de responder. Tento ser paciente.

Se não falaste à Yatindra do batedor, porque é que ela nos está a investigar?

Talvez por ser uma mulher inteligente que quer saber mais sobre os estranhos que chegaram ao seu reino a querer firmar uma aliança. Não farias o mesmo?

Sim, mas não seria tão hostil. Parece que ela quer que falhemos.

Como todos nós, certo? A Ziva nem sequer tenta disfarçar a acusação. Na tua opinião, nenhum de nós é digno de confiança.

Estremeço, desconfortável. Ainda bem que a Ziva não me consegue ver através dos tentáculos da noite.

A Yatindra é da minha família. Prossegue a Ziva, com um fervor tão esperançoso que tenho pena dela.

Isso nem sempre significa tanto como devia.

Talvez não na tua família, mas significa algo na minha. A Yatindra está do nosso lado. Não te intrometas.

Mas...

Boa noite, Enebish.

A Ziva liberta a escuridão e os tentáculos da noite caem sobre mim como um balde de água imunda do pântano.

Por fim, o rei Minoak acorda.

No entanto, não sei se ou quando teríamos sido informados caso eu não estivesse de sentinela, empoleirada no ramo do lado de fora da janela da enfermaria.

Assim que subo à árvore, ouço vozes. E não é só a conversa aborrecida dos guardas. Há todo o barulho de um coro, que vai desde soluços a risos, gritos e agradecimentos.

O rei Minoak está apoiado na cama, abatido e de olhar baço, mas alerta o suficiente para afastar as mãos agitadas da Yatindra.

— Chega! És minha irmã, não és minha mãe — diz ele, com a voz arranhada por falta de uso e eivada de enfado. No entanto, esboça um sorriso largo no seu rosto barbudo.

— Ambos sabemos que a mãe te teria enrolado da cabeça aos pés em folhas de eucalipto e obrigado todo o país a ajoelhar-se em oração até acordares. Os meus cuidados são pouco incisivos por comparação.

A Yatindra estende a mão e arruma uma madeixa do cabelo grisalho do irmão atrás da orelha. O rei Minoak resmunga, mas o seu sorriso alarga-se.

— O visual namagaano fica-te bem. — Puxa-lhe uma das longas tranças. — Sempre foi minha intenção vir visitar-te.

— Não mintas. A Ziva teve... literalmente, de te arrastar até aqui.

— Quando ficaste tão forte? — diz, virando-se para a Ziva, que está sentada na cama ao seu lado e aninhada debaixo do seu braço. O olhar do rei Minoak é a definição de ternura, e as lágrimas brilham enquanto contempla a filha. — Salvaste-me, minha corajosa e linda menina.

A Ziva desata a chorar e pousa a cabeça no seu colo. O movimento fá-lo encolher-se com dores, mas quando a Ziva tenta afastar-se, ele impede-a. Os seus dedos grandes e vividos afagam-lhe o rosto.

— Em nome de Namaag, bem-vindo de volta à terra dos vivos — diz o rei Ihsan. Está aos pés da cama juntamente com o Murtaugh. Atrás deles, estão a Ruya e cinco soldados, assim como um punhado de dignitários, encostados à parede.

Parece que, afinal, as visitas não estavam só reservadas à família real.

— Temos muito que debater — prossegue o Rei dos Pântanos. — Recebi alguns relatórios muito interessantes dos meus batedores.

Sinto um nó no estômago como se o ramo se tivesse partido debaixo dos meus pés. Quando é que os seus batedores regressaram? O que disseram? E porque não fomos informados? Tenho de recorrer a toda a minha contenção para não me atirar pela janela e começar a interrogá-lo.

— O rei Ihsan vai ajudar-nos a reconquistar Lutaar ao governador imperial — corta a Ziva.

O Murtaugh fica tão pálido que parece que devia ser colocado numa das camas da enfermaria, mas o rei Ihsan ri-se com gosto.

— A sua filha é uma grande política, Minoak.

— Céus, Zivana! — repreende a Yatindra. — Não chateies o teu pai com batalhas quando ele nem sequer consegue ficar de pé. Temos muito tempo para os nossos reis discutirem estas questões e definirem um plano. Já não precisas de te preocupar com assuntos tão sérios.

A sua ligeira reprimenda à Ziva irrita-me, mas não sei se é porque os seus comentários são suspeitos, porque não gosto da Yatindra ou porque sou desconfiada e vejo traição em cada palavra.

A Ziva não parece minimamente perturbada. Sorri e revira os olhos enquanto a Yatindra lhe agita os caracóis. Já eu duvido de mim própria mais do que nunca, o que me leva a não dizer nada sobre o despertar do rei Minoak ao Serik e aos pastores, para não parecer uma espia paranoica. O que cada vez mais me parece uma verdade indesmentível.

Quando o rei Ihsan finalmente anuncia a boa nova dois dias depois, finjo-me surpreendida e contente como os restantes pastores e distribuo abraços e brindes com vinho de seiva durante os festejos realizados em homenagem ao rei Minoak. Os cozinheiros preparam iguarias típicas de Namaag e Verdenet, e um trio dos nossos pastores, incluindo o Serik, tocam canções animadas nos seus violinos.

A meio da festa, o rei Minoak sobe a uma plataforma sobranceira ao caos. Ainda precisa da ajuda de dois curandeiros e de uma bengala, mas quando toma o seu lugar ao lado de Ihsan, mais parece um ilustre guerreiro a marchar pelo campo de batalha, tal é o rugido da multidão.

— Estamos a celebrar mais do que o recobro deste grande homem — diz o rei Ihsan. — O dia de hoje assinala também o nascimento de uma aliança ainda mais profunda entre Namaag e Verdenet. O Serik aperta a minha mão. Os seus olhos brilham como os pirilampos nos frascos.

— Está mesmo a acontecer.

Devolvo-lhe o aperto e permito-me finalmente sorrir. Exalo finalmente o suspiro que tenho guardado desde que saímos de Sagaan. Só me apercebo de como estava prestes a sufocar quando a onda de ar fresco atinge os meus pulmões. É tão leve e revigorante que inclino a cabeça para trás e grito a plenos pulmões. Bato com os pés e canto com a multidão de pastores.

O Rei dos Pântanos espera que a multidão se acalme antes de continuar.

— O próprio império que prometeu proteger-nos e fortalecer-nos virou costas aos Protetorados. Um governador imperial senta-se no trono de Verdenet, o povo de Chotgor está escravizado nas minas e o batedor que enviámos a Sagaan não voltou. Devemos presumir o pior do Rei Celeste.

Eu e o Serik trocamos olhares preocupados. Não há como saber se o batedor foi silenciado pelo Rei Celeste ou pelos Zemyanos. Se Sagaan ainda está de pé ou se caiu nas mãos do Kartok e do Temujin com a facilidade com que eles previram.

Se caiu, de quanto tempo dispomos?

À nossa volta, os Namagaanos gritam a sua indignação e descrença. Desta vez, o rei Ihsan atíça ainda mais a chama ao ponto de fazer as copas das árvores tremer e espantar os pássaros.

— Juntos, vamos enfrentar o traiçoeiro Rei Celeste e libertar os Protetorados! — grita.

Deixo-me levar pelo sentimento que esperava ter quando encontrei o rei Minoak. Pela primeira vez desde que saí de Sagaan, permito-me ter uma verdadeira esperança. Esquecer as dúvidas e desconfianças e acreditar piamente.

Começamos os preparativos. Encarrego o Iree e o Bultum da aquisição e organização das provisões para a nossa viagem de regresso a Verdenet como bem entenderem. Quando o Azamat se oferece para entrar antecipadamente em Lutaar e erguer a ponte levadiça à nossa chegada, não só lhe dou a minha bênção, como refuto os argumentos do Murtaugh de que o Azamat é demasiado velho e frágil, até o chanceler namagaano atirar as mãos ao ar e sair

de rompante do gabinete do rei Ihsan. Falo amiúde com a Ziva através da escuridão, para saber novidades sobre o estado de saúde do rei Minoak — cuja recuperação tem sido surpreendente, graças às mezinhas dos Namagaanos. Até lhe dou algumas dicas sobre como dominar os tentáculos da escuridão, de forma a que sejam mais cooperantes quando entregam as suas mensagens.

É um pequeno truque. Inofensivo.

A cada dia que passa e a cada sorriso orgulhoso do Serik, sinto-me mais segura e confiante. Tanto que quando a Yatindra me aborda ao almoço na véspera de partirmos para Verdenet, consigo acenar educadamente e até sorrir. Tem-nos apoiado imenso desde que o irmão anunciou a sua decisão de recuperar o trono. Chegou a intervir durante alguns dos momentos mais desagradáveis de Murtaugh e tem trabalhado de forma incansável como escriba do rei Ihsan, enviando centenas de missivas para a frente de batalha numa tentativa de reunir o apoio dos guerreiros que foram recrutados nos Protetorados.

A Yatindra desliza para o banco à minha frente.

— Queria pedir desculpa — diz, sem preâmbulo. Apanha-me tão desprevenida, que deixo cair uma garfada de creme de castanha na minha túnica.

— O *quê*? — guincho. O Serik pisa-me o pé debaixo da mesa e eu corrijo rapidamente. — Quer dizer... obrigada. Eu também. Deixei-me assombrar por traições passadas, o que não foi justo para si e para muitos outros.

Ela acena com a cabeça e brinca com as borlas cor de laranja no vestido.

— Estava tão perturbada com o meu irmão e aterrorizada com a agitação em Verdenet que precisava de atacar alguma coisa, e a Enebish e os seus pastores foram o alvo mais fácil.

— Teria feito o mesmo — digo, apercebendo-me da verdade das palavras quando estas saem dos meus lábios. — Estamos todos a tentar sobreviver e proteger as pessoas e os lugares que amamos.

— Obrigada pela sua indulgência, mas ainda assim, gostaria de a compensar. — Ela retira um dos seus cartões amarelos em relevo e desliza-o pela mesa. Levanto uma sobrancelha quando pego no cartão.

— Acha que é a melhor altura para um dos seus banquetes?

— Enebish! — repreende o Serik, mas a Yatindra ri-se.

— É uma suposição justa, mas não vou organizar um banquete. Eu e a Ziva decidimos rezar esta noite, para pedir à Senhora e ao Pai que abençoem a nossa viagem, e pensámos que três orações verdenesas seriam mais fortes do que duas. Até tenho uma boneca de oração a mais... Reparei que não tem uma, e nem imagino o quanto deve sentir falta dela.

Estou tão emocionada que nem consigo proferir as palavras. Pestanejo até ter a certeza de que as lágrimas não vão sair. Uma parte de mim odeia que seja a Yatindra a reduzir-me a esta versão mais crua e verdadeira de mim mesma. Mas também me parece adequado.

Equilibrado, de alguma forma.

— E então? Junta-se a nós? — pergunta a Yatindra.

Sorrio para o cartão.

— Seria uma honra.

Quando o Sol se põe, visto uma túnica limpa e prendo o cabelo numa trança comprida — como as sacerdotisas do Planalto de Sawtooth. Em seguida, ajoelho-me e ofereço a minha prece em silêncio, para me preparar para juntar a minha fé à da Ziva e da Yatindra.

— Faz uma oblação por mim — diz o Serik antes de eu sair.

— Nunca esperei ouvir essas palavras de ti. — Esboço um sorriso provocador.

— Nunca pensei que te juntasses aos pastores ou que fizesses as pazes com a Ziva e a Yatindra. Há milagres à nossa volta.

Rio-me enquanto atravesso plataformas e pontes movimentadas, onde os Namagaanos estão a recolher mantimentos e a carregar cestos para a nossa viagem. Ainda não acredito que vão para Verdenet. Que estão do nosso lado. Há mesmo milagres à nossa volta.

Quando chego à porta da Yatindra e puxo o cordão, sou recebida por uma jovem que me informa que a Yatindra e a Ziva estão ao nível da água.

Franzo a testa e olho para o cartão amarelo.

— Mas convidaram-me a juntar-me a elas aqui.

— A minha senhora Yatindra pede imensas desculpas. Tencionava acolher o vosso círculo de oração aqui, mas enquanto ela e a princesa Zivana se preparavam, não pareceu certo. Ela disse que precisavam de estar no exterior, a céu aberto, para poderem tocar a terra e ver o céu.

Suspiro exausta. Compreendo o seu raciocínio — até concordo —, mas teria sido simpático se me tivessem dito para ir ter com elas ao nível da água antes de eu atravessar Uzul e subir escadas íngremes até à mansão.

— Porque não me avisaram?

— Tomaram a decisão agora mesmo, a missiva não teria chegado a tempo.

— Nesse caso, porque não esperaram por mim?

A criada olha para a minha perna e desvia rapidamente os olhos.

— Havia muitas coisas para levar, entre velas, *vorkhi* e bonecas de oração. Disseram para a ajudar a chegar ao pântano, se assim o desejar.

— Não, eu consigo sozinha. — Forço um sorriso para aliviar o embaraço da criada, que não tem culpa de elas terem presumido conhecer as minhas capacidades. Digo a mim mesma que aquilo foi feito a pensar no meu bem, mas a pontada na minha perna e o aperto no meu braço parecem mais proeminentes do que nunca quando desço ao pântano.

— Ziva? Yatindra? — chamo, assim que chego aos caminhos de raízes. Não sei que sítio escolheram, mas deve ser mais à frente, já que não consigo ver qualquer luz. Só as ovelhas que se agitam no redil é que responderam ao meu chamado.

Avanço ao longo do caminho acidentado, tentando não me engasgar com o ar fétido do pântano e o fedor de lã encharcada. Os animais estão amontoados no centro do redil, agitados como se eu fosse um predador.

Há um pastor que fica de vigia todas as noites, e esta noite é o Iree quem está de serviço. Vejo-o encostado a uma árvore, do outro lado do redil, com a cabeça a tombar, cada vez mais perto do peito, até ele a levantar de repente e o padrão se repetir.

— Iree! — grito, mas ele não se mexe. — *Iree!* — Tento de novo. Nada. Se eu fosse uma pantera dos juncos, todo o rebanho estaria morto. O Bultum faria a festa se soubesse que a sua némesis estava a dormir no serviço. Ainda penso em dar a volta ao redil para o acordar, mas poupo-me ao trabalho. É um longo caminho, e o Iree não deve ter visto a Ziva e a Yatindra.

Depois de murmurar uma maldição, continuo a seguir ao longo da cerca, recolhendo tentáculos da noite para melhorar a minha visão. Seria assim tão difícil esperarem por mim quando chegaram aqui? Ou pelo menos indicarem o caminho que tomaram?

A não ser que não queiram que as encontres...

Os meus pés hesitam e a inquietação toma conta de mim. Durante meio segundo, considero voltar para trás. Posso rezar sozinha. Não preciso de andar às voltas no pântano por causa de duas pessoas que não mostram o mínimo de consideração por mim. Mas depois vejo um clarão de movimento à frente, pouco depois do redil, e abano a cabeça para afastar as preocupações. O pedido de desculpas da Yatindra foi sincero. Mesmo que não fosse, ela não usaria a Senhora e o Pai para me apanhar. Ninguém é assim tão blasfemo. A minha vida não voltará a ser regida pela suspeita e pelo medo.

— Ziva? Yatindra?

— Aqui! — responde a Yatindra, e eu respiro de alívio. — A Ziva envolveu-nos na escuridão para termos privacidade.

Franzo o sobrolho aos filamentos de noite que tenho na minha mão e dou-lhes um pequeno puxão. Não há resistência do outro lado. E por mais que torça os tentáculos, não consigo ver a Ziva e a Yatindra.

— Onde estão? — pergunto, enquanto avanço aos tropeções na direção da voz da Yatindra.

Sem aviso, os meus pés cedem debaixo de mim e eu grito. A minha perna boa afunda-se num buraco que foi aberto no caminho de raízes, e quando tento estabilizar-me, a minha perna magoada contorce-se com dores. Grito ainda mais alto quando bato no degrau mais baixo da cerca.

A prancha estala imediatamente e os postes adjacentes balançam e rangem — a madeira está demasiado molhada e dobrada e a construção foi demasiado rápida e desleixada para suportar o embate. Um a um, os postes tombam, levando as tábuas cruzadas com eles. Em menos de nada, toda a estrutura entra em colapso.

O rebanho assustado passa por mim, desce pelo caminho e entra na noite turva.

Malditos céus!

— O que fizeste? — grita o Iree. Já acordou e está de pé, a olhar para mim como se eu tivesse libertado os animais de propósito.

— Foi uma a-armadilha! — gaguejo. — A Yatindra abriu um buraco no caminho, sabendo que eu ia bater na cerca! — Aponto para o buraco que me engoliu até à coxa.

O Iree parece querer matar-me enquanto tira uma cometa da anca e preenche os pântanos adormecidos com três explosões sonoras.

As luzes acendem-se nas camaratas. Em segundos, uma multidão de pastores atravessa as plataformas em direção à chamada. Os Namagaanos de olhos sonolentos abrem as cortinas e olham para o mar de pastores frenéticos, mas nenhum deles sai de casa

ou oferece ajuda — apesar da «boa vontade» e da «união» que pautam a nossa relação.

— A Enebish destruiu a cerca e os animais fugiram! — anuncia o Iree quando chegam os primeiros reforços.

— Eu não destruí a cerca! — contraponho, mesmo que, para todos os efeitos, seja verdade. Mas «destruir» faz parecer que demoli a cerca de propósito. — Foi uma armadilha!

Ninguém me ouve por entre gritos de pânico e cascos sonoros.

O Serik avança pelo passadiço aos tropeções juntamente com o resto dos pastores, e os seus olhos arregalam-se quando aterram em cima de mim no buraco.

— O que aconteceu? O que fazes aqui? Não devias estar com a Ziva e a Yatindra?

— Elas atraíram-me para uma armadilha! — O Serik fixa-me durante um momento agonizante. — Tens de acreditar em mim. Juro-te...

— Agora *não*. — Ele evoca uma esfera de luz, que segura sobre a cabeça como uma tocha, e tira-me do buraco. A seguir, corre para a escuridão pantanosa.

— Vamos até à clareira — diz aos pastores. — É para lá que os animais devem ir, para a sua fonte de alimento.

Com um aceno de concordância, os pastores seguem o Serik, respigando lama por todos os lados. Sigo-os no meu passo lento e trôpego, agravado pelas lágrimas quentes que pulsam nos meus olhos.

Porque é que a Yatindra e a Ziva fariam tal coisa? Agora que estamos finalmente unidos?

— Ouviram aquilo? — O Serik para de repente, fazendo com que os pastores colidam atrás dele.

— A única coisa que ouço é o meu cérebro a chocalhar — resmunga a Lalyne.

O Serik levanta a mão.

— Chiu!

Custa-me acreditar que ele possa ouvir qualquer coisa por cima dos gemidos histéricos dos pastores, mas logo a seguir ele vira-se e mergulha no mato mais próximo. Seguimo-lo, parando a espaços para ele ouvir melhor e reajustar o percurso. Para meu espanto, o som de balidos distantes toma-se cada vez mais audível até chegarmos a uma pequena clareira. Ao contrário do pasto habitual dos rebanhos, esta clareira está coberta por lama, e há ervas altas e retorcidas a ondular sobre a água, como serpentes. Avistamos sombras em movimento do outro lado do prado. A maioria dos pastores estaca ou recua, mas o Serik agarra num balde de ração do pastor mais próximo e abana-o enquanto dá estalidos com a língua.

Um pequeno cordeiro preto surge aos tropeções na lama e aproxima-se alegremente do balde de ração. Os pastores choram e abraçam-se enquanto chamam o resto do rebanho. Mas à medida que mais ovelhas emergem das árvores, os tentáculos das trevas que repousam na minha mão retesam-se, esvoaçando e chicoteando como uma bandeira num vendaval. Um segundo depois, a escuridão envolve os pântanos.

— Enebish! — ruge o Serik, enquanto tenta evocar uma esfera de luz, de balde.

— Não sou eu! — insisto.

— Como assim?

— Não fui eu que escureci o céu! — Os meus dedos tremem enquanto tento enrolar-me na escuridão, mas os tentáculos puxam para trás, mais teimosos que um camelo.

A Ziva não tem força suficiente para controlar a noite com tanta firmeza, o que só pode significar uma coisa: não é a escuridão da Ziva. É a minha, a escuridão que o Kartok roubou no *xanav*. Enrolo as sombras à volta da minha mão cada vez mais depressa. O meu coração bate descompassado na garganta à medida que a minha visão se torna mais nítida, revelando um caçador mais mortal

do que uma pantera ou um crocodilo. Um lobo, escondido entre as ovelhas.

O Temujin avança para a clareira, ladeado por um bando de Shoniin, com um sorriso predatório nos lábios.

Capítulo 16

Ghoa

Quando o Kartok regressa à sala do trono no dia seguinte, estou pronta, agachada ao fundo da divisão, barricada atrás da pilha de cadeiras destruídas como um animal assustado.

Ele examina a sala metodicamente e quando os seus olhos se fixam em mim, os meus dentes cerram-se automaticamente. Encolho-me ainda mais e quase puxo o vômito ao sentir o sabor pútrido da água termal que me sobe pela garganta. É o meu corpo a instar-me a ficar o mais longe possível dele. Teria nojo de mim mesma se a reação não fosse útil. E calculada.

Quando um cão vê um gato assustado, não consegue evitar persegui-lo. Está demasiado fixado no cheiro do medo e na emoção da caça, para pensar onde o gato o pode levar.

E se tem garras.

— Já te deste por vencida tão cedo, comandante? — ironiza o Kartok. É exatamente o que eu faria se os nossos papéis se invertessem e eu o mantivesse cativo numa cela de prisão ashkariana, encolhido e a borrar-se de medo. Eu e o general somos parecidos. Um facto que me deixaria perturbada... se eu o permitisse. Mas escolho tirar partido da situação. Entrar na sua mente como um ladrão e roubar a vantagem.

Ele avança pela confusão de madeira partida, deslizando na minha direção como os espetros que conjura. Os pequenos discos de cobre costurados na bainha do seu manto de cobalto tilintam à medida que ele se aproxima.

Os meus nervos estão igualmente agitados.

— Espero que consigas fazer melhor do que isto.

Sem dizer nada, baixo-me ainda mais, em estado de alerta. Começo a reunir o frio e a canalizá-lo para os meus punhos.

Graças aos cuidados da Hadassah, sinto-me melhor do que quando saí de Sagaan. O que é uma bênção, pois o meu corpo teria demorado meses a recuperar sozinho. Mas quando penso demasiado na magia dela a tomar conta de mim, a violar-me, sinto a minha pele e arrepanhar, como uma armadura demasiado pequena.

Não me agrada, mas o meu corpo deve estar forte para controlar o meu poder.

Foi por isso que o punhal de gelo que atirei ao Kartok no primeiro dia desapareceu. E foi por isso que as explosões de geada que consegui evocar derreteram tão depressa. O meu poder tem estado a regenerar lentamente, mas o meu corpo não tem força suficiente para o controlar corretamente. É a única explicação lógica. O Zemyano nunca seria capaz de manipular o meu gelo na sua potência máxima. Ou mesmo a metade da potência, que são os níveis de que me aproximo agora. Ontem à noite, acordei das profundezas do sono com um glorioso estalar nas minhas articulações — em tudo semelhante ao cântico de um glaciar em movimento lento.

E o Kartok não sabe disso.

Para diretamente à minha frente e espreita através da barricada de cadeiras partidas como uma raposa a avaliar uma coelheira. Tenho vontade de o atacar imediatamente e libertar a minha fúria. Castigá-lo por cada arquejo de dor que provocou. Mas tenho de esperar pelo momento exato. Quando estiver na posição de causar mais danos.

Só terei uma oportunidade.

Quando ele leva a mão ao bolso do manto eu simulo uma lágrima, mesmo que me custe dar-lhe essa satisfação.

— Por favor, mais água termal, não — imploro.

— Oh, a água está a postos, se precisarmos dela, mas graças à tua brilhante sugestão, decidi abordar este dilema de um ângulo diferente. — Abana o pulso e os fragmentos de madeira erguem-se do chão e voltam a formar uma cadeira. A sua atenção aos detalhes é tão meticulosa que não há uma única fratura que revele que esteve partida. Assim que se senta, retira um tomo de couro grosso das

suas vestes. O livro é velho e esfarrapado, e o cheiro a pó faz-me cócegas no nariz enquanto ele percorre as páginas.

— Sabes o que é isto, comandante? — O Kartok inclina o livro na minha direção e aponta para uma imagem de uma pilha de pedras alta. Parece que pode desfazer-se a qualquer momento, em conjunto com todas as fitas, garrafas e lixo variado enfiados nas fendas. É feio e blasfemo — um dos santuários dos Primeiros Deuses onde os viajantes costumavam rezar e prestar culto. São inconfundíveis e, felizmente, desapareceram. O Rei Celeste destruiu-os, devolvendo a beleza às pradarias.

Mas não vou cooperar, por isso, finjo matutar e levanto a cabeça.

— Pedras? — digo, depois de um longo silêncio.

— Não brinques comigo, menina. — O Kartok aproxima-se e abana o livro na minha cara. Como eu sabia que faria.

Olho para a imagem durante um longo momento.

— Uma qualquer relíquia religiosa?

— Reza a lenda que é um portal para a terra dos Primeiros Deuses. Já viste algum?

— Não sei... Talvez há muito tempo. Mas não podes acreditar...

— Onde? — Inclina-se mais para perto, mal tocando na borda do assento. Quase perto o suficiente.

— Não me lembro. Era uma criança. E há muito que foram destruídos.

— Todos?

— Sim, todos. Há gerações que não prestamos culto aos Primeiros Deuses.

O Kartok pisca como se eu tivesse acabado de me declarar Imperatriz de Zemya.

— Se não acreditas nos deuses, como explicas os teus poderes? É como negar a mão que tens presa ao braço.

Não sei por que razão isso o irrita tanto, ele também não venera a Senhora do Céu e o Pai Guzan, mas não importa. Quando vejo

uma nódoa negra, espeto-lhe o dedo.

— Para alguém que toda a sua vida combateu os Ashkarianos, não sabes nada sobre as nossas crenças — digo calmamente. — Deixámos de adorar os Primeiros Deuses quando percebemos que eles não estavam mortos ou a ignorar-nos. Eles simplesmente nunca existiram. O meu poder Kalima vem de dentro de mim. *Sou* uma deusa. E é por isso que não há nada que possas fazer para tirar ou diminuir os meus poderes.

O corpo do Kartok retesa-se e ele salta da cadeira para cair sobre mim.

Até que enfim.

Empurro as mãos para a frente e evoco o bloco de gelo que tenho no meu peito com todas as minhas forças, ainda mais do que no contraforte. Mais furiosa do que nas planícies de Nariin, quando evoquei o Gelo da Morte. Tenho de acautelar a fraqueza do meu corpo. Não importa se esgotar por completo o meu poder. O Kartok vai matar-me se eu continuar aqui.

A rajada de gelo que explode das minhas mãos é espetacular.

É horrível. Projeto milhares de espigões em direção ao general e, por um instante, o seu rosto afrouxa com o choque. O medo embacia os seus olhos demoníacos. As suas mãos movem-se para lhe proteger a cara, e eu grito com uma alegria assassina. Mas, inexplicavelmente, as lanças começam a passar por ele — *através* dele — desfazendo-se em névoa. Tal como fizeram da primeira vez que o ataquei.

Não.

Não é possível. Os poderes Kalima sempre foram mais fortes do que a magia zemyana. *Sempre.*

Volto a evocar o meu núcleo, freneticamente em busca de mais gelo. Mas já não tenho mais munições. Estou completamente desprovida de magia enquanto o meu poder não se regenerar.

Se é que isso vai voltar a acontecer.

O Kartok agacha-se à minha frente, com a cara reorganizada num sorriso, como se soubesse que o meu ataque era inútil. Mas vi a pulsão do choque e do medo nos seus olhos.

— O que fizeste ao meu poder? — pergunto. — E como?

— Posso não ser capaz de te tirar o poder, mas se o usares à saciedade, nada me impede de o recolher e reorientar.

— Não é possível.

— Não? — Os olhos de icebergue do Kartok quase brilham. — Esta cela de prisão é um *xanav*, um mundo criado por mim, no qual sou capaz de recolher e armazenar o teu poder. Como não cooperas, não tenho alternativa a não ser prosseguir sem ti. Se os portais de pedra foram destruídos, tenho de abrir outro caminho para a casa dos Primeiros Deuses. O teu poder será muito útil para isso. Tal como o poder da Enebish foi a chave para tomar Sagaan.

A minha mente entorpecida deslinda lentamente as suas palavras e o significado por trás delas. Um general só avança para território inimigo para o conquistar, destronar o atual rei e colocar o seu próprio governante no seu lugar. Mas o Kartok não pode acreditar que é capaz de depor deuses. E disse que o poder da Enebish tinha sido a chave para tomar Sagaan... não a própria Enebish.

As minhas costelas expandem-se, como se um cordão que me sufocava tivesse sido cortado, e o ar que me preenche os pulmões parece quase um alívio. Só que é absurdo. Para me sentir aliviada, teria de estar preocupada com a Enebish. E não estou. Deixei de me preocupar quando ela me preteriu em relação àquele desertor. Várias vezes.

Enquanto a minha mente tateia este novo terreno instável, o Kartok volta para a sua cadeira e começa a folhear o livro antigo, a cantarolar para si mesmo.

A cantarolar!

— De quem é o livro? — pergunto, olhando para o tomo com cada vez maior inquietação.

O Kartok esboça um sorriso escarninho.

— Zemya teve tantos pensamentos depois de ter sido injustamente banida da presença da Senhora e do Pai. Tantas teorias e estratégias interessantes. Planeou fazer com que os pais e o irmão pagassem pelo mal que causaram. Foi brilhante. E a verdade é que ela pode ser vingativa. — Lambe o dedo e vira a página. — E tem bons motivos para isso. Mas não era o momento certo para travar uma guerra contra a Senhora e o Pai.

— Mas agora já é? — grito.

— Cuidado, comandante. Quase parece que estás com medo e que acreditas...

— Acredito que és um canalha depravado.

— Por querer corrigir séculos de perseguições e injustiças?

Por desconfiar de pessoas poderosas que se consideram deuses? Por querer restaurar o equilíbrio de poder para que todos tenham oportunidades iguais? Sim, está na altura da depravação.

Agarro o meu cabelo, que estaria rígido com a geada se subsistisse alguma réstia do meu poder.

— Para de distorcer a verdade para fingires que és um herói!

— Para de *negar* a verdade e aceita que também não és uma heroína. Nunca foste.

Preciso de manter a calma. Se permitir que ele me leve à histeria, ele ganha. Mas nunca a minha cabeça me doeu tanto. O meu cérebro está prestes a explodir.

— Nunca quis ter este poder! — expludo. — Foi-me dado. Por uma razão. E tu tens inveja. O teu povo sempre teve inveja. Foi essa a génese desta guerra.

— Não. A génese desta guerra foi o medo. Zemya descobriu algo inesperado e poderoso, mas em vez de aceitarem a sua inovação e engenho, os tolos deuses ashkarianos desprezaram-na porque não conseguiam controlá-la. Tentaram destruí-la em vez de a entenderem.

— Então, agora queres retribuir incutindo-nos medo? Exigindo olho por olho?

O Kartok abana a cabeça e vira outra página do livro.

— És tão obtusa. Não quero saber de Ashkar. Tenciono exultar a minha Deusa e consolidar o reinado da minha imperatriz, o que será muito mais fácil quando... Ah, aqui está. Eu sabia que Zemya me mostraria uma alternativa. Diz-me, comandante, quantos poderes diferentes têm os guerreiros Kalima?

Franzo as sobrancelhas. Pelo nome sagrado do Rei Celeste, porque haveria ele de se importar com a distribuição do poder dentro dos Kalima?

— Não devias saber? Passaste toda a tua vida a lutar contra nós.

— Quantos? — pergunta. — E como estão distribuídos por todo o batalhão?

— Não há um elo fraco entre nós, se é isso que procuras.

— Os teus guerreiros são a solução! — ruge o Kartok, fechando o livro com estrondo. — Nunca conheci ninguém tão irritante. A decisão dos teus camaradas de te abandonarem começa a fazer algum sentido.

Saca do punhal longo e curvo que traz à cintura e avança na minha direção.

Reteso os músculos. Não sei se a arma é real ou uma ilusão, mas não recuo. Recuso-me a recuar.

— Vais matar-me finalmente?

— Se não me vais ajudar, não vejo razão para não o fazer.

Em menos de uma respiração, o Kartok está em cima de mim — as mangas do seu manto azul rodopiam e a lâmina refulge. Trespassa-me a garganta, numa linha tão fina e delicada que sinto que passou apenas de raspão. Só depois sinto a morna cortina de sangue a escorrer pelo meu peito. Gargarejo quando a dor me consume. Os meus olhos arregalam-se para além do limite, cobrindo tudo de branco. É estranhamente pacífico. Como um campo de neve intocado.

A morte. Arranco a palavra ao meu cérebro faminto de oxigénio e, durante meio segundo, pergunto-me se isto não seria preferível. Não terei de viver num mundo sem o Rei Celeste. Não terei de suportar a desilusão e o ridículo. Ou estar sujeita a Zemyanos.

A dor aumenta. O branco toma-se mais ofuscante. Mas quando exalo pela última vez, a agonia desaparece abruptamente. Assim como a alvura estonteante. Estou envolta num abraço suave, como o repousante balanço de uma rede. Livre sequer da lembrança da dor. Sinto-me leve como não me sentia há muitos anos. Desde a minha infância. Ainda antes de o meu poder Kalima ser revelado.

As minhas pestanas apartam-se e olho através da escuridão, tentando descortinar os pormenores do local do meu descanso final — desta próxima fase da minha existência. Mas não consigo ver nada para além de uma nuvem de fumo roxo. Quando tento falar, engasgo-me com um sabor metálico e amargo, uma mistura de aço corroído e terra molhada.

A minha pulsação bate mais acelerada, e agito as mãos para dissipar a névoa. Nunca pensei muito na vida após a morte, mas sempre pensei que seria melhor do que isto. Afinal de contas, eu era a comandante do Exército Imperial!

Até eles te rejeitarem.

Abano os braços mais depressa, e as pontas dos meus dedos roçam algo quente. Algo suave e macio, como carne. Grito quando o rosto cinzento do Kartok se materializa através do fumo, a menos de um palmo da minha cara.

— Bem-vinda de volta, comandante — diz-me.

Volto a gritar.

— O que aconteceu? Não compreendo... Estou morta?

O Kartok esboça um sorriso largo.

— Ainda não.

Sem uma palavra ou explicação, abre a porta do túnel e sai da minha cela, deixando-me no chão, numa poça do meu próprio sangue.

Levo cautelosamente as mãos ao pescoço, mas não encontro qualquer ferimento ou cicatriz. Os meus dedos percorrem rapidamente o resto do meu corpo, mas não há um único arranhão novo.

Teria sido tudo uma ilusão? Agarro a minha testa palpitante e fecho os olhos.

Já não sei o que é real. Não posso confiar no meu próprio corpo.

Com um rosnado, esmurro o chão com os punhos e fico sem fôlego quando escuto o chape na poça de sangue. Lentamente, ergo as mãos a pingar até à minha cara e lambo um dedo, só para ter certeza.

A minha garganta pode estar intacta, mas o meu sangue é inegavelmente real.

Porque é que o Kartok me cortou a garganta e curou a ferida?

E, pelo Rei Celeste, como é isso possível?

Capítulo 17

Enebish

— Pensei que ficarias mais contente por me ver — diz o JL Temujin, ressentido.

Recuo aos tropeções antes que a minha mente possa ordenar ao meu corpo para se manter firme. Para enfrentar o Temujin de igual para igual.

— Talvez contasses ser recebida por *outra* amiga? — Ele asso-bia e a *Orbai* mergulha da copa das árvores. Precipita-se sobre mim e sobre os pastores, que gritam e cobrem a cabeça. Mantenho-me firme, desejando que ela me veja, implorando à Senhora e ao Pai que abram os olhos da *Orbai*. Mas ela recolhe as asas e projeta as garras, arrancando-me um monte de cabelo quando não me desvio suficientemente depressa. Os meus dedos tocam na ferida pulsante enquanto ela volta para junto do Temujin.

— Que estranho... — espanta-se ele. — Parece que ela não sentiu a tua falta...

O Chanar e a Oyunna riem-se ao lado do Temujin, e o riso espalha-se ao resto do batalhão. Conto pelo menos uma centena de efetivos. Tantas caras conhecidas, de pessoas que já considerei amigas. E ainda mais alguns rostos de gente que não reconheço, com cabelo, pele e olhos pálidos.

Os verdadeiros rostos dos Zemyanos que se mascaravam de guerreiros ashkarianos.

— Para trás! — Pilares de chamas erguem-se das mãos do Serik, que avança, destemido.

— Ah, Serik, o meu monge favorito — escarnece o Temujin. — É um alívio ver-te vivo. Creio que já tive o prazer de ver os teus novos truques em ação quando deitaste fogo ao *xanav*. — A sua voz denota rancor, e é então que reparo na queimadura que lhe mancha o pescoço, assim como o cabelo chamuscado de um dos lados.

— Foi apenas uma *amostra* do que vou fazer se te aproximares — avisa o Serik.

— Vejo que tu e a Enebish têm a mesma política quando se trata dos vossos poderes — grita o Chanar. — Atacar primeiro e fazer perguntas depois. Sem se preocuparem com os inocentes.

— Nenhum de vocês é inocente! — grito. Nem a Inkar o era, digo a mim própria sempre que o seu rosto se ergue para me assombrar: o metal do Palácio Celeste arrasado a arrancar-lhe o flanco, os seus olhos sorridentes e elogios calorosos, defendendo-me mesmo às portas da morte.

— Pode ser verdade, mas não há como negar a inocência destas pessoas — diz o Temujin e olha para os pastores, que recuaram vários passos. — É uma pena que os tenhas arrastado para tanto sofrimento desnecessário. Teriam ficado em segurança se tu tivesses permanecido em Sagaan.

O olhar dos pastores alterna entre mim, o Serik, o Temujin e os seus Shoniin. Como se não soubessem ao certo em quem confiar.

— Ele invadiu Sagaan com os Zemyanos, os nossos inimigos!

— vocifero por cima do ombro.

— Estão muito mais seguros aqui do que numa cidade conquistada ou gelados e a morrer de fome nas pastagens — acrescenta o Serik.

O Temujin estala a língua e aproxima-se sinuosamente por entre as ovelhas em pânico.

— «Inimigos» é um termo tão polarizador. Só porque as pessoas têm objetivos opostos, isso não toma um lado nobre e o outro inerentemente mau. O tempo passa, as circunstâncias mudam. Um dia, podem perceber que os vossos objetivos se alinham, como aconteceu connosco e com os Zemyanos: nós queremos ver-nos livres da tirania do Rei Celeste e eles também. Queremos coexistir pacificamente, com liberdade para prestarmos culto a quem bem entendermos e eles também. Gosto de pensar que somos todos aliados.

— Só porque todos nos opomos ao Rei Celeste, isso não faz de ti um aliado — digo. — Se és amigo em vez de inimigo, porque vieste atacar-nos? Foi tudo combinado com a Yatindra?

— Não conheço ninguém chamado Yatindra. Recebi uma mensagem anónima a informar-nos de que aquilo que tínhamos perdido estava escondido nos pântanos. E se esperássemos pacientemente, cair-nos-ia do céu de bandeja. E aqui estás tu.

Escarneço. A Yatindra nunca aceitou a decisão do rei Minoak, e nunca fez tenções de rezar comigo. Fingiu um pedido de desculpas para me atrair para junto das ovelhas, sabendo que eu cairia no buraco que ela tinha aberto; sabendo que os animais fugiriam e que nos levariam até aos Shoniin escondidos. O pior é que ela vai safar-se. Tenho sido tão desconfiada que os Namagaanos e os pastores serão mais propensos a acreditar que estou a culpada indevidamente do que a considerar que a irmã do rei Minoak e esposa dedicada do vice-chanceler seja capaz de tal traição.

Só me apetece estrangulá-la. Ou obliterá-la com fogo das estrelas. A Yatindra pode pensar que está a proteger a família mantendo-a aqui, mas não está a ver bem as coisas. Seremos todos esmagados pelos Zemyanos.

— Não queremos causar problemas a Namaag — prossegue Temujin.

— Desde quando é que ajudar Zemya a invadir Namaag não é «causar problemas»? — atiro, mas o Temujin ignora-me.

— Temos uma proposta muito generosa.

— Generosa para *ti*, aposto — rosna o Serik.

Temujin lança-lhe um olhar irritado.

— Quantas vezes tenho de dizer que isto não tem nada que ver comigo? Estou a lutar pelo povo. Quero justiça para os perseguidos — aponta para os pastores —, e liberdade para os Protetorados. Como podem recriminar-me por isso?

— Por causa dos teus métodos! Nunca conseguirás nada disso com os teus atuais «aliados». Os Zemyanos estão a usar-te, como

tu me usaste — expludo.

O Temujin suspira.

— Esperava que pudéssemos resolver isto de maneira civilizada, mas não permitiremos que ponham em risco o bem-estar destas pessoas ou a estabilidade de todo o continente com uma rebelião desnecessária e mal-amanhada. Sagaan caiu. O Rei Celeste está morto. Vem aí um novo amanhecer. Podem acordar e levantar-se ou ficar e perecer no escuro.

— O Rei Celeste está morto? — murmuro.

Eu e o rei Tyberion nunca gostámos um do outro, por isso aquela notícia devia ser um alívio. Eventualmente, teríamos de o enfrentar, e agora há um obstáculo a menos entre nós e a libertação dos Protetorados. Agora, o rei Ihsan não tem ninguém em quem se apoiar nem para onde ir, a não ser para junto de nós e da nossa aliança. Mas os meus pés parecem estar a afundar-se mais no chão lamacento. Como se todo o pântano me engolisse. Porque os Zemyanos estão muito mais perto de conquistar o continente. Apesar das grandes promessas do Temujin, sei que a imperatriz Danashti e o Kartok serão ainda mais cruéis do que o Rei Celeste.

— Como? Quando? O que se passa em Sagaan? — As palavras escorrem da minha boca como vômito. — A cidade foi destruída? E as pessoas?

E a Ghoea?

Não quero pensar nela. Não me interessa o que foi feito dela — mas ali está ela a tomar conta do meu pensamento. Morreu ao lado do rei? Deve ter morrido. Não consigo pensar em nenhum cenário onde ela esteja viva se o rei não estiver. E, apesar de tudo, imaginar os seus olhos frios e vazios, o seu corpo deitado no chão com uma lâmina zemyana cravada no peito, corta-me a respiração.

— Zemya controla todas as metrópoles de Ashkar. — É como se o Temujin não me ouvisse. — A única coisa que falta fazer é anular o que resta do Exército Imperial, uma tarefa simples e tranquila desde que ninguém tente intervir. — Os seus olhos âmbar piscam deliberadamente para mim. — Se abandonarem esta rebe-

lião condenada à partida, e se tu e o Serik regressarem connosco a Sagaan, permitiremos que os restantes elementos da caravana se abriguem na segurança de Uzul com os seus rebanhos. Não tentaremos «invadir» ou «conquistar» Namaag. Esse nunca foi o nosso objetivo.

Os pastores engolem as suas mentiras como vinho de seiva, e há uma mudança imediata no ar. Os seus pés estão inquietos. Os meus ouvidos enchem-se com os seus apelos tácitos: *Vão. Deixem-nos em paz.* Tenho quase a certeza de que nos agarrariam e atirariam aos pés do Temujin se não tivessem medo dos nossos poderes Kalima.

O mais espantoso é que eu não ofereceria resistência — iria com o Temujin de livre vontade se acreditasse que os Zemyanos deixariam os Protetorados em paz. Mas isso não vai acontecer. Os pastores não conhecem o Temujin como eu. Não sabem que distorce a verdade para lhe dar a aparência de uma sapota doce por fora, quando por dentro está podre. E não conhecem o Kartok, que roubou o meu poder e criou um mundo dentro do nosso.

Levanto o queixo.

— E se recusarmos?

— Serão responsáveis por ainda mais destruição.

Os pastores gemem atrás de nós, mas eu olho para o Serik. Um olhar fugaz. É o suficiente. Ele empurra os braços para a frente e projeta um pilar de fogo branco na direção dos Shoniin, que saltam para trás para evitar o inferno; e assim que a *Orbai* sai do ombro do Temujin, levanto as mãos para o céu e agarro numa bola de fogo das estrelas, que aponto diretamente ao seu peito.

O meu corpo está tenso com a antecipação mórbida quando o fogo das estrelas abre caminho através da escuridão e da folhagem — uma rajada furiosa de vermelho incandescente. Pouco antes de os Shoniin serem obliterados, aparece outra rajada de luz, desta feita azul flamejante. As duas bolas de fogo das estrelas colidem, tal como no deserto, quando impedi a Ziva de matar a *Orbai*. Só que esta explosão é dez vezes maior, dez vezes mais quente, uma vez

que o fogo das estrelas do Temujin não foi convocado pela mão inexperiente da Ziva.

Ambos foram convocados por mim.

Uma explosão violeta enche os céus e derrama milhões de faíscas que deixam um rasto de fumo. À medida que as brasas assentam na copa das árvores, pontos de luz começam a incendiar-se na folhagem — como os pirilampos que os Namagaanos usam para iluminar as suas casas. Só que estes pirilampos crescem, multiplicam-se e espalham-se.

Em menos de nada, as folhas já não são verdes, mas sim vermelho e dourado vivos. O fogo corre pelos antigos troncos de árvores como cera de um castiçal, espalhando-se de folha em folha, de ramo em ramo, na direção da cidade de Uzul, que fica a menos de metade de uma légua para trás de nós.

O medo aperta o meu estômago com mais força do que as trepadeiras que abraçam as árvores. Os pastores gritam e dispersam, desviando-se dos destroços em chamas enquanto correm de volta para a cidade. O Serik grita improperios. E eu fico parada, a olhar para cima. O fogo vai devorar todo o pântano se não arranjarmos uma maneira de o apagar. Mas a copa é muito alta. E os nossos poderes de nada servem: o fogo do Serik só serviria para alimentar o incêndio, e o meu poder foi o que lhe deu origem. Por isso faço a única coisa que posso fazer.

— Pensei que não querias problemas com Namaag! — Viro-me para o Temujin e para os seus Shoniin, que não parecem minimamente chocados. O Chanar até tem coragem de sorrir. — Não receias que Uzul arda por completo? A capital de um dos Protetorados pelos quais supostamente estás a lutar?

— Claro que sim — responde o Temujin —, e faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para os ajudar a reconstruir após o rescaldo deste incêndio devastador causado por Enebish, a *Destruidora*. Serão esses os alicerces da nossa união, aquilo que solidifica os seus laços com os Shoniin e Zemya.

O meu coração bate cada vez mais descompassado a cada palavra horrível que é proferida. O Temujin manipulou-me. Outra vez. Mesmo quando sei que é esse o seu objetivo, ele consegue sempre estar três passos à frente. Passo os dedos trémulos pelo cabelo.

— És tão responsável como eu — balbucio. — Atiraste a segunda bola de fogo das estrelas.

— Receio que estejas enganada. Não sou um Fiador da Noite. Não consigo controlar o fogo das estrelas.

— Vou explicar ao rei Ihsan que me drenaram os poderes! Os pastores testemunharam todo o confronto!

— Podes explicar tudo o que quiseses ao rei Ihsan. Duvido que ele esteja disposto a ouvir uma palavra tua depois de a sua capital ser reduzida a cinzas. Deixas fogo e destruição para onde quer que vás, Enebish: Nariin, Sagaan e agora Uzul. Este é apenas mais um dos teus descontrolos letais, e eu serei o salvador que chega para limpar a tua confusão.

Quero procurar outra bola de fogo das estrelas. Quero incinerar o Temujin e todos os seus Shoniin traidores, mas o Serik agarra a minha mão e puxa-me para Uzul.

— É inútil estarmos aqui a discutir. Temos de travar o incêndio. Avisar as pessoas. — Olho para o Serik enquanto caminhamos pela vegetação rasteira — para a sua expressão determinada e firme e para a sua mão, que aperta a minha — e os soluços encham-me a garganta cheia de fumo. Podia ter-se virado contra mim, tal como os pastores. Podia ter-me culpado pela cerca partida e pela debandada. Podia ter-me repreendido por ter caído na emboscada da Yatindra ou ter-se recusado a acreditar em mim. Mas aqui está ele. Ao meu lado. A marchar comigo para a batalha. — Nunca chegaremos a tempo — conclui, ofegante.

— Há outra maneira de avisar as pessoas.

Não sei se a Ziva ajudou a Yatindra a sabotar-me, mas neste momento isso não importa. Ponho o meu ego de lado e invoco a subcorrente de escuridão perpétua que nos liga, estalando a noite

como um chicote até ela responder com um puxão. Envio-lhe imediatamente uma imagem do fogo que se alastra em direção a Uzul e dos Shoniin.

Os tentáculos retesam. A Ziva envia tantas mensagens frenéticas que todas elas formam uma amálgama indecifrável a negro. Um grito distante ergue-se acima do troar daquele inferno. Vejo luzes a piscar como estrelas através da folhagem e do fumo espesso.

— Vai ficar tudo bem — entoo enquanto corremos. Decerto os Namagaanos têm uma forma de combater o fogo. Vivem em árvores, caramba.

As chamas atrás de nós consomem as folhas como um pavio mergulhado em óleo. Sinto a boca seca e rebentada e um travo a seiva queimada. Passamos pelo redil demolido e vemos Uzul por cima de nós, tomada de assalto pelo mais absoluto caos. As pontes balançam de forma precária sob o peso de demasiados Namagaanos que se acotovelam sobrecarregados com roupas e joias, pinturas e tapeçarias e porcelanas finas. Tudo o que podem levar consigo.

Enquanto isso, a Ruya e os seus soldados vestidos de cor de laranja empurram carrinhos com enormes acessórios de latão ao longo das plataformas. Homens e mulheres aglomeram-se à sua volta, ajudando a carregar os acessórios e a fixá-los aos canos de latão que correm por baixo da cidade.

Com um grito da Ruya e o ranger de uma torneira antiga, a água castanha do pântano começa a ser projetada através dos bocais. A torrente que rebenta pela copa das árvores é ainda mais violenta do que os geiseres das montanhas de Ondor. Só o escoamento que me atinge a cabeça parece ser mais forte do que um Domador da Chuva em batalha. Há ramos a cair dos troncos antigos, e os buracos que peneiram a copa das árvores parecem ter sido feitos por canhões. Para apagar o fogo, os Namagaanos têm de dizimar a sua floresta.

Fico em silêncio a tremer e a pingar juntamente com o Serik e os pastores, que gradualmente emergem das árvores com os seus

animais e se reúnem em tomo de outra árvore — ostensivamente afastados de mim e do Serik.

Vemos os canhões de água a rechaçar as chamas. Depois do que mais pareceu uma batalha de cem dias, as últimas brasas extinguem-se e os canhões de água deitam as últimas gotas. Os Namagaanos largam as mangueiras e juntam-se em grupos abatidos que se abraçam a chorar e a tossir. Os pastores arranham as portas escondidas nos troncos das árvores como cães vadios famintos, mas os Namagaanos não ouvem ou optaram por não responder.

O rei Ihsan aparece a uma plataforma e avança por entre o seu povo. Mais uma vez, está a usar o seu roupão e parece tão exausto e desgastado como todos os outros, mas ainda assim consegue apertar as mãos e bater nos ombros dos seus súbditos, oferecendo palavras tranquilas de conforto ao seu povo.

O Murtaugh e a Yatindra seguem o Rei dos Pântanos, e a visão dos seus olhos lacrimejantes e mãos trémulas desperta a fúria em mim.

— Respira, En — sussurra o Serik ao meu ouvido. — Atacar agora só vai piorar as coisas.

As coisas não podem ficar piores, apetece-me gritar. Respiro fundo pelo nariz, à espera de que o rei Minoak e a Ziva apareçam no final do cortejo real, mas deles nem sinal.

Fico logo de pé atrás.

— Onde estão a Ziva e o rei Minoak? — murmuro.

O Serik encolhe um ombro.

— Sei lá. Não são Namagaanos. Não deve haver muito que possam fazer para ajudar.

— O rei Minoak não é homem para ficar sentado se os seus aliados estiverem em perigo.

— Talvez sentisse que precisava de dar prioridade à sua segurança em prol de Verdenet.

— E a Ziva? — Nunca se esconderia para evitar problemas. Sobretudo depois das imagens frenéticas que enviou através da escuridão. Chamo a noite para compor outra mensagem, mas o som de botas alagadas faz-me virar para trás.

O Temujin e os seus Shoniin avançam para a clareira, parecendo estranhamente limpos e compostos quando comparados connosco.

Os pastores choram e atiram-se contra as portas escondidas, batendo com mais força.

Os Namagaanos espreitam-nos através dos corrimões de corda, como se de repente se lembrassem que existimos. Mas mesmo assim as portas não se abrem.

A noite zumba à minha volta em círculos agitados.

— Deixem-nos subir! — imploro. — São traidores perigosos! A voz do Temujin enche o pântano como uma explosão de canhão.

— A haver aqui um traidor, não devia ser a Fiadeira da Noite que incendiou a floresta? — diz, apontando-me um dedo acusatório.

— És tão culpado como eu! — riposto, quando todos os Namagaanos olham para mim horrorizados. — Ele está a usar o poder que me roubou!

— Achas que estas pessoas são parvas? — O Temujin abre os braços para abarcar as plataformas cheias. — As mentiras não te levarão a lado nenhum, Enebish. Para de tentar manipulá-los.

Somos defensores dos Protetorados. Não temos nenhuma animosidade para com Namaag. Não nos teríamos aventurado nos pântanos se tu e o Serik não nos tivessem traído e fugido. Até tentámos abordá-los no deserto — diz para a multidão —, mas a Enebish atacou-nos, como sempre.

— É ele que está a tentar manipular-vos! — insisto. — Eles são aliados dos Zemyanos! Ajudaram-nos a conquistar Sagaan! Vão invadir todo o continente!

O rei Ihsan aproxima-se do corrimão e olha para mim, com uma expressão fechada.

— Sabiam que estavam a ser seguidos, e ainda assim vieram para Uzul? Aproveitaram-se da nossa bondade, cientes de que estavam a colocar o meu povo em perigo?

— Não tínhamos escolha — gaguejo. — O rei Minoak...

— Silêncio! — corta o rei Ihsan. — Não me contaram que os Zemyanos tinham tomado Sagaan. Fizeram-me acreditar que o Rei Celeste era um inimigo comum. Porquê?

— Porque não sabíamos ao certo... — O Serik entabula uma explicação, mas os pastores gritam por cima dele.

— Nós não temos nada que ver com isto! Os Shoniin só querem a Enebish e o Serik, e prometeram deixar Namaag em paz se os entregarmos!

O rei Ihsan olha para todos nós enojado. Grita algo em namagaano e as pessoas que manusearam os canhões de água retomam os seus postos, voltando a posicionar os bocais volumosos por cima do corrimão.

Estancamos. Até as ovelhas ficam em silêncio face a uma possível morte.

— Isto é um equívoco! — grito. — Somos amigos. Aliados.

O Rei dos Pântanos prolonga aquele momento de uma forma torturante.

— Não somos aliados — contrapõe. Em seguida, baixa o braço direito num movimento rápido. Os Namagaanos que controlam os canhões de água inclinam os bocais mais para cima. O Temujin e os seus Shoniin nem têm tempo de se virarem antes que o dilúvio os atinja e varra para a floresta, atirando-os contra árvores e troncos caídos como detritos numa avalanche.

Ajoelho-me e começo a agradecer com toda a sinceridade, quando o rei Ihsan baixa o outro braço e os canhões de água se viram contra nós.

Capítulo 18

Ghoa

Fico deitada no chão durante horas, a apalpar o pescoço, mais furiosa a cada segundo que passa.

Ter as ilusões do feiticeiro na minha cabeça e água quente no meu intestino já era mau o suficiente. Saber que a magia dele é a única razão pela qual ainda respiro é enfurecedor. Insuportável. Quero abrir as veias e drenar cada gota de sangue contaminado. Mas é isso que o Kartok quer: aflição, desespero. Espera que eu ceda e soçobre. Mas não bati tão fundo. Ainda.

Ainda tenho uma hipótese, uma forma possível de me libertar: a Hadassah. Ela é a falha, a fratura. Se conseguir enfiar o meu cinzel, talvez consiga derrubar as paredes desta prisão. Ela já despreza e desconfia do Kartok, e nem sequer sabe a extensão da sua ambição.

Atacar e depor os Primeiros Deuses.

Rio-me do absurdo daquela ideia. Como se mata um deus?

Não parece possível. E quais seriam as repercussões? Não que isso interesse, visto que eles não existem. Mas a Hadassah acredita, e tenho a sensação de que estará disposta a pagar bem por esta informação. É o tipo de esquema nefasto que ela anda ansiosa por descobrir, o tipo de revelação que merece uma ação drástica.

Se matar a Senhora e o Pai fosse uma forma aceitável de acabar com esta guerra, o Kartok usaria as suas legiões de soldados mágicos para cumprir a tarefa. Mas ele anda a vaguear por esta prisão como uma ratazana cheia de pulgas, o que significa que não tem a bênção da imperatriz. Se usar esta informação corretamente, *talvez* consiga convencer a Hadassah a chegar a um acordo em troca da minha liberdade.

Pondero permanecer no chão, numa amálgama deplorável e histórica de carne, para que a Hadassah seja obrigada a «ajudar-me» quando voltar a aparecer. É evidente que isso a faz sentir-se útil e importante. Mas preciso que desta vez seja ela a ficar em dívida para comigo, por isso componho-me na cadeira que o Kartok reconstruiu — no centro da sala do trono, por entre os salpicos de sangue e os destroços estilhaçados das outras cadeiras. É uma cena marcante, poética até. A cadeira e eu fomos ambos obliterados e regenerados. Recebemos uma nova vida graças à magia do general.

— Mares misericordiosos! — grita a Hadassah assim que entra na sala. — O que aconteceu agora? De onde veio a cadeira? — Ela corre para o sítio onde me sento. Pensei que se mostrasse mais sensível, mas ela olha diretamente para as manchas de sangue e chega a limpar vestígios de sangue seco no meu braço com um dedo.

— Eu e o general tivemos uma discussão esclarecedora — digo. Os olhos da Hadassah ficam do tamanho de pires.

— Sobre o quê?

— Já sei o que ele pretende fazer.

— O quê? — Ela aguarda expetante e eu rio-me.

— O conhecimento é poder. O conhecimento é *moeda* de troca. E esta informação saiu-me muito caro. Não direi uma palavra do que sei a menos que proves que me vais compensar.

Uma nuvem escura passa sobre os seus olhos azuis glaciares.

— Sabes que não te posso libertar.

— Então, não me libertes. Deixa uma ou duas portas destrancadas sem querer. Certifica-te de que os corredores estão vazios. Pode ser um erro compreensível.

— Um erro compreensível que daria cabo da minha vida! Invalidaria toda a confiança e aprovação que estou a tentar obter ao denunciar o Kartok.

— Porque estás tão preocupada com confiança e aprovação? És uma criada!

— Errado! — A porta deslizante abre-se e o Kartok entra na câmara, mais rápido do que o fogo das estrelas que a Enebish atirou contra o meu peito. Agarra no antebraço da Hadassah e sacode-a violentamente enquanto grita em zemyano.

Sinto uma súbita e inexplicável vontade de me colocar entre eles. Só que seria ridículo. Não devo nada à Hadassah.

— Pensaste mesmo que não te ia apanhar? Ou que me enganarias com este disfarce ridículo? — O Kartok abana a Hadassah com mais força e a pele dela começa a sair como manteiga derretida. As suas bochechas desfazem-se numa película longa e fina que nem a pele de uma cobra. Assisto com horror enquanto os pedaços de pele se juntam num grande aglomerado no chão até a figura da Hadassah ser substituída pela de um jovem. E não um jovem qualquer.

O príncipe zemyano, Ivandar.

A náusea agarra-se à minha garganta. Perco o fôlego e, logo a seguir, odeio-me por ter caído no logro do príncipe. Sou mesmo estúpida e ingénua.

A fúria borbulha no meu corpo, mais quente do que um barril inteiro de água termal.

É tudo tão óbvio: o facto de a Hadassah cheirar a perfume caro e ter a coragem de falar de forma tão desassombrada; o facto de ter a força física para me arrastar do túnel para a sala, e de estar tão obcecada em descobrir os planos do Kartok. Uma criada nunca teria a menor hipótese de intervir, mas um *príncipe* sim.

E eu ajudei-o. Sabia que não podia baixar a guarda — e a verdade é que não contei nada de muito relevante à Hadassah. Mas não teria partilhado nada com o herdeiro zemyano — nem mesmo para salvar a minha própria vida.

Observo novamente o Ivandar — a camisa diáfana da cor do mar e as calças de linho fino, os seus traços cinzelados e a sua altura. Ele é o oposto da Hadassah em todos os sentidos, exceto

naqueles olhos azuis claros e gélidos, que fixam agora o Kartok com asco.

A única coisa que temos em comum.

O Ivandar liberta-se do aperto do Kartok e confronta-o.

— Sei que tens feito experiências com água termal com a comandante. Sei que estás a tentar impedir que os Primeiros Deuses concedam poder aos guerreiros Kalima. Porquê?

Os olhos do Kartok fixam-se em mim por um instante. Um assomo de irritação. Mas a sua voz mantém-se serena. Cruza os braços e encosta-se à parede.

— Porque é que achas? Será muito mais fácil ganhar a guerra se não tivermos uma tempestade de neve ou de gelo pela frente sempre que enfrentarmos os Ashkarianos em combate.

— Nesse caso, porquê fazer as experiências aqui em segredo? Porque não revelas os teus planos engenhosos à minha mãe e ao povo? A única resposta lógica é ambição. Será mais fácil usurpares o meu trono se fores o herói que derrotou os Kalima. Mas não pode parecer intencional.

O Kartok estala a língua em surdina.

— Oh, meu príncipe, és tão ignorante e estás tão a leste. Não me quero sentar em nenhum trono. O meu único objetivo é servir e honrar Zemya. É triste, na verdade, que a tua insegurança te tenha levado a confraternizar com os prisioneiros. O que diria a tua mãe?

— O que diria a minha mãe acerca de tudo *isto*? — O príncipe abarca toda a réplica da sala do trono com um gesto.

Estão tão absortos na discussão deles que se esqueceram completamente de mim, esparramada que estou na minha cadeira. Levanto-me com uma lentidão agonizante e rastejo até à parede.

— A imperatriz diria que estou apenas a cumprir o meu dever — responde o Kartok. — Tu és o único que tens desconfianças infundadas...

— O que fazes com *isso*? — O Ivandar aponta para o livro esfarrapado que o Kartok tem debaixo do braço. Enquanto ambos se digladiam, aproximo-me mais. E mais. Estou concentrada no punhal longo e curvo que o Kartok traz à cintura. — Os Salmos de Zemya não podem sair do santuário! — exclama o Ivandar. — Não podem ser tocados por ninguém além do atual governante. Isto é um ato de traição!

O Ivandar tenta agarrar no livro, mas o Kartok tira-o facilmente do seu alcance.

— Obtive a autorização da imperatriz. Estamos tão perto de conseguir...

— A minha mãe nunca faria tal coisa — argumenta o Ivandar. Mas a sua voz perdeu a convicção da certeza, e está agora eivada de ressentimento. — Se estás a seguir as ordens da minha mãe à risca, porque não me contas os teus planos? Deixa-me ajudar. Prova que posso confiar em ti.

Sustenho a respiração e dou os últimos passos, parando logo atrás do Kartok. As minhas mãos tremem de antecipação. Se a fuga está fora de questão, vou fazer este maldito palácio desabar no mar e levar estes dois idiotas comigo. E até tenho os meios: o punhal do Kartok foi forjado em aço zemyano e está imbuído da sua magia. Se há algo suficientemente forte para quebrar o encantamento das paredes da prisão, é esta arma, nascida do mesmo criador.

Sei que não sobreviverei às consequências. Se o aço encantado não me empalar, serei arrastada para o mar furioso e morrerei afogada. Mas o herdeiro zemyano e o conselheiro mais importante da imperatriz também não sobreviverão, nem mesmo se souberem nadar, porque pretendo congelar a água e enterrá-los debaixo da superfície. Graças à estranha magia curativa do Kartok, o gelo está mais uma vez a estalar-me os dedos. Não muito, mas espero que o suficiente para esta última ação.

Para reivindicar esta vitória final.

Mesmo que o exército zemyano continue a avançar e a conquistar o continente, a morte destes homens proeminentes será uma

prova irrefutável de que eu sou a guerreira Kalima mais forte; de que os meus camaradas fizeram mal em virar-me as costas. Mesmo que Ashkar caia, todos contarão histórias sobre a última comandante dos guerreiros Kalima, que matou dois terços dos governantes de Zemya quando estava encarcerada.

Imagino os meus pais, a saber da notícia. A receberem as condolências que são, na verdade, louvores. A encomendarem um concerto em meu nome que tocará para sempre.

Vou morrer a saber que os deixei orgulhosos.

Esse pensamento dá-me coragem para saltar.

Mergulho para a parte de trás dos joelhos do Kartok e os meus dedos sobem pelas dobras do seu manto como uma cobra, agarrando no punho do punhal. O Kartok é mais pesado do que eu esperava, mas consigo atirá-lo ao chão. O impacto tira-lhe o fôlego, o que me dá tempo para tirar o punhal e fugir.

O Kartok grita qualquer coisa, mas não consigo ouvir com o barulho ensurdecedor da minha pulsação, que abafa tudo o resto na minha cabeça. Mais rápida a cada segundo que passa. Ele agarra-me pelo cabelo com os seus dedos longos e ossudos. Desfiro um golpe com a lâmina nas costas e corto o meu rabo de cavalo. Espero ter também apanhado os dedos do Kartok.

— O que estás a fazer? — grita o Ivandar. Parece estar completamente desorientado. Como se acreditasse mesmo que eu ia morrer sem dar luta.

Com um rugido que explode das profundezas das minhas entranhas — o lugar onde guardei todas as esperanças, ilusões e ambições que tinha para a minha vida — cravo a lâmina do Kartok na parede.

O general para e agarra-se ao estômago, como se eu tivesse enterrado o punhal na sua carne. Os nossos olhares cruzam-se, e estou à espera de encontrar fúria, indignação, talvez até medo, mas ele parece contemplativo. Quase divertido. Levanta um dedo e eu tremo, à espera de que a lâmina encantada se retraia para dentro do punho e depois vá alojar-se no meu peito. Mas ela permanece

enterrada na parede da sala do trono. Um segundo depois, ouço um estalido monstruoso e as paredes estilhaçam-se em fragmentos, revelando a verdadeira parede de vidro por trás da ilusão.

Lentamente, como num sonho, fraturas em forma de teia de aranha espalham-se pelo vidro. Gotas de água começam a correr pelas fendas e a pingar do teto. O cheiro a salmoura, areia e vitória toma conta do meu nariz enquanto somos atingidos pelo mar verde espumoso.

O maxilar do Ivandar cai.

O Kartok está perto e é rápido o suficiente para se lançar sobre mim, mas opta por permanecer perfeitamente imóvel e ficar a observar enquanto me atiro contra o vidro estilhaçado. Não há tempo para perceber porquê.

A parede explode com estrondo e eu desato a rir enquanto sou assolada pelas ondas.

Capítulo 19

Enebish

Os jatos dos canhões de água atingem-nos no estômago, projetando-nos para o pântano como galhos numa correnteza revolta. Sou empurrada contra os ciprestes, fustigada pelas suas raízes protuberantes e vou parar aos destroços do redil, embatendo em muitos pastores e animais. A minha visão escurece a cada novo impacto. A dor explode por todo o meu corpo de boneca de trapos — lancinante, sufocante e interminável.

Quando a água da inundação finalmente abranda, a cidade de Uzul já não é visível. Apenas uma extensão gotejante de árvores e lama. Agarro-me a uma hera com o meu braço bom — embora nenhum dos meus braços possa ser considerado «bom» nesta altura — e arrasto-me para um aglomerado de raízes. Enquanto tusso e cuspo golfadas de água pardacenta, a corrente continua a rodopiar à minha volta, trazendo consigo folhas e ramos partidos além de bolsas, sapatos e xailes a flutuar. E corpos, maltratados e imóveis.

As ovelhas estão de lado, mutiladas e encharcadas, com a lã manchada de vermelho e castanho. As cabras estão dobradas, partidas contra as árvores. Mas o mais horrível de tudo são as pessoas. O cadáver de uma pastora passa por mim a boiar, olhos vazios, rosto mutilado e inchado. O longo cabelo escuro espalha-se à sua volta, como juncos do pântano, e os dedos da mão estendida estão entrelaçados com os de um menino, igualmente encharcado e imóvel.

Sinto um nó no estômago. Ganho balanço para me libertar das raízes, desesperada para me afastar da mulher e do filho, mas estou a abrir caminho à força pelas poças, na direção oposta, quando outro corpo flutuante dobra a esquina. E depois outro. Movem-se silenciosamente através dos ciprestes — três Shoniin cinzentos e quatro pastores. E estes são apenas os corpos que consigo ver. Tenho a certeza de que são às dezenas espalhados pelo pântano.

Tantas vidas ceifadas por causa do logro egoísta da Yatindra. E da minha estupidez.

Nunca devia ter aceitado o convite dela. Sabia que ela não era de confiança, mas estava a tentar «fazer um esforço». Queria provar que ainda era capaz de unir os Protetorados e de os liderar contra o Rei Celeste e os Zemyanos. A minha dúvida e desconfiança já tinham ostracizado e colocado tantos em perigo. Queria ser melhor, mais corajosa e mais forte, mas enterrar o passado e seguir em frente revelou-se ainda mais desastroso.

É impossível vencer.

Pelo menos, para mim.

— Serik? — grito no silêncio assustador. Não há um único canto de pássaro. Até as cigarras inexoráveis se calaram, dando lugar ao borbulhar da lama e ao som distante do choro. — Serik? — grito mais alto. Mas sem resposta. O pânico infiltra-se nos meus poros. Ele estava mesmo ao meu lado antes da explosão, de mão dada comigo. Agora, pode estar em qualquer lugar, esmagado debaixo de um ramo partido, esborrachado contra uma rocha, ser o próximo cadáver a flutuar para jusante... — Serik! — Levanto-me a custo e avanço pela lama. Não faço ideia para onde vou, posso estar a seguir na direção errada, a embrenhar-me cada vez mais no labirinto das árvores.

A minha perna lesionada cede a cada poucos passos que dou, mas tento limpar-me e seguir em frente.

Ele está vivo. Vou encontrá-lo. Recuso-me a aceitar qualquer outra realidade.

Depois do que parecem anos, os meus ouvidos captam o zumbido de vozes, com uma a sobressair das restantes. Não parece ser o Serik, mas avanço pelo canavial, onde a lama é ainda mais pesada e as plantas saltam do chão como espigões. Enquanto abro caminho pela vegetação, as minhas pernas cedem de vez. Deixo-me ficar deitada por um instante, com a lama fria e pesada contra a minha cara, tentada a deixar-me devorar pelo pântano. Mas cravo

os cotovelos na lama e arrasto-me para a frente, num progresso tortuoso, até chegar a um grupo de pessoas.

Dezenas de pastores agruparam-se num lamento coletivo — sons torturados que não ouvia desde que deixei os campos de batalha. Tento manter-me de pé, mas o meu corpo está demasiado pesado devido à lama viscosa. Sinto-me tão pouco humana que não me surpreende que vários deles apontem para mim e gritem:

— Jacaré!

O resto do grupo grita e afasta-se. Consigo levantar uma mão e proferir uma só palavra:

— Serik?

Os gritos dos pastores diminuem, mas as suas expressões de horror não abalam.

— Enebish? — O velho Azamat semicerra os olhos e avança para mim.

A Lalyne escarnece:

— Claro que, de todas as criaturas miseráveis deste mundo, tu tinhas de sobreviver!

— E só estás preocupada com o Serik. Nós podemos morrer à vontade — explode o Iree.

— Isso não é verdade — contesto, sem fôlego. Mas se até eu mal consigo ouvir a minha própria voz, duvido que as palavras tenham chegado aos pastores.

— Nunca vos devíamos ter seguido! — protesta uma voz de alguém que não vejo.

— Perdemos tudo! — secundam várias outras.

— Vamos morrer!

— Já morreram tantos!

De repente, estou rodeada de rostos irados. Para onde quer que me vire, eles são cada vez mais. Gritos, grunhidos e cuspo. Sou pontapeada no fundo das costas e no peito. Perco o fôlego, como os

peixes que se debatem em vão na lama, arrastados dos seus riachos pela água dos canhões.

— Estava a tentar ajudar — balbucio incoerentemente. — Estava a tentar confiar...

— Devíamos matá-la e arrastar o corpo dela de volta para Uzul — proclama a Emani.

— Talvez os Namagaanos reconsiderem acolher-nos se ela já não for uma ameaça — acrescenta o Bultum.

As lágrimas caem-me pela cara, e sinto um frémito nos dedos para as limpar; para esconder todos os vestígios de fraqueza e mostrar galhardia — o rosto de uma guerreira. Mas cerro os punhos e deixo as lágrimas caírem livremente do meu queixo. Deixo que os pastores as vejam — que me vejam — pela primeira vez desde que nos conhecemos: envergonhada e aterrorizada, mas persistente.

É inútil.

A multidão ataca-me com o dobro do fervor. Mãos prendem-me os pulsos e esticam-nos dolorosamente para ambos os lados. Alguém pressiona a minha nuca, forçando a minha cara a enterrar-se mais fundo na lama. Quando tento gritar, o lodo enche-me a boca e entope-me o nariz. Sinto que estou de volta a Ikh Zuree, cercada pelos monges execráveis. Só que desta vez é ainda pior porque o Serik e o Abade não estão aqui para os deter.

Contorço-me e esperneio enquanto manchas brancas explodem atrás das minhas pálpebras. A minha cabeça parece que vai explodir. Abro os dedos, em busca da escuridão, mas as minhas mãos estão cheias de lama. O meu corpo está demasiado frenético para que o ar flua em condições.

Vou morrer — às mãos dos meus aliados.

A minha resistência fenece.

— Perdoem-me — digo com o meu último suspiro.

De repente, a pressão liberta-se. Sinto o meu corpo leve como as lanternas flutuantes em Sagaan, e à medida que as explosões de luz distorcidas recuam, o perfeito rosto sardento do Serik começa a

ganhar forma. Está em cima de mim, com os braços esticados, o calor a sair-lhe das palmas das mãos.

— Afasta-te! — grita-lhe a Lalyne.

O Serik abana a cabeça.

— Não nos faças virar contra ti — avisa o Iree.

— Porque não teremos pejo em fazê-lo! — O Bultum coloca-se lado a lado com o Iree.

— Não têm motivos para se virarem contra nós! — argumenta o Serik, mas logo é interrompido pelo riso amargo dos pastores.

— Temos todos os motivos! — O Azamat decide juntar-se à discussão. — Há pessoas mortas! Animais mortos! Fomos expulsos de Uzul sem roupa nem mantimentos, o que significa que vamos morrer em breve, graças às ações erráticas dela. — Aponta para mim enfaticamente. — Ela nunca se dará por satisfeita. Não consegue parar de se intrometer e de andar por aí a espiar, e olha no que deu!

— A Enebish cometeu erros — concorda o Serik, e mesmo que a sua voz seja diplomática, as suas palavras magoam. Porque é verdade. Já cometi muitos erros, *demasiados*, mas já não é por desconfiança e teimosia. Estou a tentar aprender e mudar, mas é sempre na altura errada. — Mas todos cometemos erros — continua o Serik. — As suas ações não foram erráticas. Ela fez exatamente o que pedimos e depositou a sua confiança nos Namagaanos, e eles traíram-na. Desta vez, fomos *nós* que não lhe demos ouvidos. Fomos *nós* que a levámos a duvidar da sua intuição, a ficar calada e a cair noutra armadilha, quando as suas preocupações eram mais do que justificadas. — Aponta para o pântano inundado.

— Como é que sabes que não foi ela quem planeou isto? — pergunta alguém.

— Porque haveria de o fazer? — As palavras borbulham numa onda de indignação. Até consigo erguer-me e apoiar-me nos cotovelos. — Isso é absurdo!

— Porque não queríamos seguir o teu plano — acusa o Azamat. — Podes ter pressentido que não queríamos deixar os pântanos para lutar contra todo o continente, por isso decidiste forçar-nos a mão.

— Não fiz nada disso! — grito, na mesma altura em o Serik proclama:

— Ela não faria tal coisa.

Olho para a sua expressão feroz, para aqueles olhos ardentes, e sinto o coração apertar-se com gratidão. Nunca o amei tanto como agora.

— Que provas tens? — pergunta o Bultum. — Como tens tanta certeza de que ela foi traída pelos Namagaanos?

— Eu estava presente quando ela foi convidada a rezar com a Yatindra.

— Mas ela não estava com a Yatindra quando as nossas ovelhas fugiram...

— Porque ela e a Ziva mudaram de planos e foram sem mim!

— Intervenho, embora ninguém pareça interessado no que tenho para dizer. — Quando cheguei à casa da Yatindra, a criada disse-me para ir ter com elas à água, onde me tinham montado uma armadilha.

— Acompanhaste-a a casa da Yatindra? — O Iree paira sobre o Serik. — Para teres a certeza de que foi para lá que ela foi?

— Bem, não...

— Então, como é que sabes que ela não inventou a parte de a Yatindra ter mudado o local? Como é que sabes que ela não desceu logo ao nível da água para soltar as ovelhas?

— Porque conheço a Enebish! — ruge o Serik.

— E ela nunca te mentiu? — Os ângulos rígidos do rosto da Lalyne contorcem-se num esgar. — Ela sempre foi sincera e digna de confiança?

O Serik hesita e olha para mim, com uma expressão plena de agonia e frustração. Sou obrigada a desviar o olhar. Não pode dizer nada em minha defesa. *Eu* não posso dizer nada em minha defesa. Os pastores estão connosco há semanas, viram-me a discutir, esgueirar-me e a ignorar muitas das instruções do Serik.

— Se queres perdoar-lhe porque estás apaixonado por ela, estás no teu direito — escarnece a Lalyne —, mas nós não temos de fazer o mesmo. Afasta-te, Serik. Temos de fazer o que é melhor para aqueles que restam, e se isso significa eliminar a Enebish para cairmos nas boas graças do rei Ihsan, que assim seja.

O Serik olha para os vários rostos hostis, depois cai de joelhos entre mim e os pastores, fecha os olhos, e estende as mãos para o céu. É o epítome da impotência, da vulnerabilidade, e não obstante, acho-o muito mais corajoso e poderoso do que quando brande uma espada. Se me tivessem dito há uns meses que esta seria a reação do Serik — a derradeira tomada de posição na luta pela minha vida —, eu teria desatado a rir. Mas ali está ele, a enfrentar os nossos agressores com paciência e fé em vez de violência.

— *Por favor* — diz ele numa voz sumida —, depois de tudo aquilo por que passámos, acham mesmo que vos poria em perigo? Se realmente acreditasse que a Enebish era culpada, deixaria a justiça seguir o seu curso. Mas peço-vos que acreditem em mim, que confiem em mim. Dei-vos tudo, tudo o que podia dar e mais. Só peço isto em troca.

Os pastores ficam calados. Demasiado calados. É o tipo de silêncio que não deixa espaço para deliberação.

O Iree dá um passo decisivo atrás. Afasta-se de nós. O Bultum, a Lalyne, o Azamat e pelo menos mais 20 fazem o mesmo, espalhando-se para nos cercar.

O Serik levanta as mãos e o fogo projeta-se dos seus dedos em direção ao céu. Os pilares em chamas quase me lembram a porta de entrada para o falso Azul Eterno do Kartok.

— Têm a certeza de que querem fazer isto? — pergunta, tentando esconder o tremor que lhe perpassa a voz.

Os pastores não respondem, mas o ar está carregado com a eletricidade que antecipa as tempestades. Alcanço a noite, preparada para lutar ao lado do Serik, mas antes de libertarmos o céu, uma voz flutua por entre os juncos, chocante no seu tom alto, mas feroz na sua convicção.

— Se não acreditam no Serik, talvez acreditem em mim! — A tensão desfaz-se e os pastores afastam-se para ambos os lados como se fossem cortinas. As sandálias tomam-se visíveis e as mãos escuras e delgadas estendem-se e levantam-me o queixo, obrigando-me a olhar para cima. — Tinhas razão — proclama a Ziva.

Olho para ela com espanto durante alguns segundos, à espera de que se pulverize, como o escoamento dos canhões de água.

— O que estás aqui a fazer? — digo, por fim. — Não basta que tenhamos sido expulsos da cidade? Que pessoas inocentes tenham perdido a vida? Sentiste a necessidade de te vangloriar? Queres que vos felicite pelo vosso truque, a ti e à Yatindra?

— Não ouviste o que eu disse? Tinhas. Razão. — A Ziva enuncia cada palavra. — Não tive nada que ver com aquele fiasco. Nem sabia que a Yatindra te tinha convidado para «rezar». Sim, fui resistente às tuas alegações, mas neste caso foram justificadas. A Yatindra estava a conspirar contra a nossa aliança. Escreveu aos Zemyanos, a dizer-lhes para te virem buscar, em vez de enviar missivas aos nossos soldados na frente de batalha. Encontrei a correspondência quando ela me trancou a mim e ao meu pai no quarto assim que o confronto começou. Para nos proteger, disse ela. Mas não estou interessada em ficar encolhida num armário enquanto o meu país se desmorona. Também não vou perder tempo a tentar convencer o rei Ihsan a mudar de ideias em relação a acompanhar-nos na marcha para Verdenet. Não se houver pessoas que estejam dispostas a agir agora.

O choque ata-me a língua. Não consigo formar uma única palavra. Se os pastores se tivessem atirado aos meus pés a beijá-los, não teria ficado mais espantada.

— E então? — A Ziva cruza os braços e olha para o grupo. — Não vão dizer nada? Armei uma confusão bem caótica em Uzul e vim até aqui. Vou ficar furiosa se tiver sido em vão.

Abano a cabeça e rio-me. Porque, naquele momento, não me custa nada vê-la como uma rainha.

A minha rainha.

— Assim que chegaste às grutas soube que eras a chave de tudo! — diz o Serik com uma palmada nas suas costas. Os pastores acenam lentamente. Alguns até batem palmas. — O teu pai também veio? — O Serik olha por cima da princesa, à procura do rei Minoak, mas a Ziva abana a cabeça.

O grupo fica imediatamente em silêncio. A Ziva contorce-se, mas só por um momento.

— O meu pai ainda acha que isto é um mal-entendido. Não quer pôr em causa as boas relações com o rei Ihsan juntando-se a vós. Mas talvez seja melhor assim. Ele está demasiado fraco para viajar ou invadir Lutaar. Ele só nos iria atrasar.

O Bultum engasga-se com a surpresa.

— Mas permitiu que viesses connosco?

— Ele não permitiu nem deixou de permitir — retorquiu a Ziva. — Sou perfeitamente capaz de fazer as minhas próprias escolhas. O meu pai incentiva isso. Um dia serei rainha.

O aceno do Serik é lento e superficial.

— Então, prosseguimos com o plano inicial e marchamos contra o governador imperial em Lutaar? — Parece estar a tentar convencer-se tanto a si próprio como a nós.

— Não querendo ser desmancha-prazeres — intervém o Azamat, o que é risível porque ele *adora* ser desmancha-prazeres —, e muito menos ofender Vossa Alteza — diz, fazendo uma vénia à Ziva —, não podemos invadir Verdenet e depor o governador imperial liderados por uma princesa que não é mais do que uma criança. Não vai conseguir arregimentar os cidadãos de Lutaar. Além disso, não temos comida. Ou mantimentos. Ou armas.

A Ziva lança um olhar fulminante a Azamat, e sinto o arrepio na escuridão quando ela cerra os punhos. Os meus dedos estão tensos — prontos para intervir — mas a Ziva exala um suspiro e transforma o seu escárnio num sorriso delicado.

— Não precisas de te preocupar com mantimentos, velhote.

Depois vira-se e acena por cima do ombro, fazendo aparecer um punhado de Namagaanos, que emergem das árvores a puxar carroças cheias de comida, cobertas, lonas e peles, assim como tudo o que tinha ficado nas camaratas enquanto tentávamos recapturar os rebanhos.

Os pastores dão vivas e batem palmas. Uma grande maioria desata a chorar, enquanto os outros se abraçam uns aos outros, à Ziva e ao Serik. Alguns até me abraçam, e é então que percebo que a maré mudou verdadeiramente.

— Como convenceste o rei Ihsan a dar-nos estes mantimentos depois de tudo o que aconteceu? — O Serik aponta para a água da inundação e para a copa queimada das árvores.

— Não foi preciso — responde a Ziva, afastando os caracóis da cara. — Enquanto ele consolava o seu povo, desviei várias carroças que estavam carregadas para a viagem até Verdenet, e que não fazem falta aos Namagaanos, e fiz ver às pessoas que as guardavam que podiam seguir-me ou ser destruídas pelo fogo das estrelas. — Vira-se para os Namagaanos e dispensa-os um gesto. — Podem ir. Quanto ao nosso destino... Verdenet não é o único território que precisa de ser libertado.

Os seus olhos cruzam-se com os meus por cima das carroças, e um sorriso assoma ao meu rosto. Mais uma vez, estava tão obcecada com a libertação de Verdenet, que não me permiti considerar outras opções, uma ordem diferente dos acontecimentos.

— Vamos para Chotgor — digo, entusiasmada. — Se eles não souberem da morte do Rei Celeste, podemos dar-lhes a notícia, que lhes dará força para se insurgirem. Se souberem, não há razão para não se juntarem a nós. Seremos mais fortes contra os Zemyanos,

unidos. E não precisam de ter medo de represálias por parte dos guardas imperiais se os alicerces do império tiverem ruído.

O grupo explode em conversas, mas é difícil perceber se falam sobre o nosso plano ou sobre os mantimentos. Neste momento, isso não é relevante. Há um caminho a seguir. Uma forma clara de navegar por entre este desastre. E sei qual deve ser o meu papel. Algo que devia ter aceitado fazer desde o início. Uma forma singela de mostrar o meu empenho e, com sorte, começar a recuperar a confiança dos pastores.

— Vou treinar-te durante a viagem — digo à Ziva. — Precisamos de todas as forças que a Senhora e o Pai nos derem. Fiz mal em recusar fazê-lo. Sentia-me assustada, insegura e ameaçada, que é uma forma vergonhosa de se viver.

Ela fica a pestanejar durante muito tempo. Tanto que já espero que me responda torto e reforce que já não precisa de mim nem quer a minha ajuda. Mas logo a seguir ela avança pela lama, lança-se ao meu pescoço e abraça-me com força.

Depois de algumas respirações chocadas, dou-lhe palmadinhas nas costas, agradecendo em silêncio à Senhora e ao Pai por este e por tantos outros milagres.

— Rumo a Chotgor — digo, olhando para os pastores imundos, mas sorridentes.

— Rumo a Chotgor! — repetem.

Partimos imediatamente, seguindo para norte através dos pântanos inundados com uma onda de energia renovada. Os pastores distribuem comida e roupas secas sem alarido, e um número considerável de pessoas oferecem-se como voluntárias para puxar as carroças pesadas. É incrível o que uma réstia de esperança é capaz de fazer.

— Acreditas nisto? — pergunto ao Serik, que segue ao meu lado. — Pensei que seria o nosso fim. — Espero ver um sorriso rasgado, cheio de orgulho, mas ele encolhe os ombros e arrasta a

biqueira das botas pela lama. Agarro-lhe o braço. — O que se passa? Está tudo a correr bem. É quase um milagre.

Ele fala para a minha mão, não para o meu rosto.

— Chotgor é muito para norte, e muito frio. Ainda mais frio do que Ashkar. E estou exausto. Será um *milagre* se não morrermos congelados.

A tensão na sua voz causa-me um aperto no coração. O novo plano pode ter tirado o peso de cima dos nossos ombros, mas colocou-o todo em cima do Serik. Ele tem sido forte e inabalável desde que saímos de Sagaan — as mãos firmes que nos levantam, a mim e aos pastores, sempre que estamos em baixo.

Está na altura de alguém aliviar o seu fardo.

— Continuem. Já vos apanhamos — digo à Ziva. Em seguida, entrelaço os meus dedos nos do Serik e puxo-o para a floresta. Longe da vista da Ziva e dos pastores, onde o ar é mais denso e as rãs-touro nos recebem com o seu coaxar grave.

— Para onde vamos? Temos de ficar com o grupo. — Tenta voltar para trás, mas agarro-o pelo manto e arrasto-o para uma árvore enorme, cingindo o seu corpo ao meu, até os dois se tocarem por completo — braços, pernas e peitos enlaçados como se tivessem sido esculpidos do mesmo molde. — O que estás a fazer? — sussurra, com os olhos cor de avelã arregalados.

— A agradecer-te. Por nunca baixares os braços e nunca desistires de mim. Por estares ao meu lado quando os outros me viraram as costas. Por acreditares em mim, apesar de te ter dado todos os motivos para não o fazeres. És a pessoa mais forte, corajosa e leal que conheço, e não sei o que fiz para te merecer, mas agradeço à Senhora e ao Pai todos os dias pela sua bondade. Achei que estava na altura de *te* agradecer também.

Ergo-me em bicos de pés, olho fundo nos seus olhos e inclino-me suavemente para a frente até os nossos lábios se tocarem. A sua boca é quente e macia, e sinto um frio na barriga. Não devia ser possível um toque tão ligeiro fazer o meu corpo vibrar desta

maneira, mas estou a arder, a queimar, a borbulhar de desejo... Até perceber que o Serik não devolve o meu beijo.

Afasto-me com a cara a arder.

— Desculpa! Não devia ter feito isto...

Ele estende a mão e agarra no meu rosto, passando o polegar por cima das minhas cicatrizes.

— Claro que devias ter feito isto. E eu devia estar preparado, tendo em conta que passei metade da minha vida a imaginar este momento.

— Só metade? — digo, com uma gargalhada ofegante.

Logo a seguir, os seus lábios tomam conta dos meus, as suas mãos afagam-me o cabelo e, apesar de as nossas roupas estarem enlameadas e encharcadas, sinto que estou estendida na areia, a torrar no calor do deserto. A minha boca pressiona mais contra a dele, sabedora, apesar de até então só ter beijado o bico da *Orbai*. Nunca senti nada assim. É uma euforia semelhante àquela que atinjo no auge do meu poder Kalima misturada com o conforto de um cobertor de lã pesado. Estou completamente exposta, mas sinto-me perfeitamente compreendida.

Afasto-me para recuperar o fôlego, e o Serik entretém-se a beijar levemente o meu queixo, fazendo-me tremer.

— Onde aprendeste a beijar assim? — pergunto. — Coisas destas não se aprendem em Ikh Zuree.

— Vivi muitos anos antes de ser banido para Ikh Zuree...

— E eu estive presente na maioria deles! Quem mais beijaste? — Bato-lhe no peito, divertida. — Foi a Rhona, não foi? A filha da cozinheira. Não penses que não reparava que lhe fazias olhinhos.

Ele abana a cabeça, resoluto.

— Só tinha olhos para ti.

Derreto e os nossos lábios movem-se num ritmo natural, mas voraz. Sorrio enquanto o beijo porque estou a beijar o Serik.

Finalmente.

Ele encosta-me à árvore e os meus dedos agarram-lhe o colarinho, puxando-o ainda mais para mim. Quero ficar assim para sempre, como duas lâminas soldadas, mas um gemido longo e agonizante faz-nos estancar.

— O que foi aquilo? — sussurro.

— Provavelmente, são os pastores. — O Serik inclina-se para mim, mas abano a cabeça e levanto a mão.

— Vem da direção oposta. Quase parece alguém a chorar... Achas que há mais sobreviventes? — Liberto-me dos braços do Serik e avanço na direção do choro. Quanto mais nos aproximamos, mais esganiçados e animalescos se tomam os gritos. Sinto os dedos dos pés a encarquilharem-se dentro das botas, e tenho de me forçar a prosseguir. Não quero encontrar mais ninguém a sofrer por causa dos meus erros. Contudo, não o encontrar seria ainda pior.

Abro caminho através de um amontoado particularmente denso de vegetação.

— Já vamos!

— Depressa! Por favor! — chama uma voz destroçada.

As minhas pernas cedem e o meu coração bate descompassado. Saio do mato e estaco.

— *Tu!*

O Serik para ao meu lado e ficamos os dois a olhar para uma figura vestida de cinzento shoniin, pendurada nos ramos requebrados como um papagaio de papel partido. Tem argolas douradas nas orelhas e o cabelo preto caído sobre a cara.

— Nunca pensei que fosses homem para ser deixado «pendurado» depois de uma batalha... — ri-se o Serik com maldade.

Os olhos de tigre do Temujin pousam em nós, e a expressão horrorizada que lhe torce a cara num esgar é a coisa mais bonita que vi em semanas. Um raio de sol dourado a cortar as nuvens opressivas.

— Será que não tenho sorte nenhuma na minha vida? — murmura aos céus.

Mas a Senhora e o Pai ignoram-no.

E fazem muito bem.

Capítulo 20

Ghoa

A violência do Mar de Zemya é superior à de qualquer adversário que tenha enfrentado no campo de batalha. Mais vigoroso do que todos os poderes Kalima combinados. A água avança em ondas avassaladoras que me fustigam sem piedade. Sempre que abro a boca para gritar, a água salgada invade os meus pulmões. Quando tento orientar-me, tolda-me a visão.

Nunca encontrei água como esta.

E nunca me senti tão minúscula. Tão impotente.

A corrente suga-me para a imensidão aterradora de azul e verde. Os meus pulmões estalam à medida que a água me empurra cada vez mais para o fundo. O meu ritmo cardíaco aumenta com a pressão, latejando nos meus pulsos, garganta e cabeça. Ribombando nas minhas têmporas.

Ar, ar, ar!, grita.

Mas o ar não me trará glória. Só o gelo pode fazer isso.

Espalho os dedos, concentro-me no meu cerne glacial e projeto toda a força que me resta nas águas movediças. Mas o mar salgado recusa-se a cooperar. Demora a congelar, e quando consigo criar um ramo de gelo, as ondas arrancam-no dos meus dedos. Antes de conseguir congelar uma onda por completo, a seguinte já está a desfazê-la. Não há gelo suficiente em todo o mundo para congelar tanta água.

Os meus joelhos afundam-se no leito macio e poroso, onde assento e balanço como uma alga. A areia embala-me a cara como uma almofada, e à medida que a minha visão se desfoca, a imagem dos meus pais surge nas vagas ondulantes. Olham para mim do outro lado da sala de música, com os seus rostos tristes a implorar-me para elevar a voz e cantar. *Canta, Ghoa!* Mas não há música neste lugar. E cantar não vai ajudar em nada.

Vejo também a Enebish, com olhos de pérolas pretas e cicatrizes de espuma de mar. Tenho-lhe amor e ódio em igual medida. Sinto a falta dela e desprezo-a. É o meu maior feito e o meu maior erro.

Não tem de acabar assim, a voz dela serpenteia e gargareja.

De que outra forma pode acabar? Estou presa debaixo do mar. Não finjas que isso te interessa.

Podias pedir ajuda...

A quem?, contesto. Mas claro que sei a resposta.

A Enebish e os seus deuses idiotas.

Essas velhas histórias podem confortá-la, mas recuso-me a acreditar que uma nebulosa Senhora das nuvens e do Sol desça dos céus para me salvar. Além disso, não quero que o faça. Não quero nada de ninguém.

O ardor que sinto no peito e a pressão na minha cabeça discordam, e à medida que a agonia aumenta, a parte mais primitiva do meu ser assume o controlo; aquela essência vital que se recusa a morrer como um fracasso. Que se recusa a ser a causa da humilhação e desgraça dos meus pais. Que se recusa a ser vencida pelos meus guerreiros sem honra.

— *Por favor.* — A palavra escapa da minha boca quase sem querer: a última bolha de ar nos meus pulmões.

Quando esta começa a subir à superfície e pouco antes de ser sugada pelo esquecimento, uma mão prende-se aos meus bíceps e puxa-me para cima.

Acordo com areia entre os dedos, água no nariz e lábios encostados à minha boca. Lábios frios e finos que me parecem viscosos como um peixe morto.

Quando abro os olhos e vejo a cara pálida que paira sobre mim, penso que era melhor que esta fosse de um peixe.

Vomito um balde cheio de água do mar diretamente no colo do príncipe zemyano.

— A sério? Não podias ter virado a cara para o lado? — quase vomita também quando se afasta de mim, com a camisa manchada no peito com água e vômito.

— O que estás *a fazer*? — pergunto.

— O que te parece? Preferias que não te reanimasse?

— Sim!

O seu rosto molhado contorce-se num esgar de indignação.

— Vais mesmo rebaixar-me? Podia ter nadado em direção à costa e permitido que te afogasses, mas em vez disso arrastei-te ao longo de três léguas por mares agitados para que não te encontrassem. — Apontou para a longa extensão de praia que nos rodeia. Está completamente deserta, repleta de folhagem rugosa que se estende até uma montanha distante. — Qual foi a ideia de destruíres a prisão? Nunca conseguirias fugir.

—Talvez não estivesse a tentar fugir. — Livro-me das algas que tenho coladas à cara e cuspo areia dos dentes. A única coisa pior, a única coisa mais horrenda do que ser traída pelos meus guerreiros, capturada por Zemyanos e morrer num mar que não conseguia congelar, é não morrer e ser salva pelo herdeiro zemyano.

Claro que tinha de ser este o resultado da minha primeira oração.

Para todos os efeitos, as tuas preces foram atendidas. Sobreviveste.

Fecho os olhos e gemo. Se os deuses existem, estão claramente a castigar-me por ter tido a audácia de os invocar. Se não existem, o universo está a rir-se na minha cara por ter considerado essa possibilidade.

— Se não estavas a tentar fugir, o que estavas a fazer? — pergunta o Ivandar.

— A recuperar a minha honra. Se tivesse conseguido matar-vos, a ti e ao general supremo, teria morrido com glória. Seria

venerada em Ashkar durante gerações. Mas graças ao teu heroísmo sem sentido, agora tenho uma dívida de gratidão vitalícia para com o herdeiro zemyano e sou obrigada a viver num mundo onde desiludi o meu rei e o meu país.

O peso dessa realidade atinge-me mais violentamente do que a força do mar. Posso estar livre da prisão do Kartok, mas não tenho para onde ir. Nem batalhão para comandar. Mesmo que o meu poder se regenere, nunca conseguiria lutar contra todos os Kalima para recuperar a minha posição. E sem a minha posição, não posso aparecer em Ashkar, sobretudo depois dos meus fracassos no Tesouro. Não posso sequer ir a casa. Não quero manchar a reputação dos meus pais com a minha desgraça. Partindo do princípio de que ainda estão vivos.

O que só me deixa uma opção: deito-me na areia, abro os braços e imploro aos abutres para que me devorem.

— Não podes ficar aí deitada e desistir! — repreende-me o Ivandar. — Não depois de eu ter arriscado tudo por ti. Estás em dívida para comigo. Tu mesma o disseste.

— Eu não te pedi para me salvars. E, sinceramente, não consigo perceber porque o fizeste. Se estás a tentar convencer a tua mãe a confiar em ti em vez do Kartok, confraternizar com a comandante dos guerreiros Kalima não é o melhor caminho a seguir.

Ivandar faz um aceno desdenhoso com a mão, mas reparo nos sulcos desenhados na testa e no maxilar cerrado.

— Ela pode ficar desiludida ao início, mas vai agradecer-me quando souber quais são os verdadeiros motivos do Kartok. Apesar das suas nobres afirmações, sei que está a preparar uma tomada de poder. Foi precisamente por isso que te salvei. Conheces os planos dele — acrescenta quando o relanceio de forma duvidosa.

Rio-me. Não consigo evitar.

— Arriscaste mesmo a tua vida, e potencialmente a tua coroa, por causa da cenoura de informação que balancei à frente do teu nariz? Como sabes que estava a dizer a verdade? Os prisioneiros contam todo o tipo de mentiras para salvar o pescoço.

— Vi a tua cara da última vez que fui à cela, quando estavas coberta de sangue. Estavas disposta a colaborar com a Hadassah.

— Infelizmente, a Hadassah não existe.

— Talvez não naquela encarnação, mas eu e ela queremos as mesmas coisas. Eu sou a Hadassah.

— Tu és um tolo, isso sim. — Fecho os olhos e concentro-me no calor escaldante do sol zemyano. É ainda mais inclemente do que a armadura lamelar que coze a minha carne no verão. O suor acumula-se debaixo dos meus braços e corre pela minha cara, e o pior é que não consigo evocar um único sopro de frio para arrefecer a minha pele em brasa.

Os deuses e o universo estão definitivamente a gozar comigo. As circunstâncias são demasiado propícias para ser uma coincidência — a rapariga forjada a partir do gelo está prestes a derreter.

Ivandar respira fundo várias vezes antes de perguntar:

— Faz-te sentir poderosa, ser assim tão cruel?

— Não sou cruel. Eu sou assim mesmo.

— Ou é apenas a armadura atrás da qual te escondes?

Eriço-me. Os meus dedos erguem-se automaticamente para firmar o rabo de cavalo, mas o cabelo está demasiado curto para atar.

— Não me escondo atrás de nada — rosno. — Incriminei a minha irmã de um massacre. Condenei o meu primo à prisão. Eliminei metodicamente todas as pessoas que estavam no caminho da minha promoção, como se fossem um inseto agarrado ao meu manto. Chamarias a isso dissimulação?

— Não — admite o Ivandar —, mas nunca é tarde demais. Podemos sempre mudar o rumo da nossa vida, direcionar as velas para um vento diferente.

— Poupa-me às tuas tretas inspiradoras — queixo-me.

É isto que cala finalmente o príncipe.

Por instantes.

Sinto a sua sombra a passar por cima de mim. Sinto os olhos dele a pressionarem-me, tão quentes como o sol impiedoso.

Isto é patético. Levanta-te.

— Não me digas o que fazer. — Levanto-me de imediato e encaro o príncipe zemyano.

— Que conversa é essa? Eu não disse nada — retorquiu o Ivandar, sentado precisamente onde estava antes, caído na areia e a tremer de frio como um gato afogado. Mas não caio nas suas ilusões. Senti-o aqui, a pairar sobre mim.

— Não brinques comigo, príncipe.

— Não disse nem fiz nada — insiste. — A água salgada subiu-te à cabeça.

— A propósito, não devias voltar para Karekemish? Tens muitos assuntos a resolver.

— Sabes que não posso voltar. Só quando tiver provas irrefutáveis contra o Kartok. E, para isso, preciso que me digas o que sabes.

Cruzo os braços, preparada para o ignorar até ele desaparecer ou morrer ao meu lado, quando ouço novamente a voz. Mais alto e mais veemente do que antes. Só que agora que presto atenção, não sei como pensei que pudesse ter sido o Ivandar. Porque é a minha voz, só que mais clara. Uma versão mais segura e inabalável de mim mesma. A comandante que ainda está dentro de mim, a revelar o que a minha mente retorcida e alagada não conseguia descortinar.

Abre os olhos, Ghoo. A resposta para tudo está literalmente sentada à tua frente.

O meu olhar concentra-se no Ivandar — imundo e encharcado, mas inequivocamente zemyano. As suas roupas podem estar ensopadas e retalhadas, mas o material é de qualidade e o verde-mar real identifica-o como alguém de relevo. É o tipo de prisioneiro que garante o respeito pelo raptor. Talvez até a reintegração. Sobretudo se o príncipe for usado para mudar o rumo da guerra.

A imperatriz Danashti pode ter ficado do lado do Kartok em relação à minha tortura, mas tenho a sensação de que a sua escolha seria diferente se a vida do filho estivesse em jogo. Posso usar o Ivandar para expulsar as tropas zemyanas de Ashkar e, em seguida, celebrar a minha vitória punindo todos os meus guerreiros traidores.

— Porque estás a olhar assim para mim? — pergunta o príncipe, trazendo-me de volta à realidade da praia.

— Assim, como?

— Com esse sorriso perturbador.

Uma dezena de comentários maldosos dançam na ponta da minha língua, mas descarto-os com um suspiro longo e cansado. Isto só resulta se ele não desconfiar dos meus motivos. O que significa que não posso mudar a minha atitude muito depressa. A mudança deve parecer natural, lógica e, acima de tudo, causada por ele.

— Tens razão. Não quero ficar aqui sentada. — Levanto-me, aliso o melhor que posso a túnica e protejo os olhos do sol. Avalio a areia cor-de-rosa grossa e as falésias escarpadas como se estivesse a decidir para que lado ir. Zemya é realmente um deserto inóspito, todo ele terreno agreste e vegetação espinhosa.

Sem dizer uma palavra ao Ivandar, viro costas e marcho até à praia. Não faço ideia de para onde vou. A única coisa que importa é que o príncipe me siga.

E ele assim faz.

— Não podes sair daqui sem me dizeres o que sabes! — Levanta-se de supetão e começa a seguir-me.

Acelero o passo.

— Não sabes como sair de Zemya, e não te pareces nada connosco. Sem a minha ajuda, serás recapturada em meio dia.

Provavelmente menos. Vais morrer caída em desgraça e esquecida numa prisão zemyana. É isso que queres?

Não. Mas esfrego o formigueiro que sinto nos braços e afixo uma expressão determinada e robusta no rosto.

— Porque estás a ser tão teimosa? — grita. — Podemos ajudarmos mutuamente. Vou guiar-te até Ashkar, apesar de estares em dívida para comigo, uma vez que já te salvei a vida, mas estou disposto a ignorar isso.

Observo-o, tamborilando com o dedo na cara.

— Não receias que te mate assim que chegarmos a Ashkar?

O Ivandar resfolega e aproxima-se, a ponto de ficarmos quase colados.

— Podes tentar matar-me sempre que quiseres, comandante, mas acho que não estás pronta para a batalha...

— Vais arrepender-te de ter feito esse desafio.

— E tu vais arrepender-te de não teres aceiteado a minha proposta. Franzo a testa e cerro os dentes. Como se a perspetiva daquele acordo fosse exasperante e não precisamente aquilo que eu quero.

— Vou revelar uma informação no final de cada dia de viagem — digo, por fim.

— Mas isso pode demorar...

— Semanas? — Esboço um sorriso triunfante. — Aí é que está. Como disseste, este acordo só resulta se precisarmos um do outro.

Em teoria, atravessar Zemya a fazer jogos mentais com o príncipe parecia ser uma operação simples. Mas não tive em consideração aquela paisagem infernal. E o próprio Ivandar.

— Tudo neste país é espinhoso e sádico — anuncio quando o Sol finalmente se põe no nosso primeiro dia de viagem. Passámos o dia inteiro a atalhar pela vegetação rasteira entre a praia e a montanha, e tenho os braços mais esburacados do que uma peneira.

— Escolheste o pior caminho. — O Ivandar mostra os seus braços, que não têm um único arranhão. Ele usa a sua magia diabólica para reorganizar os ramos num arco, antes de avançar. Antes que eu consiga passar, os ramos voltam à sua forma natural e

arrastam as suas ganas espinhosas pela minha cara. Mas não cedo. É uma questão de princípio. Não vou usar em meu proveito a magia contra a qual passei a vida a lutar. Recuso-me a ficar ainda mais em dívida para com ele. — Este sítio é tão bom como qualquer outro. — O Ivandar para numa pequena clareira. Não pode ter mais de um ou dois metros de comprimento, mas ele varre os galhos e as pedras com as botas e deita-se.

— Estás à espera de dormir aqui comigo? — Avalio o espaço minúsculo. — Se um de nós rebolar, vai tocar no outro.

— Não encontraremos um espaço maior neste mato tão cerrado, mas podes ir procurar uma clareira só para ti. No entanto, aviso-te que os demónios-espinhosos são mais propensos a atacar um indivíduo sozinho. É uma presa mais fácil.

Não faço ideia do que é um demónio-espinhoso, mas fico toda arrepiada só de pensar em olhos, escamas e garras invisíveis. Parece impossível, mas afinal o príncipe é o mal menor. Acalmo-me e afasto-me o mais possível dele.

— E então? — Ele olha para mim expetante.

— Não me vais dar um momento para recuperar o fôlego?

— Não perdeste o fôlego.

Exalo um suspiro exagerado enquanto desato as botas.

— Pois bem. O Kartok mostrou-me desenhos de montes de pedra naquele livro antigo e perguntou se eu já os tinha visto em Ashkar. E se sabia para que serviam.

— E viste? Sabes?

— Céus, estou exausta. — Estico os braços e finjo bocejar enquanto me deito de lado e me enrosco numa bola. Tenho de fazer um esforço titânico para não me rir enquanto ele resmunga.

— Não me vais contar mais nada? A segurança do meu país depende destas informações. Juro que te levo em segurança até à fronteira, dou-te a minha palavra de honra.

Mal sabe ele que me vai acompanhar muito para além da fronteira. Assim que souber quais são os planos do Kartok, vai implorar

para me seguir.

— Antes de mais, isto não é uma parceria — digo, com rispidez.
— E a palavra de um Zemyano, sobretudo o herdeiro de Danashti, não significa nada para mim.

— Mas...

— Se os nossos papéis estivessem invertidos, revelarias a tua mão tão cedo?

Ele resmunga algo indecifrável e rebola para o outro lado. Deixo-o a marinar durante uns dez minutos, enquanto ouço uma sinfonia de coaxares e chilreares estranhos à nossa volta e tento não imaginar as terríveis criaturas que estão a produzir aqueles sons. Por fim, acabo com o seu sofrimento e dou o primeiro passo rumo à minha milagrosa «mudança de atitude».

— Os montes de pedra eram monumentos aos Primeiros Deuses — murmuro no silêncio. O Ivandar sustém a respiração, como se receasse que eu ficasse por ali se me lembrasse que ele estava a ouvir. Sorrio. — Há várias gerações, pontilhavam as planícies de Ashkar como globos de ouro. Os viajantes paravam para rezar e prestar culto... até que o Rei Celeste decidiu banir os antigos deuses e destruir os montes.

O Ivandar murmura entre dentes e depois diz:

— Se os monumentos já foram erradicados, porque é que o Kartok fez perguntas sobre eles? Sabemos que ele queria anular o teu poder Kalima. Será que tencionava usar um monte de oração para pedir à Senhora do Céu e ao Pai Guzan que privassem os seus próprios filhos de poder? Eles nunca lhe dariam ouvidos.

Porque não existem. Grunho e murmuro entre dentes, para parecer cooperante.

Quando retomamos a nossa marcha na manhã seguinte, o Ivandar continua entregue aos seus pensamentos, a ponderar nas poucas informações que lhe dei. Aparentemente, foi o suficiente para cair nas suas boas graças, porque ele afasta alguns galhos para eu passar em vez de usar a sua magia. Além disso, colhe

bagas verdes e oferece-me uma mão cheia, e chega ao ponto de me ensinar a retirar-lhes a pele.

Nessa noite, acampamos noutra clareira minúscula, ainda mais pequena do que a primeira, e enquanto varremos o chão de detritos, dou-lhe outra migalha de pão.

— O Kartok tinha uma teoria bastante chocante sobre os montes de pedra...

O Ivandar rodopia sobre si mesmo, deixando cair uma pedra em cima do pé. Rimo-nos os dois enquanto ele lhe dá um pontapé. Ele pensa que me estou a rir com ele, mas estou a rir-me dele. Podia dizer qualquer coisa, inventar todo o tipo de mentiras, que ele engolia tudo. Só que os melhores logros são aqueles que seguem uma linha paralela à verdade — como dois caminhos que atravessam uma floresta, tão semelhantes, que facilmente se confundem entre si, até nos perdermos.

— Ele pensava que os montes eram passagens para a terra dos Primeiros Deuses — digo, abanando a cabeça como se a teoria fosse ridícula. Porque é.

Os olhos azuis gelados do Ivandar arregalam-se. Juro que consigo senti-lo a tremer quando se senta no chão, repetindo em silêncio a palavra «passagem».

— Achas que é possível? — pergunta por fim, deitando-se de lado para ficar virado para mim e não para as sarças.

— Não sei. Nunca prestei culto aos Primeiros Deuses, por isso nunca tive qualquer desejo de os alcançar. Pela mesma lógica, o Kartok devia pensar como eu. A vossa Deusa não habita com a Senhora e o Pai, pois não?

— Não, mas costumava habitar. Talvez ele sinta que Zemya tem direito a uma parte do céu, já que também é a Sua terra natal. Talvez ele veja a reconquista como uma espécie de recompensa por Ela ter sido expulsa? Ele sempre foi zeloso na sua devoção.

— O que achas que a Senhora e o Pai diriam de abrir mão de parte do seu reino a favor de Zemya? — pergunto, tentada a dar umas palmadinhas na cabeça do pobre príncipe idiota. — Depois de

centenas de anos de guerra e animosidade, achas mesmo que podem coabitar pacificamente?

— Bem, não... — Ele franze as sobrancelhas.

— Nesse caso, o Kartok teria de declarar *guerra* à Senhora e ao Pai para os depor.

— Isso é um absurdo! — grita o Ivandar. — E é, sem dúvida, impossível. São *deuses*.

Encolho os ombros e deito-me.

— Deves ter razão. Eu não venero nenhum dos vossos deuses idiotas, por isso não sei o que é possível. Estava só a conjecturar, do ponto de vista de um comandante, tal como ele. Mas isso também não interessa. Todos os montes foram demolidos.

— Tens a certeza de que foram todos demolidos?

— Não vasculhei o continente, se é isso que queres saber. — Fecho os olhos, como se me preparasse para dormir. Espero dez segundos antes de dizer: — Não leves a mal, mas qual é o problema de o Kartok se infiltrar no reino dos deuses e travar uma guerra contra a Senhora e o Pai? Eles traíram a tua Deusa. Não devias querer ver Zemya de volta ao seu lugar e glorificada?

Ele olha para mim no escuro, e o azul-pálido das íris misturado com o branco toma os seus olhos demasiado grandes e vazios.

— Claro que quero isso. Mas também quero o meu reino e aquilo que é meu por direito. Quem achas que o meu povo escolheria seguir? O príncipe de quem a própria mãe duvida, que ignora? Ou o general supremo, que derrotou os Primeiros Deuses e devolveu toda a glória a Zemya? Se for esse o objetivo do Kartok e ele for bem-sucedido, mais vale não voltar a pôr os pés em Karekemish. Posso não ter sequer um sítio para onde voltar, dependendo das consequências das suas ações. Travar uma guerra com os deuses pode fazer desabar o próprio céu.

— O que queres dizer com isso?

— Precisamente o que ouviste. Zemya nasceu da Senhora e do Pai. Eles criaram *todas* as coisas. Ninguém sabe o que seria de nós,

e de todas as coisas debaixo do Sol, se a Senhora e o Pai fossem vencidos ou mortos.

O Ivandar está a olhar para mim como se esperasse uma reação horrorizada, mas é difícil temer as consequências da morte de deuses em quem nunca se acreditou. Em benefício dos meus planos, consigo cerrar os lábios em sinal de preocupação.

— Certamente que o Kartok teria considerado essa hipótese. Ele pode querer o teu trono, mas não pode estar desesperado ao ponto de destruir o céu. Tenho a certeza de que não precisas de te preocupar. — Sorrio docemente, ciente de que a minha certeza o fará duvidar do feiticeiro mais do que nunca.

Quanto mais subimos a montanha, mais delgadas se tomam as árvores, até que finalmente nos vemos livres da vegetação rasteira. Depois disso, passamos uns três dias a andar para trás e para a frente nos estreitos carreiros que conduzem à encosta. Sinto dores nos pés e o ar rarefeito recusa-se a encher os meus pulmões. Quando finalmente chegamos ao desfiladeiro e começarmos a descer pelo outro lado, só me apetece saltar de alegria. A partir de agora, tudo será necessariamente mais fácil. Mas logo descubro que o sotavento é ainda mais íngreme e mais difícil de percorrer. O caminho é da largura do meu pé e dá lugar a penhascos que se escondem atrás do nevoeiro denso.

A meio do caminho, avisto edifícios por entre a névoa, construídos em planaltos esculpidos na encosta da montanha. Casas e lojas agarram-se inexplicavelmente às saliências, como líquenes, acompanhando o formato das rochas de um nível para o outro.

— Temos de passar pela aldeia, é a única maneira de descer — anuncia o Ivandar. — O que significa que vou precisar de nos disfarçar.

— Aquilo *não* é uma aldeia! — Aponto para as impressionantes torres de vigia e para as belas e refulgentes casas em pedra cor de laranja e amarela. Delicadas escadarias curvas ligam um planalto ao outro em cascata. É vasta. E abismal. E, mais uma vez, nada como

a Zemya de que me lembro do nosso cerco. — Porque esconderiam uma cidade tão impressionante nas montanhas? As cidades que vi quando vos invadimos há três anos...

— Torinth é menor do que a maioria das nossas cidades, por isso é uma aldeia. E todas as nossas aldeias e cidades são impressionantes se as virmos como são na realidade. Somos mestres da ilusão, lembra-te? As coisas raramente são o que parecem. — As suas palavras pairam no ar, repletas de significados profundos. O seu *povo* e a sua *magia* não são o que parecem. — É mais seguro se os nossos inimigos acharem que a nossa terra é bárbara e não vale a pena conquistar.

Detém-se antes de contornarmos a última curva e passa uma mão sobre si mesmo de cima a baixo. O seu rosto começa a enrugar-se como um reflexo distorcido num lago, e ele transforma-se num mensageiro com nariz de porco.

Quando levanta a mão na minha direção, protejo a cara com os braços e recuo.

— Proíbo-te de me tocares com a tua magia diabólica.

— Não tens noção de que não te pareces nada connosco? — Olha especificamente para os meus cabelos castanhos e bochechas sardentas.

— Vou branquear o cabelo com geada. E esconder as minhas sardas com gelo — anuncio. Mas quando alcanço o meu núcleo, percebo que não há frio suficiente para tapar uma unha, quanto mais fazer-me passar parcialmente por zemyana. — Não percebo porque é que precisas de estar disfarçado — digo, preferindo discutir a aceitar o inevitável.

O Ivandar espreita pela curva para os guardas nas torres de vigia.

— O Kartok deve ter enviado soldados à minha procura. Vai fingir que o fez por preocupação, claro. Mas não tenho dúvidas de que deu ordens para me empurrarem de um penhasco e não dizerem nada à minha mãe.

— Porque estás nesta posição? — pergunto, com curiosidade sincera. — Porque é que a tua mãe preferiria ficar do lado de um conselheiro e não do próprio filho, quando me pareces capaz e dedicado ao teu país? Consigo perceber porque é que o Kartok tem inveja de ti e quer prejudicar-te, mas não percebo porque é que a imperatriz Danashti o permitiria.

O Ivandar passa os dedos pelo cabelo que agora está cortado curto e em forma de tigela.

— O Kartok salvou a vida da minha mãe há oito anos, e desde então que ela cede aos seus caprichos. Ela estava gravemente doente com os suores, e nenhum dos curandeiros reais foi capaz de lhe valer. Toda a nação estava preparada para fazer o luto e eu, aos 12 anos, comecei a ser levado para reuniões do conselho e arrastado por corredores escuros por membros da nobreza. Todos tentaram aproveitar-se da minha juventude e inexperiência.

» Foi então que o Kartok apareceu. Era um dos muitos feiticeiros reais a servir na frente de batalha, a criar ilusões e a encantar armas. Mas ele afirmou que o seu pai tinha sido curandeiro e pediu uma oportunidade para ver se podia fazer alguma coisa pela minha mãe. Os curandeiros reais concordaram que não havia razão para se oporem. O Kartok entrou sozinho nos aposentos reais e, quando de lá saiu, menos de uma hora depois, ela estava sentada na cama, zozna e fraca, mas consideravelmente melhor. Segundo ele, apenas a tinha sangrado, além de lhe ter aplicado emplastros, coisas que os outros curandeiros também tinham tentado mil vezes.

» O país inteiro celebrou o seu espantoso trabalho, e a minha mãe nomeou-o general supremo pelos seus esforços. Nunca mais voltou a dar-me ouvidos.

Levo a mão à garganta, que o Kartok retalhou para a seguir apagar completamente a cicatriz. A inquietação assenta na minha pele como a névoa da montanha. Não sei se foi porque experimentei a cura antinatural do Kartok em primeira mão. Ou se é porque não consigo imaginar os meus pais a afastarem-me daquela maneira. Por pior que seja imaginar o horror e a desilusão dos meus pais quando souberem da minha desgraça, pelo menos até agora

sempre tive o seu orgulho e admiração. Não consigo imaginar perder isso sem motivo. Sobretudo tão novo. Eu teria ficado desnorteada, já para não dizer dessensibilizada. Deve ser muito cansativo, e o Ivandar deve ser muito resistente, ao continuar a esforçar-se para provar o seu valor, ano após ano, quando isso é obviamente debalde.

— Deve ter sido difícil — digo, sem querer.

Ele olha para mim com desconfiança.

— Não troces de mim.

— Eu não estava...

— Temos de sair de Torinth antes do anoitecer. Não tenho força suficiente para manter ambas as ilusões durante muito mais tempo. Estás pronta para cooperar?

Ele levanta novamente a mão e eu começo a abanar a cabeça, mas a voz da razão que ouvi pela primeira vez na praia volta a repreender-me. *Põe de lado a tua arrogância e preconceito e faz o que tens a fazer. Concentra-te no objetivo maior: chegar junto dos Kalima.*

Os pensamentos parecem tão viscerais — como dedos a agarrar-me os ombros e a empurrar-me para a frente — que tenho de me amparar às rochas, mesmo que ainda não me tenha mexido. Os meus pensamentos nunca foram tão inflexíveis. Mas a verdade é que também nunca andei a monte com um príncipe zemyano.

Claro que o meu subconsciente está aos berros.

Respiro fundo três vezes e estalo o pescoço para os lados.

— Muito bem. Podes avançar. — Estendo os braços e fecho os olhos. Não quero ver a cor da minha pele a desaparecer. Não quero sentir os ossos a fraturarem-se e adquirirem novas formas.

A mão do Ivandar passa sobre mim. Preparo-me para a dor lancinante da água da fonte termal, para o fogo que vai incendiar a minha barriga e derreter o pouco poder que se regenerou. Mas em vez disso, sinto um formigueiro. Um gotejar lento e constante que

penetra nos meus ossos e se expande suavemente. Quase como a água a transformar-se em gelo.

— Oh! — Suspiro quando o frio me inunda.

— Não é o que esperavas? — pergunta-me o Ivandar com uma gargalhada.

Ignoro-o, abro os olhos e inspeciono o meu corpo. Os meus braços musculados e bronzeados são agora mais delgados e pálidos. Sinto as pernas débeis e vacilantes dentro de calças de lã áspera. Em vez da minha túnica rasgada, visto agora a indumentária castanha de um mensageiro, igual à do Ivandar, e o meu boné esconde um cabelo platinado.

— Como é isto possível?

O Ivandar leva uma mão ao peito.

— A comandante dos guerreiros Kalima quer saber mais sobre a nossa magia?

— *Quero* assegurar-me de que não é permanente.

— Porquê? A pele zemyana fica-te bem.

Tento dar uma palmada ao príncipe, mas ele agarra-me o pulso e vira-me a mão. Passa o dedo pela parte interior do meu antebraço, seguindo as veias azuis por baixo da pele.

— É como um casaco — explica, quando a ilusão se arrepanha nos meus cotovelos, revelando a minha pele sardenta por baixo. — Reorganizo o tecido do mundo, dobrando as cores e texturas para esconder o que quero ocultar e criar o que quero que seja visto. Satisfeita? — A manga de pele zemyana falsa volta ao lugar.

Limito-me a acenar com a cabeça, um pouco alheada, erguendo os braços à frente do corpo enquanto o sigo para contornarmos a curva. Como se conseguisse de alguma forma evitar tocar o meu corpo.

— Para de andar assim — admoesta o Ivandar. — E não digas nada. O teu sotaque zemyano é péssimo.

— Nunca falei uma palavra de zemyano!

— Exatamente.

Sinto uma enorme vontade de pegar numa pedra e de a atirar à nuca dele.

— Não é que não conseguisse, mas não tenho interesse em falar a tua língua bárbara.

— Tens sempre de ter a última palavra, não é? — Abana a cabeça enquanto recolhe um punhado de paus, que transforma em pergaminhos estampados com o selo real. Enfia-me alguns nos braços e depois encosta o resto ao seu flanco.

Quando chegamos junto dos sentinelas que guardam os portões, o Ivandar diz algo numa voz esganiçada de adolescente e acena um pergaminho com entusiasmo. Os sentinelas deixam-nos passar com um gesto automático das lanças.

O interior da cidade montanhosa é tão notável como a sua fachada. Há cortinas coloridas penduradas nas montras ao ar livre, ligando umas lojas às outras, e passam por nós carrinhos com produtos bonitos, desde berloques de âmbar a sal marinho para esfoliação de pés. Sento-me num banco a um canto da praça enquanto o Ivandar vai comprar mantimentos para o resto da viagem.

Vejo uma rapariga a vender leite de cabra fresco e um grupo de rapazes a brincar com uma pequena bola prateada e aros. Quando um dos rapazes pontapeia a bola com muita força, esta vai cair no balde de leite de cabra, encharcando a rapariga. Ela desata a chorar enquanto os rapazes se riem e apontam para ela. Mas assim que ouço um soluço, há um clarão de movimento e a rapariga e o balde desaparecem. Olho para o espaço vazio e sinto um arrepio na pele ao pensar no que lhe está a ser feito por trás do manto da magia. Mas quando ela reaparece alguns minutos depois, as suas lágrimas estão secas, um xaile colorido tapa o seu vestido manchado, e uma velha oferece-lhe um rebuçado antes de seguir caminho.

Enquanto observo, embasbacada, um homem com um bebé agitado atravessa a praça, enquanto evoca pequenos fogos de artifício sobre a cabeça da criança e faz caretas.

Parece tão ridículo que eu nunca tenha visto Zemyanos a não ser na frente de batalha ou em Karekemish, a pedirem a minha morte. Nunca me ocorreu que eles vivessem em cidades normais e fizessem coisas normais como vender comida e joias e conversar com amigos. Que acalmassem os bebês e consolassem as crianças que choram. Se fechasse os olhos, quase pensaria que estava em Sagaan — sem aquela magia abominável, claro.

— Estás com um ar perplexo — diz-me o Ivandar, quando se aproxima com uma sacola cheia ao ombro. — Estás pronta para seguir caminho?

Não digo nada. Não me lembro de como formar palavras. Pelo menos, palavras coerentes. Os pensamentos que dançam no meu cérebro são perturbadores. E ridículos.

— Deixa-me adivinhar... Estás desiludida porque descobriste que não passamos os nossos dias a congeminar logros, a comer carne crua e a sacrificar virgens ashkarianas? — pergunta, com um sorriso trocista.

— É mais ou menos isso — murmuro enquanto vamos descendo pelos vários socalcos. Uma dor de cabeça perfura o centro da minha testa e sinto a pele zemyana muito apertada. É por isso que me sinto a sufocar.

Preciso de a despir.

Preciso de sair deste maldito país.

Preciso de chegar junto dos Kalima o mais depressa possível e recuperar o meu posto. Recuperar a minha vida. E recentrar a minha mente.

O que significa que está na hora de acelerar este engano.

— Não fui totalmente sincera contigo sobre os montes de pedras — digo, assim que estamos sozinhos num caminho de terra batida, a atalhar por campos que parecem cobertos por ervas daninhas, mas talvez estejam repletos de árvores de fruto mais abundantes do que as vinhas de Ashkar e tudo isto seja uma ilusão; a realidade que os Zemyanos querem que eu veja.

Não sei como decifrar o que é real e o que não é quando nada parece real. Fui abandonada pelos Kalima e torturada pela magia zemyana. Estou a viajar com o herdeiro da imperatriz Danashti, ocultada por uma pele zemyana.

O Ivandar estaca e paira sobre mim, de alguma forma ainda intimidante, apesar do seu disfarce de nariz de porco.

— O que queres dizer com isso?

— Não te menti — explico rapidamente. — O Kartok disse-me que os montes são portais. E não vejo um há anos. Mas não te contei o que aconteceu depois, de modo a garantir que tinha uma vantagem para te obrigar a levar-me para Ashkar. Mas depois de tudo o que me disseste sobre o perigo que o Kartok representa para todo o continente, receio que não haja tempo a perder.

— Porquê?

— O Kartok continuou a folhear o livro e a insistir que Zemya arranjará uma maneira de ele atingir os seus objetivos sem os montes de pedra. Pareceu encontrar algo promissor no livro e exigiu saber quantos poderes diferentes têm os Kalima, e como estão distribuídos por todo o batalhão. Quando lhe disse que nenhum dos meus guerreiros era um elo fraco, ele respondeu que eram eles a ligação e exigiu saber onde estão escondidos.

O Ivandar olha para mim sem pestanejar.

— O que estás a dizer ao certo?

— Estou a dizer que o Kartok sabe como aceder à terra dos deuses através dos Kalima. Acho que está à procura deles. O que significa que a Senhora e o Pai, e todos nós, estamos em perigo.

— Porque é que isso te importa agora? Não acreditas em nada disso.

— Eu... já não sei no que acredito — digo, à cautela. Admito o suficiente para o atrair, mas não o suficiente para me envolver em mentiras. — Só sei que o Kartok está determinado a tirar-me o poder, e se houver uma hipótese mínima de ter sucesso, tenho de o impedir. Mas não sei o suficiente sobre os deuses para os avisar ou

proteger. E a tua mãe é a única pessoa que consegue chamar o Kartok à razão, mas vamos precisar de provas da sua corrupção, provas de que todo o continente está em perigo, para a convencer a virar-se contra ele.

— O que sugeres?

— Vem comigo para Ashkar. Ajuda-me a encontrar os Kalima. E vamos salvar os vossos deuses tolos.

— Estás a falar a sério? — pergunta-me.

— Não, estou a armar esta confusão pelo gozo. Sim, estou a falar a sério! Ambos temos algo de que o outro precisa. Tens implorado por respostas e pela minha ajuda este tempo todo. Pois bem, agora estou a oferecer-tas.

— Não sei se posso confiar em ti — diz, fixando os seus olhos nos meus.

— Não sei se tens alternativa.

Capítulo 21

Enebish

— Por amor da Senhora e do Pai! Não fiquem aí parados — geme o Temujin. Está pendurado nos ramos de uma árvore, como se todos os ossos do seu corpo se tivessem desmoronado. — Tirem-me daqui e façam o que quiserem comigo, ou matem-me e acabem com o meu sofrimento. Sei que tenho uma força impressionante e alta tolerância à dor, mas ser parcialmente empalado num ramo partido é bastante desconfortável.

— Longe de nós *querer* que te sintas desconfortável — diz o Serik enquanto sobe à árvore. Um ramo com a largura do meu braço está, de facto, cravado no flanco do Temujin. Os fragmentos irregulares apunhalam-no como se fossem as lanças usadas pelos pescadores do gelo em Sagaan.

— Retira os destroços primeiro — diz o Temujin, ofegante, quando o Serik o alcança. — Senão, é uma aflição.

O Serik estende o braço e, em vez de extrair os fragmentos, liberta o sabre do Temujin da bainha e corta o ramo que está alojado na carne do Temujin, obliterando convenientemente também os ramos que estão por baixo dele.

O Temujin geme quando se despenha no chão.

— Ups... — O Serik salta e aterra ao lado do Temujin, que se contorce em agonia. — Acho que não conheço a minha própria força.

Avançamos para o Temujin — eu de um lado e o Serik do outro —, mas quando os nossos dedos se fecham à volta dos seus braços, uma sombra sai da copa da árvore e um guincho ensurdecedor ecoa nos meus ouvidos.

Desta vez, sei que é ajuizado desviar-me das garras da *Orbai* para evitar que me rasguem a carne. Só que isso não torna o ataque menos doloroso. As lágrimas caem-me dos olhos quando ela

bate as asas para dar a volta por trás de uma árvore. A minha mente *sabe* que ela está sob a influência do Kartok, mas o meu coração recusa-se a aceitá-lo. O âmago da minha alma está tão entrelaçado com o dela, que não acredito que haja neste mundo ou em qualquer outro um poder capaz de cortar a nossa ligação.

— Dá-me o teu manto — grito ao Serik. — *Depressa!*

Ele desaperta o fecho e atira-me o manto pesado. Consigo pô-lo em posição e atirá-lo para o ar assim que a *Orbai* mergulha. Ela solta outro guincho, mas não tem tempo para se desviar antes que o tecido a engula, enredando-lhe as asas. Ela cai na lama e eu salto para cima do manto.

— Desculpa — murmuro, imaginando a sua dor e terror, desejando poder acariciar-lhe as penas em vez de lhe prender as asas.

— Mas a mim não te deste ao trabalho de pedir desculpa — diz o Temujin, sardonicamente.

— Isso é porque não estamos arrependidos. — O Serik corta uma hera que estava-enrolada a uma árvore próxima e usa-a para atar os pulsos do Temujin. — Qualquer dor que sintas é merecida. O único culpado és tu. — Em seguida, sem avisar, arranca o fragmento de madeira que estava enterrado no flanco do Temujin.

Os seus gritos são de tal forma audíveis e lancinantes que a Ziva e os pastores entram pelo mato adentro, de olhos arregalados e ofegantes, certos de que tínhamos sido atacados por animais ou pior.

— Encontrámos um presente de despedida para o caminho — anuncia o Serik, enquanto arrasta o Temujin pela lama e o exhibe como um bode num leilão.

Observo as reações dos pastores, em busca do mínimo sinal de compaixão, o menor piscar de olhos de empatia. Antes do incêndio, estavam dispostos a entregar-nos, a mim e ao Serik, ao Temujin. E sei como ele consegue ser persuasivo; como nos faz sentir especiais e respeitados até ao momento em que nos corta a garganta. Temos de ser cautelosos. Não posso permitir que os pastores o ajudem à socapa a troco de alguns sacos de ração roubados nas terras de pastagem.

Felizmente, ainda estão todos tão perturbados com o incêndio e os canhões de água, que ninguém faz nada para defender o Temujin. Atamo-lo com cordas mais adequadas e iniciamos a nossa viagem para norte, até Chotgor. O Serik lidera a caravana, mantendo-nos no bom caminho e aos pastores sob controlo, e aquecendo o ar para termos algum calor à medida que avançamos. Eu, por outro lado, fico para trás e mantenho o Temujin debaixo de olho, ciente de que é só uma questão de tempo até ele começar a tecer as suas mentiras meticulosamente buriladas.

— Estou a falar a sério — ouvi-o dizer ao Iree no dia seguinte, quando o calor húmido desaparece e as primeiras brisas frias fazem restolhar as folhas. — Toda esta travessia ao longo do continente é desnecessária. Vocês não correm perigo. Não têm motivos para estarem a recrutar aliados, ou seja lá o que for que a Enebish vos convenceu a fazer.

O Temujin escolheu este momento com cuidado, contando que o Iree fosse fraco e maleável face ao vento fustigante e ao frio que estão para vir, mas o Temujin não sabe o quão teimoso e relutante pode ser este pastor em particular.

O Iree puxa a corda do Temujin com força, o que faz avançar o rebelde com um sacão.

— Metade do meu rebanho morreu por tua causa.

Levanto o meu rosto para os céus e louvo a Senhora e o Pai. Em seguida, peço-lhes que me ajudem a ficar vigilante. O Iree não será o único a segurar na corda do Temujin, e há muitos outros, como a Emani ou a Lalyne, que podem engolir as mentiras dele como se fossem natas em cima de leite fresco.

Ainda me ocorre mandá-los todos avançar e ficar eu a tomar conta do Temujin, mas isso seria uma atitude própria da antiga Enebish. Não quero voltar a ser essa pessoa desconfiada. Não posso ser. Recuso-me a deixar que a Ghoe, o Temujin e o Kartok continuem a ganhar, e a melhor maneira de os impedir é confiar nos pastores e mostrar que sou capaz de trabalhar em equipa.

Na terceira noite de viagem, o Temujin tenta agarrar a escuridão. Eu sabia que era só uma questão de tempo. Só não sabia quanto do meu poder o Kartok tinha roubado, ou a quanto é que o Temujin podia aceder — ou até mesmo *como* acedia a ele. Mas deve ter diminuído consideravelmente, já que ele não procura o fogo das estrelas.

Acontece quando estamos a desmanchar o acampamento ao pôr do sol, com o grupo ainda animado, apesar de as árvores serem cada vez mais rarefeitas e de a neve começar a cobrir as ervas. Tão depressa os tentáculos da meia-noite estão a deslizar pelo meu pescoço e a roçar os meus ouvidos, a prepararem-se para proteger a caravana, como logo a seguir estão a ser desajeitadamente puxados. Como uma criança que segura na pena com tamanha concentração, que acaba por furar o pergaminho.

Podia facilmente tirar-lhe a escuridão da sua mão destreinada e pôr fim àquilo, mas como ele está muito mais fraco do que antes, decido aproveitar a ocasião como uma oportunidade de ensino. Tenho ensinado algo novo à Ziva todos os dias — a moldar os tentáculos em fitas planas, por exemplo, para formarem a rede que esconde a nossa caravana; a empurrar os tentáculos na direção desejada; a projetar a escuridão de modo a incapacitar uma pessoa. E agora, a desarmar um idiota. Não sei para onde vai o Temujin, ou como vai chegar lá, tendo em conta que eu e a Ziva conseguimos vê-lo como se fosse de dia, mas faço questão de não perder muito tempo a tentar deslindar os meandros da sua mente duvidosa.

— Ziva! — chamo.

— Não sou eu! — diz ela ao aproximar-se do local onde estou a dobrar o meu saco-cama.

— Eu sei. Nem mesmo tu és assim tão patética. — Lanço-lhe um sorriso provocador e ela empurra-me o ombro. — Parece que o nosso aspirante a Fiador da Noite agarrou uma parcela da escuridão. Como reagirias?

— Tirava-lho. — Levanta a mão, mas eu agarro-a de imediato.

— Podias fazer isso... mas pensa em quem é o nosso inimigo. O Temujin age como uma criança mimada e cheia de si mesma. A tua atitude daria azo a um braço de ferro.

— Achas que não sou suficientemente forte para levar a melhor? — As sobrancelhas grossas da Ziva achatam-se num esgar familiar.

— Não olhes para mim assim. Claro que sim. Mas é um desperdício de energia.

— Então, o que faço?

— Se ele quer a escuridão, dá-lha.

A Ziva levanta a cabeça, confusa.

— Mas...

— Toda.

Os cantos da sua boca reviram-se. Com um movimento dos pulsos, ela reúne a noite e empurra o feixe através do acampamento na direção do Temujin, que está a tentar misturar-se com a sombra de uma rocha. A escuridão oleosa atinge-o nas costas como uma cascata. Ele perde o fôlego e gargareja como se estivesse a afogar-se, e eu incentivo a Ziva a continuar a projetar os tentáculos mais tempo do que o necessário.

Duas noites depois, o Temujin volta a tentar roubar a escuridão enquanto atravessamos a neve. Desta vez, o tecido negro mal se mexe e ele cai com um rugido frustrado.

Rio-me e levanto-o do chão, satisfeita por estar de guarda à corda para testemunhar este fracasso.

— Pensei que o Kartok te tinha prometido acesso à magia zemyana.

— E prometeu! Bebi a água da fonte. Foi assim que consegui controlar o teu fogo das estrelas! Não sei porque é que...

— Não sabes porque é que o inimigo te mentiu? — digo, com um sorriso caprichoso.

— Ele não mentiu. Tenho a certeza de que há uma explicação lógica.

— A explicação lógica é que és muito ingénuo.

— Mata-me e acaba com isto.

— Só quando me deres o que quero — digo pela centésima vez.

— Não posso dar-te qualquer informação.

— Não *queres* dar, queres tu dizer — corrijo. — Se o Kartok descobrir que me contaste os seus planos, não te nomeará governador de Sagaan. Todos os teus esquemas traiçoeiros teriam sido em vão.

— Não, quero dizer que não posso. Não tenho alternativa.

— Temos sempre alternativas — digo, repetindo a frase grandiloquente que ele me disse no falso reino do Azul Eterno. — Não tenho culpa de que não suportes a alternativa.

— Está bem. Sim. Ao princípio, há sempre alternativas. Mas às vezes cometemos erros que limitam as nossas opções, e peneiramo-las até não restar nenhuma e sermos obrigados a seguir pelo caminho do erro original. — Retomo a marcha sem aviso prévio, obrigando-o a avançar aos tropeções para não ficar para trás. — Porque não perguntas à *Orbai* se ela não pode ou não quer parar de tentar voltar para o Kartok?

O Temujin aponta para a frente, para o pastor encarregado de transportar a minha águia. Está presa dentro de uma jaula originalmente destinada a um cão, mas continua a atacar as barras de madeira como se fossem a carcaça de um coelho.

Visito-a todos os dias da nossa viagem e imploro que volte para mim. Sussurro lembranças felizes dos anos que passámos juntas. Estendo a mão para acariciar suavemente as suas penas douradas.

Mas os seus olhos continuam a fulminar-me com uma intensidade que não vejo desde o dia em que ela chegou a Ikh Zuree, poucas horas depois de ter sido apanhada na tundra. Sempre que os meus dedos se aproximam, ela tenta arrancá-los.

Tem de haver uma maneira de inverter a ligação. Hei de descobrir qual é nem que isso me mate.

— Foste rápida a perdoar a tua águia, mas não fizeste o mesmo comigo... — resmunga o Temujin para o silêncio.

— A *Orbai* é um pássaro — devolvo. — Ela não tem livre-arbítrio ou consciência. Não pode ser responsabilizada.

— Achas que a magia de ligação se importa se és pássaro ou humano? Estou a fazer o meu melhor dentro dos parâmetros que me foram dados. — A voz do Temujin vacila, o que me faz olhar para trás. Vejo-o a cambalear com neve até aos joelhos, vergado e manchado de sangue. A última vez que vi o Kartok no Templo da Serenidade, ele tentou cortar-me a garganta para me curar com Loridium, para ligar a minha vontade à dele, como tinha feito com a *Orbai*.

E, supostamente, com o Temujin.

Quanto da traição do rebelde foi intencional e quanto é a força do Kartok? Pergunto-me antes de apanhar o Temujin a observar-me com aqueles olhos dourados tristes, a incentivar estes pensamentos.

Felizmente, desta vez sou imune aos seus encantos. Na verdade, deleito-me com os seus gemidos durante as duas semanas seguintes, enquanto caminhamos em direção às estepes de Chotgor, onde o vento sopra lateralmente e a geada nos rói os dedos das mãos e dos pés — mesmo com a ajuda do calor do Serik.

— Por favor, mata-me e vinga-te — implora-me todos os dias.

E, todos os dias, sorrio e digo:

— Mas isto é muito mais satisfatório do que matar-te.

Chegamos a Arisilon exatamente três semanas depois de deixarmos Namaag. Mesmo sabendo que não seríamos recebidos por um comité de boas-vindas nem teríamos direito a banhos quentes e um banquete, e apesar de o Temujin ter afirmado que os

Chotgorianos viviam na miséria e eram obrigados a trabalhar nas minas, a visão da sua capital devastada não deixou de me partir o coração. Só tens *de chegar a Chotgor*, ia entoando para mim própria ao longo da nossa difícil jornada. Como se chegar a este ponto longínquo no Norte fosse a meta e não o primeiro degrau de uma escada extremamente alta e frágil.

Parece que os pastores tinham as mesmas esperanças vãs. Arregalam os olhos quando avançamos pelos destroços. A filha mais nova do Iree, que não terá mais de 5 anos, pega na mão do pai.

— Isto é pior do que as pastagens — sussurra. O pai acena solenemente e puxa-a para junto de si.

A cidade à beira-rio está ainda mais lúgubre do que há cinco anos, logo após a Batalha das Cem Noites, quando Ashkar tomou finalmente Chotgor um dos seus Protetorados. Ao contrário de Namaag, estive presente neste cerco. Ajudei a derrubar as pitorescas casas de neve que pontilhavam os arredores da cidade. Ajudei a Tuva com as minhas capacidades de Fiadeira noviça a inundar o céu com uma escuridão tão opressiva que todos os vestígios da vida quotidiana cessaram.

Tudo com o pressuposto — ou melhor, a *promessa* — de que tudo seria restaurado a uma glória ainda maior do que antes. Era esse o objetivo dos Protetorados, oferecer a estas pessoas em dificuldades um modo de vida melhor. Mas aqui estamos nós, meia década depois, e os bares e viveiros pitorescos ainda estão fechados. Nem uma única barça de gelo flutua no rio congelado, e o outrora grande Castelo dos Clãs, que brotou do solo como uma fonte de gelo em cascata, está reduzido a um monte de escombros espalhados pela praça. Sobranceiro a tudo isto, uma espessa camada de fumo de carvão imponente como nuvens de chuva.

Parece fumo de chaminé, mas nem todas as lareiras da cidade conseguiriam produzir nuvens tão grossas.

— Pelos céus, não tenho forças para isto — murmura o Serik enquanto atravessamos cuidadosamente pelos escombros. — Isto

não é melhor do que as pradarias! — Aponta para os edifícios com crostas de gelo que nos rodeiam e para as léguas e léguas de neve atrás de nós. Passou a viagem a abrir caminhos por entre a neve ou debruçado sobre uma lareira a recolher as faixas de calor e a redistribuí-las pela caravana. A sua cara está tão magra e a pele tão pálida, que assume um tom esverdeado contra a vivacidade das suas sardas.

— Onde estão todos? — pergunta um jovem pastor, e a sua voz ecoa como um tiro de canhão na rua vazia.

Nem uma única alma pôs a cabeça de fora ao frio para indagar sobre a nossa vinda. Claro que não seriam capazes de nos ver através do manto de escuridão com que eu e a Ziva cobrimos o grupo, mas certamente algumas pessoas deveriam estar a percorrer as ruas afadigadas nos seus afazeres.

— Estão a minerar nos campos de gelo. Tal como eu disse — atira o Temujin, lançando-me um olhar gélido.

— Queres um prémio por teres dito a verdade desta vez?

— Parece um cemitério — diz a Lalyne solenemente.

— Porque é um cemitério — sublinha o Temujin, antes de eu poder responder. — As tropas imperiais avançaram por estas ruas como uma tempestade de neve, destruindo tudo no seu caminho.

Não está errado, mas na altura pareceu-me justificado. Até mesmo provocado. O Rei Celeste tentou falar com os líderes de cada clã várias vezes para elaborar um acordo de aliança, mas os Chotgorianos não só cuspiram na sua oferta, como se organizaram contra nós, atacando o nosso acampamento nas estepes a meio da noite, armados com lanças de pesca e maçãs, como ursos furiosos nas suas peles cinzentas. Os homens dos clãs chotgorianos eram guerreiros mais ferozes do que os cidadãos de Namaag e Verdenet juntos — foi assim que perdemos a Tuva e tantos outros. Tivemos de reagir.

Pelo menos foi o que pensei.

Não tínhamos o direito de entrar na sua cidade e esperar que nos agradecessem por lhes oferecermos «proteção» sob a forma de grilhetas. Não tínhamos o direito de presumir que o modo de vida ashkariano era superior ou que lhes serviria melhor do que as suas próprias tradições e crenças.

Passamos pelo palácio obliterado, e finalmente vemos o primeiro dos guardas imperiais. A maioria dos pastores permanece escondida nos escombros, enquanto um grupo se aproxima, encostado às paredes e a coberto da escuridão.

Há várias dezenas de soldados que se movem por entre os edifícios nas traseiras do complexo real — uma pequena, mas completa cidade com celeiros, camaratas e estalagens que evitaram a destruição durante o cerco. Só que já não sou ignorante ao ponto de acreditar que a sua «sobrevivência» foi uma coincidência.

O Rei Celeste tinha isto planeado desde o início.

— Achas que eles sabem do Rei Celeste? E de Sagaan? — pergunta o Serik.

Observo-os, entretidos a fumar os seus cachimbos de líquen e a beber a cerveja efervescente. Não estão com ar de guerreiros que descobriram recentemente que o seu império caiu. Mas podem estar a manter as aparências para enganar os Chotgorianos, até que cheguem instruções e reforços.

Para lá do edificado, montes de terra escura, mais altos do que qualquer edifício em Sagaan — incluindo o Palácio Celeste — pontilham a extensão nevada. Na base de cada monte foi aberto um desfiladeiro na terra, suficientemente largo e profundo para albergar um batalhão inteiro de guerreiros. Filas intermináveis de trabalhadores chotgorianos entram e saem dos poços, alguns a puxar carrinhos carregados de detritos. Outros descem sob o peso de enormes rochas, que descarregam numa enorme fornalha circular — a origem do opressivo fumo negro. Os Chotgorianos estão tão cobertos de terra e fuligem que os seus cabelos ruivos e dourados são agora da cor do bano e da lama seca. A sua pele é quase tão

escura como a minha e a do Temujin, quando eles são naturalmente quase tão pálidos como os Zemyanos.

Uma série de guardas imperiais estão encostados aos corrimões e patrulham as entradas das minas. Podem ser menos do que nós, mas estão treinados e bem alimentados e não passaram as últimas semanas a sofrer as agruras do frio.

— Como vamos conseguir travar isto? — pergunta o Bultum quando nos juntamos ao grupo e descrevemos as condições que encontrámos. — Nunca seremos capazes de lutar com tantos guerreiros imperiais.

— É por isso que vocês precisam da ajuda dos Shoniin e dos Zemyanos — declara o Temujin, antes de ser brindado com uma pancada na cabeça do Serik.

— Se os teus «aliados» são assim tão honrados e fiáveis, porque não vieram à tua procura? — pergunta o Serik.

— Tenho a certeza de que enviaram equipas de busca — atira o Temujin, mas o seu tom defensivo não sugere grandes certezas. — Eles estão a chegar.

O Serik ri-se.

— Tenta convencer-te à vontade, desertor. Quanto à forma de eliminar os guardas... aquela fornalha é toda a munição de que precisamos. Escoltamos os trabalhadores para fora das minas a coberto da escuridão, como a Enebish fez na frente de batalha, e depois atraímos os guardas para perto da refinaria e eu destruo-a por completo. Bum! Trabalhadores libertados, adversários vencidos, minas destruídas, tudo numa só explosão.

Bato com a mão na testa.

— Porque é que os teus planos envolvem sempre explosões?

— Porque é eficaz — proclama o Serik. — E porque sou um Fogueiro do Sol. Tudo faz muito mais sentido agora.

Reviro os olhos e dou-lhe um empurrão temo, mas firme.

— Os guardas vão reparar se houver uma diminuição no número de prisioneiros que carregam pedras para trás e para a frente.

A melhor solução é entrarmos nas minas a coberto da escuridão e reunirmos os mineiros para se erguerem contra os guerreiros imperiais connosco, como planeado.

O grupo está em silêncio, mas agitado. A maioria nem sequer olha para mim, e os poucos que o fazem estão a abanar a cabeça.

— Sei que parece mais assustador agora que estamos aqui, mas com os mineiros chotgorianos vamos vencer os guerreiros imperiais numa proporção de três para um. E eles já estão armados com pás e picaretas.

— Se fosse apenas uma questão de números, os Chotgorianos já se teriam revoltado há muito tempo — exclama o Iree.

— Talvez não. — Obrigo a minha voz a manter-se forte nas suas convicções. — Talvez não tenham tentado revoltar-se por recearem ser recapturados e punidos. Mas assim que souberem que o império caiu, quando nos virem a todos...

— Eles vão saber que não há esperança! — diz o Azamat, o que lhe vale gargalhadas histéricas e um olhar fulminante da minha parte.

— *Quando nos virem a todos* — repito —, não terão razões para não se revoltarem. É a melhor oportunidade que podem esperar.

Torço a túnica com os dedos e sustenho a respiração, à espera de que pelo menos uma pessoa acene em sinal de concordância; como a pedra que dá origem à ondulação na lagoa.

Mas é a Emani quem acaba por falar.

— Vamos morrer, não vamos? — diz, com um lamento.

E o caos instala-se no seio do grupo.

Capítulo 22

Ghoa

Após cinco dias muito cansativos, entramos finalmente em Ashkar.

Não há nenhuma mudança na paisagem que defina uma fronteira entre os dois países. Na verdade, a transição entre os campos rochosos e de vegetação rasteira para as exuberantes pastagens é quase impercetível. Como se a Terra fosse alheia à clivagem que existe entre os nossos dois povos, os séculos de guerra interminável. Nem sequer há sentinelas a patrulhar a fronteira, já que ela não existe. Muito menos agora que os Zemyanos ocuparam Sagaan e a maioria das nossas cidades.

Mas eu sinto a mudança de imediato — o apelo acolhedor do meu país. As minhas botas afundam-se no solo escuro. A minha coluna endireita-se e alonga-se em direção ao céu infinito. E o núcleo gelado no meu peito, que tem vindo a endurecer paulatinamente desde a minha fuga, crepita como forma de reconhecimento.

Olho para o Ivandar, curiosa por perceber se ele sentia a mudança. Se o seu amor pelo seu país é tão profundo como o meu.

Mas é claro que não.

Ele prossegue a marcha, mais preocupado em esfregar os seus braços trémulos e em bater o dente de frio do que em reparar no terreno — e nem está frio o suficiente para nevar! Sorrio e abano a cabeça. Seria impossível ele ter o mesmo nível de devoção quando os alicerces de Zemya são tão inerentemente imperfeitos. No entanto, sinto uma pequena e desconcertante gota de mal-estar a escorrer pelo pescoço porque não posso negar os plácidos momentos de humanidade a que assisti em Torinth. Nem tão-pouco os curativos do Ivandar, que aliviaram os efeitos da água termal. Ou aquela prisioneira zemyana, que consolou o jovem guerreiro ashkariano com as suas ilusões.

A magia deles é nefasta. Eu *sei* disso. Mas o que sei e o que vi não batem certo. Não consigo conciliar os Zemyanos que enfrentei nos últimos doze anos com os Zemyanos que vi nestes últimos 12 dias.

Paro abruptamente, recusando-me a entrar no meu país com uma réstia de dúvida.

— Se Ashkar atacou primeiro e o teu povo só agiu em legítima defesa, como afirmas, porque é que vocês *continuaram* a atacar Ashkar depois da batalha inicial?

O Ivandar tropeça e pestaneja para mim com os seus pálidos olhos demoníacos. A única faceta da sua aparência que não mudou com o seu disfarce de mensageiro.

— Que conversa é essa?

— Há séculos que os Zemyanos atravessam a nossa fronteira e saqueiam as nossas aldeias. Como podes tolerar essas ações?

O príncipe continua de olhos esbugalhados como se me tivesse nascido uma segunda cabeça. Por fim, diz:

— Tínhamos de nos defender. Ashkar estava sempre a atacar a nossa fronteira, e quando isso não funcionou, vocês avançaram sobre Namaag, Verdenet e Chotgor e obrigaram-nos a firmar uma aliança convosco.

— Não *obrigámos* ninguém a firmar uma aliança! A entrada dos Protetorados no Império Unificado foi voluntária. Precisávamos de soldados e recursos, e eles precisavam de ajuda e proteção contra vocês. É uma parceria com base na igualdade.

— Uma aliança é voluntária quando uma das partes está tão desesperada por auxílio que não é capaz de recusar «ajuda», independentemente dos termos? Zemya tinha de tomar uma posição ou sabíamos que seríamos os próximos. Tínhamos de escolher ser o caçador ou a presa. E, sim, também houve rancor e animosidade — acrescenta. — Impossível não haver quando a Senhora e o Pai expulsaram Zemya da sua presença, recusaram-se a reco-

nhecer a sua magia inovadora e depois tentaram destruí-la e ao seu poder por completo.

— Nada disso é verdade! — insisto.

— Não importa que versão da história é verdadeira! — grita o Ivandar por cima de mim. — Aí é que está. Toda esta luta é desnecessária. E enquanto estamos presos neste conflito interminável, o Kartok está a travar um tipo de guerra completamente diferente.

Não tenho nada a dizer. O que quer que o Kartok esteja a fazer, quer esteja a cercar os céus, a retirar os poderes aos Kalima ou outra coisa qualquer, nada disso resulta na minha glorificação e reintegração.

Olho para o príncipe e faço um pequeno aceno forçado.

Ele leva a mão ao peito de forma dramática.

— Será que finalmente descobrimos algo em que estamos de acordo?

— Não *concordo* contigo — refuto. — Mas também não discordo totalmente.

— Sabes que isso não faz sentido, não sabes?

— Nem tem de fazer. E já que estamos no meu país, vamos seguir as minhas regras. Por favor, tira-me este fato de pele zemyana imediatamente.

— Só porque pediste «por favor» — provoca-me enquanto passa a mão pelo meu corpo. O calor da sua pele causa-me arrepios nos braços e pernas. Ou talvez os arrepios involuntários sejam dos pedaços de carne pálida que escorrem dos meus membros. — Mas ainda acho que a pele zemyana te fica muito bem... — diz com um sorriso atrevido.

— Sabes o que também ficava muito bem? O meu punho. Na tua cara. — Com um floreado dos meus dedos, crio um pequeno punho cerrado feito de gelo que projeto contra o seu nariz. É a maior arma que consegui criar desde que exauri o meu poder no mar, e

sorrio orgulhosa ao vê-lo voar na direção do príncipe que, infelizmente, se desvia no último momento.

— Mares misericordiosos, Ghoa! Foi uma piada! — Engasga-se. — Podias ter-me arrancado a cabeça.

Agora, sou eu que me engasgo. Não por estar preocupada com a sua cabeça idiota, mas porque ele me chamou pelo nome. O som embate na minha têmpora como o punho de uma espada. Desorientador e exasperante.

— Não é altura para piadas — brado por fim. — E não te dirijas a mim com essa informalidade.

— A sério? — Caminha para mim com passos decididos à medida que o seu próprio disfarce zemyano derrete. — Viajamos juntos há quase duas semanas. Não achas que atingimos um certo nível de familiaridade? — Acena para baixo com gestos largos e rápidos, pintando a sua pele da cor do linho e o cabelo e os olhos de um castanho profundo. Vê-lo assim, igual a mim e ao meu povo, é ainda mais incómodo do que vê-lo na sua forma natural.

— Não — atalho, sem mais explicações. — Não voltes a fazê-lo, seja em que circunstância for — gesticulo, face aos seus traços desconhecidos —, sem o meu consentimento expresso.

— Nunca faria nada sem o teu consentimento. — Avança, deixando-me para trás, mesmo sem saber para onde vai. — Presumo que nem sequer saibas onde estão os Kalima, visto que o Kartok não conseguiu arrancar-te essa informação sob tortura. E visto que é óbvio que eles não querem ter nada que ver contigo — acrescenta.

— Presumes mal — digo, enquanto avanço e acompanho a sua passada.

— Porque iriam para um sítio onde pudesses encontrá-los?

— Porque eles nunca esperariam que eu escapasse aos meus captores zemyanos. E esse é o seu segundo maior erro.

Ele revira os olhos.

— Então, onde é que eles estão?

— Isolados no nosso ponto de encontro, a tentar reagrupar-se e delinear um plano de ataque.

— Onde é o ponto de encontro?

Rio-me na cara do príncipe. Ninguém além do Rei Celeste e dos guerreiros que lhe eram mais próximos sabe das cavernas de gelo escondidas sob as planícies a norte de Chotgor. Não vou revelar essa informação ao herdeiro zemyano, seja ele meu companheiro de viagem ou não.

— Não vais mesmo contar-me? — Como se eu lhe devesse alguma coisa. Como se fôssemos verdadeiramente parceiros nesta missão. — Tens noção de que me vais levar lá?

— Precisamente. Vais descobrir em breve. Só precisas de saber que morrerias ao frio se tentasses chegar lá sem a minha ajuda. Portanto, não te ponhas com ideias.

— Tinha de ser num sítio frio — resmunga o Ivandar, abraçando-se.

— O mais frio de todos — afirmo com um sorriso diabólico, ansiosa para ter finalmente a vantagem.

Demoramos três dias a chegar aos antigos túneis dos contrabandistas de peles que ligam Sagaan e Chotgor. O caminho subterrâneo permite poupar semanas de viagem. O que significa que mesmo que o Kartok descobrisse o esconderijo dos Kalima, demoraria o dobro do tempo a chegar às grutas, o que me dá tempo para preparar os Kalima para o receberem.

Pouco antes de chegarmos à periferia de Sagaan, levo o Ivandar por um caminho escondido que sai fora da estrada principal, e uso o meu poder para afastar uma enorme pedra de gelo.

— Vamos para o subsolo? — pergunta o Ivandar, parado no cimo da escada de pedra molhada a semicerrar os olhos para o fundo escuro e frio.

— Há algum problema? — pergunto, docemente. — Vamos ficar abrigados do vento e da neve. Devias agradecer-me.

— Sentes a corrente de ar? É mais frio e húmido do que uma sepultura! — Os seus dentes batem com força e ele encolhe mais os ombros.

— Os Zemyanos são mesmo o povo menos resistente do planeta. Devíamos ter-vos derrotado há séculos — digo, enquanto desço as escadas.

O Ivandar lança-me umas pragas e segue-me até ao túnel que, admito, está gelado e mais parece uma toca de roedor — um longo poço completamente desprovido de luz, à exceção de um archote ao fundo das escadas. Acendo-o e caminho resoluta em direção às trevas. Atrás de mim, o Ivandar começa imediatamente a queixar-se da humidade e da escuridão e a menosprezar Ashkar por comparação com Zemya, embora não tenha o contexto para apreciar as diferenças.

Foi precisamente o que fizeste quando chegaste a Zemya...

Esmago o pensamento irritante com a minha bota, como faço com os vermes que deslizam pela lama. Zemya é um deserto estéril. Já Ashkar é uma amante bela e perspicaz — gentil apenas para aqueles que são fortes o suficiente para suportar os seus perigos. Uma prova para testar o valor individual, digamos.

E o príncipe zemyano está longe de ser digno.

Sempre que paramos para descansar, treme e lamuria-se pateticamente — mesmo durante o sono, o que me impede de dormir. Mas por mais que lhe diga que pode voltar para o calor de Zemya — uma mentira descarada —, ele insiste em seguir em frente, o que me obriga a reconhecer os riscos e os sacrifícios que ele está disposto a suportar. Tudo em nome do seu país e da sua Deusa.

Após quatro longas noites, perco a paciência para a sua chorradeira. Olho para ele, enrolado como uma barata morta. Podia abandoná-lo. Deixar tudo isto para trás. Esquecer os Kalima e começar de novo.

Ouves *o que estás a dizer?* Sinto a reprimenda interna como uma bofetada na cara, provavelmente, mais do que merecida. Mas sinto a cara tão dorida que a apalpo com os dedos.

Isto não está certo, contrapõe uma vozinha instintiva no meu cérebro.

O que não está certo é desistires. Permitires que aqueles guerreiros traidores manchem o teu nome, intervém a lógica. *Para onde irias? O príncipe é a única forma de recuperares o teu cargo.*

Claro que tenho razão, é impossível estar errada quando estou a discutir comigo mesma.

Volto a olhar para o príncipe trémulo. Tenho de fazer alguma coisa para o calar, e já que deixá-lo para trás não é uma opção, fecho os olhos, coloco as mãos nos tornozelos e concentro-me no chão congelado. É duro e agreste. Em silêncio, convido o gelo a entrar dentro de mim, num movimento de interiorização e não exteriorização, como acontece quando ataco.

A lama fria e o ar gelado entram no meu corpo, armazenando gelo dentro da minha carne tal como as marmotas recolhem cevada para o inverno. Poucos minutos depois, a minha pele está mais fria do que o chão. As minhas pestanas cristalizam com a geada. As minhas pernas estão tão dormentes que não consigo sentir o peso das minhas mãos, o que me faz rir com uma sensação de triunfo vertiginosa. O gelo reduz a maioria das pessoas a uma versão trémula de si mesmas, mas faz de mim um sabre. Endurece-me como uma arma. Não me sentia tão forte, ou mortífera, desde a minha captura.

Não vai durar muito. Em breve, o equilíbrio vai mudar e o gelo vai sobrecarregar-me. O meu corpo vai tomar-se lento, duro e pesado — a carne não aguenta um poder infinito e puro — mas, enquanto posso, quero apreciar cada segundo de força ilimitada.

De que te ris? — grunhe o Ivandar, enquanto bate o dente. Abre um olho e ajoelha-se imediatamente, em súplicas e murmúrios. Imagino a imagem que devo passar: cada centímetro do meu corpo coberto de geada, como as esculturas de gelo esculpidas em minha honra nos festejos dos Kalima. — Não sei o que estás a fazer, mas para — implora. — Ainda precisas de mim!

— Para de dizer disparates. Não te vou congelar.

— Então, o que estás a fazer?

— A calar-te para ver se consigo dormir.

— Consegues congelar a minha voz?

Provavelmente, consigo — não sei porque não pensei nisso antes — mas não tenho energia para o picar. A minha cabeça já parece uma pedra de gelo, fendida ao meio por uma picareta, e os meus braços estão tão duros que já não consigo dobrar os cotovelos.

— Consigo aliviar o frio se inspirar o ar gélido para dentro de mim.

O Ivandar olha para mim com os olhos esbugalhados, mesmo quando os seus dentes param de bater.

— Sempre foste capaz de fazer isto?

— Sim.

— E só decidiste usar esse poder agora?

— Sim — confirmo, sem um pinga de remorso.

— És inacreditável! — O seu rosto é uma amálgama de sombras furiosas diante da luz do archote. Tenta levantar-se, mas escorrega na lama, que está mais solta graças ao calor que nos rodeia. Cai de rabo, com estrondo, salpicando de lama castanha escura a sua pele branca, que não precisa de disfarçar no subsolo. — Como pudeste ficar aí sentada a ver-me sofrer durante tantos dias? Depois de tudo o que fiz por ti!

Deito-me cuidadosamente de lado, com os músculos a estalar como um lago congelado, e fecho os olhos.

— Primeiro, não te devo nada. Não sei quantas vezes tenho de te lembrar disso. Segundo, o Kartok quase me privou por completo do uso do meu poder. E terceiro, trazer o frio para dentro de mim requer ainda mais energia do que projetá-lo para fora do meu corpo. Nunca ajudei os meus próprios guerreiros desta maneira, por isso não sei porque o faria por ti.

— Então, porque o fizeste?

— Não o fiz por ti — digo, recusando-me a abrir os olhos, mesmo sentindo o seu olhar na cara. — Não quero saber de ti para nada. Fi-lo por mim. Para te calar, como já disse.

— Bem, estou-te grato, seja qual for o motivo — diz-me, após uma longa pausa.

Grunho, para que ele saiba exatamente o que penso da sua *gratidão*, depois recolho o frio à minha volta como um cobertor e entrego-me ao sono.

Mas as horas passam e o sono recusa-se a vir. E já nem posso culpar o príncipe e as suas lamúrias. Digo a mim mesma que deve ser o aumento do gelo a tomar conta dos meus ossos ou a antecipação do que nos espera quando chegarmos ao ponto de encontro dos Kalima. A minha inquietação não tem nada que ver com o príncipe ou com os seus agradecimentos murmurados.

— Não te afastes e não faças barulho — aviso o Ivandar quando nos aproximamos das rochas geladas que escondem a entrada do túnel. A luz do dia filtra-se através das fendas. Semicerro os olhos e sinto a pulsação acelerada. Não faço ideia do que nos espera em Chotgor — se os guerreiros imperiais abandonaram os seus postos quando souberam da morte do Rei Celeste, ou se a notícia chegou aos mineiros chotgorianos e deu azo a uma sublevação. Ou quem sabe se os Zemyanos não reclamaram já este território.

Felizmente, o estado de Chotgor não tem grande relevância para mim, desde que eu e o príncipe possamos passar por Arisilon e entrar nos campos de gelo sem sermos vistos.

Flexiono os dedos, pressiono-os contra a superfície enrugada da rocha mais próxima e canalizo o seu frio implacável.

O meu gelo é sempre mais forte no inverno, e ainda mais forte em Chotgor.

A entrada para o túnel dos contrabandistas está situada no mercado dos animais, dissimulada atrás de uma barraca que vende peles de boi-almiscarado... ou *costumava* vender peles de boi-almiscarado. Ninguém vendeu muito de nada desde que os

Chotgorianos se recusaram a ser um Protetorado. Já não venho muitas vezes a Chotgor, mas os mercados não estavam abertos das últimas vezes que aqui estive, por isso não espero que estejam agora. Ainda assim, olho cuidadosamente à volta da enorme pedra, suja de gelo, só por precaução.

— Onde estão todos? — Sinto a voz do Ivandar junto ao meu ouvido e a sua respiração quente na minha cara, o que me faz dar um salto.

— Para trás! — admoesto, cravando-lhe o cotovelo nas costelas. — Eu disse para ficares atrás de mim!

— Não, disseste para não me afastar — contrapõe, respirando a custo.

— Mas não precisas de estar *tão* perto! Em vez de meteres o nariz onde não é chamado, toma-te útil e veste-nos de azul e dourado. Temos de nos misturar com os guerreiros imperiais. — Olho para o Ivandar, expetante.

Ele resmunga entre dentes, mas faz o que lhe peço, manipulando as cores e texturas para alterar o seu rosto e ocultando as nossas túnicas imundas com fardas ashkarianas imaculadas.

— Estás contente?

— É menos divertido quando tens de te vestir como o inimigo, não é? — provoco, passando os dedos pela farda. Contava sentir-me mais aliviada, mas o tecido não parece tão revigorante como me lembrava. Nem me enche do mesmo orgulho e confiança.

É por ser uma ilusão. A culpa é da magia do príncipe.

Abano a cabeça e saio do túnel para ser recebida por uma luz alaranjada, difusa. O Sol nunca sobe muito alto em Chotgor, apenas acompanha a linha do horizonte como um cinto de rubi, inclusivamente ao meio-dia. Por norma, odeio aquela perpétua meia-luz sombria — e Arisilon parece-me uma cidade ainda mais lúgubre do que me lembrava de outras visitas — mas hoje estou grata por aquela cobertura adicional.

Corro pelo mercado silencioso e sombrio. O príncipe segue-me, com a respiração pesada, apesar de não parecer ter dificuldades em acompanhar-me.

— Onde estão todos? — pergunta novamente. — As ruas e as bancas estão cobertas de neve. Não há uma única pegada...

Ignoro-o e enfio-me por um bairro residencial, onde as portas das casas pendem, tortas, das dobradiças, abrindo e fechando ao ritmo das rajadas de neve. Há carrinhos partidos que derramaram a sua carga em decomposição do outro lado da estrada, mas passo por cima deles com facilidade. Só penso nos campos de gelo que nos esperam ao fundo deste quarteirão.

— Estamos quase lá — sussurro.

Contudo, quando ensaio o salto para passar por cima de um pequeno muro de pedra, os dedos ósseos do Ivandar fecham-se à volta do meu cotovelo. O aperto é tão forte e inesperado que me faz parar de supetão e esbarrar no muro. Um grito prolongado e penetrante explode nos meus lábios e ecoa pelas casas e lojas vazias.

— Queres ser apanhado? — Viro-me e empurro o príncipe. Os meus olhos percorrem a estrada e agacho-me imediatamente, à espera de uma revoada de guerreiros imperiais.

— O que aconteceu aqui? — pergunta o Ivandar. — Onde estão as pessoas? Esta desolação não te causa estranheza? — A expressão no seu rosto denota preocupação.

O que é ridículo.

— Não finjas que te importas com Chotgor.

— E tu, Ghoa? Importas-te? Não pareces minimamente incomodada. Quase como se soubesses... — O Ivandar passa as mãos pelo cabelo, e a ilusão em tons castanho-escuros começa a escorrer pelo seu rosto, como a tinta levada pela chuva.

Devia ignorá-lo. Não lhe devo qualquer explicação. Mas por um motivo inexplicável, sinto-me obrigada a defender-me e ao meu império.

— Isto foi uma escolha dos Chotgorianos. Tentámos negociar com os clãs, mas eles *atacaram-nos*.

— Talvez porque vocês invadiram as terras deles...

— Tal como vocês estão a invadir as nossas? — Pouso a palma da mão no peito dele. Obrigo-o a afastar-se. Ordeno-lhe que pare.

— Este é o teu povo, Ghóa... Pelo menos, devia ser. Isso não te incomoda?

— O que me incomoda é ser assediada por um Zemyano! Que te importa isto? A fraqueza de Chotgor vai facilitar a vossa conquista do continente.

— Eu não quero o continente! E importo-me porque tu és melhor do que isto!

— Não. Não sou — expludo.

— És, sim! Sacrificaste-te para salvar o teu batalhão. Depois sofreste a tortura do Kartok sem trair as mesmas pessoas que te abandonaram à morte. Além disso, estavas disposta a colaborar com a Hadassah e *comigo*! Não só me estás a guiar pelo teu país, como não me deixaste morrer ao frio.

Quanto mais a lista dele cresce, mais agoniada fico. Tapo os ouvidos com as mãos.

— Chega! Sabes que não fiz isto por ti.

— Sei que és extremamente dedicada ao teu cargo — contrapõe o Ivandar. — Serias capaz de tudo por Ashkar.

— Seria capaz de tudo para promover a minha *posição* em Ashkar! — A confissão voa dos meus lábios, e encolho-me quando a desilusão enche os olhos do Ivandar. O que me irrita ainda mais.

— De onde vem isto agora? Que importa Chotgor quando os próprios deuses estão em perigo?

Quando o Ivandar não diz nada, aproximo-me. Encho o peito, orgulhosa e triunfante. Mas não é tão satisfatório como pensei que seria. O príncipe olha por cima de mim, os olhos vazios e a piscar.

Aponta por cima do meu ombro com um dedo branco e fino, e é quando percebo que o seu disfarce derreteu com a agitação.

O meu também.

— Nós preocupamo-nos com os Chotgorianos — diz uma voz familiar atrás de mim. Uma voz que me perseguiu todos os dias na prisão do Kartok. A última voz que ouvi quando me estava a afogar no Mar de Zemya.

— Enebish? — digo, com a respiração suspensa, quando me viro.

Por momentos, só vejo um clarão de branco ofuscante. Não é invulgar o meu poder inflamar durante a batalha, mas normalmente é projetado para fora, sob a forma de gelo que fustiga os meus inimigos. Nunca turvou a minha visão desta maneira. Mas a verdade é que também nunca acumulei tanto frio dentro de mim.

À medida que retomo a minha visão, vejo a Enebish ladeada por dezenas de pessoas, que devem ser os pastores que ela liderou a partir da pradaria. São velhos e novos, ferozes e frágeis. Todos desconhecidos e com pouco que os distinga por si só, mas estranhamente enervantes à medida que vão saindo das casas abandonadas e se espalham pela estrada como um enorme rebanho de ovelhas.

Bloqueiam o nosso caminho.

Fios de longos cabelos negros emolduram os olhos castanhos da Enebish. A sua expressão denota repugnância. E quando aponta as palmas das mãos para o meu peito, sei que não hesitará em matar-me desta vez.

Capítulo 23

Ghoa

Ao longo das minhas viagens, tive tempo para planejar a minha vingança, até ao mais ínfimo pormenor, de modo a estar preparada e não vacilar quando ficasse cara a cara com todos os traidores que me apunhalaram pelas costas. Já imaginei este encontro com a Enebish vezes sem conta. Imaginei, jubilosa, como ela ficaria aterrorizada e arrependida e como isso não me afetaria minimamente; como dispararia lâminas de gelo ao seu peito com gritos de prazer, abatendo-a juntamente com a sua águia irritante. Mas agora que ela está aqui, com a marca da sua traição bem patente na sua cara pálida, não me recordo de um único ponto do meu plano de vingança. A incerteza enche o vazio que a água da nascente termal queimou no meu coração.

Eu *sabia* que a Enebish me desprezava. Deixou-o bem claro quando quase me matou na execução do Temujin. Há semanas que sou atormentada por fantasmas do seu esgar de fúria. Mas por algum motivo, ver o desdém nos seus lábios e a inclemência nos seus olhos é mais doloroso do que eu esperava.

Provavelmente, porque é o exato oposto da forma como ela olhou para mim há tantos anos, quando a retirei dos destroços da sua cabana em Verdenet.

Não sejas tão sentimental. Tão fraca!, ordena-me a voz interior. Agora, sim, agradeço-lhe a crua assertividade.

— O que fazes aqui? E com um deles — rosna a Enebish.

— Melhor ainda, o que fazes tu aqui? — devolvi.

— Viemos libertar os mineiros chotgorianos que o império, aparentemente, escravizou. — ri-se a Enebish amargamente. — Mas sabias disso, não sabias? Tal como sabias que estes pastores sofriam as agruras do inverno nas pastagens. — Aponta para as pessoas imundas que a rodeiam, muitas das quais estão a discutir.

— Mas escolheste virar a cara. Porque não te beneficiava. Como sempre, só queres saber de *ti*. O império está em ruínas, mas aqui estás tu, a caçar-nos, a mim e a uma caravana de pastores, em nome do teu orgulho e reputação. Não há uma única gota de honra nos teus ossos, pois não? O poço do teu desespero egoísta não tem fundo. Primeiro, trais-me. Agora, trais o teu país. — Aponta com uma mão trémula para o Ivandar. — Não és melhor do que o Temujin!

A geada toma conta do meu cabelo e avança voraz para o meu pescoço e braços. Os meus dedos tremem, ansiosos por atirar o gelo que se formou nas montras das lojas próximas contra as mentiras que saem dos seus lábios.

— Eu não tenho *nada* em comum com o Temujin.

— Prova-o. — A Enebish aperta o punho e a luz fraca do Ártico desvanece-se ainda mais, escurecendo em tons de azul e roxo, o suficiente para turvar a minha visão e me desequilibrar.

— Não tenho de provar nada, nem a ti e muito menos a eles. — Recolho a neve e o gelo da estrada com um movimento dos pulsos e projeto-os contra a Enebish e os seus rebeldes.

Os pastores gritam e começam a dispersar, mas a Enebish não.

Ela mantém-se firme, com os olhos escuros a perfurarem os meus através da tempestade, a pestanejar como um aviso. Mas a sua bravata é desperdiçada em mim. Ela nunca teve a crueldade necessária para ser uma verdadeira guerreira. Ou talvez o problema seja o seu excesso de compaixão. Seja como for, essa hesitação, essa *fraqueza*, foi o que me permitiu estar sempre um passo à frente.

Foi assim que reivindiquei o título de comandante dos guerreiros Kalima e é assim que vou voltar a reivindicá-lo.

— Não vamos sair daqui sem dar luta! — O Serik aparece ao lado da Enebish, e a sua presença é como um sabre cravado no meu crânio. Eu sabia que ele estaria aqui, mas esqueci-me de como só a visão do seu rosto irritante me faria querer gritar.

Ao contrário da Enebish, não tenho dúvidas de que ele me mataria, se pudesse.

— Mostra o que vales, primo — provoco-o.

Os pastores gritam ainda mais alto. Alguns ajoelham-se, implorando por misericórdia.

— Eles são da *tua família*? — O Ivandar olha para mim, chocado.

Mas eu não desvio os olhos do Serik, que levanta as mãos com intencionalidade. Rio-me. Não consigo evitar. É uma fantasia tão ridícula.

— Ainda não perdeste a esperança, Serik? — Logo a seguir, colunas de fogo rebentam das mãos do Serik, estalando a ponta do meu nariz. Tropeço e caio contra o Ivandar, que me ampara. Mas estou demasiado horrorizada e confusa para me importar com isso. — C-como...? — fito o Serik com espanto.

Não devia ser possível. É demasiado velho, além de demasiado execrável, para ser digno de poder. No entanto, o vergão doloroso no meu nariz diz o contrário.

Rio-me ainda mais. Só que agora estou a rir-me de mim mesma, da ironia da vida. Os Kalima traíram-me, o Serik é um Fogueiro do Sol, e eu estou a viajar com o príncipe zemyano.

O mundo está do avesso. Só me resta juntar-me à loucura.

— Bem, por esta é que eu não estava à espera. — Estalo os dedos um a um e rodo a cabeça de um lado para o outro, em preparação para a luta que eu e o Serik temos adiado desde sempre.

— Para, Ghoha. — O Ivandar agarra-me no braço e puxa-me para trás pela segunda vez, e eu faço uma jura, pela memória do Rei Celeste, de que vou matá-lo. Lentamente.

— Tira a mão! — rosno.

— Não estamos aqui para lutar! — diz o Ivandar, dirigindo-se ao grupo. — Estamos de passagem! Temos de chegar aos Kalima.

— Aposto que sim — cospe o Serik. — Não têm hipóteses contra nós sem eles. Não quando temos três guerreiros Kalima.

Três? Paro de me debater com o Ivandar e olho para o triste grupo. *Quem é o terceiro?*

— Varren! Cirina! — A Enebish descreve um círculo lento no meio da rua, enquanto chama os meus guerreiros, como se estivessem à espera atrás das casas e das lojas. — Sabemos que estão aí!

— A sério que somos só nós os dois — digo.

Uma nova dor de cabeça lancinante começa a formar-se nas minhas têmporas. O rendilhado da geada tolda-me a visão e, por instantes, considero congelar a rua toda. Seria tudo muito mais simples.

Mas também seria um grande desperdício. Pensa na receção que terias no ponto de encontro se chegasses não só com o príncipe zemyano, mas com a Enebish e o Serik. Os Kalima seriam obrigados a dar a mão à palmatória. Ninguém no império seria capaz de refutar o teu mérito.

Descontraio as mãos e respiro fundo. Com paciência. Calma. O que for preciso.

— Não estou a perseguir-te e não *abandonei* nem *traí* o meu país ao fazer uma aliança com Zemya.

— Então, o que faz ele aqui? — diz a Enebish, com um olhar fulminante para o Ivandar. — O que estão os *dois* a fazer aqui?

— Acordámos uma trégua temporária para abordar uma questão mais premente — explico, com cautela.

— O que pode ser mais premente do que os Zemyanos controlarem todo o império? — grita um pastor anónimo escondido atrás do grupo da Enebish, como se fizessem parte desta conversa e tivesse algum direito de se dirigir a mim.

— Diz aos teus «seguidores» para não se meterem — rosno.

Os dedos do Ivandar enroscam-se à volta do meu pescoço e apertam-no. Quase grito antes de perceber que é uma ilusão. Ele

solta o seu aperto invisível, lança-me um olhar de aviso, e avança.

— Enquanto a vossa comandante estava presa em Zemya, foi revelado, através de tortura, que o general supremo tem ambições que ultrapassam Ashkar e o continente. Acreditamos que ele está a tentar infiltrar-se na terra dos Primeiros Deuses, como uma espécie de acerto de contas em nome de Zemya: retirar os poderes aos Kalima e colocar a nossa Deusa no lugar que é seu por direito. Escusado será dizer que a Senhora do Céu e o Pai Guzan estarão em grande perigo se ele levar a sua avante, e é por isso que estamos a tentar interceder. O Kartok parece pensar que precisa dos guerreiros Kalima para aceder ao portal, por isso estamos determinados a chegar primeiro aos Kalima. Pedimos que se afastem e nos deixem passar.

Ninguém diz uma palavra quando o Ivandar se cala. A forma como todo o grupo olha para ele — para nós — faz-me pensar se teria falado em zemyano e se afinal o seu abominável país me tinha infetado mais do que eu pensava.

— Tu foste feita prisioneira de Zemya? — diz por fim o Serik, olhando para mim com a testa franzida. — Como é que te capturaram? Onde estavam os teus lacaios fiéis?

Claro que ele tinha de ser o primeiro a responder, e claro que é a esse pormenor que se agarra. A Enebish mantém-se muito mais focada.

— Não eras capaz de inventar uma mentira mais credível? Nenhum de vocês se importa com a Senhora e o Pai! Tu não acreditas que eles existam — diz, dirigindo-se a mim, e depois pergunta ao Ivandar — e tu, não devias *querer* que o Kartok conseguisse vingar Zemya?

— Não tenho de acreditar nos teus deuses para querer vingança — digo, bruscamente. — O Kartok torturou-me durante semanas. E está a tentar ficar com o meu poder.

É uma aproximação suficiente à verdade. Talvez não seja para proteger os antigos deuses que eu quero frustrar os planos do Kartok, mas se é isso que vai convencer a Enebish e o Serik a

seguirem-me até aos Kalima para que eu possa recuperar a minha posição, que assim seja.

O Ivandar atira-me um olhar irritado, como se esperasse que eu me prostrasse e rastejasse aos seus pés deles.

Que é precisamente o que ele faz.

Inclina a sua cabeça platinada, junta as palmas das mãos sobre o peito e ajoelha-se como se estivesse a rezar. Ou a suplicar. Como se o meu primo e a minha antiga irmã fossem melhores do que nós.

— O facto de eu prestar culto a Zemya, não implica que queira ver a Senhora e o Pai depostos. Eles *criaram* Zemya, criaram tudo. Certamente que a sua morte traria consequências. Por favor, não nos atrasem mais obrigando-nos a enfrentar-vos.

Os pastores murmuram entre si. Não faço ideia se são crentes como a Enebish ou se são leais à Nova Ordem, como a lei decreta. E suponho que não importa, agora que o Rei Celeste está morto. Tento não pensar no que significa o facto de um deus na Terra ter morrido sem consequências. Sem a mínima consideração do seu país e do seu povo. Quase como se fosse tão comum como qualquer um destes pastores.

— Estás mesmo a falar a sério — diz o Serik, prestes a desatar à gargalhada.

A Enebish, por outro lado, olha para o céu, e mesmo que os lábios não se movam, sei que está a fazer uma prece em busca de orientação.

Os pastores murmuram e acotovelam-se, e é tudo uma perda de tempo.

— Afastem-se e deixem-nos passar — comando. — Ou... se querem ser heróis... ajudem-nos a alertar os deuses e a defender o continente do Kartok. De que adianta libertar os Chotgorianos se o feiticeiro fizer desabar os céus em cima de todos nós?

Vários pastores acenam, mas depois uma voz fraca emerge da parte de trás do grupo:

— Eles estão a mentir!

O tom grave e arrogante faz com que todos os pelos do meu corpo se ericem com desprezo. Mas, ao mesmo tempo, é música para os meus ouvidos.

Outra peça do puzzle para restaurar a minha honra. A peça final.

O Temujin.

Os pastores abrem alas e olham para ele, sentado na neve. Parece destroçado — mãos atadas aos pés, hematomas na cara e uma queimadura no pescoço.

Adoro.

Não faço ideia do que criou esta fenda entre a Enebish e o líder dos Shoniin — a última vez que os vi, ela estava disposta a arriscar a vida e a destruir Sagaan para o salvar —, mas tenho a certeza de que posso usar esta cisão. Aprofundá-la para os meus desígnios. Tal como fiz com o Ivandar e o Kartok.

— Sou aliado do Kartok há anos. — A voz do Temujin ganha força agora que tem público. — E ele nunca disse nada sobre infiltrar-se no reino do Azul Eterno ou depor quaisquer deuses. Acham que me teria aliado a ele se alguma destas mentiras fosse verdade? Sou um devoto da Senhora e do Pai. O Kartok quer igualdade. Magia para todos. O que serve os interesse de Ashkar. Aqueles que não têm magia deixarão de ser explorados. Não haverá motivos para enviar guerreiros para a batalha... Não se esqueçam de quem me ajudou a assaltar as carroças de abastecimento para vos entregar rações. E ele foi responsável por salvar muitos jovens soldados maltratados na frente de batalha.

— Poupa-nos às tuas mentiras. És tudo menos devoto — atira a Enebish, com a voz repleta de ódio, ainda mais do que quando se dirigiu a mim, o que me dá alguma satisfação. Ou até orgulho. Ela sabe que eu tinha razão em relação ao desertor. — Como *está*

a magia que ele te «ofereceu»? — continua, avançando tropegamente para o Temujin. — Porque não fazes uma demonstração do teu poder? Porque não o usas para fugir?

Os olhos do Temujin estreitam-se, mas cala-se. É o Ivandar, ao meu lado, quem fala.

— O Kartok ofereceu-te a nossa magia? — Parece mais divertido do que irritado. — E acreditaste mesmo que ele cumpriria o prometido?

— Ele cumpriu! Bebi a água da nascente! Comandei a escuridão e o fogo das estrelas que ele lhe roubou! — diz, apontando com o queixo para a Enebish. — O Kartok jurou dá-lo a todos os que se alinhassem com ele.

— Só que não conseguiste voltar a aceder à magia, certo? — pergunta o Ivandar. Depois fica à espera, como um pai desaprovador, que o Temujin abane a cabeça. — Zemya formulou a Sua magia para ser incompatível com os vossos corpos. É tóxica para qualquer Ashkariano que possua poderes Kalima e inútil para aqueles que não têm magia. Usar ^a magia uma vez não te permite comungar com Zemya, como faz com os seus filhos. Tens de a integrar continuamente no teu organismo sempre que quiseses usar o poder de Zemya. Mas o Kartok não te revelou isso, pois não?

O Temujin olha para o vazio e pestaneja furiosamente.

— Porque não dizes a estas pessoas a verdadeira razão para estares aqui, *príncipe Ivandar*? — explode por fim. — Não estás preocupado com os deuses ou com o continente, pois não? Estás aqui pelo teu trono. Porque a tua mãe prefere o Kartok.

— *Ele é* o príncipe zemyano? — A Enebish volta-se e a escuridão consome toda a rua, à exceção do calor ondulante que se ergue como uma lâmina ardente nas mãos do Serik.

O seu controlo é impressionante para um guerreiro que recebeu o seu poder há tão pouco tempo. Sinto que algo ou *alguém* está deliberadamente a gozar comigo.

—Tens razão. Não quero o meu país nas mãos do Kartok—começa o Ivandar, mas uma onda de acusações furiosas abafa as suas palavras. A escuridão recua abruptamente para revelar o Serik, a Enebish e todos os pastores a avançar em força na nossa direção.

Uma alvura gelada explode na minha visão, duas vezes mais brilhante do que antes, e sinto nitidamente mãos invisíveis nas minhas costas, a empurrarem-me para a frente.

Resolve isto. Fá-los obedecer. Vai ter com os Kalima.

Mais uma vez, considero utilizar o gelo. Não seria a primeira vez que imobilizaria um grupo deste tamanho. Seria mais do que merecido por apoiarem a Enebish, uma traidora. Mas quando olho nos olhos das pessoas furiosas e aterrorizadas que correm na minha direção, as minhas mãos recusam-se a levantar-se. Não consigo evocar metade da fúria avassaladora que seria necessária para os enterrar debaixo do gelo.

Digo a mim mesma que se deve ao cansaço decorrente da tortura e das viagens. Da força de que abdiquei imprudentemente, absorvendo o gelo para aliviar o frio. Ainda seria capaz de os obliterar a todos, se quisesse.

Mas isso é o mais estranho: não quero.

E não sei o que isso significa.

O Serik e vários outros pastores de olhar tresloucado estão quase em cima de mim, a vociferar gritos de guerra, mas pela primeira vez na minha vida, não tenho sede de conflito. Em vez de correr a enfrentá-los, ajoelho-me, pressionada, mais uma vez, pelo peso das mãos invisíveis nos meus ombros.

Nunca me senti tão fraca, encolhida e com as mãos a tapar a cabeça. Mas é a última coisa que eles esperam que faça. A única coisa que pode resultar.

— *Por favor, En!* — Não é uma escolha consciente gritar o seu nome, mas a suplica está ali, na ponta da minha língua.

Não obstante, os meus agressores não se detêm, avançam brandindo armas e braços.

Ela vai deixar-me morrer. Às mãos *deles*. Depois de todas as colossais batalhas que venci, serei finalmente derrotada pelo Serik e por estes pastores maltrapilhos.

No último segundo, a minha determinação vacila e faço uma tentativa desesperada para alcançar o frio, mas os meus músculos cheios de gelo são demasiado lentos. A minha mente está tão branca e coberta de geada como uma vidraça fosca. Não consigo ver ou ouvir nada além de uma palavra.

Esperem.

O comando é firme. Irrefutável. Levanto o queixo e lanço um olhar desafiador ao meu primo.

Pouco antes de o Serik me degolar com o seu sabre ardente, a escuridão instala-se à minha volta, mais esmagadora do que o Mar de Zemya.

Encosto o meu corpo ao chão gelado enquanto as lâminas silvam sobre a minha cabeça e as mãos desferem golpes ao meu lado, incapazes de acertar no alvo, graças à Enebish e ao seu manto de escuridão.

Capítulo 24

Enebish

Vejo a Ghoe a esquivar-se da lâmina do Serik através da bruma súbita da escuridão.

A escuridão da Ziva.

— Tens ideia do que acabaste de fazer? — berro-lhe, pouco antes de o Serik gritar comigo.

— Porque decidiste intervir? A Ghoe merece isto! Ela nunca vai mudar.

Claro que eu sei disso.

Mas parece que a Ziva não.

— Estragaste tudo! — grito com ela, que se esconde como uma cobarde atrás de um bando de pastores. Bem me pareceu estranho ela ficar tão calada durante o confronto; ser tão parca nas palavras quando tem *sempre* tanto para dizer. — Nunca te teria treinado se soubesse que nos ias sabotar! — Enrolo os meus dedos à volta dos fios das trevas e tento tirá-los da mão da Ziva. O Serik e os outros precisam de conseguir ver para terem vantagem. Mas a Ziva recusa-se a largar, e está muito mais forte do que costumava, graças ao meu treino. — Para! — grito.

— Isto não é sabotagem! — A sua expressão facial denota determinação, os seus olhos ardem com o calor escaldante do deserto. — Acho que eles estão a dizer a verdade sobre o Kartok, os deuses e os Kalima.

De todas as coisas que esperava que ela dissesse, esta era a menos previsível.

Porquê? Como? O que te faz pensar isso? Mas não há tempo para perguntas. Tenho de tomar uma decisão. A Ghoe e o Zemyano *estão* a atravessar a rua. Para fora do nosso alcance. Ou estou do lado do Serik e da minha fúria — apoiada por uma vida inteira de

provas contra a Ghoa e os Zemyanos — ou escolho a Ziva e a sua declaração sincera. Sim, ela é jovem, mas é muito dedicada a Verdenet. Não teria feito uma afirmação tão ousada, nem a teria apoiado com ações igualmente ousadas, se não tivesse uma boa razão.

A parte de mim que já foi traída demasiadas vezes insiste que é tudo mentira. *Não voltes a cometer o mesmo erro.* Mas não consigo tirar da minha cabeça a imagem da Ghoa ajoelhada. Sinto um aperto no coração e no estômago.

O Serik vai matar-me.

Largo os fios da escuridão, permitindo que a Ziva mantenha a capa da noite, e murmuro:

— É bom que tenhas razão.

— Enebish! Para com isto! — ouço o Serik e dezenas de pastores irados a implorar, mas são fáceis de evitar, uma vez que não veem nada.

Assim que isolamos a Ghoa e o príncipe, eu e a Ziva atiramo-los ao chão e atamos-lhes os braços e as pernas com corda que roubámos aos pastores agitados.

— Colaborem e poupamos-vos — sibilo. *Por enquanto.*

A Ghoa para de se debater quando ouve a minha voz e o zemyano segue-lhe o exemplo.

— Vieste — diz, assombrada. Ou o seu alívio é genuíno ou melhorou a fingir gratidão.

— A Ziva acreditou em ti. Agradece-lhe pela escuridão — digo, apertando a corda da Ghoa com um puxão severo. Dar ouvidos à Ziva é muito diferente de ficar do lado da Ghoa. Ou perdoar-lhe. E quero ter a certeza de que ela sabe a diferença.

A pele do Serik está tão quente que pulsa com uma estranha luz laranja. Recusa-se a falar comigo, ou até mesmo a olhar para mim, enquanto arrastamos a Ghoa e o príncipe zemyano para a casa abandonada onde nos temos escondido. Avança pelo corredor

estreito e sobe as escadas. Deixo-o ir. Ele precisa de espaço para podermos ter uma conversa civilizada, mais tarde.

Levo o resto do grupo para a cozinha e enfio a Ghoe e o príncipe numa despensa sem janelas. Nenhum deles luta ou tenta retaliar, e isso deixa-me inquieta. A Ghoe podia ter-nos congelado, tal como fez com a caravana de comerciantes de Nariin. Mas não o fez. E tenho de saber porquê. Mesmo que os seus avisos sobre o Kartok sejam verdadeiros, a Ghoe pode ter segundas intenções.

Assim que colocamos vários guardas à porta da despensa, eu e a Ziva subimos lentamente as escadas. Há vários quartos de ambos os lados do corredor, mas é fácil perceber onde está o Serik. Vagas de calor escapam por baixo da porta mais ao fundo e à direita.

— Espero que os teus argumentos sejam sólidos — digo à Ziva antes de abrir a porta.

Ela engole em seco, prende os caracóis atrás das orelhas e entra à minha frente.

O Serik anda de um lado para o outro junto à parede mais distante, como um felino do deserto, o que me faz lembrar o dia em que a Ghoe regressou a Ikh Zuree. Quando nos propôs levarmos as águias do Rei Celeste para Sagaan. O dia que pôs tudo isto em movimento.

O resto do nosso conselho improvisado já está presente: Iree e Bultum sentam-se em lados opostos da sala — um em cima de uma cama que ainda está feita, o outro encostado a uma cómoda. A Lalyne está entre eles com os braços cruzados. E o velho Azamat senta-se no tapete de pele de urso no chão, com um sorriso matreiro, como se há muitos anos não fizesse nada tão divertido.

Antes mesmo de conseguir abrir a boca, o Serik entra em erupção e o calor é tão intenso que estou mesmo à espera de o ver cuspir chamas verdadeiras.

— Porque decidiste poupá-los? Sabes que vão destruir-nos. Destruir tudo. Esta era a nossa oportunidade de ganhar vantagem!

— Não os poupei. — A minha voz sai duas vezes mais alta e dez vezes mais defensiva do que era minha intenção. — Pelo menos, não inicialmente... — acrescento num tom mais brando. Preciso de acalmar a raiva do Serik, não acirrará-la. — Foi a Ziva quem invocou a noite.

O Serik para abruptamente e ri-se.

— Estás a dizer-me que não tinhas o poder de a deter?

— Estou a ficar mais forte a cada dia que passa — intervém a Ziva.

Aperto-lhe o braço de forma ameaçadora.

— Esta não é a altura...

— A questão é que nunca devíamos ter confiado em ti — interrompe a Lalyne. — Só nos encaminhas de desastre em desastre.

Nem tudo foi um desastre. Estás viva, não estás?

Mas discutir não nos levará a lado nenhum. Respiro profundamente e digo calmamente:

— A Ziva acredita que a Ghoe e o príncipe estão a dizer a verdade sobre o Kartok.

— E tu acreditas nela? — pergunta o Iree.

A Ziva cerra os punhos. A luz na sala vacila e eu chego-me rapidamente à frente para estabilizar os fios da escuridão.

— Acredito nela o suficiente para a ouvir — digo. — Ela não nos deu motivos para duvidar. Ela não arriscaria...

— A Ghoe e o príncipe não querem saber da Senhora e do Pai.

Ou de qualquer um de nós — diz o Serik, antecipando-se.

— Sei que parece improvável, mas tens-me pedido para confiar, para ouvir os nossos aliados...

— Não no lugar de usares a cabeça! — atira o Bultum.

O Serik lança um olhar mortífero ao pastor.

— Não falas assim com a Enebish. — Pode ser do calor sufocante, mas a pressa com que me defendeu faz-me sentir como se

estivesse a banhar-me no sol do deserto. — Isto não é um ataque à Ziva — continua o Serik, acenando na sua direção. — É aceitar a verdade sobre os nossos inimigos. Lá em baixo está o herdeiro zemyano. E a Ghoha, que te incriminou por um massacre, En.

— Tive uma ideia profunda. — O Azamat deita-se no tapete de pele de urso e coloca a cabeça sobre as mãos. — Porque não deixamos a rapariga falar e guardamos a discussão para quando soubermos o que estamos realmente a discutir?

Normalmente apetece-me estrangular o velho, mas agora podia dar-lhe um beijo na cara.

— Obrigada pelo conselho, Azamat. — Viro-me para a Ziva e tento transmitir-lhe a seriedade da situação com um único olhar penetrante. *Não me faças arrepender de ter confiado em ti.*

Ela endireita os ombros.

— Explicarei com todo o gosto se me deixarem falar. — Atira um olhar ao Iree, ao Bultum e à Lalyne. — Como sabem, passei muito tempo a esconder-me com o meu pai no Templo dos Reis no Planalto de Sawtooth. É para onde todos os reis de Verdenet são levados para o seu Despertar, antes de ascenderem ao trono. O templo é do tamanho de uma cidade inteira, com salas e salões que se estendem ao longo de várias léguas abaixo do planalto. Antes da invasão do Rei Celeste, acolheu sacerdotisas e escribas...

— Desculpa, mas o que é que isso tem que ver com os feiticeiros zemyanos infiltrarem-se na terra dos Primeiros Deuses? — corta o Iree.

— Tudo! — responde a Ziva. — Vagueei por aqueles salões durante horas a fio, dia após dia, a estudar as paredes que gerações de escribas tinham pintado com murais da vida e das crenças de Verdenet. Eram bonitos, claro, mas nada de muito inovador; histórias que já tinha ouvido mil vezes. Exceto um, embora não me tenha apercebido na altura.

» Nesse dia, tinha passado muitas horas de joelhos, a rezar pela cura das feridas do meu pai e pela nossa salvação da fome e dos assassinos, quando a Senhora pôs uma imagem distinta na

minha mente: era um mural que nunca tinha visto. Durante três dias, vasculhei o templo até o encontrar.

» A Senhora do Céu e o Pai Guzan estavam retratados no céu, a caminhar pelo que parecia ser um jardim flutuante, rodeado por montanhas altas e irregulares. O seu filho, Ashkar, estava no sopé das montanhas, onde inúmeras pessoas esperavam na fila. Uma a uma, aproximavam-se de Ashkar e eram mandadas embora, até que um grupo se apresentou, com uma chave. Ashkar inspecionou a chave, contando os emblemas de gelo, neve e vento que nela estavam estampados. Em seguida, inseriu a chave na montanha e, quando um túnel apareceu, ele permitiu que o grupo entrasse.

— Essas pessoas eram os Kalima? — perguntou o Iree.

— Parti do princípio de que seriam os escolhidos da Deusa, os poucos que provaram ser dignos de entrar no reino do Azul Eterno, e fiquei furiosa com a Senhora e o Pai por me conduzirem a algo tão inútil. Mas agora sei o que sou e o que significam aqueles símbolos no céu. A Senhora do Céu não nos resgatou do Planalto de Sawtooth naquela altura porque sabia que me encontrarias. Ela sabia que me ajudarias a salvar o meu pai e que me trarias até aqui. — A Ziva dá-me o braço e sou inundada por tuna sensação avassaladora de paz. Algo que só senti ao escrever no meu Livro de Murmúrios. Uma confiança calma. Uma tranquilidade absoluta. — A Senhora deu-me a chave e as respostas que nos salvariam a todos, incluindo a Ela.

O silêncio enche a sala. Não há uma palavra, nem verdenesa nem ashkariana, que seja suficientemente forte para descrever o aperto que sinto na minha garganta ou a leveza que está instalada no meu peito. A tremenda onda de gratidão e amor que sinto pela Senhora e pelo Pai. Por guiarem os nossos passos e por nos colocarem exatamente onde precisávamos de estar para nos encontrarmos. Para nos ajudarmos uns aos outros.

— Acredito em ti — declaro, mais num soluço do que por palavras.

O riso da Ziva é sublinhado pelas lágrimas. Olha para cima e abraça-me. Encostamo-nos à parede, o meu corpo trémulo toma-se incapaz de suportar o nosso peso. Rimos mais à medida que recuperamos o equilíbrio.

Não sei se os pastores acreditam nos Primeiros Deuses. Não tinham o hábito de falar comigo, e afirmar que havia deuses além do Rei Celeste era considerado heresia. Por isso, nunca mencionei a Senhora e o Pai e, fosse como fosse, a nossa missão nada tinha que ver com Eles. Mas as expressões nas suas caras não deixam dúvidas quanto à sua posição: a boca do Azamat está tão aberta que consigo ver o dente negro e podre na parte de trás; a Lalyne baixa-se lentamente até tocar no chão, com as mãos agarradas ao peito; o Iree e o Bultum, por outro lado, cruzam os braços e abanam a cabeça, irritando-se ainda mais quando olham para o outro lado da sala e percebem que estão ambos de acordo desta vez.

O Serik é o único cuja expressão é impossível de descortinar. Para de andar, e a sua raiva abranda ao ponto de já não me escorrer suor pela cara, mas o seu rosto está vazio.

— Podem deixar-nos a sós? — pergunto aos outros.

A Ziva, a Lalyne e o Azamat saem sem reclamar. O Bultum e o Iree também acabam por sair, mas só depois de insistirem em retomarmos a discussão. Finalmente, estamos só eu e o Serik, a olhar um para o outro, e ainda não sei se estamos do mesmo lado do campo de batalha ou em lados opostos.

Como ele parece incapaz de se mexer ou falar, atravesso o espaço e encosto-me à parede ao seu lado. O quarto é minúsculo — tem de ser, tendo em conta as paredes grossas que foram pensadas para isolar do frio — e cheira vagamente a sal e cedro.

Há bugigangas perfeitamente arrumadas em cima da cómoda: uma colher de prata, um frasco com pó e um pente de osso, como se o proprietário fizesse tenções de voltar.

— Diz qualquer coisa — suplico por fim.

— O que devo dizer a tudo *isto*? — replica, passando as mãos pelo cabelo. Faz-me lembrar tanto os nossos dias em Ikh Zuree que

não consigo deixar de rir. — De que te ris? Isto não tem graça. Tantas vidas...

— Não me estou a rir de ti, Serik. Não da maneira que pensas. Amo-te.

— Amas-me? E foi *este* o momento que escolheste para te declarar? Quando as ideias parecem ovos mexidos dentro da minha cabeça, e eu já não sei o que é verdade?

Agarro-lhe o pulso antes que ele recomece a andar de um lado para o outro e puxo-o para mim.

— *Isto* é verdade. Eu e tu. Vamos começar por aqui. — Toco-lhe ao de leve no nariz.

— A sério que me amas? — Um sorriso maroto abre-se no seu rosto sardento.

— Quantas vezes me vais obrigar a dizê-lo antes de o dizeres também?

— Sabes que te amo! Há anos que o digo.

— Mas não com essas palavras.

— Porque as palavras não são a única maneira. Nem são necessariamente a melhor maneira.

— Concordo. — Entrecruzo os nossos dedos e aninho a cabeça debaixo do seu queixo. Sentamo-nos em silêncio durante longos instantes, sentindo o bater do coração um do outro. — Porque é que a história da Ziva te perturbou tanto? — pergunto finalmente. O Serik deita-se na cama e enfia as mãos no cabelo.

— Não me perturbou. Mas é... muita coisa. Há uns meses, tinha a certeza de que os Primeiros Deuses me desprezavam. Ou que me tinham negligenciado — corrige, quando lhe lanço um olhar severo. Como posso aceitar que a Senhora e o Pai tenham planeado isto tudo? Que saibam onde vamos estar e do que vamos precisar, quando me negligenciaram e àquilo de que precisei durante 19 anos?

— Mais vale tarde do que nunca — digo, numa tentativa de aligeirar o ambiente. — Eles agem de acordo com o seu *timing*, não com o nosso. Talvez não fosses tão forte como és agora se não tivesses sofrido aqueles anos em Ikh Zuree. Isso tomou-te resistente. Ensinou-te a pôr em causa a autoridade e a nunca desistir. Talvez não pudesses ser o guerreiro de que Eles precisavam nessa altura.

— Talvez — murmura —, mas porque é que a Senhora e o Pai escolheram os nossos inimigos mais odiados para nos dar esta informação sobre o Kartok? Porquê forçarem-nos a colaborar com pessoas que nem sequer acreditam Neles? Não faz sentido.

— Talvez estejam preparados para perdoar Zemya? E talvez nos queiram dizer que temos de fazer o mesmo, que está na hora de pôr de lado estes velhos e amargos rancores e finalmente seguir em frente. A Ghoe caiu de joelhos quando atacaste, Serik. Nunca pensei ver tal coisa.

— Foi um truque, En.

Suspiro e sento-me na cama ao lado dele. É mais dura do que esperava, e levanto uma camada de pó da colcha. Espero que assente antes de falar.

— Ambos crescemos tanto nos últimos meses... A Ghoe também pode ter crescido. Foi aprisionada em Zemya. Nem imagino como isso pode mudar uma pessoa.

— A Ghoe também pode ter crescido? Estás a falar a sério? — O Serik inclina a cabeça para trás e geme. — O que ela está a fazer contigo é o que sempre fez. Dá-te a volta com promessas de amor, aceitação e grandeza e depois aproveita-se de ti e descarta-te. Por causa dela, passaste meses a desconfiar das pessoas que realmente se preocupam contigo. E agora, quando finalmente estás a reconstruir essa confiança, ela aparece para te voltar a privar dela. E tu queres deixar que isso aconteça. A Ghoe é tóxica, En. Sempre foi e sempre será. Caramba, ela apareceu com o príncipe zemyano!

— Mas eu senti a justeza da história da Ziva, que está em consonância com as afirmações da Ghoe sobre o Kartok.

— Tens a certeza de que não é só o teu coração a desejar algo que nunca existirá?

— Ou será o teu coração a recusar-se a aceitar algo que existe? — pergunto, encarando-o. — Podemos rezar à Senhora e ao Pai e pedir confirmação...

— Aqui e agora? — O Serik olha à volta, como se um quarto vazio e tranquilo não fosse o sítio ideal para rezar.

— Posso ensinar-te — sugiro, já a deslizar para o chão. — É simples. Não temos bonecas de oração, mas ajoelhas-te de frente para leste...

— Não, obrigado. — O Serik levanta-se abruptamente e avança para a porta.

— Como é que ainda tens dúvidas? — acuso, incapaz de impedir a minha voz de tremer. — Mesmo agora que tens um poder Kalima? Pensei...

— Só porque não vejo os deuses da mesma forma que tu, não significa que não preste culto à minha maneira.

— C-claro que não — gaguejo. Porque é que isso nunca me ocorreu? Só porque não o vejo a comunicar com os deuses, não significa que não o faça. — Como é que os vês?

Ele sopra o cabelo dos olhos.

— Não sei. Ainda estou a tentar perceber. Sei que há algo lá em cima, algo mais poderoso do que todos nós. Mas custa-me a acreditar que são seres físicos com quem posso ter uma conversa. Não quando me ignoraram durante tanto tempo. Parece-me hipócrita que se «importem» agora que precisam de mim. E eu não me sinto sincero a abrir-lhes o meu coração agora que consegui o que quero.

— Então, como prestas culto?

O rosto do Serik ruboriza-se e ele não consegue parar de mexer as mãos.

— É algo recente... Nem tenho a certeza...

— Por favor, Serik. Quero compreender.

Ele morde o lábio.

— Queimo coisas.

— Claro que isso seria espiritual para ti. — Rio-me e abano a cabeça.

— Não é como estás a pensar. Não faço explodir coisas. Quando fiquei frustrado nos primeiros dias após a saída das terras de pastagem, comecei a queimar entalhes numa carroça para assinalar os dias. Mas sempre que gravava um entalhe, sentia algo que não conseguia descrever. Não é uma voz a falar comigo. É mais como se me tirassem um peso de cima. Colocava os meus medos e queixumes no fogo, e eles eram queimados.

— Isso é... bonito, Serik. Queres mostrar-me?

Começa por assentir, mas depois hesita, numa expressão quase tímida.

— É estranho saber que estás aí sentada a observar-me.

— Vamos orar juntos, cada um à sua maneira. — Ajoelho-me, aperto as mãos e imagino que estou a segurar o corpo macio da minha boneca de oração. Pressiono a testa contra o chão e, depois de um minuto ou dois de silêncio, o cheiro a fumo toma conta do meu nariz.

Espreito. Não consigo evitar.

O Serik está diante da cómoda, de olhos fechados, a passar o dedo pela madeira de salgueiro polida. As marcas enegrecem imediatamente e, enquanto o fumo se apaga, o seu corpo balança para a frente, curvando-se à medida que o alívio toma conta de si. Quando se endireita, fica um pouco mais alto do que antes.

Fico tão envolvida no ritmo que perco a noção das palavras que saem dos meus lábios. Mas é inegável que somos dois instrumentos a tocar em harmonia, ainda mais bonitos e complementares devido às nossas diferenças.

Quando finalmente terminamos e ele me ajuda a levantar, não tenho de perguntar o que lhe disse o seu poder superior. Está queimado na superfície da cómoda — os dez emblemas dos Kalima que a Ziva descreveu. Símbolos que o Serik não tinha como conhecer.

— Incrível. — Passo os dedos pelos sulcos ainda quentes.

A mão do Serik pousa na minha e percorremos o emblema dos Fogueiros do Sol juntos.

— Apesar de permitir que a Ghoha e o príncipe avisem os Kalima, seria imprudente que fossem sozinhos.

Aceno em concordância.

— Podemos escoltá-los até ao ponto de encontro, mas não podemos deixar os Chotgorianos para trás... — Volto a ouvir as palavras que a Ghoha gritou ao príncipe: *Que importa Chotgor quando os próprios deuses estão em perigo?*

Devia ser importante para ela. Para todos nós. Os Kalima vão dar-nos ouvidos e considerar mais facilmente uma aliança se pelo menos uma parte dos Protetorados estiver presente e empenhada. Caso contrário, vamos parecer exatamente o que somos, um bando de pastores errantes e desalojados liderados por Enebish, a *Destruidora*, e dois guerreiros Kalima.

Mesmo que os Chotgorianos decidam que não se querem envolver, não podemos deixá-los à sua sorte. Não depois de os ver sofrer nas minas. Não quando estamos aqui. E não quando a Ghoha pode ajudar à sua libertação. Com a ajuda dela, não será tão perigoso.

O Serik olha para mim e o seu sorriso confirma que está a pensar a mesma coisa.

— A Ghoha não pode querer a nossa ajuda sem nos dar algo em troca — diz. — Como comandante dos guerreiros Kalima, deve saber que todos os tratados requerem cedências.

Capítulo 25

Ghoa

— Querem que faça *o quê?* — Rio com tanta força que inalo as especiarias espalhadas pelas prateleiras da despensa vazia onde nos «aprimosaram». Pimenta e canela em pó invadem as minhas narinas, o que é tão desagradável quanto soa, além de me provocar três espirros violentos. A Enebish e o Serik esperam que eu pare de arfar antes de falarem.

— Ajuda-nos a libertar os mineiros chotgorianos e permitiremos que vás ao encontro dos Kalima — repete o Serik, como se o problema fosse a minha audição.

— Vocês *permitem-me?* — digo, com uma gargalhada.

O Ivandar muda abruptamente de posição e empurra-me contra as prateleiras.

— Parece-me um pedido razoável.

— Mas não é — atiro. — Não temos tempo, e esses mineiros não nos vão ajudar a proteger os deuses.

— Vão, sim! — A Enebish desata numa dissertação fervorosa, mas eu já não a oiço. Os Chotgorianos não me vão ajudar a recuperar a minha posição. São apenas um empecilho. E não faço mais favores. A lista do Ivandar com as minhas ações «nobres» não me saiu da cabeça durante a maior parte do dia, cínica e provocadora.

Cravo as unhas imundas na coxa, afinando o meu raciocínio com a dor.

— Sabes que posso sair desta triste prisão quando quiser, não sabes?

A Enebish e o Serik cruzam os braços e encostam-se à porta. Como se isso me impedisse de passar por eles.

— Se consegues escapar tão facilmente, porque não o fizeste ainda? — indaga a Enebish.

Porque quero a glória de vos capturar a todos. Só que isso não é totalmente verdade. Quando vi a Enebish pela primeira vez, não estava a pensar em capturar ou aniquilar ninguém. Havia apenas aquela voz interior — aquela *sensação* — que me obrigou a ajoelhar e a não agir.

Mas obviamente que não vou admitir nada disso.

— Optei por ser comedida a bem de Ashkar — digo. — A nossa viagem será mais segura e mais rápida a coberto da escuridão.

— Queres que te ajude sem mais nem menos depois de tudo o que fizeste? — A Enebish bate com a mão na ombreira da porta.

O Ivandar salta. Eu não.

— Os teus deuses estão em perigo, e podes salvá-los — argumento, num tom de voz tão doce como o mel que está caído no chão. — Tu é que terás de viver com as consequências se optares por não os ajudar.

— Não somos idiotas ao ponto de te soltar — diz o Serik. — A única forma de ires ter com os Kalima é se colaborares connosco. Ajuda-nos a libertar os mineiros chotgorianos e nós levamos-te ao ponto de encontro.

— É exatamente disso que *não* preciso, de um desfile de rebeldes, pastores e escravos a anunciar a minha chegada aos Kalima.

— Atiro antes de me conseguir conter.

O Serik entra na despensa, inundando o espaço minúsculo com o seu calor insuportável.

— Porque é que não queres que os Kalima saibam que vais ter com eles?

Maldição.

— Não tem nada que ver com não querer que saibam que vou ter com eles — minto —, e tudo que ver com a necessidade de um contra-ataque rápido que nos permita ter a mínima hipótese de recuperar a nossa terra aos Zemyanos. O que será impossível com um grupo tão grande. Mas seria pedir muito que soubesses isso, visto que não tens uma mente estratégica para a guerra. Não és um

verdadeiro guerreiro Kalima. És apenas um monge com poderes que não sabe controlar.

O fogo rebenta na palma da mão do Serik e ele projeta-o para lá da minha cara.

— Posso demonstrar-te o meu controlo sempre que quiseres. Nunca me habituarei a *isto*.

O Ivandar dá-me uma cotovelada quando nos desviamos da onda de calor.

— É a nossa melhor opção. E os Chotgorianos também são o *teu* povo — atira. Como se eu precisasse de outro lembrete.

Pois sim, são o meu povo... tanto como o gato vadio debaixo de um alpendre é um animal de estimação. Mas eu resmungo e aceno. Não há outra maneira de sair desta despesa que não envolva a morte de centenas de pessoas. Algo que, para minha vergonha, já não consigo fazer. E talvez chegar com um grande grupo seja benéfico. Pelo menos, vai parecer impressionante... ao longe.

— Pois bem. Eu ajudo-te a libertar os mineiros. Mas será uma batalha interessante se *eles* forem os meus «guerreiros». — Faço um gesto de desdém que abarca a sala cheia de pastores. — Basicamente, vou lutar sozinha.

— É por isso que temos um plano diferente em mente — diz a Enebish.

Na manhã seguinte, marcho pelas ruas de Arisilon exatamente como fiz há cinco anos, com uma armadura de lamelas brilhante e um par de sabres presos às minhas costas. Até o meu objetivo é o mesmo: derrubar o atual governante e obter o controlo do povo.

A única diferença são os guerreiros atrás de mim.

Em vez dos Kalima, sou ladeada por um batalhão de pastores, embora os guardas imperiais não saibam disso graças à magia do Ivandar. Os seus trapos foram transformados em fardas azuis e douradas imaculadas. Os seus bastões e cajados parecem sabres e lanças. Marchamos ruidosamente pela rua, como se não tivéssemos

nada a temer e ninguém a quem responder, e projeto ar ártico para as barracas e tendas quando nos aproximamos do acampamento imperial. Para que não haja dúvidas sobre quem têm pela frente.

Vejo um grupo de guerreiros imperiais encostados a um celeiro a fumar cachimbos longos e curvos que expellem fumo roxo. Passam-nos entre si, enquanto conversam e riem, até que eu estendo uma placa de gelo semelhante às passadeiras intrincadas que cobrem o chão da sala do trono do Rei Celeste. Quando esta embate nas suas botas, eles calam-se de imediato.

O Temujin não é o único que sabe fazer uma entrada em grande.

— Então, é isto que acontece na minha ausência? — Franzo o sobrolho aos cinco guerreiros. Em seguida, com um movimento do pulso, estilhaço os cachimbos com o frio. O fumo cobre-lhes a cara e dois deles gritam quando os fragmentos lhes rasgam as faces.

— Comandante Ghoha! — gritam vários deles.

— Ouvimos dizer que foi capturada pelos Zemyanos — diz um, como se fosse um fantasma.

Avançam aos trambolhões, mas recuam logo a seguir. Intimidados. Aterrorizados.

Sempre me deleitei com momentos como estes, acreditando que a minha bravura se alimentava do pânico e do medo dos outros. Mas algo mudou na prisão do Kartok. Talvez fosse o facto de ter começado a rever-me no feiticeiro, de perceber que a sua zombaria e ameaças não me faziam respeitá-lo. Sou indómita por direito próprio, derrubei as paredes daquela prisão. Não foi a percepção de terceiros que me deu essa força.

— Obviamente, foi uma informação errada — digo, estendendo os braços e apontando para mim própria.

— O que aconteceu em Sagaan? Onde estão os restantes Kalima? O que se passa na frente de guerra? — As suas perguntas assolam-me como granizo. A sua falta de informação quase me faz ter pena deles — tão isolados aqui nas estepes, afastados do resto do continente —, mas sublinho a minha voz com gelo e lanço-lhes um olhar eivado de óbvio desdém.

— Porque partilharia qualquer informação com guerreiros preguiçosos e sem magia? — O insulto sai facilmente, naturalmente, só que agora *sinto* quando sai da minha língua, ou melhor, sinto o amargo de boca que deixa para trás.

Todos baixam os olhos, compungidos.

— Tem razão. Não nos deve satisfações.

— Perdão.

— A sua presença é uma honra para nós.

Em vez de me inflarem o ego como uma brisa gelada, as suas palavras — e todo este fingimento — parecem-me cansativas. De certa forma, indignas de mim.

És melhor do que isto.

Olho para o Ivandar. Desta vez, não o disse em voz alta, mas sinto que ele sabe que é algo que me assombra.

— Eu não me *sinto* honrada. Isto é pior do que as terras de pastagem. — Aponto para os cachimbos partidos e para a fuligem a seus pés. — E desde quando é que os guerreiros imperiais ficam parados a mandriar? Vocês são uma vergonha.

— Estamos na nossa pausa. J-já terminámos os turnos — gagueja um deles.

— E não terão novos turnos — respondo friamente.

Eles recuam, abanando a cabeça freneticamente, como se os fosse expulsar do exército com uma dispensa desonrosa. Ou matá-los.

Apesar de eu raramente ter matado alguém por uma ofensa tão pequena.

— Este batalhão veio substituir-vos — continuo. — O vosso regimento foi chamado a Sagaan para ajudar na luta contra os invasores Zemyanos. Vão chamar os vossos camaradas, voltem para as camaratas e arrumem as vossas coisas imediatamente. — Explico as ordens ao pormenor enquanto se preparam para partir. Eles olham para mim, mais pálidos do que a neve que se amontoa nos

telhados. — Estão aqui há tanto tempo que os vossos ouvidos congelaram? *Vão!* Têm uma hora para se prepararem para partir.

— Uma hora? — guincha um deles.

— Vamos morrer se atravessarmos as pradarias agora.

— Nós conseguimos chegar aqui. — Aceno para os pastores disfarçados atrás de mim.

— Por favor, comandante. Não precisa de nos castigar. Cumprimos o nosso dever. Os mineiros chotgorianos não sabem nada sobre o Rei Celeste ou sobre Sagaan...

— *Eu* é que decido se cumpriram ou não o vosso dever. — Com um gesto, projeto lanças de gelo brilhantes a partir das derivas de neve em direção aos guerreiros ineptos. O gelo não é muito afiado nem tão-pouco veloz, mas os soldados fogem na direção dos outros anexos, gritando em terror absoluto.

Assim que desaparecem, exalo um longo suspiro e apoio-me à parede por causa da qual os recriminei.

Ser eu própria nunca foi tão cansativo.

— Não me digas que já estás cansada, ó grande comandante — troça o Serik do seu posto nas fileiras. — Estás apenas a começar.

— Tratas mesmo as pessoas assim? — pergunta o Ivandar em surdina.

A Enebish ri-se.

— Aquilo foi a Ghoha a ser simpática...

— Faço o que a minha posição exige — resmungo. — Não tenho alternativa. — Mas a minha voz desvanece-se. Porque tenho alternativa. — Chega de conversa fiada — expludo. — Vocês é que quiseram que fosse vossa comandante. Alinhem e estejam calados.

Conduzo o meu batalhão de «guerreiros» para o centro do acampamento, onde vemos os verdadeiros guerreiros imperiais a agitarem-se entre camaratas, recolhendo os seus pertences e mantimentos. Com intervalos de segundos, lançam-me olhares ansiosos, aos quais respondo com desaprovação.

— A ideia é estarem sempre preparados para marchar a qualquer momento! — grito. — Como seria se os Zemyanos tivessem chegado antes de mim? Estariam mortos. Teríamos cedido ainda mais terreno ao inimigo. *Despachem-se!*

— Temos de arrumar as coisas em turnos. — Um guerreiro ofegante aponta para as minas. — Para mantermos os mineiros sob controlo.

— Para que achas que serve este batalhão? — Lanço um olhar furtivo à Enebish e faço sinal para avançarem. Ela inicia a marcha, mas o Serik agarra-a pelo braço e olha para mim como se não fosse cooperar, apesar de aquela farsa ter sido ideia dele.

Ele não pronuncia as palavras, nem tem de o fazer. Tenho-as tão presentes como se tivessem saído dos seus lábios: *ela pode trair-nos*.

Esse mesmo pensamento tem andado às voltas na minha cabeça como um lobo a rondar a presa. Seria tão fácil traí-los. Assim que entrassem nas minas para «libertar» os Chotgorianos, eu podia juntar-me aos guerreiros imperiais. Contar-lhes tudo. E eles ajudar-me-iam a prender os rebeldes juntamente com os mineiros. Podia avançar para o reduto dos Kalima ladeada por soldados a sério, em vez de pastores.

A Enebish perscruta-me. Os seus olhos escuros procuram os meus, desesperados, suplicantes.

Devolvo-lhe o olhar, a minha expressão congelada numa máscara vazia, sem revelar nada por não haver nada para revelar... não para já.

Após um longo segundo, a Enebish avança em direção às minas e os outros seguem-na, marchando em filas indianas rápidas, conforme o combinado. Alguns minutos depois, grupos de soldados verdadeiros entram no acampamento vindos das minas. Cruzo os braços e contemplo-os a arrumar os seus pertences, afadigados.

Fria. Distante. Sem um pinga de compaixão.

Mas por dentro, sou assolada por outra onda de exaustão.

— O que significa isto, comandante? — Um guerreiro veterano e grisalho avança na minha direção, lívido. Devia saber o seu nome, já que é um dos generais sem magia de mais alta patente, mas nunca me dei ao trabalho de o decorar. — Não nos pode *atirar* para a tundra em pleno inverno!

A azáfama dos soldados abranda. Os pelos dos meus braços cobrem-se de uma fina camada de gelo quando os outros guerreiros se voltam para nós, aferindo a minha reação, como se nunca lhes tivesse passado pela cabeça pôr uma ordem minha em causa.

Uma parte de mim quer reagir como teria feito há uns meses — deixar o gelo consumir o meu cabelo e cair-me pelos braços até às pontas dos dedos; criar um punhal, encostá-lo à garganta dele e perguntar-lhe num sussurro ameaçador se tem a certeza que quer seguir por este caminho. Mas mostro os dentes naquilo que espero que pareça um sorriso e digo:

— Não vos vou *atirar* para a tundra. A tua defesa de Arisilon foi tão impressionante que percebemos que precisamos da força dos teus batalhões na capital. Precisamos da tua liderança e experiência. Sei que a viagem não será fácil, mas tenho toda a confiança nas capacidades dos teus guerreiros.

O homem franze ainda mais a testa, tentando esconder o sorriso que assoma aos seus lábios, mas este já se estendeu aos seus olhos.

— Não esperava vê-la aqui, comandante. Correm rumores...

— Sabes bem que não debes acreditar em rumores — corto.

— Presumo que nos vá levar de volta — quer saber.

Conta-lhe tudo. Esta é a tua oportunidade.

Mas as palavras não saem. Não sairão. Os meus lábios abrem-se, mas a minha mente é lenta, quase como se estivesse congelada. O rendilhado da geada tolda-me a visão.

Segue o plano. Feitas as contas, é o melhor para ti.

Por mais improvável que pareça, decido confiar em mim e nos meus instintos. São a única coisa que não me abandonou ou traiu.

— Presumes mal — respondo por fim. — Ainda não vou regressar a Sagaan.

Estas palavras devolvem o franzido ao sobrolho do velho.

— Para onde vai? Se a capital está em perigo, não devia...?

— Fazer tudo ao meu alcance para a defender. Garanto-te que sim. Na ausência do Rei Celeste, vejo-me obrigada a coordenar os muitos braços da guerra. Vou onde sou necessária que, de momento, é em todo o lado. Se não quiseses aceitar esta honra e promoção, encontrarei outro general mais leal a Ashkar. O general Akiba já estaria a meio caminho das estepes.

O general Akiba é o único general sem magia de cujo nome me lembro, e só porque é um idiota. Sempre alegre e a sorrir, como se estivesse a liderar um grupo de dança em vez de um batalhão de guerreiros. A ideia de que alguém como o Akiba pudesse ser mais competente e dedicado a Ashkar avilta tanto este guerreiro grisalho quanto eu esperava que fizesse.

— Estaremos preparados para marchar daqui a 10 minutos — vocifera.

Dez minutos para mudar de ideias. Dez minutos para entrar nas minas e avaliar a força e o número dos Chotgorianos. São mais do que estes guerreiros imperiais. A Enebish tinha razão quanto a isso. Só não sei quantos mineiros e pastores são precisos para igualar um guerreiro treinado. Em que ponto penderia a balança para o seu lado? Não vou travar uma batalha que sei que não posso vencer.

Aceno ao general e levanto o punho para fazer a saudação dos Kalima.

— Pelo Rei Celeste.

— Pelo Rei Celeste — repete, batendo com a mão no peito.

As minas estão silenciosas como nunca as vi. Em vez da marcha lenta e pesada dos mineiros chotgorianos — vergados sob o peso das suas cargas como se fossem o deslizamento de terra mais lento do mundo — vejo apenas um punhado de gente. Dirigem-se

para o poço, onde presumo que a Enebish e os outros tenham assumido os seus «postos».

Escondo-me atrás da refinaria e esfrego a fuligem e o pó laranja no cabelo, rosto e peito para passar despercebida. Para ver o que os meus «novos aliados» dizem sobre mim quando pensam que não estou presente. E assim posso fugir para me juntar aos guerreiros imperiais, se for essa a melhor opção.

A mina parece uma arena: degraus rudimentares de terra vermelha e rocha afunilam em direção a um eixo central sem fundo. Como um alvo afundado, do tamanho de um campo de batalha. Fico na fila atrás dos mineiros. O ar toma-se mais frio e húmido e a luz fica mais fraca à medida que descemos. A Enebish e a sua pequena Fiadeira devem estar a adorar isto.

A mina está duas vezes mais extensa do que da última vez que a visitei, e os mineiros estão duas vezes mais lentos. Demoramos uma eternidade a descer um lanço de escadas. É tempo suficiente para não ter opção senão olhar para as pessoas à minha frente, de costas curvadas e vergadas, braços e pernas manchados de hematomas. Uma rapariga que não será muito mais velha do que a Enebish quando a salvei em Verdenet arrasta um pé mutilado atrás de si. Ela mal consegue andar, mas não deixa de ter correias de couro usadas para puxar pedras atadas à volta do seu corpo magro.

Tento convencer-me de que é o seu contributo para o Império Unificado. Todos temos de nos sacrificar. Se tivessem colaborado quando propusemos uma aliança, as coisas não teriam chegado a este ponto. Mas agora estas explicações racionais gelam-me o corpo — e não no bom sentido. A voz irritante do príncipe zemyano não para de sussurrar ao meu ouvido, dizendo-me que os Chotgorianos seriam sempre obrigados a fazer aquilo, com ou sem resistência.

Não interessa. Não estão em condições de retaliar. Nem mesmo se superarem em dez para um o número de guerreiros imperiais. Decido voltar. Já vi o que queria ver.

Antes sequer de me poder virar, a voz da Enebish ecoa das profundezas do poço. Não quero ouvir o que diz, mas não tenho escolha. É como uma farpa que não conseguimos deixar de escarafunchar, mesmo sabendo que só estamos a enterrá-la mais. Como é possível que pareça sempre tão nobre e fervorosa? Sinceramente, causa-me arrepios de irritação e inveja. Ela sempre conseguiu atrair toda a gente com a sua seriedade. Sempre a seguiram com prazer. Nunca teve de recorrer a ameaças, coação e terror para ser respeitada, por isso não sabe como é difícil para nós. Para aqueles que sempre foram considerados implacáveis e desapiedados só porque correm atrás dos seus objetivos. Só porque são ambiciosos.

— Podem confiar em nós — continua, com a voz cheia de certeza e esperança. — Somos cidadãos do império que foram usados e explorados como vocês. Viemos libertar-vos das minas e do jugo de Ashkar. Só temos de esperar que os verdadeiros guerreiros saiam de Chotgor.

— Poupa-nos às tuas mentiras. Nunca seremos livres!

— O Rei Celeste está morto. Sagaan caiu! — A voz do Serik junta-se à da Enebish. — Não há mais nada que vos mantenha aqui.

As vozes ecoam pelo poço e não percebo a maioria delas. Chotgor foi o último território a juntar-se ao Império Unificado, por isso os seus habitantes são os que menos dominam o ashkariano, mas uma boa parte compreende a língua. A julgar pelo seu tom, não parecem convencidos com as alegações da Enebish e do Serik.

Rio-me. Foram estúpidos ao pensar que os Chotgorianos largariam as suas ferramentas e derramariam lágrimas de alívio entre juras de fidelidade.

Mas logo a seguir ouço suspiros que soam como trompas de batalha e até mesmo alguns gritos de choque, não de medo. E sei de imediato o que está a acontecer. O Ivandar está a despi-los dos seus disfarces imperiais e a revelar os verdadeiros rostos dos pastores.

Alcanço o nível mais baixo da mina a tempo de ouvir o fim do discurso da Enebish.

— Podem sair das minas e regressar às vossas casas. Ou podem juntar-se à nossa luta. Vamos para norte, para o ponto de encontro dos Kalima, para avisarmos os Primeiros Deuses da ameaça zemyana. E depois continuaremos...

— A ameaça não é de Zemya! — O Ivandar dá um passo em frente. — É do general supremo Kartok, que não representa todo o nosso país. A maioria de nós quer o que vocês querem, que é recuperar a nossa terra e as nossas vidas. Podemos trabalhar juntos, usei a minha magia zemyana para vos libertar. Vamos libertar o resto do continente juntos!

Os gritos e as lágrimas de agrado com aquelas palavras começam gradualmente, mas depressa se tomam tão ensurdecedores como os bramidos do Varren. Todos se abraçam, beijam e dão graças aos Primeiros Deuses.

Eu podia escapar facilmente. Correr até à superfície e informar os guerreiros imperiais. Acabar com aquele disparate. Em vez disso, escondo-me nas sombras e encosto-me à parede, com as mãos sobre o peito onde bate o meu coração descompassado. Não consigo desviar os olhos dos festejos daquele grupo de pessoas que nunca deveria ter juntado forças, mas que o fez, e que sei agora que nunca seria capaz de trair. Mesmo que fosse do meu interesse.

Não sei o que diz isso sobre a minha lealdade.

Ou o meu coração.

Capítulo 26

Enebish

A Ghoe fez exatamente o que disse que faria. Ordenou aos guerreiros imperiais que marchassem para a tundra, e não sei quem ficou mais chocada: eu, o Serik ou a própria Ghoe.

Vi-a no meio da multidão, a assistir ao meu discurso. O seu rosto estava pálido, apesar de ela ter tentado camuflar-se, cobrindo-o de terra. Tinha o maxilar rígido e os olhos semicerrados e, por um instante, pensei o pior, que os guerreiros imperiais apareceriam atrás dela e caíram em cima de nós. Mas então ela encostou-se à parede, como uma bolsa presa por um fio.

Deixou-me acabar de falar. Assistiu, de expressão vazia, aos festejos dos mineiros chotgorianos. E agora está estranhamente silenciosa enquanto ajudamos os mineiros jubilosos e lacrimejantes a sair das minas. Chega a transportar umas quantas picaretas e não dá uma única ordem enquanto segue no meio do grupo.

Ela faz sempre questão de liderar. *Sempre.*

— Isto não me agrada — diz o Serik ao meu ouvido. — Não está certo. Olha para ela. — Acena para a Ghoe, que vai uns bons 20 passos à nossa frente. A cara e o cabelo estão tão cheios de terra vermelha-alaranjada que parece que andou a rebolar nela. Ou então que se sujou de propósito.

— Talvez esteja a tentar enquadrar-se. Talvez não queira assustar ou intimidar os mineiros e dificultar a nossa tarefa — digo.

O Serik franze imediatamente o sobrolho, incrédulo.

— Há anos que a Ghoe sabe do sofrimento desta gente. É óbvio que não se rala minimamente se os transtorna ou não. E intimidar as pessoas é o seu principal objetivo na vida.

— Eu sei, mas ela passou por muita coisa nestes últimos meses... — começo por dizer.

— Nenhuma tortura seria capaz de mudar a sua natureza — corta o Serik. — O egoísmo é aquilo que define a natureza dela. Mordo o lábio e dou vários passos em silêncio.

— Mas eu sei o que custa... fazemos os possíveis para nos livrarmos do passado e termos toda a gente a escarnecer do nosso esforço e a dizer que é impossível.

— Mas há uma diferença *minúscula entre* ti e a Ghoe: *tu* nunca fizeste nenhuma das coisas que te levaram à prisão. Foi a Ghoe. E ela atirou as culpas para cima de ti. Tu devias duvidar dela e desprezá-la mais do que ninguém.

— Eu sei — murmuro novamente, pontapeando uma pedra. — Parece-me errado sermos tão críticos quando ela cumpriu a sua parte do acordo.

O Serik olha para as costas da prima e range os dentes quando vê o príncipe zemyano a aproximar-se dela.

— Ou *talvez* ela tenha segundas intenções e nós estejamos a ajudá-la.

— O que teria ela a ganhar ao acolher mais um bando de pessoas fracas e traumatizadas? Ou ao ajudar o príncipe zemyano a alertar os Primeiros Deuses? Nada disso a beneficia.

— *Tudo* a beneficia. — O Serik para e agarra-me pelos ombros, suscitando olhares curiosos por parte dos mineiros chotgorianos que passam por nós. — Todas as suas escolhas visam beneficiá-la e a mais ninguém. Nunca te esqueças disso. Ela quer que ponhas em causa, duvides e tenhas *esperança*. Apenas o suficiente para manter o teu interesse, de modo a poder usar-te e aproveitar-se de ti.

A Ziva aparece do nada, como agora é seu hábito. A minha pequena sombra. Segue em direção à Ghoe e ao Ivandar e alcança uma faixa de escuridão.

— Posso ir até lá ouvir a conversa deles, se quiserem.

— Sim — insiste o Serik.

Mas eu ergo uma mão e interrompo o controle que a Ziva tem sobre as trevas.

— Ainda não. — O Serik pode pensar que a Ghoha não mudou, mas há algo na sua expressão e no seu comportamento que me parecem muito familiares.

Só quando chegamos à superfície e ficamos à mercê do vento gélido e os pastores retomam os seus gemidos é que percebo que a Ghoha me faz lembrar de mim mesma. Quando cheguei às pastagens de inverno às portas de Sagaan, o dia em que comecei a pensar se tudo aquilo que defendi e por que lutei não passara de uma mentira.

A temperatura cai a pique com o pôr do sol. Quando a lua surge no céu, os tentáculos da noite estão sossegados como nunca os vi. Enterrados no gelo. Só com a ajuda de todos os Fogueiros do Sol conseguiríamos tomar as condições minimamente confortáveis, e a verdade é que ainda não chegámos ao nosso destino, que fica mais a norte, longe do aconchego da cidade.

Felizmente, os Chotgorianos estão muito mais preparados para suportar o frio. Assaltam as camaratas imperiais — ou reclamam o que é seu, melhor dizendo, visto que o império é que usurpou as instalações. Os edifícios e todo o seu recheio sempre lhes pertenceram. Metodicamente, distribuem casacos, chapéus e mantos e carregam cobertas, peles e sacos de bacalhau e carne de foca secos numa caravana de trenós que estavam guardados num celeiro próximo.

Todos ajudamos, até a Ghoha, e à medida que os mantimentos vão diminuindo, o buraco que tenho no estômago ameaça devorar-me. E se não restar nada para nós? Os Chotgorianos podem estar gratos pela sua liberdade, mas demasiado exaustos para nos ajudarem. Bem sei que lhes disse que não tinham obrigação de se juntar à nossa causa, mas obviamente que não era a sério.

Assim que todos os trenós estão carregados, sete mulheres avançam para a frente da caravana. Na sua maioria são mulheres

grisalhas e de idade avançada, mas duas são altas e de ombros largos, com cabelo acobreado até à cintura e rostos que denotam uma idade semelhante à minha.

São as sete chefes dos clãs Chotgorianos, e apesar de estarem tão sujas e abatidas como os restantes mineiros, reconheço-as num instante graças aos adornos de prata que trazem ao pescoço. Recebem-nos quando se tomam chefes e adquirem outros adornos quando praticam atos heroicos.

A mulher mais idosa, cujo pescoço está coberto de prata, levanta as mãos e murmura na sua língua melodiosa. Uma das chefes mais jovens interpreta:

— Prestaram-nos um serviço extraordinário. Como prova da nossa gratidão, queremos oferecer-vos um trenó carregado de provisões, mas nós temos de ficar aqui e reconstruir... — A rapariga para de traduzir e dirige-se à chefe mais idosa.

A chefe mais idosa abana a cabeça de forma resoluta, como se quisesse pôr fim à discussão. O meu coração cai num abismo ainda mais profundo do que as minas.

Quando saímos de Sagaan, tinha tanta certeza de que os outros Protetorados se juntariam à nossa causa. Nunca me ocorreu que convencer as pessoas a lutar pela sua liberdade fosse ainda mais difícil do que atravessar o continente com os pastores.

No entanto, aqui estamos nós. Prestes a ser rejeitados. Outra vez.

O Serik muda de posição, desconfortável, e o meu flanco arde como se estivesse perto de uma chama viva. A Ziva continua a lançar-me olhares preocupados, como se eu tivesse artes de os fazer mudar de ideias.

Só me apetece deitar-me na estrada e ser soterrada pela neve, mas inclino a cabeça para trás e envio uma oração exausta para os céus.

Antes mesmo de ter proferido duas palavras, a outra jovem chefe dá um passo em frente, entrelaça o braço no da primeira e diz algo à matriarca, de forma respeitosa, mas decidida. Enquanto

falam, as outras chefes juntam-se a elas, e os membros dos clãs posicionam-se atrás das respectivas chefes.

Sinto que não respiro há mais de um minuto. O Serik procura a minha mão e os nossos dedos entrelaçam-se com força.

Por fim, a matriarca fica sozinha de um lado da estrada com um terço dos Chotgorianos a rodeá-la. As outras chefes estão posicionadas no lado oposto da estrada, com as suas gentes a preencher o espaço atrás de si. A matriarca acena com as mãos rugosas.

A nossa apoiante original vira-se para nós com um sorriso.

— Os doentes e idosos, assim como os seus cuidadores, ficarão para trás para recuperarem e tratarem da reconstrução. Os restantes vão juntar-se a vocês na vossa demanda para salvar os Primeiros Deuses e libertar os territórios. Não voltaremos a ser escravizados.

A chefe mais idosa não parece nada contente, mas dobro-me pela cintura na vénia que lhe faço e murmuro um sincero agradecimento. Porque é a promessa que esperávamos ouvir desde o início da nossa viagem, quando deixámos as terras de pastagem de inverno em busca de aliados. O nosso percurso teve mais buracos e colinas do que extensões planas de caminho fácil, mas conseguimos chegar aqui. Decerto está na altura de apanharmos uma descida.

Entre pastores e Chotgorianos, o nosso grupo é composto por vários milhares de elementos. Podemos não ser os mais temíveis ou os mais pródigos nas artes bélicas, mas há guerreiros dos nossos países na linha da frente que o são. Cidadãos dos Protetorados que o Rei Celeste arrancou das suas casas e obrigou a servir.

Quando souberem da união e da revolta, desertarão para o nosso lado. Esperemos que os Kalima também nos ajudem, assim que perceberem que o Kartok está a tentar despojá-los dos seus poderes. Temos de nos unir todos contra o general zemyano ou podemos não ter um continente pelo qual lutar.

— Estão a desperdiçar o vosso tempo e energia! — grita o Temujin enquanto vários Chotgorianos o atiram para a parte de trás

de um trenó. Ainda está amarrado e, aparentemente, a precisar de uma mordalha. — Não precisam de temer o Kartok. Ele nunca colocaria o continente em perigo. Está empenhado na justiça e igualdade para todos.

Surpreendentemente, a Ghoe é a primeira a responder. A cada nova carga de mantimentos que transporta das camaratas para os trenós, a sua coluna toma-se mais direita, a sua expressão mais resoluta, passando de perplexidade a determinação. Inclina-se sobre a lateral do trenó e projeta um sopro gelado na cara do Temujin.

— Diz-me, desertor, se o Kartok é um aliado assim tão dedicado, porque não te veio buscar?

Os olhos de tigre do Temujin brilham de ódio.

— Sabes que não é assim tão simples. Estamos em guerra. Ele virá quando puder.

— Então, és dispensável?

— Não! Não foi isso...

— Qual é a sensação de saber que foste enganado? Derrotado no teu próprio jogo?

Um sorriso toma conta do meu rosto ao ver o Temujin a contorcer-se. Tinha-me esquecido de como a franqueza implacável da Ghoe pode ser um bálsamo quando ela está do *nosso* lado e não contra nós.

Ela apanha-me a observá-la e, por um instante, ambas sorrimos. Chegamos quase a rir. Mas logo a seguir abanamos a cabeça e desviamos o olhar.

O ódio que partilhamos pelo Temujin não faz de nós aliadas. Mas à medida que a nossa caravana cada vez maior atravessa a tundra em direção ao ponto de encontro dos Kalima, não consigo esquecer aquele momento. Aquele olhar. Foi como recuar no tempo. Sei que as miúdas que fomos e que se riam e conspiravam assim desapareceram há muito. Contudo, por um segundo, quase tive saudades delas.

O Serik lança-me um olhar severo. *Não te deixes enganar por ela.* Reviro os olhos e afasto-me para visitar a *Orbai*, que continua encerrada numa jaula na parte de trás do trenó mais próximo.

— O que tens a dizer sobre isto? — pergunto-lhe.

Ela bate as asas douradas contra mim e tenta atacar-me com as garras, apesar de eu não ter colocado sequer o dedo nas barras.

Suspiro e afasto-me para lhe dar espaço, embora me mantenha ao lado do trenó. Ela sabe que não se vai livrar de mim tão facilmente. Nunca vou desistir de tentar reverter o domínio do Kartok.

Sem mais o que fazer, observo a caravana, ainda perplexa com a união dos pastores e dos Chotgorianos. Inevitavelmente, o meu olhar volta a resvalar para a Ghoha, que segue ao lado do príncipe zemyano. A sua presença e o facto de não terem feito nada que pudesse ser considerado suspeito são aquilo que mais me espanta. Eles chegam a fazer turnos a puxar os trenós pesados, e pode bem ser da ventania inclemente que começa a afetar-me, mas juro que a neve fica cada vez mais firme à medida que avançamos. Os trenós parecem deslizar mais depressa e as minhas botas não afundam tanto na neve.

Estás a imaginar coisas. A Ghoha nunca faria mais do que o mínimo exigível. E tu estás muito além disso.

Mas a neve está indiscutivelmente mais densa. Quando começo a ficar farta de especular, aproximo-me da Ghoha a coxear.

— Isto é obra tua? — Estremeço ao perceber o meu tom ríspido e acusatório. Há muito tempo que não falo com a Ghoha sem lhe lançar farpas e acusações.

— Isto, o quê? — diz ela, sem olhar para mim. Parece muito diferente sem o seu rabo de cavalo elegante, a armadura brilhante e os sabres a chocalhar atrás dela.

— Sabes bem o *quê* — insisto.

— Não, não sei.

Aponto para a neve escorregadia debaixo de nós.

— O chão está significativamente mais duro do que antes.

— Provavelmente porque estamos a viajar para *norte*. Onde faz mais frio. — Apesar do tom cortante da voz, há um brilho travesso a bailar-lhe no olhar.

Ou estou a imaginar coisas?

— Não nos estás a ajudar congelando a terra? — indago.

— Porque faria tal coisa?

Não é uma resposta, mas ela espera que a interprete como tal.

— Lembras-te de teres congelado o rio Amereti quando regressámos a Sagaan após a tomada de Chotgor? Nesse dia, toda a cidade festejou no gelo e não no complexo real. Houve patinagem, corridas e sobremesas geladas.

O Ivandar sorri.

— Que bonito.

Quase me tinha esquecido de que o príncipe estava a acompanhar a Ghoe. Ela dá-lhe um encontrão e semicerra-me os olhos.

— Claro que me lembro... mas não vejo qual seja a relevância agora.

Encolho os ombros e digo:

— Porventura, nenhuma. — Ciente de que a Ghoe vai ouvir: *Porventura, toda. Na altura, também não tinhas motivos para fazer algo simpático pelas pessoas comuns. Mas fizeste.*

— Lembras-te de quando te incriminei pelo sucedido em Nariin? — devolve, com a força de um tiro de canhão. — Ou de quando estava disposta a executar-te ao lado do Temujin?

Fá-lo para me desestabilizar, para recuperar a ofensiva. Mas eu não mordo o isco.

— Mas não o fizeste.

— Foi uma fraqueza momentânea.

— Atualmente, parece que esses «momentos» se repetem amiúde... Tens pena de príncipes zemyanos, salvas deuses em que

não acreditas, trais os teus próprios guerreiros para libertares pessoas que escravizaste.

— Porque é que todos insistem em recordar-me as minhas más escolhas? — rosna ela, e agora não há como negar que o chão está mais duro. — Acredita, se tivesse alternativas, teria feito as coisas de maneira diferente.

— Porque decidiste vir? Porquê salvar os Primeiros Deuses?

É isso que não entendo — pressiono.

— Já te disse. Não tenho interesse em ser despojada do meu poder.

— Mas tu sempre acreditaste que o poder nasce dentro de nós... A eliminação dos Primeiros Deuses não deve ter influência nisso, certo?

— Já não sei no que acredito. É isso que queres que diga? — retruca, fazendo com que os pastores e Chotgorianos mais próximos se virem para ela.

Passa os dedos pelas pontas irregulares do cabelo curto, angustiada como nunca a vi. Como se a batalha mais cansativa da sua vida estivesse a ser travada dentro da sua cabeça e, de alguma forma, ela estivesse a perder, apesar de comandar os dois lados.

— Quero que digas a verdade. Não o que pensas que quero ouvir — digo, quando já todos desviaram o olhar.

— Pois bem, acho que estou a perder o juízo. *Estás contente?*

— Talvez um pouco. Não estou habituada a ver-te assim tão desorientada.

— E eu não estou habituada a ver-te tão segura. Mas sempre quiseste ser líder, certo? — atira, aludindo às minhas ambições do tempo em que me acusou de lhe ter tentado roubar o cargo de comandante, apesar de este ainda não ser seu.

Rio-me — longas risadas amargas que me fazem doer a barriga. Aquela discussão parece ter sido há tanto tempo.

— Só desejei ser líder até descobrir que era tão cansativo e desgastante. Se pudesse voltar atrás, faria muitas coisas de forma diferente.

A Ghoa estende a palma da mão e apanha os pequenos flocos de neve que descrevem espirais ao cair das nuvens baixas, e olha para eles com indignação. Presumo que isto signifique que já não quer falar mais comigo, por isso fico surpreendida ao ouvi-la dizer:

— Eu também. — Não é um pedido de desculpas, e não espero um. Nem o aceitaria. Aconteceram demasiadas coisas para ser possível colmatar a fenda que se estabeleceu entre nós. Mas essa fenda também não tem de ser preenchida com ódio. — Porque fechaste a tua águia naquela jaula? — A Ghoa acena para a *Orbai*, que está a guinchar e a bater as asas como sempre. — É evidente que isso não lhe agrada.

Sinto novas pontadas de dor no peito.

— É a única maneira de a manter aqui — admito.

— Uma zanga entre amigas? — provoca, o que lhe vale um olhar reprovador do Ivandar.

Acho que nunca me vou habituar ao facto de o príncipe zemyano estar aqui connosco. Sempre que fala, ouço o Kartok na sua voz. Quando ele tira a camisa, tremo ante a alvura do seu tronco. Mas a verdade é que tem os seus préstimos. Por estranho que pareça, as suas advertências e admoestações parecem surtir efeito junto da Ghoa.

— A *Orbai* está a passar por uma fase difícil — murmuro.

— Talvez seja mais inteligente do que pensei — diz a Ghoa, observando a minha águia. — Até ela consegue ver a insensatez da tua missão.

— Ir ao ponto de encontro dos Kalima é a *tua* missão — recordo. — E a *Orbai* não duvida de mim. Ela não tem alternativa.

— Porquê? — pergunta, de pé atrás.

Não lhe devo explicações, mas as palavras jorram da minha boca como um geiser.

— A *Orbai* teve de ser curada com Loridium no *xanav* do Kartok depois de quase a teres matado. Agora, está dominada pela magia dele — ligada a ele — até eu arranjar maneira de reverter o efeito da magia.

Não sei como esperava que a Ghoe reagisse — talvez com o mesmo desprezo e desdém de sempre — mas ela franze as sobrancelhas e leva a mão lentamente até à garganta.

Por fim, é o Ivandar que fala.

— Mas que raio é Loridium?

— Um remédio. O Kartok guarda-o num pequeno baú de cedro. É preto e verde e cheira a aço e a terra. Pensei que fosse uma magia *zemyana* vulgar...

O Ivandar abana a cabeça.

— Nunca vi ou ouvi falar de tal coisa.

Pelo que ouvi do seu relato, isso deve-se ao facto de ter sido deixado propositadamente às escuras. Antes de conseguir pensar numa forma simpática de lhe fazer ver isso, o trenó à nossa frente para, fazendo com que o trenó atrás desse colida com quem o conduzia. Uma série de colisões prolonga-se pela cauda da caravana, e ouço gritos de indignação atrás de nós. No entanto, são rapidamente abafados pelos gritos de quem vai à cabeça do grupo.

O Serik põe-se ao meu lado num piscar de olhos e ajuda-me a subir para o trenó mais próximo para me proporcionar uma vista melhor.

Desejei de imediato não ter visto aquilo.

Silhuetas a pontilhar o horizonte — um exército de sombras imponentes, enquadradas pela luz avermelhada do sol. Os pastores perguntam ingenuamente se são os Kalima, ansiosos para que aquele encontro marque o fim desta extenuante caminhada — que bom que seria. Mas mesmo à distância consigo perceber que são demasiados.

O que significa que devem ser os *Zemyanos*. Mas não os batalhões da frente de batalha, que nunca teriam chegado tão depressa.

Estes são os Zemyanos que invadiram Sagaan. Os que *eu* levei para Ashkar.

— Malditos céus ardentes — sussurra o Serik. — Porque viriam tão para norte? Eles não podiam saber que os Kalima estavam aqui. Ou mesmo nós. Pois não?

Os mesmos pensamentos de pânico rodopiam na minha cabeça. E são tão barulhentos que já nem consigo ouvir os pastores e os Chotgorianos a gritar.

Cerro os punhos e envolvo o nosso grupo com os tentáculos da escuridão, mesmo que provavelmente seja tarde demais.

— Foste tu que fizeste isto? — Olho para o Ivandar. — Era este o teu plano?

Ele abana a cara demasiado pálida.

— Não! Juro que não tive nada que ver com isto.

Dou um puxão firme às trevas para alertar a Ziva, que está a acompanhar as crianças. Logo a seguir, ela junta os seus esforços aos meus, engrossando as paredes da nossa defesa.

— O que fazemos? — murmura o Serik.

Sabíamos que teríamos de enfrentar o Kartok e os Zemyanos mais cedo ou mais tarde, mas esperava que fosse *depois* de avisarmos os Kalima sobre a ameaça aos Primeiros Deuses e de os convencermos a lutarem connosco. *Depois* de já termos o apoio dos três Protetorados. Não era suposto esta multidão de maltrapilhos entrar numa batalha. Podíamos tentar recuar, mas não temos para onde ir. Os soldados zemyanos alcançar-nos-iam facilmente.

— Mantenham-se firmes e preparem-se para os enfrentar — ordeno. — Agarrem em qualquer arma que encontrarem.

Os pastores lamentam-se. Os Chotgorianos trocam olhares sombrios. E o Serik acena com firmeza e levanta as mãos.

Só reparo que a Ghoa subiu ao trenó quando já está ao meu lado, com as mãos prontas para lutar. É apropriado tê-la à minha

direita e o Serik à minha esquerda. Vamos enfrentar juntos o nosso possível fim — tal como começámos.

Os Zemyanos aproximam-se, a marchar.

O meu sangue corre mais célere.

Deem-nos forças, imploro à Senhora e ao Pai.

Os soldados zemyanos são na sua maioria sombras, iluminados pelo pôr do sol, mas mesmo assim, devíamos ser capazes de ver a brancura ameaçadora da sua pele, os seus cabelos prateados. Não obstante, por mais que semicerre os olhos, continuo a ver apenas uma mancha castanha uniforme.

Porque é a realidade que eles querem que vejamos.

— Lança um frio avassalador que lhes arranque os disfarces — digo à Ghóa.

— Com muito gosto. — Ela flete os dedos, mas antes que o ar se encha de frio, ouve-se o som de uma trompa, um som cavo, inconfundível.

Uma trompa de kuzu. Usada apenas em Verdenet para convocar os soldados para a batalha. Sinto um arrepio percorrer todo o meu corpo quando a trompa soa novamente.

A Ziva deixa cair a escuridão. Os tentáculos deslizam também dos meus dedos, enquanto ela emerge da caravana a gritar o nome do rei Minoak.

Capítulo 27

Ghoa

Já nada me devia surpreender. Mas o universo ou os Primeiros Deuses ou qualquer força que esteja a comandar este continente achou apropriado virar o meu mundo do avesso.

Outra vez.

Olho, estupefacta, enquanto os reis de Verdenet e Namaag caminham na nossa direção, ladeados por dezenas de soldados namagaanos com fardas de um laranja vivo.

— Eles vieram — diz a Enebish numa voz trémula.

— Eles vieram! — O Serik grita e levanta os braços à sua maneira irritante. Depois disso, beija a face marcada da Enebish e levanta-a num abraço que quase os faz cair do trenó.

É exagerado e exasperante, mas a Enebish sorri para ele — as faces coradas, o olhar temo — e agarra-lhe na mão. Os sentimentos que nutrem um pelo outro têm sido óbvios desde que eram miúdos, e foi precisamente por isso que fiz questão de me meter entre eles. Não ia ficar de fora. Não quando fui eu que os juntei.

Mas já não existe uma nesga que seja entre eles, não porque me afastaram, mas porque eu os afastei.

Eu afasto toda a gente.

— O que se passa? — pergunta o Ivandar. — O que é isto?

— Significa que conseguimos! — exclama a Enebish. — Antes de irmos para Chotgor, tentámos convencer os Namagaanos a juntarem-se a nós contra o império e Zemya, mas houve um infeliz incidente com o Temujin e fomos expulsos dos pântanos.

— A culpa é *sempre* do Temujin — murmuro automaticamente, e os outros riem-se. O som é surpreendentemente satisfatório.

— Entre Chotgor, Namaag, os pastores e, espero, os Kalima — continua a Enebish —, vamos conseguir expulsar facilmente o

governador imperial de Verdenet. Podemos reclamar a nossa independência e unir-nos contra Zemya.

A Enebish ainda está agarrada ao Serik. Não consigo desviar o olhar das suas mãos unidas. Não consigo deixar de pensar como seria ter alguém ao meu lado nos momentos mais sombrios. Sobretudo se essa pessoa não estivesse presente por obrigação, mas sim por *escolha* própria. Porque *me* tivesse escolhido.

O Ivandar aclara a garganta desajeitadamente.

— Então, o teu plano poderá resultar se o Kartok não conseguir destruir os deuses...

O júbilo desaparece como o golpe veloz de um sabre a cortar o pescoço.

— Obrigado por isso — cospe o Serik. — Não podias deixarmos desfrutar este pequeno êxito?

— Não podemos perder de vista a maior ameaça — insiste o Ivandar. É um cenário tão estranho, termos o herdeiro zemyano a alertar-nos para a ameaça do seu próprio general supremo, que desato a rir. Todos olham para mim, mas não consigo parar. Parece que o permafrost e os glaciares por baixo dele estão a derreter sob os meus pés. O mundo inteiro está a deslizar, e eu não consigo manter-me de pé. — Acham que os reis concordarão em juntar-se a nós no ponto de encontro dos Kalima? — pergunta o Ivandar.

— Não terão alternativa. — A Enebish puxa o Serik na direção dos reis que avançam.

Quero correr na direção oposta. Expulsei pessoalmente estes homens dos seus tronos, explorei sistematicamente os seus países e agora eles estão a unir forças com pessoas que escravizei e abandonei conscientemente. Sou o inimigo comum. A única coisa que partilham entre si.

Faz-me lembrar uma piada que os guerreiros contam na frente de batalha: se não consegues identificar quem está a empestar o acampamento, és tu que estás a empestá-lo.

Eu sou o fedor. É algo que sempre soube, mas que me recusei a reconhecer. Porque o reconhecimento requer responsabilidade. E a responsabilidade requer mudança.

A Enebish olha para trás, e os seus olhos escuros piscam em sinal de alerta: *Não estragues isto. Não me faças arrepender de ter confiado em ti.*

Quero revirar os olhos. Ou virar costas, para provar que ela não manda em mim. Mas quanto mais a Enebish me fita, mais o punho que esmaga o meu peito aperta. Exalo um suspiro fatigado e sigo em frente.

O reencontro é exasperadamente enternecedor.

A pequena princesa verdenesa agarra-se a chorar à cintura do rei Minoak.

— Vieste, vieste, vieste, vieste. — Não se cansa de repetir. Nem tão-pouco consegue relaxar o forte abraço. Mas o que mais capta a minha atenção é a reação do rei: a ternura nos seus olhos e o orgulho que demonstra enquanto dá palmadinhas nas costas da filha.

É tudo tão dolorosamente familiar — também para mim os sorrisos e sussurros de incentivo nunca foram demais. Alimentaram a minha ambição. Será que os meus pais ficariam tão orgulhosos de mim por estabelecer a paz como ficaram com as minhas conquistas? Mereceria mais a reverência do povo de Ashkar por defendê-los em batalha ou por convocar um cessar-fogo?

Concentra-te, Ghoe. O branco começa a toldar a minha visão, chamando-me de volta à realidade. O latejar na minha cabeça recomeça, sublinhando uma reprimenda: *Não te esqueças dos Kalima, da tua vingança e renascimento. Nada mais importa.*

Mas se não importa, como explicar a inquietação nos meus dedos quando olho por acaso para os pastores? Ou o frémito no meu peito quando o Ivandar me faz um aceno de aprovação?

A Enebish curva-se diante do seu rei e do governante namagaano.

— Perdoai-nos a saudação hostil, mas pensámos que se tratava dos Zemyanos. Depois da nossa expulsão dos pântanos, não tínhamos razões para acreditar que vos juntaríeis a nós.

— Este tempo não nos permitiu enviar mensagem, nem mesmo por águia. — O Rei do Deserto faz um gesto que abarca as estepes geladas.

Já não está a nevar, mas todo o território está coberto por um manto de branco brilhante e o vento fustiga os nossos mantos. Sou a única que não está encolhida dentro de um casaco ou abrigada atrás de um trenó, mas com a quantidade de gelo que tenho vindo a recolher para diminuir o frio e endurecer o caminho debaixo dos trenós, até mesmo eu vou bater o dente antes do fim do dia. Mas prefiro morrer a admitir isto a alguém. Ainda não sei como ou por que é que a Enebish suspeitou do meu envolvimento. Conhecendo-me, devia saber que não o faria.

Ao que parece, conhece-te melhor do que ninguém.

— Seguimos o vosso rasto e rezámos para que conseguíssemos alcançar-vos antes que fosse tarde demais para ajudarmos — prossegue o rei Minoak. — Mas libertaram os Chotgorianos sem a nossa ajuda — constata, admirando a grande amálgama de gentes.

A sua aprovação parece um golpe direcionado. A única coisa que «unia» o Império Unificado era o governo de Ashkar.

— Porque decidistes vir? — atira o Serik. — O que mudou?

— Descobriste que eu tinha razão, não foi? — A pequena Fiadeira da Noite enfia um dedo no peito do pai. — A Yatindra mentiu. Ela entregou a Enebish ao inimigo!

A rapariga é intrépida e ferosa, o tipo de guerreira que teria acolhido nos Kalima.

O rei Minoak coloca uma mão amorosa, mas firme, no seu ombro.

— A minha irmã estava a tentar proteger-nos da melhor maneira que sabia. Mas sim. Descobri a mão dela na expulsão destas pessoas de Namaag e decidi reparar o erro. Devia ter seguido a

minha filha corajosa pelos pântanos no dia em que partiram. Mas estou aqui, agora. E o rei Ihsan teve a amabilidade de se juntar a nós.

— Com a floresta arrasada, não estamos em posição de nos defendermos de Zemya sem ajuda. Este é o único caminho a seguir... para todos. — O seu olhar varre a multidão e fixa-se abruptamente em mim e no Ivandar. O seu rosto enrugado fica tão vermelho como o seu nariz gelado. Aparentemente, «todos» não se aplica ao comandante dos guerreiros Kalima ou ao príncipe zemyano. — O que significa isto? — questiona. — O que fazem *eles* aqui?

Todos se viram e olham para nós, perplexos, incluindo os pastores e os Chotgorianos, que sempre estiveram cientes da nossa presença e aceitaram de bom grado a nossa ajuda.

— Eles não estavam convosco nem faziam parte da aliança que foi proposta — vocifera o rei Minoak.

— Não os procurámos — responde a Enebish com cuidado. — Demos com eles em Chotgor. Estavam a caminho de avisar os Kalima sobre a ameaça do general zemyano, Kartok, aos Primeiros Deuses.

Os dois governantes trocam olhares duvidosos.

— E acreditaram neles? Porque haveria um Zemyano de conspirar contra o seu próprio general? — interroga-se o rei Ihsan.

— Porque ele é corrupto — responde o Ivandar.

Os reis e todos os soldados namagaanos arregalam os olhos ao Ivandar. E depois a mim.

— Eles não são dignos de confiança — conclui o rei Minoak.

— Nós não confiamos neles — confirma o Serik. — É por isso que estamos a escoltá-los até ao ponto de encontro dos Kalima para garantir que fazem exatamente aquilo que afirmam. Assim, faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para proteger os deuses e, com sorte, conseguiremos o apoio dos Kalima contra o Kartok.

— Enlouqueceram — comenta o rei Ihsan.

— É uma perda de tempo — concorda o rei Minoak. — Estão a enganar-vos.

— Talvez. Mas sériéis capazes de viver convosco mesmos se os Primeiros Deuses fossem derrotados e estivésseis cientes de poder tê-lo evitado? — pergunta a Enebish, respeitosa, mas inabalável.

Mais uma vez, fico impressionada com a sua confiança recém-descoberta e com a sua vontade de confiar e de ter fé, apesar de tudo o que aconteceu.

Nenhum dos reis responde. Os seus soldados estão em sentido, como se aguardassem o sinal para avançar contra nós.

Vai!, uiva o vento aos meus ouvidos, incitando-me a avançar em direção aos Kalima e à promessa de vingança. Diz o que for preciso para os convenceres.

Só que agora ouço também o sussurro da minha consciência em contraponto. *Tens a certeza de que ainda é isso que queres?*

A dor de cabeça que não me larga desde que saímos de Zemya pulsa nas minhas têmporas. Seja qual for a minha escolha, não tenho nada a ganhar em ficar parada, a hesitar.

— Pelos deuses, estamos quase lá! — Aponto para as grutas de gelo de quartzo azul a menos de meia légua de distância. — Seria uma tolice voltar para trás agora.

Jurei, sob pena de morte, nunca revelar a localização do refugio dos Kalima. Mas os meus guerreiros também juraram nunca me trair, e não tiveram problemas em fazê-lo.

Na guerra vale tudo. Faço o que for preciso para restaurar a minha honra.

O problema é que já não sei o que posso considerar honroso. Com um aceno de cabeça trémulo, encaminho os rebeldes para uma enorme pedra de gelo e fico a ver uma dezena de homens a pô-la para o lado. Podia facilmente ter desfeito a pedra, mas não

vou gastar uma gota do meu poder. Estou a guardá-lo para o glorioso reencontro com os meus guerreiros.

A imagem dos seus rostos horrorizados ao verem-me entrar na fortaleza embalou o meu sono todas as noites durante semanas. Manteve-me concentrada, resistente e faminta. Por fim, *por fim*, estou aqui.

A entrada da gruta assemelha-se à toca de uma raposa. Obriga-nos a rastejar de gatas por um túnel não muito longo, que se abre depois para uma caverna abobadada que é um redemoinho de matizes de azul. A sua grandeza rivaliza com qualquer palácio, mas opto por não partilhar essa informação. Prefiro ver os pastores a lamuriarem-se na entrada. Metade deles escolhe ficar para trás com os trenós e a barulhenta águia da Enebish. Os Chotgorianos, por outro lado, aglomeram-se perto da entrada, espantados por saber que o ponto de encontro dos Kalima estava tão perto.

O Ivandar balbucia de excitação ao meu lado, contemplando o gelo como se este albergasse a resposta para todos os seus problemas. Observo o seu perfil anguloso. E se tudo isto tiver sido um estratagema? O confronto com o Kartok? O meu salvamento no mar? As suas ambições aparentemente nobres? O príncipe e o feiticeiro podem facilmente estar a trabalhar juntos. O Ivandar pode querer aceder ao reino dos deuses para executar o plano que está tão apostado em «travar».

Isso não te interessa, recordo-me. A Senhora e o Pai não são os teus deuses.

Seja como for, ele não levará a sua avante. Vais entregá-lo aos Kalima.

Afinal, estás a reconhecê-los como deuses?

O frente a frente é suficiente para me causar dores de pescoço.

— Há alguma razão para estarmos à espera? — Ouço o Serik atrás de mim. — Devo ir primeiro? Sei que estar aqui deve ser difícil para ti depois de teres sido rejeitada pelos teus guerreiros...

Nada disto é difícil — minto, enquanto me contorço pelo túnel. Quanto mais me arrasto, mais o gelo chama por mim. A sua energia

é intensa e febril; liberta-me da minha raiva e enche-me de alegria. Um assomo imediato de certeza.

Sou forte o suficiente para enfrentar o que quer que seja que me espera ao fim do túnel.

Sairei vitoriosa.

O grupo segue-me pelos sinuosos túneis de quartzo azul, passando por estalactites tão transparentes que mais parecem lustres e descendo por declives de gelo tão escuro como as estradas de Sagaan. A água derretida que esculpiu os túneis corre célere ao nosso lado, abastecendo-nos de água potável e servindo de guia.

Enquanto avançamos, passo os dedos pelos frisos das paredes turquesa. Levanto os olhos para o teto, que ondula como o Mar de Zemya. Estive aqui poucas vezes — não era preciso quando Ashkar detinha o controlo do continente — e sou sempre esmagada pela beleza deste local e pelo poder que agita dentro de mim.

Esta sensação que invade o meu peito é quente e fria. Plenitude e calma perfeitas, como o amplexo dos meus pais.

Bem-vinda ao lar, sussurra.

Mas qual é o meu lar? Os Kalima? Estes rebeldes? O gelo? Ou aquilo que o criou?

Estugo o passo quando contornamos mais uma curva. As paredes geladas são demasiado espessas para ver ou ouvir seja o que for, mas graças ao meu poder, sinto o calor corporal dos guerreiros Kalima na câmara adjacente. Tão perto.

— Como queres abordar isto? — pergunta alguém. Talvez o Serik ou a Enebish ou o Ivandar. Ou os reis, que ainda não estão convencidos. Ou um dos proscritos da Enebish. Estão todos a falar ao mesmo tempo, mas não ouço nada. Porque nada disso importa.

Sei exatamente como quero abordá-los.

Levanto as mãos, inalo uma golfada de ar gélido e concentro todo o meu ódio, dor e frustração no bloco de gelo que está alojado no meu peito. Das minhas mãos saem lanças geladas que destroem a parede que me separa dos Kalima.

O gelo despedaça-se quando atinge o chão da gruta, projetando prismas de luz nas paredes cristalinas. Atrás de mim, todos gritam, mas o som é abafado por aquele *plim-plim-plim* satisfatório — o último obstáculo entre mim e a vitória final.

Arqueio as mãos para escorar as paredes, de modo a que a gruta de gelo não desabe sobre nós. Em seguida, atravesso o buraco que fiz com um sorriso feroz nos lábios.

Há tantas coisas que quero dizer. Tantos chistes que imaginei dizer ao entrar neste covil de traidores:

Estão espantados por me ver?

Achavam que os Zemyanos me conseguiam manter prisioneira?

Sabiam que eu haveria de me vingar.

Mas à medida que os destroços assentam e os seus rostos miseráveis se tomam visíveis, fico, mais uma vez, sem palavras.

Apesar do seu monte de músculos, o Varren tem a cabeça no colo da Cirina e uma ligadura ensanguentada enrolada ao peito. A Cirina passa-lhe um pano molhado na testa, embora não esteja em melhor condição física, tão pálida e emaciada. Estão todos assim. Os guerreiros Kalima que vejo. São menos de 20, e reparo de imediato na ausência de Iska, Eshwar e Bastian. Podem estar numa missão ou a procurar comida, mas a julgar pelo estado lamentável do resto do batalhão, nenhum deles estaria em condições de ir em missões. Ou de montar qualquer tipo de contra-ataque.

Olhamos uns para os outros num silêncio horrorizado e sou assolada pelo pensamento mais absurdo: *Talvez tenha sido uma bênção ser abandonada no Tesouro. Afinal de contas, talvez haja justiça no mundo.*

Mas se isto é justiça, não deveria encher-me de satisfação?

— Ghoe? — Ouço a voz sumida do Varren e sinto um aperto no peito. Estivemos quase sempre juntos durante os últimos oito anos, e agora ali está ele, às portas da morte.

Mata-o. Ele merece.

Salva-o. Ele merece.

A guerra que se trava na minha mente continua ao rubro.

— Vieste ajudar-nos? — pergunta, numa voz roufenha.

— O que te parece? Ela trouxe um exército! — Há histeria na voz da Weroneka. Aponta para os rebeldes atrás de mim, todos eles parados em silêncio. — Mas claro que serias tu que havia de medrar no meio desta situação — rosna.

Deixo cair os braços. As palavras que emanam da minha garganta inflamada não são as acusações amargas que imaginei, mas uma simples pergunta.

— O que aconteceu?

— Aconteceram os Zemyanos! Estavam por toda a parte quando entrámos no grande pátio depois de te deixarmos — prossegue a Weroneka. — Caíram em cima de nós tão depressa que decapitaram o Bastian antes que eu conseguisse sequer pensar em forjar uma lâmina de fogo. Com a Enebish a lutar ao lado deles, não conseguimos invocar os céus com precisão. Perdemos o Eshwar e a Iska antes mesmo de sairmos da praça. E a Lizbet foi procurar as irmãs a Sagaan e nunca mais voltou.

Sinto que fui enfiada numa armadura cinco tamanhos abaixo do meu. Os meus pulmões ameaçam entrar em colapso. Nem sequer consigo retirar alguma satisfação pela morte horrível do Bastian, apesar das coisas insolentes que me disse no Tesouro.

Sinto o meu corpo a esvaziar. Tento convencer-me de que é da desilusão de ter vindo de tão longe e de ter sofrido tanto para nada — não há nada de gratificante em punir guerreiros que já foram derrotados de forma tão clamorosa.

Por fim, a Enebish quebra o silêncio.

— Eu não estava do lado dos Zemyanos quando eles invadiram Sagaan. — Coxeia para a frente para ficar ao meu lado. Os olhos dos Kalima arregalam-se, mas nenhum deles tenta atacá-la. — O general supremo Kartok enganou-me e roubou parte do meu poder,

que usou durante o cerco. Podem pensar o que quiserem de mim, mas nunca alinharia com os Zemyanos.

— Então, porque têm um Zemyano convosco? — A Cirina aponta um dedo acusatório ao Ivandar.

— E porque trouxeram os Chotgorianos e os Namagaanos convosco? — interroga a Weroneka.

As perguntas sucedem-se, mas tudo se resume a uma.

Se não estás aqui para nos castigar, porque vieste?

Porque vieste, Ghoa?

Esta é a minha última oportunidade. Posso forjar duas lâminas de gelo e dominar o Ivandar, a Enebish e o Temujin. Uma demonstração indiscutível da minha grandeza. Uma prova de que devia ser eu a líder dos Kalima, caso não houvesse já provas suficientes.

Mas olho para a Enebish, perfilada ao meu lado, como costumava estar, a minha irmã de armas e de coração. E para os reis e habitantes dos Protetorados que me rodeiam, e que estão aqui para nos ajudar, apesar das liberdades que lhes tirei. E para os olhos brilhantes do Ivandar, repletos de algo que se assemelha a orgulho, embora o meu sucesso esteja diretamente ligado ao fracasso do seu país. E sei que não posso traí-los.

Para ser sincera, há muito que sei disso.

Antevejo o pulsar na minha mente, a brancura a toldar-me a visão, a argumentação final da comandante implacável que sempre fui.

Mas não há nada.

Só paz. E determinação gelada.

Dou um braço à Enebish e pego na mão do Ivandar, pronta para depor o meu orgulho, a última das minhas armas.

Antes de eu conseguir falar, o riso inunda os túneis, brando como o gotejar do gelo. À medida que se toma mais audível, mais nítida se torna a voz inconfundível que ecoa por toda a gruta. A

mesma voz sussurrada que me perseguiu na sala do trono fictícia. A mesma voz que tem assombrado os meus sonhos desde então.

— A Ghoa está aqui porque eu lhe disse para vir proclama o Kartok.

Capítulo 28

Ghoa

Gritos horrorizados enchem a gruta, sacudindo as paredes como os gongos gigantes que pendiam na sala do trono do Rei Celeste. O teto geme e começa a rachar. As fraturas começam a desenhar-se no gelo, assustadoramente semelhantes às paredes de vidro da prisão do Kartok — pouco antes de estilhaçarem. Estendo a minha mão e reforço o teto com outra camada de geada, mas a maioria dos pastores e Chotgorianos, e até alguns dos soldados namagaanos, já estão a fugir pelas grutas. Abandonam a luta ainda antes de *vermos* um Zemyano.

Eu sabia que era má ideia reunir um exército de proscritos.

— Mostra-te! — Viro-me num círculo frenético, perscrutando a câmara de gelo em busca do feiticeiro. Mas em vez disso, choco com a Enebish e o Ivandar. Ambos me olham, chocados, como se acreditassem na afirmação do Kartok. — É óbvio que é mentira! — grito.

Aparentemente, não é assim tão óbvio para a Enebish.

— Voltaste a trair-me? Depois de tudo? — Os seus lábios adotam uma expressão cínica, porém, tal como uma flexível lâmina zemyana, as palavras retraem-se e entopem-lhe a garganta, fazendo-a soar pequena e patética. — Não sei como vives contigo mesma. Sacrificar *mais* vidas...

— Abre os olhos! — vocifero. — Sim, fiquei furiosa contigo e com os teus rebeldes por se terem virado contra Ashkar e por me fazerem passar por uma idiota incompetente. Sim, queria castigar os Kalima por me abandonarem. Mas até a minha impiedade tem limites. Nunca o conduziria a lado nenhum!

— Talvez não conscientemente... — As formas longas e esbeltas do Kartok cristalizam-se na parede de gelo diretamente à minha frente. — Mas a nossa ligação é forte, comandante. Tens sido muito

recetiva às minhas solicitações. — Ele parece uma aparição, misturando-se de forma quase impercetível com o gelo: vestes azuis, pele pálida e lábios sorridentes, exangues.

— Estás aqui! Graças à Deusa — diz o Temujin do local onde se encontra, amarrado como um porco na parte de trás da gruta. Abandonado pelos pastores que fugiram. — Liberta-me, quero ajudar-te a derrotá-los.

O Kartok nem olha na direção do desertor.

— Tenho toda a ajuda de que preciso. — O feiticeiro estala os dedos e centenas de réplicas aparecem à sua volta, como se ele estivesse a ser refletido por dezenas de espelhos. Estamos completamente rodeados pelo general supremo.

Mais uma horda de reforços desata a fugir, deixando para trás apenas a Enebish, o Serik, o Ivandar, a Ziva, os reis e um punhado de pastores e guerreiros namagaanos.

— Somos aliados! — grita o Temujin. — Parceiros iguais!

Liberta-me para eu te ajudar!

O Kartok atira um olhar de pena ao desertor.

Com esforço evidente, os Kalima levantam-se, formam um círculo e levantam as mãos, prontos para lutar contra os Zemyanos até à morte, que será rápida e penosa no estado deplorável em que se encontram.

— Afastem-se! — Corro para a imagem original do Kartok. Se quisesse baixar os braços e aceitar a morte, tê-lo-ia feito quando cheguei a Zemya, antes de ter sido sujeita à tortura do Kartok e de atravessar o continente com os meus inimigos; antes de permitir que a minha mente se deixasse contaminar por estas sementes de empatia que ganharam raízes no meu coração e se transformaram em ervas daninhas sufocantes.

Os Kalima desviam-se rapidamente do meu caminho, protegendo as cabeças. Eu desfiro um golpe contra a parede com o meu punho coberto de geada. As lascas de gelo fustigam-me a cara e a minha mão escava um buraco do tamanho de uma bola de canhão.

Mas não há ninguém dentro do gelo. Com um rugido de indignação, atiro-me à parede que está à minha esquerda. E depois à que está à minha direita. Ataco as ilusões com um ódio desmedido e imprudente. Uma delas há de ser real.

— Para, Ghoe. — O Ivandar agarra-me pelo braço e encosta-me ao seu peito. — É isto que o Kartok quer. Tem calma.

Como posso ter calma quando ele nos rodeia? Quando faz aquelas alegações infames sobre mim?

— Não há nenhuma ligação entre nós! Eu nunca o permitiria!

— Grito ao feiticeiro. O meu cabelo está tão rígido com a geada que os fios me cortam as faces. O sangue vermelho salpica o gelo imaculado enquanto tento libertar-me do abraço do Ivandar.

— Infelizmente, não tens voto na matéria — responde o batalhão de Kartoks, impassíveis como sempre por detrás das paredes geladas. À distância. Nunca desprezei tanto a magia zemyana. — Não terias sobrevivido sem os meus curativos...

— O que estás a dizer? — atiro, mas logo a seguir levo as mãos à garganta e sinto a cicatriz invisível. Penso no que a Enebish me disse sobre a *Orbai*. Como o Kartok a curou e, ao fazê-lo, transferiu a sua lealdade. Roubou o seu arbítrio. — Foste tu que infligiste esta ferida. Não lhe chamaria cura.

— Que ferida? — intervém o Ivandar.

O Kartok encolhe os ombros languidamente.

— A magia não sabe nem se importa como a ferida foi feita. Só sabe que a cura exige um preço. E eu estou aqui para cobrar.

— Que conversa é esta, Ghoe? — O tom de voz do Ivandar sobe de tom.

— Ele cortou-me a garganta na prisão e depois curou-me com o Lordinium — digo a custo. Atrás de mim, a Enebish e o Serik arquejam. O Ivandar bate com a mão na parede da gruta.

— Que raio de elixir mágico é esse e de onde veio?

— Não achaste que era importante dizer-nos que o Kartok se tinha infiltrado na tua *mente*? — grita o Serik.

— Eu não sabia! — retruco. — E isso não interessa porque ele não está na minha mente!

A voz sibilada do Kartok arrasta-se pelos meus ombros.

— Diz-me, comandante, tens sentido os teus pensamentos confusos ultimamente? Opacos nas extremidades? Consumidos por clarões brancos?

— Não — minto, com demasiada lentidão.

O Kartok ri-se.

— Quando recolhi o teu poder nunca imaginei que a ligação entre nós fosse tão forte. Descobri que não só podia sussurrar instruções na tua mente, como podia congelar os teus pensamentos se oferecesses resistência. É um truque muito útil.

— Não acredito em ti — digo, mesmo quando recordo as dores de cabeça constantes, os estranhos clarões alvos e a imposição súbita dos meus pensamentos. Levo as mãos à cabeça e penso em todas as sensações e vontades que tive desde que saí de Zemya, em todos os exemplos de «bondade» que o Ivandar insistia em salientar. Esta estranha transformação interior que tenho sofrido. Não foi genuíno? — Eu saberia se os meus pensamentos não fossem meus — insisto, mas parece que estou só a tentar convencer-me.

— Isso é o mais engenhoso. — O Kartok bate palmas. — São os teus pensamentos. O Loridium verga a tua vontade à minha. Até sermos uma só pessoa. Não é verdade, Temujin?

A cabeça do desertor abana desajeitadamente, como se estivesse a ser obrigado a acenar. *Sinto* que os dedos do Kartok também me beliscam a cara, tal como fazia quando me agarrava a língua, numa tentativa de fazer com que também eu abane a cabeça.

Cravo as unhas no couro cabeludo e arrasto-as pela minha cara, desenhando linhas de fogo na pele, desesperada para arrancar o Kartok de dentro de mim como se fosse um parasita.

Penso no momento antes de atirar a lâmina dele contra a parede da prisão. Ele hesitou. Podia ter-me impedido de partir o vidro, mas não o fez. O aço encantado não se virou contra mim como devia. Convenci-me de que ele estava demasiado atordoado com o meu ataque para reagir, que tinha tido sorte com a lâmina.

Mas a sorte não existe.

O Kartok sabia exatamente o que eu estava a fazer.

Um arrepio percorre o meu corpo. Um frio como nunca senti.

— Tu querias que eu fugisse.

Os lábios de cobra do Kartok enrolam-se num sorriso.

— Tomou-se evidente que não ias cooperar, apesar de eu não compreender porque decidiste proteger estes traidores. — Aponta com desprezo para os Kalima. — Felizmente, és igual a mim. Por isso, desisti de perder o meu tempo com perguntas. Sabia que não resistirias a castigar os teus guerreiros e a recuperar a tua posição assim que fosses livre. E aqui estamos nós. Quero também agradecer-te por teres tirado o príncipe do meu caminho. Tem sido um descanso na sua ausência. Mas toda esta angústia e turbulência interior sobre aquilo em que acreditas está a tomar-se um pouco cansativa.

Esfrega as têmporas e todo o meu corpo treme de raiva.

O Ivandar explode antes que eu tenha oportunidade de o fazer.

— Então foi assim que curaste a minha mãe dos suores! — grita. — E é por isso que ela te dá ouvidos e está sempre a escolher-te em detrimento de mim.

— Ou talvez eu seja simplesmente mais competente — provoca o Kartok. — És uma criança patética, à procura de razões que justifiquem a negligência dos teus pais, enquanto eu sou um general, e um verdadeiro patriota, e vou pôr fim a esta guerra e glorificar Zemya.

Todas as encarnações do feiticeiro levantam as mãos, pressionam os dedos magros contra o gelo e materializam-se à medida que as paredes de gelo se despedaçam.

Num instante, a gruta enche-se com milhares de Kartoks. Todos eles a correr na nossa direção.

A minha mente desata a gritar ordens, mas não consigo mexer-me porque não sei o que é real. Não sei se o Kartok destruiu mesmo as paredes e a gruta de gelo está a desmoronar-se. Ou se ele nunca esteve à nossa espera no gelo e isto não passa de uma ilusão elaborada. As suas réplicas são mesmo soldados zemyanos? Ou será que está sozinho, mas quer criar a ilusão de que tem apoio?

— Malditos céus ardentes! — O calor manifesta-se nas mãos do Serik num longo tubo espiral. Se o gelo não estivesse a desmoronar antes, estava agora. Brande a sua lança em chamas de um lado para o outro, cortando uma fileira de Kartoks ao meio.

Nenhum deles grita. Nenhum deles cai.

Uma um, os outros guerreiros Kalima seguem o exemplo do Serik. A Weroneka junta o seu calor ao do Serik. O vento da Cirina fustiga a multidão de trajes azuis. Os Invocadores da Neve tentam enterrar os Kartoks debaixo de uma avalanche. Tanaz, o nosso Lançador de Granizo, invoca rajadas de chuva, e a Enebish e a Ziva lançam um manto de escuridão sobre nós.

Mas eu fico ali parada.

O frio está a postos — grita e contorce-se dentro de mim. Mal consigo ver através da geada que se formou nas minhas pestanas. Mal consigo mexer-me debaixo do gelo que cobre a minha pele e endurece os meus músculos. As mãos tremem à minha frente, prontas para libertar o gelo. Mas nada sai. E não sei se é porque não *posso* usar o meu poder ou porque não *quero* fazê-lo. Se é o Kartok que está a vergar a minha vontade e a suprimir o meu gelo ou se sou *eu* que estou a escondê-lo.

O som do aço e os gritos de batalha parecem ser reais, mas ainda ninguém tombou. Os duplos do Kartok brandem os seus sabres contra os nossos braços e pernas, mas não com o objetivo de matar. Os poderes do céu manifestam-se à nossa volta — a tempestade mais violenta que já vi — mas nenhum dos ataques dos

Kalima atingiu o seu alvo. O que é demasiado improvável para ser uma coincidência. Ou os soldados do Kartok são uma ilusão, ou os poderes dos Kalima desaparecem antes de entrarem em contacto com eles, tal como acontecia com o meu gelo na prisão. Quando o Kartok estava a roubar o meu poder. Não para o usar contra mim, mas com outro propósito.

Diz-me, comandante, quantos poderes diferentes têm os guerreiros Kalima?

E como estão distribuídos por todo o batalhão?

Onde estão escondidos?

As suas perguntas assolam-me numa rápida sucessão e, de repente, não consigo respirar — o meu peito está cheio de feridas de pontas de lança e punhais de que não me dei conta, apesar de o Kartok me ter atacado de frente.

Ele não precisa de matar os meus guerreiros ou erradicar os nossos poderes para chegar aos Primeiros Deuses.

Ele precisa de *recolher* os nossos poderes.

Os teus guerreiros são a solução!

— Parem! — grito. — Parem de usar os vossos poderes!

Os olhares fulminantes que os Kalima me lançam são mais abrasadores do que o calor combinado do Serik e da Weroneka.

— Porque faríamos isso? — explode o Serik enquanto forja mais um sabre de chamas, só para me contrariar.

— Ele está a usar-nos! Estamos a dar-lhe o que ele quer!

— Porque haveria de *querer* que o atacássemos? — pergunta o Karwani.

— Porque ele precisa dos nossos poderes! — Falo tão depressa que as palavras saem atabalhoadas dos meus lábios. — Foi por isso que ele me seguiu até aqui! Ele precisa de toda a força dos céus para aceder ao reino dos deuses.

A Cirina ri-se.

— Que deuses?

— Porque acreditaríamos em ti?

— Estás ligada a ele!

— Ele deve estar a sussurrar essas mentiras ao teu ouvido!

Já não sei quem está a gritar. Há demasiadas vozes a atacar-me, a silenciar-me. A única pessoa que não está a gritar é a Enebish.

Está perfeitamente imóvel e observa, horrorizada, o vento, os relâmpagos, a neve e o nevoeiro a rodopiarem em torno dos feiticeiros, sem nunca infligirem um arranhão. Olha para as suas mãos, depois para mim, e descarta a escuridão. A pequena Fiadeira da Noite, a Ziva, tenta protestar, mas a Enebish arranca facilmente os fios invisíveis das mãos da rapariga, com uma força e determinação como eu nunca lhe vi.

— É verdade! — O olhar da Enebish percorre os guerreiros Kalima, um a um.

— O *quê*? — grita o Serik.

— Ele recolheu a minha escuridão no seu *xanav*! — grita a Enebish, como se aquilo explicasse tudo.

Mas o termo *zemyano* não significa nada para os Kalima. E a palavra da Enebish significa ainda menos do que a minha. Somos as duas últimas pessoas no continente a quem dariam ouvidos.

— Vamos terminar isto como deve ser! — grita a Cirina, levantando uma ventania que me corta a cara e pica os olhos. O frio gelado e o calor ardente enchem a gruta em igual medida, quando os restantes Arautos do Gelo e Fogueiros do Sol redobram os seus esforços. Um a um, os meus antigos guerreiros libertam toda a fúria do céu contra o Kartok.

Varren, o último Domador da Chuva que resta, é o único que não luta. Não por lealdade a mim, mas porque está deitado no chão a contorcer-se com dores. Tem os olhos fechados e os dentes cerrados, mas ainda assim tenta levantar a mão.

— Por favor, não convoques a chuva, Varren — imploro enquanto deslizo pelo gelo. — Estou a dizer a verdade. Olha! Os nossos poderes não afetaram o feiticeiro!

Os olhos do Varren abrem ligeiramente.

— Ghoha? — Tosse.

— Ouve... — começo, mas ele abana a cabeça, e os cordões que tem ao pescoço distorcem-lhe as tatuagens.

— Não. Desta vez, vais ser tu a ouvir.

— Eu sei que devia ter demonstrado mais gratidão e apreço...

— Fiquei do teu lado vezes sem conta — corta. — Pus de lado as minhas ambições porque pensei que acabarias por retribuir o favor; que me ajudarias a subir como eu te ajudei a subir. Mas sempre fiquei em segundo lugar.

— Eu errei! E vou emendar o meu erro, mas imploro-te que me ouças só desta vez. — O Varren olha para mim e eu devolvo-lhe um olhar suplicante e esperançoso. — Lembras-te de quando o Lazare e o Feymir disseram que não duraríamos um ano nos Kalima? — atiro. — Coordenámos a nossa vingança sem sequer combinarmos nada. Tu invocaste aquela névoa de chuva e eu congelei-a no chão, e aqueles dois idiotas escorregaram e caíram aos trambolhões no grande pátio.

Um sorriso melancólico assoma timidamente no rosto do Varren.

— Quase gostaria que ainda estivessem vivos para nos verem agora. Para verem tudo o que fizemos juntos. Todos sabem que eu não seria ninguém sem ti. Mas vou proclamá-lo. Vou gritar do topo do Palácio Celeste, se quiseres. Preciso de ti, Varren, e mais importante, Ashkar precisa de ti, precisa de nós.

Ele hesita durante tanto tempo que acredito que vai ceder. A seguir, um clarão de cabelo prateado e vestes azul cobalto emerge das fileiras de feiticeiros idênticos e ataca os Kalima.

A Cirina grita quando o Kartok a atira ao chão.

O verdadeiro Kartok.

Decidiu revelar a sua localização para forçar a mão dos Kalima.
— Para trás! — grito.

Mas todos os elementos dos Kalima já redirecionaram a sua fúria para ele. Incluindo o Varren, que levanta uma mão trémula e adiciona a sua chuva à coleção do Kartok.

O resultado é imediato.

Uma luz cerúlea explode no local onde o Kartok se encontra — mais brilhante do que o reflexo da luz solar na neve. Mais lancinante do que a geada que o Kartok lançou na minha mente. Fico momentaneamente cega, suspensa, a gritar enquanto as paredes de gelo se desfazem e a gruta desmorona à nossa volta. Ou talvez seja o próprio céu a desabar em fragmentos de vidro arrasadores.

Capítulo 29

Enebish

Não há nenhum portal cintilante. Nenhum rio de fogo que nos leva até ao reino do Azul Eterno, como durante o ritual absurdo do Temujin para entrar no *xanav* do Kartok.

Mas eu já devia saber que o verdadeiro caminho seria mais silencioso.

Tudo na Senhora e no Pai emana brandura, tranquilidade e quietude. Mesmo agora, depois de o Kartok ter criado uma chave usando os nossos poderes Kalima, eles recebem-nos no seu reino com graça.

Uma auréola de azul brilhante substitui o teto da gruta de gelo, e a face de um homem surge, como se olhasse através de uma janela. É velho e novo, bonito e feio. Nunca o vi, mas conheço-o intimamente. Desde as rugas no seu rosto até aos anéis que adornam os seus dedos, cada um com o emblema de um dos guerreiros Kalima.

É Ashkar, o pai das nossas nações e guardião do reino do Azul Eterno, segundo o mural que a Ziva viu no Planalto de Sawtooth.

Uma um, os emblemas nos seus anéis brilham e, com um aceno, abre-se um abismo atrás dele. É mais negro do que uma noite sem luar, nem mesmo eu consigo ver através da escuridão, mas juro que sinto umas mãos nos meus ombros e uns dedos entrelaçados nos meus, a guiarem-me, a puxarem-me para a frente até irrompermos para a luz solar e cairmos sobre relva mais macia do que as penas da *Orbai*.

Este é um elemento que o Temujin e o Kartok acertaram no seu mundo fraudulento criado pela magia zemyana: a vegetação — luxuriante, alta e verde. E o céu também. É de um azul intenso e saturado em todas as tonalidades e gradientes. Desde o azul mais escuro até à mancha de gelo mais pálida. Mas é aí que terminam as

semelhanças entre os dois mundos. O terreno no verdadeiro Azul Eterno não se assemelha minimamente a Ashkar ou Sagaan. Em vez de léguas e léguas de infinitos campos verdejantes e de um rio que se pareça com o Amereti, damos por nós num extenso jardim murado onde os arbustos dão pedras preciosas em vez de frutos — folhas de esmeralda e bagas de rubi com sementes de pérolas. Caminhos de pó de ouro atravessam o jardim, e das árvores feitas de ofuscantes corais cor de laranja pendem grinaldas de diamantes. O ar é húmido e orvalhado e cheira ao incenso de cardamomo que a minha mãe costumava queimar na nossa cabana.

Semicerro os olhos para o centro do jardim, onde os caminhos se cruzam. Embora a vegetação demasiado densa não me permita vê-lo, de acordo com todas as orações e canções verdenesas, o Livro de Murmúrios original, aquele onde a Senhora e o Pai inscrevem as Suas respostas, deve repousar ali sobre um grande pedestal.

Ao redor do jardim existem sete montanhas altas, tão desoladas e angulosas como o jardim é luxuriante e belo — quase como se representassem Zemya e Ashkar, respetivamente. O cume de cada montanha reflete com um brilho maior do que a glória do sol. Quando ouvia as lendas que falavam em viajar pelos sete níveis do céu para chegar à presença da Senhora e do Pai, nunca me ocorreu que seria uma verdadeira viagem. Uma *subida* até à salvação.

Era capaz de ficar ali a absorver cada pormenor deste reino, enumerar todas as formas em que ele é superior ao *xanav*. Não sei como pude acreditar que as ilusões baratas do Kartok podiam ser a casa dos Primeiros Deuses. E estas disparidades físicas nem são o mais relevante. A verdadeira diferença está nos sentimentos que este lugar invoca. Enquanto o *xanav* estava repleto de energia frenética e voraz, e extraía toda a nossa vitalidade, o Azul Eterno enche-nos de energia. Despeja força na nossa alma como um doce hidromel e aquece o nosso cerne como uma tarte de amoras acabada de sair do forno. Enche-nos até transbordarmos.

A sensação é tão avassaladora que todos emudecem momentaneamente de espanto, incluindo o Kartok, que se deita de costas e

absorve este reino com o entusiasmo vertiginoso e maravilhado de uma criança. À sua volta, um punhado de guerreiros shoniin e zemyanos — que são, de facto, reais — murmura maldições e abana a cabeça. Não estão tão satisfeitos como o seu general. Talvez estejam até perturbados. Como se também desconhecêssem por completo as verdadeiras ambições do seu líder.

Os guerreiros Kalima assumem desajeitadamente uma formação para enfrentar os Zemyanos, mas os seus rostos estão absortos, os seus olhos assustados, e não fazem abater o poder dos céus sobre o Kartok e os seus guerreiros. Será porque o Kartok usou os poderes de cada um deles para abrir o portal — o que será que o impede de os usar novamente? Ou o seu medo pode ser ainda mais profundo do que isso. Se o reino do Azul Eterno existe, significa que os Primeiros Deuses estão vivos e de saúde. E se sempre estiveram presentes, significa que os guerreiros Kalima não são nem nunca foram deuses. Os nossos poderes Kalima podem nem ter efeito aqui — porque teriam? Neste reino, a Senhora e o Pai podem manejar, Eles mesmos, o céu.

À minha direita, o rei Ihsan chora em surdina. Ao seu lado, o rei Minoak entoia um hino verdenês de louvor, abraçado à Ziva. A Ghoe, ao meu outro lado, perscruta metodicamente o espaço, alternando o olhar entre os vários pontos de referência, não como quem admira ou aprecia, mas como quem cataloga. Está a criar um plano de batalha e a mapear a sua fuga.

O Serik passa a mão pelo cabelo e murmura:

— Pelo céu ardente, isto é real.

Simultaneamente, o príncipe zemyano murmura:

— Mares misericordiosos, isto é real.

Olham um para o outro. As suas palavras podem refletir as origens diversas, mas a reação em si, e as emoções por trás dela, são as mesmas. Tenho a certeza de que há por aí uma alegoria sobre o facto de os nossos povos não serem assim tão diferentes. Nunca foram. Mas não há tempo para a procurar.

O Kartok levanta-se e avança na nossa direção, com renovado vigor na sua passada.

— Isto faz de mim um ser abençoado pela Deusa? — pergunta, trocista. — Fiz aquilo que apenas três Ashkarianos conseguiram fazer desde o início dos tempos, e nem sequer sou um de vós.

Com um sorriso sardónico, os seus soldados assumem a formação atrás dele. Agora que perderam os disfarces, vejo várias caras conhecidas: Chanar, Oyunna e Borte, a Leitora de Ossos. Outrora, deve ter sido devota da Senhora e do Pai, para conseguir imitar as leituras dos ossos, mas agora já não. Tenho a certeza de que ela tem uma história triste como a do Chanar, da Oyunna ou do Temujin; histórias de injustiça e ruína às mãos do império; histórias que clamam vingança.

Só que isto já não é uma vingança contra um rei mortal, apetece-me gritar. Vejam onde estamos! Enquanto estavam obcecados em derrubar o Rei Celeste, o Kartok mudou o alvo do ataque e encaminhou-vos para uma batalha completamente diferente!

Mas nem me dou ao trabalho, porque não vai fazer diferença. As pessoas só veem o que querem ver. Acreditam na versão da verdade que mais lhes convém. Não foi há muito tempo que também eu me deixei cegar pelos estratagemas do Kartok.

— Onde estão a Senhora e o Pai? — pergunta-me o Kartok. — Porque não apareceram?

Olha para todo o lado, agitado.

— Eles não te devem uma receção ou reconhecimento — atiro. — Invadir uma casa não é o mesmo que ser convidado a entrar.

— Precisamente! Não deviam defender o Seu reino?

Cruzo os braços e olho fundo nos seus olhos sem alma.

— Nunca me atreveria a dizer aos Primeiros Deuses o que deveriam ou não fazer... Talvez não sejas uma ameaça suficientemente forte para mereceres o Seu reconhecimento — acrescento, incapaz de me conter.

O Serik olha para mim como se eu tivesse perdido a cabeça.

— Porque estás a provocá-lo?

— Porque não nos encolhemos perante homens fracos e assustados — responde a Ghoha, sorrindo-me com orgulho. Como fazia quando eu era miúda.

As faces do Kartok tremem de raiva. Ele levanta as mãos e abre os dedos ósseos. Quero acreditar que é impossível ele invocar as suas ilusões aqui — que os Primeiros Deuses baniram a magia zemyana juntamente com a própria Zemya — mas se temiam a magia zemyana era precisamente porque não conseguiam controlar nem a magia nem a própria Zemya.

— Não vais fazer-me mal. Nem aos meus aliados! — atirei antes de ele invocar a magia.

— Então porquê? — pergunta o Kartok.

— Porque sei como encontrar a Senhora e o Pai. Precisas de mim ou vais passar uma eternidade a vasculhar este reino.

O Kartok ri-se.

— Ambos sabemos que nunca me vais ajudar, e foi por isso que trouxe um aliado devoto. — Acena para o Chanar, que facilmente passa pelos Kalima em estado de choque e chega ao pé do Temujin, que está escondido atrás de algumas flores com pétalas de ametista. O Temujin tem estado tão calado que me esqueci que estava connosco na gruta de gelo.

O Chanar corta as cordas do Temujin, mas ele não se mexe.

Os seus olhos estão arregalados, mas vazios, absorvendo tudo e nada. Está tão parado que, por instantes, pergunto-me se o choque de ser traído, em vez de cometer a traição, o matou. Ou talvez se sinta culpado pela infiltração do Kartok no reino do Azul Eterno.

Não tem piada ser alvo do engano, pois não?, apetece-me dizer por cima do ombro.

Mas o Kartok fala primeiro:

— Recompõe-te e levanta-te, rapaz.

Os olhos dourados do Temujin viram-se para o Kartok, cheios da determinação fervorosa que inicialmente me atraiu para o líder rebelde. A mesma bravura e empenho que me convenceram de que lutar ao seu lado era a escolha certa. A única escolha. Só que agora essa revolta é dirigida ao Kartok e não ao Rei Celeste.

— Era este o teu plano desde o início... atacar os *deuses*? — explode.

O Kartok revira os olhos.

— O meu plano nunca mudou. Tenciono acabar com a guerra, restaurar o equilíbrio e a igualdade e glorificar Zemya seja de que maneira for. Sabia que era essencial erradicar os Kalima, mas só recentemente, com a ajuda da comandante — diz, apontando para a Ghoha —, é que percebi que seria mais eficiente cortar a fonte do seu poder do que eliminar cada guerreiro individualmente.

— Sabias que eu nunca concordaria com isto! — O Temujin levanta-se de repente.

— Foi precisamente por isso que não te disse. Anda daí. Já perdemos tempo suficiente. — O Kartok bate palmas ao Temujin como se fosse um cão. — Leva-me à Senhora e ao Pai.

As narinas do Temujin dilatam-se. Cruza os braços sobre o peito e cresce para o feiticeiro.

— O tempo da revolta já passou há muito tempo — diz o Kartok com um suspiro cansado. — Ambos sabemos que vais cooperar, quer queiras, quer não.

— Não podes simplesmente *matar* deuses! — É estranho ouvir o Temujin expressar os mesmos medos que ele tão prontamente rejeitou quando lhe revelámos os planos do Kartok em Chotgor. — Haverá consequências. Consequências que *te* vão afetar. Estás disposto a correr esse risco?

— Estou disposto a *tudo*. — O Kartok volta a bater palmas e, desta vez, a perna direita do Temujin avança. Depois a esquerda. Avança com movimentos desajeitados que me lembram o meu próprio coxeio. Os dentes do Temujin cerram-se a cada passo que

dá. Os seus braços debatem-se com mais força, como se tentasse livrar-se de lianas invisíveis que lhe prendessem o tronco. O suor escorre-lhe pela cara e pelo pescoço.

É horrível de se ver, mesmo que seja merecido.

Do nada, o príncipe zemyano coloca-se à frente do Temujin e empurra-o fisicamente para trás.

— Chega, general! — grita o Ivandar. — Não há necessidade de caçar os Primeiros Deuses ou de despojar seja quem for do seu poder.

Posso estar a imaginar, mas juro que se levanta uma brisa no Azul Eterno em resposta — quente e perfumada.

— Essa mentalidade é precisamente o motivo pelo qual nunca serás imperador — diz-lhe o Kartok.

— A minha *humanidade* é a razão pela qual serei um imperador muito melhor do que tu alguma vez poderias ser — rosna o Ivandar enquanto continua a tentar travar o Temujin. — Isto é desnecessário. Podemos acabar com esta guerra sem derramamento de sangue ou sem tirar ninguém do poder.

— Se acreditas nisso, estás ainda mais iludido do que eu pensava — escarnece o Kartok.

— Não! Podemos trabalhar juntos e em paz com os Ashkarianos. Salvei a vida da comandante dos Kalima. Em seguida, viajámos durante semanas e trabalhamos em conjunto para sobreviver. Ela puxou o frio para si mesma para aliviar o meu sofrimento.

Viro-me para a Ghoha. Eu *sabia*. Sabia que ela manipulava o frio em nosso benefício. Fez várias coisas em nosso benefício, coisas que nunca pensei que fosse capaz de fazer. Ainda assim, recusa-se a admitir o seu papel, de pé com os braços abertos e a abanar a cabeça como se o Ivandar tivesse acabado de revelar um segredo constrangedor.

— Há mais do que uma maneira de acabar com esta guerra — continua o príncipe. — Olha para estas pessoas que vieram...

— Mas só há uma maneira de garantir a igualdade! — vocifera o Kartok por cima dele. — Se os Ashkarianos tiverem acesso ao poder, vão usá-lo contra nós. Provaram isso vezes sem conta. E se tenho meios para os deter, devo isso ao meu povo. É algo que compreenderias se fosses digno de ser o nosso imperador. Agora, vais sair da minha frente, a bem ou a mal.

— Como? Nunca me curaste com o teu veneno! — O Ivandar empurra ainda mais o seu peso contra o Temujin, e ficam os dois frente e frente como carneiros.

O Kartok ordena ao Chanar e aos outros guerreiros zemyanos:

— Matem-nos a todos, exceto o príncipe. Quero que seja a comandante a fazê-lo.

A Ghoha prende a respiração quando o seu braço se contrai, em espasmos semelhantes aos que afetaram as pernas do Temujin. Apesar de se debater, tira o sabre de um dos soldados do Kartok e caminha em direção ao Ivandar. Ele olha para a Ghoha com olhos suplicantes, mas ela continua a avançar com vigor implacável enquanto desfere golpes apontados à cabeça dele. Os restantes soldados zemyanos assumem a formação atrás dela e aproximam-se de nós.

O Temujin chama por mim à medida que o Kartok o obriga a seguir pelo caminho dourado mais próximo. A parte mais amarga do meu ser tem vontade de rir. Ou de lhe fazer um aceno ridículo. Depois de tantas traições, será que ele ainda acredita que me importa o que lhe acontece? Mas ele é a única pessoa, além de mim, que sabe onde procurar os Primeiros Deuses. O que significa que não posso simplesmente deixá-los ir.

— Enebish! — chama novamente, contorcendo-se contra a magia do Kartok. — Escreve!

Escrever? Sobre o quê? A sua honra e os seus feitos? Para que possa ser lembrado com carinho pelas gerações vindouras? Ah! Ah! Se escrever a sua história, contarei toda a verdade. E os filhos dos nossos filhos vão desprezá-lo por isso.

Só quando o Temujin direciona o olhar para o centro do jardim, onde está o Livro de Murmúrios original é que percebo o que ele quer dizer.

Tenho menos de um segundo para reagir. Os Zemyanos estão quase em cima de nós.

— Ziva! — grito. Os nossos olhos encontram-se e ambas invocamos os fios de escuridão. Preciso de cegar os nossos inimigos, ou tornar-me invisível, para seguir o Kartok e o Temujin. Mas não há um único tendão da noite a deslizar pelo céu neste reino. Outro pormenor que o Kartok infelizmente adivinhou corretamente no seu *xanav*. Há apenas azul radioso — Azul Eterno. O que significa que também não há nuvens para invocar, nem chuva, neve, granizo ou geada. Não há vento para fustigar os inimigos ou para arrastar o nevoeiro. Não há gelo para atirar como punhais, ou relâmpagos que cortem como espadas. Esses elementos são criados pela Senhora e pelo Pai para nosso uso e proteção na Terra. O único elemento que existe é o calor e a luz.

— Serik! — grito, e rezo para que ele compreenda.

Ele levanta os braços e dispara fogo das mãos, obrigando os Zemyanos a recuar e a proteger a cara.

A Weroneka e os outros dois Fogueiros do Sol adicionam o seu calor ao do Serik, proporcionando alívio a todos nós... exceto ao Ivandar. A Ghoha antecipa o golpe e rebola por baixo do fogo, ras-teirando os pés do príncipe. Sobe para cima dele e olha para baixo, com o braço que segura na espada levantado.

O Ivandar diz qualquer coisa e fica quieto, de olhos fechados.

Ela não o fará. Vai lutar contra a magia do Kartok. Não pode matar o Ivandar depois de tudo o que viveram juntos.

Mas o braço da Ghoha move-se com uma certeza inabalável.

Atiro-me ao chão e rebolo para baixo da sebe mais próxima enquanto os lamentos do príncipe encham o céu.

Não quero ver. E se não me mexer, serei a próxima.

O meu braço aleijado protesta enquanto me arrasto pelas folhas até chegar a um dos caminhos dourados. Avanço o mais depressa que consigo, ao som da voz balbuciante do Temujin e dos passos rápidos do Kartok, mantendo os meus olhos focados no pedestal que se ergue do centro do jardim, como uma fonte. Recuso-me a desviar o olhar, mesmo quando ouço gritos mais agonizados atrás de mim. Se vir os meus amigos a lutarem pelas suas vidas, sentir-me-ei tentada a voltar. Mas a única maneira de os ajudar, a única maneira de os salvar, é garantir que o Kartok nunca encontre os Primeiros Deuses. E a melhor maneira de o fazer é avisando-os através do Livro de Murmúrios — escrever lado a lado com o Temujin para criar a ligação mais forte possível, como fizemos há muito tempo no livro da sua família.

Quanto mais nos aproximamos do pedestal, mais ansiosa me sinto. A dúvida toma conta de mim e implora-me para não confiar no Temujin. Não depois de tudo o que ele fez. Mas se os pastores são capazes de confiar em mim depois de eu ter disparado o meu fogo das estrelas em Sagaan, e se o príncipe zemyano é capaz de colaborar com a Ghoa, que atacou o seu país durante mais de uma década, talvez eu também consiga dar outra oportunidade ao Temujin.

Juro que ouço a Deusa no tilintar das folhas de pedra preciosa:
Não merecemos todos outra oportunidade?

— Onde estão eles? — Ouço a voz do Kartok mesmo à minha frente, do outro lado da sebe florida. — Não devíamos ser já capazes de os ver? Se me estiveres a enganar...

— Não sou capaz de te enganar — diz o Temujin compungido.

O rebelde está a ser muito inteligente, como sempre. Está a moldar a verdade, de modo a que o Kartok pense que está a conseguir precisamente o que quer, quando na verdade está a levar a sua avante. Para todos os efeitos, o Temujin está a levar o Kartok na direção da Senhora e do Pai — no sentido em que eles estão presentes no Livro de Murmúrios — que não é o que o Kartok quer, mas é suficientemente próximo para ludibriar a sua magia.

A cada passo que dou, a minha perna ferida lateja de dor.

A visão dos caminhos dourados, provenientes de todos os cantos do jardim, a fundirem-se numa passadeira opulenta que termina no pedestal rouba-me todo o ar dos pulmões. O pedestal é tão grandioso como imaginei, feito de ónix polido com luas prateadas e estrelas douradas embutidas. A base é muito estreita e vai alargando à medida que sobe, abrindo num suporte semelhante às asas de uma águia. No topo das asas repousa o livro de Murmúrios original. É duas vezes maior do que qualquer livro que já vi, com capa azul e folhas de ouro.

O Kartok e o Temujin emergem do caminho ao lado do meu e consigo parar mesmo a tempo. Ofegante, colo-me à vegetação, aguardando o momento certo para avançar. Eu e o Temujin teremos apenas alguns segundos para escrever o nosso aviso a informar a Senhora e o Pai para se afastarem, para expulsarem o Kartok da sua presença antes que ele desencadeie a sua magia zemyana.

— Trouxeste-me até junto de um *livro*? — brada o Kartok enquanto examina a clareira, à procura de deuses que claramente não estão ali.

— Temos de nos anunciar ao escrever no Livro de Murmúrios — explica o Temujin. — Caso contrário, podemos passar anos a escalar cada montanha em busca da Senhora e do Pai. Esta é a forma mais rápida de sabermos a sua localização. Eles vão dizer-me para onde ir.

— Muito bem. Despacha-te. — O Kartok empurra o Temujin para o livro aberto.

De onde me encontro, sinto o cheiro das páginas, o aroma reconfortante dos pergaminhos velhos e frágeis. Quero pousar a cara na capa gasta e passar os meus dedos com desvelo pela lombada rachada. Quero acalentar a sensação de tocar nas Suas penas, ciente de que são os mesmos instrumentos que a Senhora e o Pai usam para responder às minhas orações.

Mas não há tempo para sentimentalismos.

O Temujin levanta uma das penas de ouro maciço com um floreado.

Os meus dedos tremem enquanto procuram a escuridão. Seria tudo muito mais fácil se pudesse esconder-me nas sombras. Ou vender o Kartok com a noite enquanto corria para o pedestal.

Não precisas da escuridão, ouço no fundo da minha mente. Andaste por Ikh Zuree durante dois anos sem poder, dependendo apenas da tua inteligência, determinação e da tua fé constante e inabalável na Senhora e no Pai. Não precisas de mais nada, apenas dos teus deuses e de ti mesma.

Colhendo um punhado de pesadas bagas de estanho num arbusto próximo, agacho-me na orla da sebe e murmuro uma oração enquanto as atiro a uma árvore do lado oposto da clareira. A árvore em questão tem folhas cor de laranja do tamanho da minha cabeça, que parecem feitas de vidro soprado. Para meu alívio, também se estilhaçam como vidro soprado.

O Kartok vira-se de imediato ao ouvir o estrondo.

Emerjo do meu esconderijo na sebe e invoco a velocidade e a força da *Orbai* enquanto voo em direção ao Temujin e ao Livro de Murmúrios. Ainda vou a meio caminho quando o Kartok volta para junto do pedestal e me avista. Põe-se a acenar as mãos e a gritar em zemyano, tentando manipular a aparência do terreno para me fazer tropeçar. Quando não consegue, faz parecer que deslizou o pedestal para as extremidades opostas do jardim, mas eu não preciso de ver o Livro de Murmúrios para saber onde está. A sua energia chama por mim, de braços estendidos.

O Temujin passa-me a outra pena quando chego com estrondo ao lado dele.

As pontas arranham a página e o Kartok estremece como se as nossas palavras fossem lâminas cravadas na sua carne.

Eu e o Temujin não combinamos o que escrever. Não faço ideia se estamos a rabiscar a mesma mensagem. Ou se estamos a tornar tudo mais confuso para a Senhora e o Pai. Mal tenho tempo para escrever uma única palavra — *mantenham-se* — antes de surgir uma imagem na minha mente. Uma montanha envolta em névoa rosa com uma lua crescente pendurada no céu do lado direito.

— Estás a ver isto? — sussurro.

Em vez de responder, o Temujin empurra-me para o chão.

Com o choque contra um enorme pedregulho de granito, sinto o crânio a rachar-se. A pena escapa-se dos meus dedos e vai parar debaixo de um arbusto. A minha visão toma-se difusa. A minha cabeça lateja com a dor, que é agravada pela perceção da minha estupidez.

Mais um truque. Outra armadilha.

— Como foste capaz? — grito para o Temujin. É quando reparo nos seus olhos cor de âmbar muito arregalados. Como se estivesse a sufocar com o próprio ar. E deteto também a ponta de uma lâmina manchada de sangue a emergir do seu peito.

Uma espada que *me* teria empalado se ele não me tivesse empurrado para o lado.

O Kartok remove a lâmina com um sacão cruel e o Temujin é projetado para a frente, desabando sobre mim, prendendo-me ao chão com o corpo a contorcer-se. O sangue jorra sobre o meu colo e ensopa a vegetação, formando uma piscina de preto escarlate.

— Eu... acredito... nos Primeiros Deuses — tartamudeia. — Só estava a tentar... ajudar...

Não lhe digo que está tudo bem. Ou que as suas intenções justificam as más decisões. Que este sacrifício final apaga as suas traições anteriores. Porque não é verdade. Também não estou em posição de fazer tais decretos. Vou deixar o seu julgamento final para a Senhora e o Pai. Mas agarro-o firmemente contra o meu peito enquanto ele suspira, soluça e treme. Este meu compatriota confuso e fervoroso que estava tão desesperado para fazer a diferença e implementar mudanças positivas em Ashkar, acabou por ir mudando, traindo-se aos poucos.

Após um novo ataque de tosse, o Temujin imobiliza-se nos meus braços. Os seus olhos de tigre olham em frente, mas perderam o brilho, escurecendo até as argolas douradas que lhe sobem pela orelha serem o único brilho que emana do seu corpo.

Eu queria vê-lo morto. Queria ser eu mesma a matá-lo. Mas não há nada de gratificante naquele corpo inerte que seguro nos meus braços.

Foi apenas um desperdício.

O Kartok nem pestaneja ao ver o seu antigo aliado morto.

Avança na minha direção, com as mãos numa névoa, a desferir golpes com a sua espada curva. Fiquei grata pela sua velocidade sobrenatural durante as nossas missões de transporte de novos recrutas para o falso Azul Eterno. Neste momento amaldiçoo essa mesma velocidade, incapaz de me desembaraçar do peso morto do Temujin. Num ápice, a lâmina do Kartok está na base do meu pescoço, onde costumava estar a pedra da lua. O sangue quente do Temujin escorre da espada do Kartok e salpica o meu peito.

— Leva-me até aos deuses — insiste o Kartok.

— Prefiro morrer — atiro.

— Mas preferes vê-lo morrer? — O Kartok aponta a lâmina para o caminho mais próximo de onde emerge a Ghóa, arrastando o Serik atrás de si, com uma lâmina zemyana pressionada contra a garganta dele.

Capítulo 30

Ghoa

Estou encharcada em sangue do príncipe zemyano.

Algo que me teria agradado até há pouco tempo.

Imagino-me a matá-lo desde que me juntei aos Kalima; ansiosa para ser a comandante que poria fim à linhagem da imperatriz Danashti. Mas isso era dantes, quando ele era um herdeiro sem rosto e sem nome. Não o Ivandar, o meu cúmplice relutante. O Ivandar, o meu improvável aliado.

O Ivandar, o meu amigo leal.

Nem sequer resistiu.

Tão depressa estava ao lado dele, pronta para enfrentar o Kartok e os seus soldados, como logo a seguir a minha mente ficou toldada pela alvura gelada e o meu corpo já não era meu. O Kartok ainda conseguia manipular o gelo na minha mente, uma vez que a nossa ligação foi forjada através da magia zemyana, que os Primeiros Deuses não conseguem controlar.

O meu braço cativo começou a brandir a espada contra o Ivandar com uma habilidade letal, aproximando-se cada vez mais à medida que a sua energia diminuía. Quando o Serik tentou intervir com fogo, atirei-me aos joelhos do príncipe e consegui derrubá-lo.

— Não faz mal, Ghoa — disse-me, ofegante. Os seus estranhos olhos azuis cruzaram-se com os meus, e percebi pela primeira vez que tinham o mesmo tom dos punhais de gelo recém-formados. Tão familiares e seguros. Talvez até bonitos.

— Desculpa — soluço, impotente enquanto a minha lâmina penetrava a sua carne.

O Ivandar capitulou com um gemido.

— Não tens de pedir desculpa. Não o fazes de livre vontade.

Um riso histérico e arquejante brotou dos meus lábios com a mesma rapidez com que o sangue jorrou do seu corpo. Tinha razão, e não consegui decidir o que era pior, se o facto de querer salvá-lo ou o facto de não poder.

E agora a mesma lâmina ensanguentada está encostada à garganta do Serik.

Depois de matar o Ivandar, o Kartok obrigou-me a virar-me contra o meu primo. Mas em vez de o matar, as minhas mãos prenderam as palmas do Serik para me proteger do seu calor. Os meus pés levaram-no para o labirinto de sebes, sem nunca fazer uma curva errada, encaminhando-o para o feiticeiro com a obediência de um cavalo à rédea.

— Estás à espera de quê? — rosna o Serik. A sua garganta roça na lâmina à medida que ele se debate, molhando os meus dedos com ainda mais sangue. — Ambos sabemos que sempre quiseste matar-me, por isso fá-lo. Até tens a justificação perfeita para me matar a sangue frio: o Kartok está a controlar-te.

— *A sangue frio?* — atiro de volta. Ele sempre foi o instigador das nossas disputas, culpando-me por todos os problemas da sua vida, quando não tenho culpa que o pai dele fosse um traficante de armas condenado a cumprir pena em Gazar. Também não tenho culpa que a mãe dele tenha ficado destróçada com isso. Ou que o Serik não tenha desenvolvido um poder Kalima mais cedo. Ou que os meus pais sejam afetuosos e influentes o suficiente para o manterem longe da frente de batalha.

A maioria das pessoas na sua posição teria reconhecido a sua boa fortuna e demonstrado gratidão.

Mas não o Serik.

Sempre foi ingrato, irracional.

Ou *será que tens sido insensível, indiferente?*, retruca uma voz silenciosa. Uma voz que quero justificar com o domínio do Kartok, mas estas memórias antecederam em muito a influência do feiticeiro. Só que agora são vistas à luz de um novo entendimento, de um ângulo diferente.

Viraste as costas ao Serik quando o poder dele não se manifestou. Não de propósito, não ao início. Estavas fora em missões. A treinar. A marchar de batalha em batalha. Mas não foi essa a percepção do Serik. Abandonaste-o, esqueceste-te dele. Como todos os outros. Confirmaste o seu maior medo: se não tens poder, não és nada.

— Não ouviste o que eu disse? — rosna ele, inclinando-se para a lâmina.

Exalo um longo suspiro cansado, disposta finalmente a aceitar o meu papel. Pronta para deixar morrer esta animosidade amarga. Nunca venceremos os Zemyanos se estivermos sempre a magoarmos um ao outro.

— Não te quero matar, Serik — digo, em surdina.

Ele, claro, responde com risos rancorosos.

— Céus ardentes, estás a adorar isto, não estás? Agora que estou a implorar a morte, é a única coisa que não me concedes.

Com um gemido exausto, arrasto-o mais para dentro do labirinto das sebes. Mesmo com a maior parte do seu poder contido, a pele do Serik é demasiado quente ao toque. As minhas mãos borbulham, e a dor é tão agonizante que só me consigo concentrar na necessidade esmagadora de me afastar. Sempre que me consigo insurgir contra o domínio do Kartok, uma nova onda de gelo trepa pelas paredes da minha mente e mantém os meus dedos fechados.

Estou cativa na minha própria pele.

O Kartok espera por nós junto a um pedestal, em cima do qual repousa um grande livro azul. Tanto a Enebish como o Temujin jazem nas ervas em frente ao pedestal, cobertos de sangue.

Não sei a quem pertence e tento convencer-me de que não é relevante, mas o líder rebelde não se mexe e a Enebish sim, e o alívio que sinto é suficiente para me tirar o fôlego. Já perdi o Ivandar. Não aguentaria perdê-la também. Ter o seu sangue a manchar-me as roupas e a consciência.

Paramos diante do Kartok, e a Enebish consegue levantar-se.

— Solta o Serik — diz ela num rosnado baixo e ameaçador. Não sei se está a falar comigo ou com o Kartok. Seja como for, acho que não importa.

O Kartok junta os dedos à frente da cintura e sorri.

— Leva-me à Senhora do Céu e ao Pai Guzan, e eu ordeno à comandante que solte o rapaz — diz ele à Enebish.

— Não o leves a lado nenhum, En — intervém o Serik.

— Sabes que só há outra opção... — O Kartok empurra o cadáver do Temujin com a ponta do pé. — Estás mesmo disposto a morrer a defender deuses que te ignoraram? Que acharam por bem abençoar-te com poder só quando precisaram de ti? — O Kartok estala a língua em sinal de reprovação. — Depois de tantos anos de ânsias e sofrimento, pensei que serias mais esperto. Uma Deusa justa e previsível não seria a melhor opção para os nossos dois povos? Eliminar dois deuses ardilosos é muito mais simples do que fazer com que as pessoas peguem em armas. Mas já sabes disso, verdade?

O Serik engole em seco contra o gume da lâmina. Consigo sentir os seus batimentos cardíacos a pulsar na caixa torácica. Não tenho dúvidas de que ele já pensou em tudo aquilo, não especificamente em apoiar Zemya, mas em desejar que não houvesse Primeiros Deuses. Desejar que todos fossem iguais e que tivessem a oportunidade de alcançar a grandeza.

— Estarias disposto a morrer para defender os Primeiros Deuses? — A voz da Enebish é roufenha e os seus olhos estão rasos de água quando olha para o Serik.

Ele acena com a cabeça, depois de uma breve hesitação.

— Sim.

Tenho vontade de rir. Ou talvez seja de vomitar. Não faço a mínima ideia daquilo em que ele decidiu acreditar agora que possui um poder Kalima, mas sei que não tem o mesmo amor e fé inabaláveis nos deuses que a Enebish. Se fosse só por causa deles, provavelmente deixaria o Kartok passar. Os deuses que colhessem as consequências da injustiça que semearam. Mas o Serik sempre

amou uma coisa acima do fascínio do poder e da grandeza. Uma pessoa que ele venera mais do que uma Deusa. E se a Enebish quer defender a Senhora e o Pai, o meu primo vai permitir que eu o degole só para que ela não falhe no seu propósito.

Alguns diriam que é a mais alta forma de coragem e amor. Diriam que a sua devoção é nobre, talvez até enternecedora. Em parte, também eu desejo ter alguém que me apoie tão completamente; que acredite em mim com tamanha devoção. Mas depois lembro-me de que é apenas o Serik. E que este sacrifício, e o seu desconcertante e recente desejo de acreditar, são um desperdício.

Se a Senhora do Céu e o Pai Guzan são poderosos ao ponto de criarem este reino e todo o continente, e sábios ao ponto de incutir o poder do céu em guerreiros dignos, não deviam ser fortes o bastante para expulsar este Zemyano da sua presença? Não deviam saber da sua chegada e estar preparados para o enfrentar sem a nossa intervenção? Como posso prestar culto a Deuses que são demasiado fracos para se defenderem? Se esperam que admita que não sou uma deusa, preciso que Eles provem que são mais fortes; que Eles me deem um motivo para confiar em algo além de mim mesma.

— Faz a tua escolha, Fiadeira da Noite, ou eu faço-a por ti — rosna o Kartok à Enebish. — Os teus deuses ou este rapaz?

— A Senhora e o Pai nunca me obrigariam a fazer tal escolha! — grita a Enebish.

— Mas obrigo eu. E como Eles decidiram não nos agradecer com a Sua presença, os meus objetivos são a única coisa que importa. — Ele torce os dedos com força.

E os meus replicam o movimento.

Um segundo depois, o Serik grita quando o seu sangue fresco me molha a mão.

A Enebish crava os dentes no lábio inferior. Ergue o olhar para as montanhas à sua esquerda e inclina a cabeça para trás, murmurando uma oração. Pergunta aos seus deuses o que fazer enquanto

os olhos do Kartok seguem a sua linha de visão — acutilantes e ávidos.

— Segue-me — diz ela, por fim, a coxear em direção aos picos que nos rodeiam.

— Não faças isto, En — suplica o Serik enquanto avançamos por entre as sebes bem aparadas, primeiro a Enebish, depois eu e o Serik, com o Kartok a fechar o cortejo, mantendo-nos na linha. — Estou disposto a fazer este sacrifício. Quero fazer este sacrifício.

A Enebish abana a cabeça com firmeza.

— A Senhora e o Pai vão mostrar-nos uma alternativa.

— E se não o fizerem? Ou não puderem? — O Serik contorce-se contra o meu aperto. Quanto mais luta, mais quente se toma. E quanto mais quente se toma, mais as minhas mãos borbulham. E quanto mais afiada a dor, mais começo a entrar em pânico. É finalmente esse pânico que derrete as paredes geladas que tinham a minha mente cativa. Por um breve instante, sinto-me assoberbada pela clareza e pela autonomia, quase o suficiente para largar o Serik. Mas o Kartok está ali, a pairar sobre o meu ombro, a obrigar a geada a subir e a voltar a formar-se. A reiniciar o processo.

Enquanto caminhamos, os sons da batalha vão-se desvanecendo até desaparecerem por completo. Ou os Kalima, a pequena Fiadeira da Noite e os reis foram derrotados pelos Zemyanos ou este jardim é ainda maior do que eu imaginava. Dou por mim a desejar mentalmente que seja a segunda hipótese. Não porque concordo com a sua rebelião ou com os seus deuses, mas porque imaginar os Kalima e os reis de Verdenet e Namaag a caírem diante dos Zemyanos é exasperante e insultuoso.

Por fim, o jardim dá lugar à terra dura e fendida que não é nem castanha nem cinzenta — uma desolação rochosa que cerca o jardim como um fosso. O chão inclina-se a pique para as montanhas altas que seriam uma fortificação adequada para qualquer um que tentasse entrar pelo lado contrário. Para pessoas menos zelosas do que o Kartok, que arranjassem maneira de contornar a cordilheira e entrassem diretamente para o jardim.

O solo rochoso diverge em trilhos que sobem para cada um dos picos. A Enebish faz uma pala com as mãos e olha para os cumes envoltos em nevoeiro.

— Aquela — diz, com reverência, apesar de todas parecerem iguais.

O Kartok franze a testa enquanto os seus olhos seguem o ziguezague dos caminhos que sobem a perder de vista.

— Porque estariam os teus deuses ali em cima quando têm aqui este magnífico jardim? Se estás a desviar-me propositadamente, rapariga, eu...

— Talvez gostem da vista — interrompe a Enebish, indómita e inflexível. Como a guerreira que lutou ao meu lado nos Kalima. Fui insensata ao pensar que podia enfraquecê-la e controlá-la se a abatesse em Nariin, mas ser empurrada para o fogo só a tomou mais forte. — Ou talvez soubessem que virias. Talvez queiram ver-te sofrer e suar antes de te empurrarem do cume da montanha.

— Chega! — O Kartok junta as palmas das mãos e o meu braço dá sinal de vida. Quando dou por mim, já tinha feito um corte no bíceps do Serik, suficientemente fundo para chegar ao osso. A lâmina está novamente encostada à garganta antes mesmo de ele começar a gritar.

— Se te recusares a colaborar, quem sofre é o rapaz — diz o Kartok à Enebish.

— Não o ajudes — balbucia o Serik, por entre dentes cerrados.

— Escolheste uma péssima altura para te tomares tão devoto — diz a Enebish enquanto prossegue pelo trilho rochoso.

Subimos durante horas, sob um calor insuportável que nos faz transpirar. Entre o Serik e o Sol, que é muito brilhante e está demasiado próximo neste reino, tenho a certeza de que nunca mais serei capaz de dominar o gelo. O meu núcleo gelado desfez-se em água, que escapa agora pela minha pele e se evapora no ar rarefeito.

Ao fim do que me parecem dias, ascendemos a um manto de neblina rosada — da cor das pereiras que florescem na primavera

na propriedade dos meus pais. O nevoeiro cai pesado e fresco, protegendo-nos ligeiramente da luz inclemente do sol, que não abrandou minimamente desde a nossa chegada, apesar de uma lua crescente ter surgido por detrás dos picos e pairar agora no céu, ao lado do sol. O que prova que este é mesmo o Azul Eterno, no sentido mais literal.

O nevoeiro adensa-se à medida que subimos, até eu mal conseguir distinguir o Serik, que continua preso nos meus braços. O que significa que o Kartok pode não ser capaz de me ver. Mexo os dedos para perceber o seu grau de consciência, concentrando toda a minha energia num só dedo. Sinto que estou a levantar um cavalo de batalha, mas consigo afastar o mindinho do punhal. Estou a esforçar-me para levantar o dedo anelar quando o nevoeiro desaparece abruptamente e, com ele, todas as ideias de fuga.

Seja como for, foi uma ideia parva. Para onde fugiria? Não sei como sair deste sítio. Nem faço a mínima ideia do que nos espera em Ashkar. E, o pior de tudo, tremo só de pensar em deixar a Enebish e o Serik aqui com o Kartok.

O cume da montanha não é maior do que um salão comum, embora muito mais extravagante, com pisos axadrezados em azul e branco, sofás em veludo azul-escuro e cadeirões brancos dispostos em torno de um monte de rochas, como aquele que o Kartok me mostrou no seu livro. Pequenas luzes cintilantes e grandes faixas de seda azul estendem-se desde o ápice da torre rochosa e formam paredes semelhantes às de uma tenda que esvoaçam com a brisa.

No lado oposto do terraço, o tecido está apanhado de lado, de modo a revelar uma varanda com vista para uma extensão infinita de céu e rocha. Há duas figuras sentadas. Não consigo ver os seus rostos, mas uma usa um vestido no tom de um céu repleto de estrelas e a outra um manto de folhas verdejantes.

Fico boquiaberta e pestanejo como se eles pudessem desaparecer. Estou a alucinar, só pode ser isso. Estava tão convicta de que não encontraríamos nada aqui em cima, a não ser mais terra cinzenta e rochas espalhadas. No entanto, aqui está uma prova inegável de que há mais.

Tal como pediste.

O ar recusa-se a encher-me os pulmões. Tento convencer-me de que é da altitude. Ou do esforço da subida.

Uma coisa é considerarmos que as nossas opiniões sobre a vida e o poder e os deuses podem estar erradas. Outra coisa é ver esses medos confirmados, e com a subtileza de um murro no estômago.

A Enebish cai de joelhos. Louvores e advertências frenéticas escorrem dos seus lábios num fluxo indecifrável, enquanto ela se aproxima da Senhora e do Pai. O Serik está tão imóvel nos meus braços que nem consigo senti-lo a respirar. Atrás de nós, o Kartok sussurra algo em zemyano, depois passa por mim e pelo Serik e pontapeia a Enebish para o lado como se ela fosse um gato.

— Estou aqui em nome de Zemya! A filha que vocês tão insensivelmente abandonaram! — A sua voz ecoa no vento como um trovão, mas a Senhora do Céu e o Pai Guzan não dão sinais de o terem ouvido. Continuam a olhar para longe, a acenar ou a apontar ocasionalmente. Absorvidos na Sua própria conversa.

— Tentei avisar-vos! — grita a Enebish. — Escrevi no Livro de Murmúrios!

O Kartok vira-se e levanta a mão na direção da Enebish, que imediatamente se cala. Vejo-a contorcer-se e levar as mãos à cara, tal como eu fiz quando o Kartok usou a sua feitiçaria para me prender a língua.

— Não é real! — Tento ir ter com ela, mas as minhas pernas estão transformadas em pedra. Congeladas, tal como os meus braços inúteis. Não posso fazer nada a não ser ficar a ver o feiticeiro a atravessar a sala, com as suas vestes esvoaçantes e os cabelos brancos a chicotear o ar. Parece tão incolor e deslocado neste palácio sumptuoso. Como o vestígio de uma nódoa que foi eliminada.

— O vosso reinado de injustiça acaba aqui! — grita enfaticamente. — Podem abdicar do vosso poder, anunciar os vossos pecados e devolver a Zemya a glória e tudo aquilo que Ela merece e é seu por direito, ou terei de vo-lo arrancar à força.

Ainda assim, os Primeiros Deuses não lhe prestam atenção. Não percebo se é intencional. Talvez simplesmente não consigam ouvi-lo. Ou talvez isto seja a prova da sua supremacia: eles não se amedrontam perante os invasores. Não se encolhem. São onnipotentes. Talvez até mereçam o meu respeito.

Com um rugido que emana das profundezas do seu peito, o Kartok brande a sua espada curva contra o monte de pedras que suporta a tenda.

— Zemya não voltará a ser ignorada! — grita, quando as pedras caem como soldados abatidos em combate.

Arquejo, pois, não sei como, senti a força do golpe do Kartok no meu flanco. O Serik geme também. E a Enebish agarra o estômago, ainda de joelhos. A repercussão do ataque do Kartok ondula através de todos nós e através do próprio reino. A montanha oscila quando as pedras atingem os mosaicos azuis e brancos.

Por fim, a Senhora do Céu vira-se e contempla-nos através das rochas caídas e das paredes de cetim tombadas e eu arquejo ainda mais alto. Uma dor esmagadora espezinha-me como um sabre cravado no coração.

Nunca tive razões para pensar ou imaginar como seria a Senhora do Céu. Mesmo que o tivesse feito, nunca esperaria ver o rosto da minha mãe a olhar para mim. A Senhora do Céu é igual a ela, até nos lábios arqueados, sempre pintados de cor-de-rosa, e nos caracóis acobreados. Tem inclusivamente os olhos da minha mãe, meigos, mas indómitos, quando me observa com orgulho.

— M-mãe? — gaguejo. Assim que digo o seu nome, o rosto da Senhora muda, transformando-se no rosto da Shoshanna, a Arauta do Gelo que me orientou quando me juntei aos Kalima. Morreu durante o cerco de Verdenet, e eu chorei em silêncio na minha cama todas as noites durante um ano depois disso. No entanto, aqui está ela, com os seus olhos doces a sorrir, os lábios desenhados no seu sorriso caraterístico. — Não compreendo. — As lágrimas encharcam-me as faces, mas não consigo tirar a mão da lâmina encostada à garganta do Serik para as limpar. — O que vês? — pergunto-lhe.

Ele responde com um grunhido seguido de uma série de apelos sussurrados:

— *Levanta-te. Acorda.*

A Enebish ergue-se do chão e o seu olhar passa lentamente da Senhora do Céu para mim, numa expressão plena de admiração, mágoa e indignação. E depois começo a chorar ainda mais porque finalmente compreendo. Ela vê-me na cara da Deusa. A Senhora tem cuidado de todos nós. Ela reside em todos nós. É todas as encarnações de uma mãe.

Não sei o que o Kartok vê, mas quem quer que seja, a visão não o detém. De espada em riste, avança contra a Senhora e o Pai, lançando um grito de guerra zemyano.

A Enebish corre atrás dele, com a perna magoada a mover-se mais depressa do que eu pensava ser possível.

A Senhora e o Pai mantêm a sua postura altaneira na varanda, enquanto observam o feiticeiro a aproximar-se. Ao contrário da Senhora do Céu, não reconheço o Pai Guzan, mas as suas sobancelhas arqueadas e as suas faces cor de pêssego invocam um sentimento familiar — memórias de lugares onde me senti feliz, segura e amada: a correr pelas extensas vinhas da propriedade dos meus pais; montada na *Tabana* enquanto os seus cascos calcorreavam as pradarias; ajoelhada na sala do trono do Palácio Celeste, rodeada pelos meus guerreiros.

O Kartok está a poucos passos dos Primeiros Deuses quando a Enebish apanha a parte de trás do seu manto com a mão que não está lesionada. O tecido retesa, prendendo o Kartok como um cão pela trela. Ele tosse e os seus braços abanam, em busca de equilíbrio. A Enebish ataca novamente, placando-o pela cintura e atirando o feiticeiro ao chão. Logo a seguir, os dois rebolam, debatem-se e lutam corpo a corpo, com sede de sangue.

Sinto a bília na garganta e um zumbido nos ouvidos. A cada balanço, o Kartok fica mais próximo de retalhar a Enebish.

— Temos de fazer alguma coisa! — A pele do Serik está mais quente do que nunca, e eu afasto-me com uma imprecisão.

Olho para as minhas mãos. Os meus dedos mexeram-se. Não muito, mas o suficiente para afastar a faca minimamente da garganta do Serik. Graças à refrega com a Enebish, o Kartok não preenche imediatamente a minha mente com gelo.

— Queima-me — insto o Serik. — Ergue as mãos para a faca, corta as cordas e queima-me com todo o teu poder.

O Serik fica tão perplexo que se ri.

— Porque faria eu tal coisa?

— Vai enfraquecer a minha ligação ao Kartok! Nós estamos ligados através do Lordinium e através do poder que ele me roubou. Se quebrarmos essa ligação, talvez consiga resistir-lhe o suficiente para te libertar. — O Serik não diz nada. Não lhe consigo ver a cara, visto que estou atrás dele, mas consigo senti-lo a revirar os olhos. — Nenhum de nós pode ajudar a Enebish se eu te mantiver refém — sibilo-lhe ao ouvido. — Não sei porque hesitas. Ambos sabemos que sonhas em incendiar-me desde o tempo em que ainda não tinhas um poder Kalima.

— Só hesito porque sei que isto é um truque — diz o Serik. — Um esquema para obteres vantagem. Provavelmente, queres ir até lá para ajudar o Zemyano.

A Enebish grita quando a espada do Kartok lhe corta a cara. Mais uma cicatriz a acrescentar a tantas outras. A visão do sangue vermelho é como uma explosão no meu peito. Uma explosão de medo e indignação.

— Achas mesmo que eu faria isso? — tento gritar, mas a minha garganta está demasiado frágil e apertada. — Sei que vos tratei mal. Sei que cometi pecados imperdoáveis, mas juro pelo meu poder Kalima, pela vida dos meus pais, por cada réstia de orgulho que ainda tenho, que estou do vosso lado. — Respiro fundo e obrigo-me a continuar. — Sinto muito, Serik. Fui horrível para todos, mas sobretudo para ti. E não estou a pedir que me perdoes. Sei que nunca o farás. Estou apenas a pedir-te que me dês a oportunidade de compensar como posso. Deixa-me ajudar-vos, a ti e à rapariga que ambos amamos.

Sinto aquele pedido de desculpas como uma faca que lanceta uma ferida para drenar a infecção. Um refrigério necessário, mesmo que doloroso. Depois de um momento prolongado, o Serik diz:

— O meu calor vai matar-te.

— O teu poder não é assim *tão* forte — digo, com um sorriso triste. Mesmo que uma parte de mim saiba que é; saiba o que estou a arriscar. — Não precisas de me queimar viva, basta tuna onda de calor forte para quebrar a ligação.

Cerro os dentes e alivio o aperto, de modo a que o Serik possa levantar as mãos e arrastar a corda pela lâmina. Ele dá meia-volta, ainda preso nos meus braços, e olha nos meus olhos. Um olhar desconfiado. Mas debaixo daquela hostilidade persistente, há um ligeiro sinal de surpresa. Talvez até de respeito.

Faço um aceno de autorização quando ele coloca as mãos contra o meu peito.

Antes que eu tenha tempo de me preparar, as mãos do Serik acendem-se com luz; o fogo envolve o meu corpo, transformando tudo à minha frente em vermelho, dourado e branco. O calor que me percorre é abrasador e sinto que me refina através da dor.

A minha mente toma-se mais rápida e aguçada quando me liberto do poder do Kartok. Os meus braços tombam, permitindo que o Serik se liberte.

Ele corre, desesperado, na direção do Kartok e eu faço os possíveis para o acompanhar, mas tenho as pernas perras e a visão turva, como o ar por cima de uma fogueira. Felizmente este parece ser um fogo a extinguir-se: brasas que se desvanecem num fumo ténue.

A poucos passos da luta entre a Enebish e o Kartok, o Serik levanta uma mão, forma um chicote em chamas e fá-lo estalar no pulso do Kartok. Com um grito, o feiticeiro larga a lâmina, que gira pelos mosaicos, para longe dele.

O Serik brande uma espada feita de fogo, mas o Kartok desvia-se dos golpes e rebola para um lugar seguro. Antes que me veja e volte a controlar-me, atiro-me ao estômago dele como um cometa

em chamas. O Kartok grita de dor com o embate da minha pele queimada na sua. Exultando, tento cravar-lhe a lâmina que me obrigou a encostar à garganta do Serik.

Quando a ponta da espada está a quase a enterrar-se no coração do feiticeiro, o seu punho liquefaz-se e começa a escorrer entre os meus dedos como cera quente.

Recolho a mão, praguejando. Concluo que as minhas mãos a escaldar estão demasiado quentes para empunhar uma espada. Contudo, quando a arma reaparece no punho do Kartok, percebo que o calor do Serik não teve nada que ver com o sucedido. A lâmina derreteu porque é de aço zemyano.

Eu *sabia* que devia ter cuidado com as armas deles. Tem sido a única ameaça constante, o único perigo previsível no meio do caos que foi ascender a outro reino. Claro que foi a única coisa que descurei.

O Kartok empurra-me, eu caio de costas no chão e ele aproveita para me atacar com a lâmina traidora. Ergo o queixo num gesto de desafio e continuo a lutar, mesmo sabendo que a batalha chegou ao fim, desesperada para dar à Enebish e ao Serik o máximo de tempo possível para recuperarem. Para escaparem. Para resgatarem os Primeiros Deuses.

Engasgo-me num riso descrente. Devia estar furiosa com a injustiça de ter sido arrastada para este reino; a resmungar com o facto de isto afetar o meu legado. Ninguém se lembrará dos meus feitos, da minha força. Ninguém terá conhecimento da extensão da minha dedicação a Ashkar. Devia implorar ao Kartok que voltasse a curar-me com o seu Loridium, fazer tudo para me salvar. Mas à medida que me aproximo da morte, tudo isso perde a importância. Talvez nunca a tenha tido.

Exalo um último suspiro, à espera que o feiticeiro me mate com a mesma insensibilidade com que matei o Ivandar, mas em vez de uma dor lancinante, sinto uma rajada de ar a bater-me na cara. Os meus ouvidos estalam com um silvo suave e mortífero. E quando a faca do Kartok atinge o alvo, não está enterrada na minha carne.

Está espetada no peito da Senhora do Céu.

Capítulo 31

Ghoa

O sangue é uma cascata de estrelas prateadas que escorre pelo Seu peito.

Não sei porque é que os meus olhos se agarram a este pormenor — porque é que a cor do sangue da Senhora é a única coisa que o meu cérebro se recusa a aceitar quando tudo nesta situação é impossível — mas é o brilho prateado a escorrer pelo azul aveludado que dilacera o meu coração.

Fico ali deitada, a tremer de fúria e descrença, indignação e devastação. Fiz tudo o que podia, tomei decisões e fiz sacrifícios que nunca teria feito. Tentei enterrar o meu orgulho e a minha raiva. Tentei perdoar e progredir, e tudo para quê? Para ver a Deusa aceitar a morte? Se Ela é verdadeiramente onnipotente, devia saber que isto ia acontecer, mas Ela nem se mexeu. Não levantou uma mão para se defender!

Sinto que levei uma joelhada no estômago. Um menosprezo ingrato pelos nossos esforços, pelo sacrifício do Ivandar.

O céu azul estrelado escurece, como se tivesse sido tingido por tinta índigo. Sangra das nuvens quando a Senhora do Céu cai de joelhos, a tossir, ofegante. Está tão parecida com a minha mãe e com a Shoshanna que vomito.

O grito do Pai Guzan cresce como um troar. Rios de lágrimas tão largos como o Amereti derramam dos seus olhos castanhos.

Ao cair de joelhos ao lado da Senhora, toda a montanha treme. Tudo se desmorona, desde as pedras até às cadeiras e aos mosaicos. Mas a fratura mais agonizante está dentro de mim. Parece que alguém enfiou um punhal no meu calcanhar e me pendurou como um porco abatido para drenar o meu sangue, a minha vida e o meu *poder*.

Assim que entrámos neste reino deixei de conseguir aceder ao meu poder, mas ainda o conseguia sentir lá, aninhado dentro de mim. Agora, o frio escorre do meu corpo como o sangue escorre de uma ferida de batalha, deixando-me tão oca que me interrogo se os meus órgãos seriam feitos de gelo; se haveria alguma parte de mim que não fosse dura e fria.

A única coisa positiva nesta súbita drenagem é sentir que calor do Serik também abandona o meu corpo. O alívio perpassa a minha pele coberta de cinzas e brasas como a chuva no leito seco do rio.

No outro lado da sala, a Enebish grita nos braços do Serik.

O Kartok recupera a outra espada, aquela que o Serik lhe arrancou das mãos, e avança em direção aos deuses, uivando triunfante.

E uma voz miudinha e venenosa sussurra-me ao ouvido.

Pensaste mesmo que isto ia acabar de outra forma? Foste tola ao permitir que a fé e a esperança te infetassem; tola ao pensar em alguém ou em qualquer outra coisa que não em ti mesma.

É a voz firme e inabalável que sempre ouvi. Os mantras e a mentalidade que me deram força e tomaram a minha armadura impenetrável.

Só que agora essa armadura está tão cheia de buracos que pen- de em pedaços amassados do meu peito. Parte de mim quer ceder. Porquê continuar a lutar por uma Deusa que nem lutou por si mesma? Mas a guerreira teimosa dentro de mim não baixa os braços. Recusa-se a aceitar a derrota. Isto *não pode* ser o resultado de tudo o que sofri, de tudo o que dei.

De tudo o que *nós* demos.

Estou longe de ser a única pessoa que fez um sacrifício. Que enfrentou os seus medos e pôs em causa as suas crenças. Que abriu os ouvidos e se permitiu ouvir os acordes de uma bela canção há muito esquecida.

Essa melodia está a tocar agora, em alto e bom som, num crescendo, enquanto me levanto do chão. Abafa as vozes do medo e da

censura. Recusa-se a ser silenciada agora que finalmente se tomou audível para mim.

Posso não conhecer estes deuses, e posso não ser digna da sua graça, mas sei acatar os seus avisos. Há uma razão para ter sido levada para Zemya. Uma razão para eu e o Ivandar termos encontrado a Enebish e os rebeldes. Uma razão para não os ter entregado aos guerreiros imperiais ou virado costas quando tive oportunidade. Cada passo foi demasiado deliberado para ser coincidência. Alguém que sabe muito mais do que nós tem estado a delinear o nosso percurso. E Ela não nos trouxe até aqui para falharmos.

Desato a correr.

Sem plano.

Sem poder Kalima.

Com nada a não ser a esperança a arder-me no peito — catártica e revigorante em vez de ardente e ruínosa.

A Enebish e o Serik correm também em direção à Senhora e ao Pai, mas eu sou mais rápida. Sempre fui.

O Kartok está quase na varanda onde jaz a Senhora do Céu.

O Pai levanta-se e posiciona-se à frente dela.

Os meus pulmões imploram por ar. As minhas pernas parecem desprender-se do meu corpo e agitam-se mais depressa do que nunca. Mas não sou suficientemente rápida para me entrepor entre o Kartok e os deuses. Não que isso valesse de alguma coisa. Não tenho uma arma ou um poder Kalima. O feiticeiro descartar-me-ia como ao joio e acabaria com os deuses de qualquer maneira.

Como os guerreiros sem magia que mandaste para a frente de batalha.

Talvez se esteja aqui a fazer justiça. Talvez seja o castigo por condenar tantos guerreiros destreinados à morte certa. Ou talvez esses guerreiros sem magia sejam a solução. Um exemplo de dedicação e coragem que eu era demasiado orgulhosa para reconhecer. Combatiam sem a menor esperança de glória ou

hipótese de sobrevivência, mas sem nunca virarem a cara ao inimigo. Todos eles deram a vida para que os seus entes queridos pudessem sobreviver.

Esta sempre foi a arma mais poderosa. E tenho sido demasiado egoísta para a empunhar.

Até agora.

Os meus olhos fixam-se num novo alvo. Mudo de ângulo, baixo os ombros e expludo num último assomo de força enquanto o Kartok levanta a lâmina.

Lanço-me contra as suas costelas antes que o braço que tem a espada se abata. Não luto pelo controlo da arma nem me debato com ele no chão. Os meus olhos estão focados no corrimão.

E no céu que está para além dele.

O feiticeiro perde o fôlego com o meu forte encontrão. Resiste, e tenta arranhar e agarrar-se com os seus longos membros, mas desta vez *eu* é que o apanhei de surpresa.

— Não sabes o que estás a fazer! — grita.

Mas está enganado. Estou a tomar-me a comandante, a irmã, a prima e a filha que sempre devia ter sido.

Uma explosão de lascas de madeira é o resultado do nosso embate no corrimão decorativo da varanda, e logo a seguir sinto-me leve.

A rodopiar no ar.

Em queda sobre um abismo de rochas irregulares e vazios sombrios.

Os gritos do Kartok ecoam dos picos, enchendo o céu com a sua fúria. Mas mal consigo ouvi-lo por causa daquela gloriosa canção, ainda a tocar nos meus ouvidos. Só agora, com o acompanhamento do vento e o ritmo trovejante do meu coração, posso finalmente ouvir as palavras.

Já não estou a cair do céu, mas sim sentada na sala de música dos meus pais, a ouvir os acordes do cravo, a ver o meu pai fechar

os olhos e a agitar o copo de vorkhi como se fosse a batuta do maestro.

— Canta, Ghoe! — insiste.

Abano a cabeça.

— Porque haveria de cantar se consegues interpretá-la com o dobro da mestria?

— Eu podia cantar — concorda —, mas isso negar-te-ia a oportunidade. Às vezes, tem mais mérito não quem consegue fazer algo de forma mais fácil ou melhor, mas sim aquele que mais tem a aprender com isso. Só com os nossos erros conseguimos apreciar verdadeiramente a beleza da peça aperfeiçoada. Só através desse espetáculo de vulnerabilidade e coragem é que o cantor atinge todo o seu potencial.

Do outro lado da sala de música dourada, a minha mãe levanta os olhos do bordado e sorri. O seu rosto está simultaneamente igual ao de que me lembrava e totalmente diferente. É mulher e Deusa. Dois seres, mas uma só mente. Com o mesmo amor incondicional.

— Muito bem, minha menina — diz mansamente.

Inclino o meu rosto para o céu e vejo o rosto do Ivandar na brancura do nevoeiro rodopiante. Sinto o calor do Serik no calor do sol eterno. E são os braços da Enebish que me aguardam na escuridão mais abaixo. E perco o medo de cair.

Capítulo 32

Enebish

Tudo acontece numa névoa. Invocando o nome de Zemya, o Kartok avança contra o Pai Guzan. A lâmina do feiticeiro reflete a luz do sol. O seu rosto refulge com um êxtase mórbido.

Um urro solta-se da minha garganta e desato a correr. Os deuses nunca permitiriam que o feiticeiro zemyano os matasse. Nunca! Mas a Senhora do Céu jaz morta numa poça de sangue e o Pai Guzan nada faz para deter o Kartok.

Corro mais rápido do que alguma vez o fiz, mas sou muito lenta para intervir. Demasiado lenta, graças aos ferimentos que me foram infligidos em Nariin.

Grito novamente, preparada para ver o Pai Guzan morrer ao lado da Senhora do Céu. Mas é então que um vislumbre de cabelo castanho passa por mim como um raio. A Ghoa atira-se ao Kartok, fazendo-lhe uma placagem de lado com toda a raiva e velocidade que leva para as batalhas. O seu ímpeto atira com ele através da plataforma, em direção a um corrimão intrincado que é meramente decorativo — retorcido e frágil como o véu das nuvens de cirros.

— O que estás a fazer? — grito-lhe, mas o som é abafado por um estalar estrondoso.

A Ghoa e o Kartok despedaçam o corrimão e, durante alguns segundos inexplicáveis, parecem patinar pelo céu: braços agitados, pés a derrapar. Como se, de alguma forma, a Ghoa congelasse o próprio ar.

O Kartok grita de raiva, mas a Ghoa permanece em silêncio absoluto — os olhos fechados, a cabeça inclinada para trás. Um poço de luz atravessa o nevoeiro e desenha um sorriso de contentamento no seu rosto bronzeado.

Logo a seguir, desaparecem.

Lamentos torturados ecoam por entre os picos da montanha, e só quando fico sem fôlego e com um ardor na garganta é que percebo que a voz que grita é a minha. Não a da Ghoe. Ou do Kartok. Os meus pés levaram-me de alguma maneira até à borda da varanda, apesar de não me recordar de dar mais um passo que fosse, e tenho as pontas dos dedos ensanguentadas de arrastar a minha mão pelos estilhaços do que costumava ser o corrimão.

É a mesma sensação extracorporal que me oprimiu na primeira vez que fui empurrada para um verdadeiro combate. Estava a treinar com os Kalima há quase um ano e já os tinha acompanhado em muitas missões. Assistira às batalhas mais horríveis. Pensei que *sabia* o que significava ceifar uma vida. Pensei que estava preparada. Mas nada nos prepara para o sentimento, a essência, que são expelidos do corpo de alguém juntamente com o seu sangue. Para a forma como isso nos mancha e salpica, mas que não sabemos como limpar, visto que não conseguimos ver o sangue.

Ainda hoje sou assombrada pelos olhos da minha primeira vítima zemyana. A rapariga não podia ser muito mais velha do que eu, e os seus olhos eram de um verde água intenso, emoldurados por espessas pestanas brancas. Aparentemente, a minha espada entrou e saiu no seu corpo. Aparentemente, dei-lhe um pontapé que a deitou ao chão, como tinha sido treinada para fazer. Mas não me lembro de nada. Só daqueles olhos, cravados em mim, até que a Ghoe me agarrou pelo braço e me arrastou para longe da vaga seguinte de soldados zemyanos.

— Controla-te — disse, enquanto me dava um estalo na cara. Não de uma forma cruel. O seu rosto irradiava preocupação. Talvez até alguma compreensão. Como se ela própria já tivesse sido uma criança de 12 anos aterrorizada por não perceber como é que a sua espada tinha ficado tão vermelha. No entanto, a ideia de a Ghoe poder hesitar ou revelar medo, a ideia de ela ser outra coisa que não uma guerreira experiente, era risível. Insondável.

Quase tão insondável como vê-la atirar-se do cume de uma montanha para salvar deuses em que nunca acreditou.

Olho por cima do ombro. A Senhora do Céu não se mexeu, mas o Pai Guzan começa a levantar-se lentamente, ainda agarrado à mão sem vida da Senhora.

Isto não é real. *Não pode* ser real.

Mas as lascas de madeira que penetram na minha pele e os gritos tristes do Pai Guzan provam que sim.

— Maldição'. — O Serik corre ao meu lado, a sua voz baixa e entrecortada. Espreita pela borda, para um abismo tão profundo que não consigo ver as árvores por que passámos durante a subida ou o extenso jardim que é maior do que toda a cidade de Sagaan. O Serik abana a cabeça. A sua pele emite ondas de vapor, como se tivessem atirado água fria para uma fogueira. — Eles...? A Ghoe fez mesmo...?

— Sim — sussurro, caindo de joelhos.

O Kartok está morto. Nenhum tipo de feitiçaria, neste mundo ou em qualquer outro, é suficientemente forte para lhe dar asas. Mas tenho a certeza de que tentou invocá-la. Imagino-o a criar à pressa uma almofada de nuvens que lhe amparasse a queda, e a atravessá-la a toda a velocidade, inelutavelmente. A sua vida tão fugaz e oca como a sua magia.

A imagem seria um consolo se a Ghoe não tivesse sofrido o mesmo destino.

Sou dominada pelos soluços que me sacodem o corpo, aproximando-me cada vez mais da borda, imaginando como seria cair daquela altura, sabendo que teria a morte à minha espera. O Serik abraça-me e puxa-me gentilmente para trás.

— Afasta-te daí, En. Não há nada para ver.

Aí é que está o problema. Se não conseguir ver a Ghoe a cair e o seu corpo desfeito nas rochas, não há provas de que isto seja real. O meu cérebro recusa-se a aceitar que ela morreu a salvar os Primeiros Deuses.

Não faz sentido, e preciso, mais do que tudo, de algo que faça sentido.

Estou tão revoltada com tudo o que se passou que começo a sibilar e a arranhar o Serik como um felino da montanha. Desesperada para ficar onde estou, a cambalear sobre o vazio, enquanto a minha mente vagueia entre o passado e o presente. A Ghoe era tão complexa. Desempenhou tantos papéis.

Salvadora, agressora.

Cuidadora, carrasco.

Mentora, rival.

Qual das versões era a real? Quem era ela verdadeiramente? Como posso chorar alguém que tanto me destruiu como me salvou? Uma parte de mim quer enfurecer-se contra a injustiça e a ironia de tudo isto. De certa forma, foi isto que a Ghoe sempre quis: que todos ficassem em dívida para com ela, que a admirassem. Queria fazer parte da lenda, e como nunca conseguiria sê-lo depois da queda de Ashkar, encontrou outra maneira de garantir que seria recordada com reverência.

Só que ninguém estava aqui para testemunhar o seu sacrifício, exceto tu e o Serik...

E ninguém em todo o continente a vai reverenciar por salvar deuses que acreditam estarem mortos há muito tempo...

Talvez o seu sacrifício tenha sido mais altruísta. Talvez a Ghoe que conheci e amei desde sempre ainda estivesse lá, a lutar pelo controlo e por oxigénio, à medida que o orgulho e as expectativas a empurravam cada vez mais para o fundo do mar.

Ela permitiu-se ser capturada por Zemyanos para que os Kalima pudessem escapar. Fez uma aliança com o príncipe zemyano para regressar ao país que a abandonou. Ajudou-nos a libertar Chotgor e ficou ao nosso lado contra os Kalima. Recusou-se a magoar o Serik, apesar do domínio do Kartok, e atirou-se de um penhasco em defesa de deuses que ela não venerava.

Tenho a certeza de que não estava contente com a maioria destas decisões. Aposto que se debateu constantemente consigo mes-

ma. Mas mesmo assim não recuou, antes abriu um caminho para o seu verdadeiro eu. Para a pessoa que queria ser.

Temos sempre essa escolha, por mais irredimíveis que nos consideremos. Ninguém é totalmente bom ou mau, e nada é tão simples como parece.

A Ghoe pode não ter parecido assustada quando saltou, mas tenho a certeza de que teve medo. E pode não ter proclamado com seu último suspiro que fez isto por mim, mas sei que fez. Ela não queria saber dos meus deuses, mas *sempre* se importou comigo. E com o Serik também, mesmo a contragosto. Creio que ela até estava a começar a gostar do príncipe zemyano e dos pastores. E esta foi a sua maneira de o demonstrar: atirando-se ao inimigo. Defendendo o seu batalhão como só uma comandante faria.

Isto não desculpa as coisas horríveis e imperdoáveis que fez. Mas se só me lembrar dos crimes dela, o Kartok ganha, porque isso significa que ele me terá privado da capacidade de confiar e amar. De acreditar que somos, todos nós, capazes de mudar.

— Enebish. — O Serik puxa-me pelo cotovelo. — Acho que devemos segui-Lo. — Aponta com o queixo através da varanda em ruínas, onde o Pai Guzan está de pé, por entre as pedras espalhadas do monte sagrado. Está vivo graças ao sacrifício da Ghoe. A Senhora do Céu, no entanto, repousa nos braços do Pai como um cisne sem vida, encharcada em sangue cintilante. O Seu cadáver já começou a murchar por baixo do veludo azul do vestido, e o Seu rosto ainda é o da Ghoe.

Quando a Senhora se virou para olhar para nós, vi a minha mãe, a minha avó, a minha mentora, a Tuva e a Ghoe na face da Deusa. Mas agora o seu rosto está bloqueado nas faces sardentas e na testa sulcada da Ghoe. Aqueles olhos castanhos, que brilhavam com tanta ambição e vivacidade na vida, estão vidrados e imóveis.

Prova de que ambas morreram.

O chão parou de tremer, graças ao controlo do Pai Guzan, mas o céu continua a chorar a perda da sua senhora. A chuva encharca-

nos. O vento fustiga-nos. Um raio atinge o chão à nossa direita e outro à nossa esquerda enquanto seguimos o Pai pelo caminho da montanha. Acima de nós, a escuridão continua a pingar como tinta através do céu azul eterno — trazendo consigo a noite. Levanto os dedos para ver se consigo invocar os fios, mas a escuridão é sólida como pedra. Porque não é escuridão, percebo depois. É o nada. A ausência de um criador.

O Pai não diz nada enquanto caminhamos — nem uma palavra de agradecimento ou condenação — mas canta. Todas as canções que conheço de cor. Dou por mim a cantarolar, consolando-me com a familiaridade das suas palavras e a riqueza da sua voz — como o gorgolejar constante de um riacho.

Ele transporta a Senhora do Céu firmemente segura contra o seu peito para a proteger do pior da tempestade. Lágrimas escorrem pelas faces do Pai Guzan e mancham o vestido da Senhora, fazendo com que o musgo verde desponte do tecido. Quando as suas lágrimas caem no chão, pequenos trevos e flores nascem na encosta da montanha. Não sei se ele as deixa cair de propósito, mas sussurro a minha gratidão, porque a folhagem proporciona alguma tração que nos ajuda a descer pelos caminhos rochosos.

Há uma multidão a aguardar-nos no sopé da montanha, reunida em torno de uma forma sem vida na orla do jardim. Faço imediatamente a vistoria para ver quem falta. A Ziva e ambos os reis estão presentes, assim como os Kalima e a maioria dos pastores e Chotgorianos que ficaram para lutar. Os Shoniin e os Zemyanos estão parados, com as armas esquecidas no chão. O seu príncipe está ausente, mas o corpo espalhado nas rochas não podia ser o do Ivandar. A Ghoha matou-o do outro lado do jardim. O que deixa apenas duas opções.

Os dois que caíram do cume.

Dou a mão ao Serik, preciso do seu calor, que ele prontamente disponibiliza, mesmo que não o tenha para dar. Os seus dedos estão frios e trémulos. Está constantemente a fechar os olhos e a abanar a cabeça. Aperto mais forte, emprestando-lhe alguma da minha força para retribuir todas as vezes em que me apoiou.

Ainda entregue aos cânticos, o Pai Guzan avança corajosamente pela multidão. Os pastores afastam-se e inclinam a cabeça. A maioria dos Shoniin ajoelha-se. Até os guerreiros Kalima e os Zemyanos lhe dão passagem, com o maxilar tremido. Apesar de serem muito pálidos, nenhum é tão branco como a Senhora do Céu.

Era a única constante desde o início dos tempos. A criadora dos céus e da terra e de tudo o que permeava os dois. Não sei como será agora que ela morreu. O Pai vai expulsar-nos do Azul Eterno? Ou forçar-nos a ficar para sermos achatados à medida que tudo desaba? Isso interessa? É provável que todo o continente entre em colapso na ausência da sua criadora.

O Pai Guzan para no centro da multidão e olha para baixo. Obrigó-me a olhar também, à espera de ver tuna amálgama de sangue e membros mutilados. É tudo o que pode restar de alguém depois de uma queda de tal altura. Mas a Ghoe descansa pacificamente de costas, intacta, com as mãos cruzadas sobre o peito e sem um fio de cabelo fora do sítio. O seu rosto não tem qualquer ruga, o que faz com que pareça que está a dormir — mais pacificamente do que alguma vez fez em vida.

— Expulsou-a da sua presença pelos seus crimes? — A Ziva levanta-se da sua vénia para se dirigir ao Pai Guzan.

O rei Minoak estende a mão e pressiona a cabeça da Ziva para o chão, tudo sem levantar a sua. Verga-se como só os servos mais baixos fazem em Verdenet.

— A comandante caiu do céu como uma estrela cadente — explica o rei. — Quando ela bateu no chão, a terra tremeu, o céu escureceu e um vento forte trouxe-nos para aqui. Partimos do princípio que a Vossa ira caíra sobre ela, castigando-a.

O Pai Guzan ajoelha-se ao lado da Ghoe, ainda em silêncio.

— Não havia mais nenhum corpo? — pergunta o Serik ao rei Minoak.

— Mais algum corpo? — pergunta por sua vez o Rei dos Pântanos. As linhas no seu rosto enrugado aprofundam-se ainda mais. — Quem mais caiu? De onde caíram?

O Serik fulmina com o olhar os Zemyanos e os Shoniin, muitos dos quais tentam recuar o mais longe e o mais rápido possível sem chamar a atenção do Pai. Um esforço desnecessário. Ele centra a sua atenção na Ghoea.

O Pai Guzan pega na Ghoea, levantando-a nos Seus braços, lado a lado com a Senhora do Céu, antes de responder:

— O agressor nunca chegará à Terra. Vai passar a eternidade a cair.

Os Zemyanos fazem perguntas, mas o Pai retoma a sua marcha solene, embrenhando-se ainda mais no jardim. Podem ser os meus olhos a pregar-me partidas. Ou posso estar a perder toda a noção da realidade na minha confusão e dor. Porque, a cada passo que dou, os corpos inertes da Senhora e da Ghoea aproximam-se cada vez mais, fundindo-se num só. Até que a Senhora enverga mais do que a cara da Ghoea.

À entrada para o labirinto das sebes, o Pai Guzan olha para trás e convida-nos a segui-lo com um aceno quase impercetível.

Não há hesitação. Não há discussão — nem mesmo entre os Zemyanos. Obedecemos como se fôssemos compelidos pelo Loridium do Kartok, só que isto é mais um convite do que uma ordem.

Embrenhamo-nos cada vez mais no jardim, e as sebes bem cuidadas crescem cada vez mais até formarem um túnel sobre as nossas cabeças.

— Nunca encontraremos a saída — sussurra o Serik.

Sinto a mesma incerteza em muitos dos que nos seguem. Mas também sinto o batimento cardíaco deste reino, a pulsar no chão, a sussurrar por entre as árvores. Um ritmo inabalável que me impele em frente com fé. Se o Pai nos fosse expulsar ou castigar, já o teria feito... Certo?

Momentos mais tarde, o labirinto termina num relvado extenso onde se perfilam ainda mais das árvores com joias nas folhas. Um outro caminho dourado desemboca num palácio diferente de tudo o

que já vi. É feito de opalas ou concha de abalone que refulgem em tons de azul, verde e rosa. As paredes ondulam, quase como ondas, e há torres altas que se estendem até às nuvens, ligadas por pontes que parecem feitas de luz e que se tomam ainda mais impressionantes no céu cada vez mais escuro. Mas a característica mais marcante do palácio é a forma como paira vários metros acima do solo — amarrado por cordas brilhantes, como que para evitar que flutuasse para longe.

— Talvez não queiramos sair daqui — sussurro finalmente ao Serik. — Alguma vez viste coisa mais extraordinária?

— Já vi muitas coisas extraordinárias. Estou mais do que pronto para ver coisas normais. E aposto que eles também. — Aponta para os Zemyanos, prostrados a implorar piedade. Mesmo que o Pai Guzan não tenha olhado sequer para eles.

Ou para qualquer um de nós.

O caminho em pó de ouro é tão macio como um tapete e lembra-me os grãos finos da areia de Verdenet. Sinto-o quente sob os meus pés, como se fosse aquecido pelo sol. As árvores que revestem o caminho lembram as de Namaag, com os seus troncos e ramos imponentes, grossos o suficiente para suportar plataformas. O rei Ihsan toca em cada árvore, numa expressão de assombro.

E à medida que nos aproximamos do palácio, percebemos que as paredes brilham como gelo, o que evoca o dizimado Castelo dos Clãs, que destruímos durante o cerco ashkariano de Chotgor.

Apesar de totalmente novo, este sítio é-me dolorosamente familiar. Exatamente como pensei que seria o Azul Eterno. Repleto de uma força muito superior ao poder esmagador e à energia frenética que estava presente no *xanav* do Kartok. O seu mundo era alimentado pelo ódio e pela ambição. Mas o verdadeiro reino do Azul Eterno é alimentado pelo amor.

O Pai Guzan sobe agilmente para um imponente átrio que paira um pouco acima do chão. Quando avançamos para o seguir, todo o palácio se ergue com um sacão. Só então reparo nas figuras robustas posicionadas em intervalos ao longo da parede, meio es-

condidas pelas sombras. São três, e cada uma segura numa corda que amarra o palácio ao chão.

Sei quem são. Reconhecê-los-ia em qualquer sítio. As únicas três pessoas que se qualificaram para ascender a este reino.

Jamukha, o Invencível, com os seus fartos cabelos pretos chamuscados, a única prova de que foi atingido por sete relâmpagos.

Zen, o Devoto, com os ombros curvados e as mãos rugosas atadas à corda como se estivesse em oração.

E Ciamar, a Ousada, com o seu sorriso confiante e a longa trança cinzenta a agitar-se atrás dela como um estandarte — para que o mundo inteiro a visse a saltar da sua torre para os braços da Deusa.

Sonho em conhecer estes guerreiros tocados pela Deusa desde que me lembro. Ansiosa para aprender com eles. Ser fortalecida simplesmente por estar na sua presença. É o mais perto que alguma vez esperei chegar dos Primeiros Deuses, e finalmente aqui estou, diante deles. E eles estão de cara fechada para mim.

Ao contrário deles, não consegui provar a minha devoção. Falhámos à Senhora do Céu.

— Nós tentámos — lamento. — Foi muito, muito difícil. Tudo o que sempre quis foi...

— Não percas tempo a justificar-te perante mim, rapariga — interrompe a Ciamar. — O julgamento está reservado aos Primeiros Deuses.

— Como querem que os sigamos? — Aponto para o palácio que eles propositadamente ergueram do chão.

— Não queremos — diz o Jamukha, casualmente.

Estou demasiado perturbada para responder, por isso o Serik pergunta:

— Então, o que devemos fazer?

O Zen aponta para a linha das árvores, que estão rapidamente a desaparecer com o fenecer da luz.

— Esperem.

E assim fazemos.

Aconchegamo-nos debaixo das árvores com as suas folhas de pedras preciosas, e quanto mais esperamos, mais elas abanam e chocam entre si como pratos estilhaçados. A escuridão começa a cercar-nos também — uma mortalha sinistra e impenetrável. Esmaga-me como uma prensa no peito, dificultando a minha respiração.

— Agora já sabes como nós sempre nos sentimos na tua presença — provoca-me o Serik enquanto me abraça pela cintura. Usa a outra mão para acender a ponta do dedo, como uma vela, mas a chama extingue-se imediatamente. Com um grunhido, tenta de novo. A Weroneka e os outros Fogueiros do Sol tentam invocar também a luz, mas nenhum consegue porque lhes falta o demento base.

A Senhora *era* a luz; nada permanece sem Ela.

Amontoados na escuridão durante o que me parecem horas, começo a pensar que *este* deve ser o nosso castigo por termos desiludido a Deusa, por termos entrado à força neste reino.

A Ziva chora, pouco habituada a sentir-se tão impotente no escuro. Tento confortá-la, apesar de me sentir igualmente desorientada. Estou ciente de cada pelo rígido do meu corpo. Sinto a minha mente a cair aos trambolhões, tal como a Ghoha deve ter caído.

Quando tenho a certeza de que vou explodir, as luzes do palácio acendem-se, iluminando também o jardim. Um jorro de brilho mais luminoso do que o próprio Sol. Ou talvez seja só uma sensação, por contraste com as trevas.

Protejo os olhos e, trôpega, ponho-me de pé, enquanto o palácio pousa suavemente no solo. Há uma silhueta recortada na entrada. Reconheço de imediato o esplendor do vestido de veludo da Senhora e a suavidade orvalhada da sua pele. Mas também reconheço a aspereza da sua expressão e a arrogância do seu passo.

Na varanda do topo da montanha, a Senhora usava o rosto da Ghoha como uma máscara enquanto o resto permanecia fluído.

Omnipotente.

Mas agora é dura e afável em simultâneo.

Deusa e comandante em simultâneo.

As minhas duas mães, fundidas numa só.

Capítulo 33

Enebish

— Enebish. — Ela estende-me um braço. A sua voz é uma mistura desconcertante de melodia suave com o tom mais autoritário da Ghoe, e deixa-me tão perplexa que me esqueço de responder. — Por norma, é de bom-tom responderes quando a Deusa te interpela — diz, e é uma atitude tão característica da *Ghoe* que solto uma gargalhada atónita enquanto dou um pequeno passo na sua direção.

O Serik começa a seguir-me, mas a Senhora levanta uma mão severa.

— Chamas-te Enebish?

O Serik resfolega e passa as mãos pelo cabelo, mas, felizmente, morde a língua para não dizer o que queria, o que faz a Deusa sorrir calorosamente e acenar com aprovação.

A alternância entre a Ghoe e a Senhora é tão repentina e veloz, que começo a ficar com dor no pescoço.

— Ghoe? — Sussurro à medida que me aproximo. — És tu?

— Anda — é tudo o que Ela diz, conduzindo-me para lá da entrada arqueada do palácio.

À medida que percorremos a colunata, a estrutura geme por baixo de nós e ergue-se mais uma vez. Quando procuro a parede para me equilibrar, percebo que está mais perto do que esperava. Em vez de pedra, está revestida de um opulento damasco bege.

Um tapete branco e bordô cone a todo o comprimento do corredor, e não consigo parar de olhar fixamente para ele. Digo a mim mesma que é porque esperava um castelo mais tradicional, com várias paredes tapadas com cortinados e pátios exteriores. O tapete não devia merecer um segundo da minha atenção. É, sem dúvida, o aspeto menos interessante do palácio dos Primeiros Deuses. Mas por alguma razão que me escapa, tenho a certeza de

já o ter visto. Um pequeno, mas incontornável anseio, obriga-me a passar os dedos pelo tapete, a pressionar a minha cara contra aquela suavidade cremosa.

Quando o corredor dá lugar a uma sala, percebo porquê.

À nossa frente, uma impressionante lareira de pedra ruge, abrasadora. A cornija está carregada de troféus, medalhas e certificados. Mais do que qualquer pessoa seria capaz de ganhar. À direita da lareira, em frente às estantes que vão do chão ao teto, está a pequena mesa redonda onde devíamos tomar chá e aprender a posição dos talheres, mas onde em vez disso jogávamos e apostávamos a pequena mesada semanal que ganhávamos por fazer as tarefas na propriedade.

As botas imundas do Serik estão largadas no meio da sala, como sempre, numa tentativa propositada de provocar a governanta. E o primeiro sabre da Ghoha — o pedaço de metal serrilhado que lhe deram quando se alistou e que ela insistia em levar para todo o lado, mesmo quando estava em casa de licença — repousa numa das poltronas como se fosse o sabre pessoal do rei. O ar cheira a livros de couro e cera de limão, e ao aroma amanteigado de tartes de frutos vermelhos a cozer na cozinha lá em baixo.

Esta é a nossa casa. A nossa infância. De alguma forma preservada dentro do palácio dos Primeiros Deuses.

— Não compreendo — sussurro, percorrida por um frémito.

A Deusa ou Ghoha, ou quem quer que seja, pega na minha mão e leva-me até às poltronas gémeas com as riscas pretas e douradas. Aquelas que a governanta jurou que nos estrangulava se nos atrevêssemos a sentar-nos.

— Não tenho muito tempo. — Mais uma vez, o tom de voz remete para a Ghoha, mas a forma graciosa como ela se desloca e a sua expressão plácida não combinam com ela.

— O que se passa? Como é que tudo isto é possível? — pergunto com urgência.

— Sou quem precisas que seja. Este palácio é onde quer que precisas de estar. Os meus filhos são tão variados como os azuis do céu, por isso também eu tenho de me adaptar para os servir adequadamente. Forte para uns, misericordiosa para outros. Sábia e serena, compassiva e atormentada.

— Para onde foi a Ghoe? Não percebo — tomo a dizer, encarando os olhos castanhos da minha irmã, mas vendo o reflexo da Deusa.

Duas respostas surgem em uníssono, saídas do mesmo par de lábios:

— Estou aqui.

— Está aqui.

Isso acentua ainda mais a espiral de confusão. Agarro na cabeça com uma força tal que o meu braço aleijado começa a doer. Mas continuo a apertar. A rezar para que a dor me traga clarividência. Toda a minha vida sonhei em falar com a Senhora do Céu, mas vi-a morrer naquela varanda. E estou desesperada para saber porque é que a Ghoe saltou para salvar o Pai Guzan, desesperada para ter algum tipo de explicação depois de tudo o que passámos, mas também isso é impossível.

Dedos suaves deslizam por baixo do meu queixo e inclinam o meu rosto para cima.

— Para consternação do Kartok, é impossível matarem-me — explica a Senhora. — Não no sentido em que vocês interpretam a morte. A minha forma pode perecer, mas a minha essência é infinita e acaba por encontrar um novo hospedeiro.

— E a *Ghoe* é esse hospedeiro? — atiro. Sei que é impertinente da minha parte interrogá-la, mas isto prova que estou a sonhar.

A Ghoe nunca deixaria que a Senhora do Céu tomasse a sua forma. E a Senhora nunca queria encarnar em alguém como a Ghoe — orgulhosa e descrente, cruel e egoísta.

A Deusa encolhe-se e recua, apesar de ter a certeza de que não expressei aqueles pensamentos em voz alta.

— Não te contém minimamente, pois não, En? — Toda a doçura da Senhora desaparece, e o brilho desafiador nos seus olhos é uma característica tão específica da minha irmã que um soluço toma conta da minha garganta apertada.

A Ghoe está lá dentro, de alguma forma.

Estão as duas.

— É mesmo isso que pensas de mim? — pergunta a Ghoe, e pode ser o zumbido nos meus ouvidos, mas quase soa como se tivesse a voz embargada.

— Sabes bem que não — sussurro.

Apesar de todos os seus defeitos, a Ghoe também é indómita, corajosa e abnegada. Todas as qualidades próprias de uma Deusa.

Como se fosse convocada pelo pensamento, a aura da Senhora sobrepõe-se mais uma vez, parecendo desnorteada por instantes, antes de tomar conta daquela nova pele.

— A transição costuma ser imediata — diz, ofegante —, mas a Ghoe recusou-se a colaborar de início. Em seguida, fez várias exigências... Uma delas foi falar contigo, uma promessa que estou a tentar honrar. — O Seu rosto contorce-se e a Sua respiração torna-se mais pesada.

Olho para a Senhora do Céu, incapaz de compreender o que Ela está a dizer, o que eu estou a ver.

— Como assim, a transição *costuma* ser imediata? Isto já aconteceu outras vezes?

— Sim. Três vezes. Creio que os conheces bem: Jamukha, Zen e Ciamar.

— Os escolhidos pela Deusa?

Ela acena com a cabeça.

— Há um motivo para tão poucas pessoas terem essa designação. Não basta ser devoto ou fazer uma demonstração lendária de fé. Requer um sacrifício em meu nome, em prol do bem comum.

— E a Ghoe foi *escolhida pela Deusa*?

— A que se deve tanto ceticismo? — Mais uma vez, a indignação da Ghoea sobrepõe-se, embora os seus lábios esbocem um sorriso. — É assim tão difícil de acreditar?

— Sim! Só começaste a acreditar nos Primeiros Deuses quando fomos atirados para o seu reino. Não te sacrificarias por nenhum deles.

— Tens razão. Não foi por Eles.

Atiro as mãos ao ar e salto do sofá.

— A Senhora não vê mal nenhum nisso?

A Ghoea olha para o colo e a sua voz é suave como um sussurro na escuridão.

— Porque haveria de ver mal no amor? O que poderia ser mais poderoso como fonte da Sua nova vida?

É o mais próximo que a Ghoea já esteve de admitir o amor que sente por mim, e isso mexe comigo. Sinto o meu peito a colapsar e a expandir ao mesmo tempo. Os meus olhos enchem-se de lágrimas de raiva e gratidão.

Não podes fazer isto!, apetece-me gritar. Não podes dar cabo da minha vida e depois querer emendar o mal que fizeste atirando-te de um penhasco e dizendo que me amas.

Não quero perdoar-lhe. Nunca ninguém me magoou tanto como ela. No entanto, estou desesperada para me atirar aos seus braços uma última vez, porque nunca ninguém se sacrificou tanto por mim. E ninguém me ensinou tanto — quer de bom, quer de mau. Aspirações e avisos. Quer eu queira, quer não queira, a Ghoea moldou-me como um escultor, desbastando o excesso de material para revelar a pessoa em que me tomei.

A Ghoea pousa uma mão sobre a minha — a sua pele demasiado macia e limpa, sem um único calo do sabre.

— Sabes que nunca tive jeito para as palavras, e sei que nunca será suficiente, mas peço que me perdoes, En. Espero que o tenhas sentido no cume da montanha. Mas queria dizê-lo. Precisava de o dizer. — Uma lágrima desliza pela cara da Ghoea, uma das poucas

que já a vi derramar. A única que não endurece no gelo antes de escorrer do queixo. Toma-a muito mais humana, muito mais falível e *real*. Só quando ela estende a mão e toca com um dedo suave na minha face é que percebo que também estou a chorar. — Estou a ficar sem tempo — murmura.

Começa a afastar-se, mas agarro-lhe a mão. Subitamente, não estou disposta a largar.

— O que significa isso? Para onde vais?

— Vou desvanecer lentamente e dar lugar à Senhora. O que restar de mim vai juntar-se aos outros guerreiros escolhidos pela Deusa no exterior do palácio. Acho que há uma bela corda dourada à minha espera. Mas estou desconfiada que os outros não estarão assim tão ansiosos por me acolher — diz, com um sorriso escarninho. — A eternidade vai ser interessante.

Parti do princípio que o ar deslavado dos guerreiros escolhidos pela Deusa se devia à escuridão do vazio, mas afinal é tudo o que resta deles depois de darem a vida pela Senhora do Céu.

Tento imaginar a Ghoha entre eles, serenamente ao lado de Jamukha, Zen e Ciamar — a corda que une os Primeiros Deuses e o mundo. E está tudo errado. A Ghoha é ativa, veloz e hábil. É decisiva, controladora e implacável.

Aperto-a mais, esmagando-lhe os dedos.

— Mas os outros guerreiros escolhidos pela Deusa regressaram a Ashkar para viver o resto das suas vidas antes de voltarem para aqui. É esse o objetivo! Sacrificar a tua vida pela Deusa para que Ela possa continuar a dar vida a todos nós. É um círculo eterno.

— O facto de a Senhora não *me* dar uma nova vida, não significa que Ela não esteja a honrar a sua dívida. — A Ghoha afasta gentilmente os seus dedos dos meus.

— Como assim?

— Escolhi dar a minha recompensa a outra pessoa. Zemya precisa de um líder sábio e compassivo muito mais do que Ashkar precisa de outro guerreiro a dar as últimas.

— Não estás a dar as últimas. E o *príncipe*?

O seu sorriso é malicioso, mas o olhar é pesado. Talvez até sentimental.

— Diz ao Ivandar que se eu fosse capaz de respeitar ou gostar de um Zemyano, seria ele. Conto que ele dê o meu nome à primeira filha. Para garantir que sempre terei a última palavra. E diz ao Serik que ele tinha razão, é um guerreiro muito melhor do que alguma vez admiti. Mas ainda seria capaz de lhe dar uma coça em combate. E tu, En...

A sua voz fica embargada e o olhar toma-se vago. Juro que consigo ver as cicatrizes nos seus braços a desaparecerem uma a uma. Vai mirrando aos poucos, dando lugar à Deusa. Já quase não existe. Mas com um suspiro, como se emergisse debaixo de água, a Ghoe junta forças para um último impulso.

— Sei que controlas a escuridão, mas sempre foste a minha luz. Ergue as mãos trémulas, e conto que faça uma última saudação Kalima, mas desliza-as pelo meu pescoço e puxa-me para junto de si, fechando-as num abraço.

Ainda cheira a cavalos, a couro e a ferro. A neve, a erva e a ar livre.

À *minha* Ghoe.

Irmã, mãe e amiga, tudo numa só.

— Obrigada. — Abraço-a com todas as minhas forças, mas não sei se ela sentiu. Ou se ouviu. O seu corpo é agora muito macio, o cabelo demasiado comprido, e a pele cheira a mel e a globos de ouro. Não preciso de me afastar para saber que estou a abraçar a Senhora do Céu. O que é glorioso e inspirador e me enche de paz, mas que também me deixa um pouco fria.

Um facto que acho estranhamente reconfortante.

Saio do palácio de mãos dadas com a Senhora do Céu e o Pai Guzan. O Serik e os outros erguem-se a custo e olham para nós embasbacados enquanto deslizamos pelo caminho dourado. Che-

gam até mim gritos de louvor e centenas de perguntas, vindos de todos os ângulos, mas a voz da Ghoa, e todas as coisas impossíveis que ela me disse, continuam a colidir como sabres nos meus ouvidos. O som é demasiado alto para me concentrar em qualquer outra coisa. O meu olhar recai sobre as três formas etéreas de pé diante do palácio, embora eu saiba que ela não está entre os escolhidos da Deusa. Ainda não.

A Senhora e o Pai param entre o meu grupo de rebeldes e o batalhão de Zemyanos e Shoniin do Kartok, banhados por um feixe de luz solar que rompeu a mortalha negra do vazio.

— Agradecemos a coragem e diligência que exibiram ao vir aqui para nos defenderem. — A Senhora acena para o nosso pequeno, mas formidável grupo, encabeçado pelo Serik e pelos reis dos Protetorados. — Quanto a vós... — Vira-se para o grupo de Zemyanos e Shoniin, que se prostram no chão, insistindo que não sabiam dos planos do Kartok, que nunca quiseram declarar guerra aos deuses. A Deusa espera que se calem antes de continuar: — Agradecemos-vos também por nos obrigarem a reavaliar uma disputa que já dura há demasiados séculos. — Termina com um sorriso caloroso.

Eles olham para cima, a medo, os seus rostos descrentes — um tipo muito diferente de descrença.

— Está a *agradecer-nos*? — murmura o Chanar. — Mas quase morreram. Nós invadimos o vosso reino...

A Oyunna dá-lhe uma palmada na cabeça.

— Escusas de Lho recordar.

— Como prova da nossa gratidão, vamos enviar-vos para casa. Venham. — A Senhora avança pelo relvado num passo rápido que me faz sorrir imediatamente. Ainda tem qualquer coisa da Ghoa.

Nós esforçamo-nos por acompanhá-la.

O Serik aparece ao meu lado, e as perguntas brotam dos seus lábios como uma cascata.

— O que aconteceu lá dentro? O que disse a Senhora? O que aconteceu à Ghoa?

Não tenho energia para explicar. Nem sequer as palavras certas. Ou a vontade, para ser muito sincera. Quero guardar tudo para mim durante mais alguns minutos. Gravar as conversas que tive com a Senhora do Céu e com a Ghoe na minha mente antes de as abrir ao escrutínio dos outros.

— Prometo que te conto tudo, mas podemos ficar em silêncio, por ora? — Entrelaço os meus dedos nos dele, e procuro os seus olhos cor de avelã. Já não estão desconfiados nem exaustos, mas sim abertos e vastos como as pradarias na primavera.

— Demora o tempo que for preciso — diz-me, beijando as costas da minha mão. — Se pude esperar 19 anos pelo meu poder Kalima, também posso esperar algumas horas por isto. Diz-me só uma coisa: ela *desapareceu*?

Após um momento de reflexão, abano a cabeça. Porque a Ghoe nunca vai desaparecer.

— Ótimo — diz o Serik, com um ligeiro sorriso. — Ainda preciso de alguém para culpar por todos os meus problemas.

— A sério, Serik? — Dou-lhe um encontrão com o ombro e ele ri-se.

— Sabes que a Ghoe não quereria que fosse de outra maneira.

Seguimos num silêncio cúmplice com o resto do nosso grupo, apreciando o esplendor do jardim enquanto a Senhora e o Pai nos levam pelo caminho por onde viemos. Espreito por entre a densa camada de folhas de esmeraldas e granadas. Afasto os arbustos com flores de cornalina, em busca de um portal ou de um túnel, ou até mesmo uma fenda no próprio ar, esquecendo-me completamente de que temos uma paragem final a fazer antes de podermos regressar a Ashkar.

Os cadáveres de vários pastores e guerreiros namagaanos, e até mesmo de um guerreiro Kalima, jazem sobre a relva no local por onde entrámos no Azul Eterno, o seu sangue tão vivo como as bagas de rubi que pontilham as árvores. Mas o meu olhar fixa-se imediatamente no príncipe zemyano e nos seus olhos pálidos e inexpressivos.

Os sussurros explodem de ambos os grupos e há Zemyanos que avançam para os Primeiros Deuses quando estes se ajoelham ao lado do Ivandar. Desesperados para proteger o príncipe que ainda há pouco estavam ansiosos para depor.

O Pai Guzan levanta ambas as mãos e a terra ergue-se diante dos Zemyanos, fazendo-os recuar e tombar para trás. Atrás desta parede de proteção, a Senhora do Céu coloca as palmas das mãos sobre o Ivandar e entoia uma canção que é uma mistura de todos os hinos sagrados que conheço. Espirais de fumo azul esvoaçam dos seus dedos e envolvem o príncipe numa névoa espessa. O ritual é muito semelhante ao do Lordinium do Kartok, mas como não haveria de ser? Zemya é filha da Senhora e do Pai. Pode ter criado a sua própria magia, mas as bases do seu poder, o seu treino e tutela, aprendeu-os com os pais, o que prova mais uma vez que não são assim tão diferentes.

Mal o fumo se dissipa, o Ivandar levanta-se com um suspiro, como se acordasse de um pesadelo. Pisca os olhos, ofegante, contra a dura luz do sol que continua a perfurar a escuridão que soçobra. Leva as mãos ao peito e tronco, em busca de feridas que já não existem — embora as evidências permaneçam. Há sangue nos seus dedos e na sua túnica, na zona do peito.

— O que aconteceu? — pergunta, olhando finalmente para cima. Suspira ainda mais alto quando reconhece os rostos dos seres que estão de ambos os lados. — Estou morto? Onde está Zemya? Pensei que viria saudar-me... — O Ivandar tenta recuar, mas a Senhora poussa-lhe uma mão tranquilizadora sobre o ombro.

— Estavas morto, mas graças a uma amiga, ressuscitaste. Vamos ao encontro da Zemya. — A Senhora ergue-se com a graça de uma águia a levantar voo. O Pai estende a mão ao Ivandar e ajuda-o a levantar-se.

— Que amiga? Ainda não percebo... — Os olhos esbugalhados e assustados do Ivandar sondam a multidão. À procura da Ghoea. Quando não a encontra, o seu olhar assenta em mim. Faço-lhe um único aceno sombrio. Todo o seu corpo desaba. Agarra na camisa ensanguentada com ainda mais força. — Como? Porque o faria ela?

Antes de eu conseguir responder, a Senhora do Céu e o Pai Guzan dão as mãos. Ervas verdes e fetos ondulantes surgem de baixo do Pai, e outra secção de escuridão desmorona do céu azul diretamente sobre a cabeça da Senhora, envolvendo-os no maior feixe de luz solar de sempre. Sussurram algo, mas num tom tão baixo que nenhum de nós pode ouvir, e quando levantam as mãos unidas, o jardim desaparece, deixando-nos diante de um muro de pedra alto com um portão que só permite a passagem de uma pessoa de cada vez.

Ashkar está ao lado do portão, envergando uma armadura lamelar brilhante, o mais glorioso guerreiro Kalima que alguma vez vi. No entanto, não estou admirada nem impressionada. A sua visão inunda-me de demasiadas emoções contraditórias. Concedeu-me o meu poder, e por isso ser-lhe-ei eternamente grata. Mas também me fez usar esse poder para atacar e escravizar. Conquistar e subjugar os povos e os lugares que Ele temia.

Talvez pensasse mesmo que Zemya era uma ameaça. E talvez fosse. Ou talvez tivesse ainda mais medo de partilhar uma ínfima parte da sua glória com a irmã, de não ser o melhor aos olhos dos pais. Sei melhor do que ninguém como a necessidade de louvor e aprovação pode levar-nos a fazer coisas impensáveis. Não sei porquê, pensei que os deuses estivessem acima disto. Que tivessem transcendido emoções humanas tão básicas. Mas talvez seja a sua humanidade e falibilidade que os mantêm ligados a nós. Despertando o que todos nós temos de melhor e de pior.

Quando vê o nosso grupo, Ashkar brande o seu sabre e posiciona-se à frente do portão.

— O que estão *e/les* a fazer no nosso reino? — Aponta a lâmina aos Zemyanos.

— Baixa a arma — ordena a Senhora. Quando Ashkar não obedece imediatamente, Ela abana o pulso e a arma voa para longe dele, projetada por uma rajada que nenhum Encantador de Vento seria capaz de invocar. — Já tivemos derramamento de sangue su-

ficiente. Está na hora de pôr de lado as armas e os rancores. — Estende a mão. — Vamos trazer a tua irmã para casa.

Ashkar olha com horror para a mão da senhora.

— Mas ela...

— Nunca teve uma oportunidade — corta o Pai Guzan. O timbre da sua voz abana as paredes da torre de vigia de Ashkar. As pedras e a argamassa gemem, ameaçando colapsar. Por fim, Ashkar suspira e abre o portão.

Uma corrente que parece ser composta por vento e por água arrasta-nos por um túnel de sombras. Preparo-me para o brilho ofuscante da neve e para a mordedura implacável do frio, partindo do princípio que vamos voltar para as grutas de gelo, por onde entrámos no reino do Azul Eterno. Mas quando os meus pés assemantam em algo firme, percebo que estou em cima de degraus de mármore branco, cheios de detritos queimados. O invólucro enegrecido do Palácio Celeste paira sobre nós, e uma batalha feroz decorre no grande pátio. Uma amálgama de Ashkarianos e Zemyanos lutam com uma raiva cega, defendendo as suas casas e famílias até à morte. Lutam pelos direitos e respeito que acreditam que lhes são devidos de disputas que começaram séculos antes.

A carnificina é horrível; nunca vi um combate tão sangrento em todos os meus anos na frente de batalha. Ambos os lados estão tão consumidos pelo caos que nem reparam nos deuses que observam enquanto se massacram mutuamente.

Olho para a Senhora do Céu, à espera que desencadeie uma tempestade de relâmpagos. Ou que o Pai Guzan fenda a terra para exigir a sua atenção. Ou que Ashkar salte para ajudar o seu povo, garantindo que derrotam os seguidores da irmã. Mas nenhum deles se mexe.

Eu, por outro lado, sinto que vou explodir se *não* me mexer. Os tentáculos das trevas tremem junto a mim e sussurram aos meus ouvidos, a postos, agora que já não estamos no Azul Eterno.

Podes acabar com isto agora. Tão facilmente. Se os Zemyanos não conseguirem ver, não conseguirão lutar.

Os meus dedos tremem. Do outro lado do rei Minoak, sinto os punhos da Ziva a apertarem-se em resposta. Pronta para atacar comigo. Mas exalo um longo suspiro e abro os dedos. Se fazer desabar os céus sobre os Zemyanos fosse a vontade dos Primeiros Deuses, Eles próprios teriam invocado a escuridão.

A Senhora do Céu pousa uma mão no meu ombro, esboça um sorriso de aprovação e sussurra o nome de Zemya. A sua voz é tão suave que mal consigo ouvi-la e estou ao lado dela. Zemya nunca a ouvirá nos territórios estéreis junto ao mar. Mas é então que o Pai se junta à Senhora, entoando o nome da filha. Após alguma relutância, Ashkar junta a sua voz à dos pais e o combate cessa de imediato.

Todos os Zemyanos ficam perfeitamente imóveis, como que congelados: braços levantados, punhais a meio golpe, bocas a gritar. As lágrimas escorrem-lhes dos olhos e o suor das faces. Em segundos, estão encharcados e a pingar, como se tivessem sido apanhados numa tempestade, embora o céu esteja limpo. A água junta-se numa poça no centro da rua, cada vez mais profunda.

— Água da nascente termal — sibila o Ivandar à medida que as gotículas também lhe escorrem pela pele.

Quando a água nos dá pelos joelhos, projeta-se para o céu como uma fonte e assume a forma de uma mulher à medida que cai.

O seu cabelo é prateado e branco. Os seus olhos brilham com o fulgor das pérolas. E o som do embate das ondas segue Zemya enquanto ela serpenteia pelos guerreiros zemyanos imóveis e pelos igualmente atordoados Ashkarianos. Quando chega junto dos pais e do irmão, levanta o queixo num gesto de rebeldia. Um queixo pontiagudo, que ela claramente herdou da Senhora do Céu. E os seus cabelos são inegavelmente do Pai Guzan. Os olhos de Ashkar estão ligeiramente inclinados para cima nos cantos, assim como os dela.

Apesar das mudanças exteriores que Zemya infligiu ao corpo para se afastar dos Primeiros Deuses, a semelhança familiar é indesmentível. É impossível uma árvore crescer sem as suas raízes; Zemya não existiria sem a Senhora e o Pai.

— Devia saber que interviriam assim que ficasse claro que vos derrotaria. — Zemya estende os braços e a água termal pulveriza os degraus do Palácio Celeste, queimando como brasas quando os borrifos tocam na minha pele. — Qual será o meu castigo desta vez? De que outra forma podem enfraquecer-me e desvalorizar-me? O que quer que seja, não vai resultar. Dei sempre a volta por cima. E voltei sempre mais forte.

— Estávamos errados — diz a Senhora, estendendo as mãos num gesto de capitulação.

Zemya irrita-se, cruza os braços e diz num tom de voz rancoroso:

— Vocês são a Senhora e o Pai. Criadores dos céus e da terra. *Nunca* se enganam.

— Neste caso, enganámo-nos.

— Em relação a quê, exatamente? — desafia-os Zemya.

— Muitas coisas: suprimir o teu impulso e inovação, presumir que a tua magia era má só porque não conseguíamos compreendê-la ou controlá-la, e sobretudo por vos colocarmos, a ti e ao teu irmão, um contra o outro, comparando as vossas capacidades. Um arrepio atravessa o meu corpo, dando-me pele de galinha. A disputa entre os Primeiros Deuses não é tão diferente da disputa na minha própria família: alguns com poder e outros sem poder, uma batalha constante pelo reconhecimento e pela supremacia. Tudo desnecessário.

Zemya limita-se a contemplar durante um longo instante, as narinas arqueadas e o queixo cerrado enquanto tenta controlar a raiva.

— Infelizmente, o reconhecimento e o pedido de desculpas já vêm com vários séculos de atraso.

— Achas mesmo que é demasiado tarde? — insiste a Senhora.

— Vem para casa.

Zemya ri-se e dá um passo deliberado para trás.

— A minha casa é junto do meu povo.

— És uma Deusa sábia e carinhosa — diz a Senhora, com um sorriso orgulhoso. — O teu povo tem muita sorte em poder contar contigo. Eu nunca te afastaria deles.

— Então, porque me estás a pedir para voltar ao reino do Azul Eterno?

— Porque não tens de escolher entre o teu povo e a tua família. Nunca deveria ter sido uma escolha. Podes reatar a nossa relação e ainda servir o teu povo. Se uma comandante ashkariana pode dar a vida por um príncipe Zemyano, acho que nós, os seus deuses, devemos ser capazes de alcançar tréguas semelhantes.

O rodopio e a queda da forma aquosa de Zemya abrandam gradualmente até ela se assemelhar a um riacho que escorre em vez de um rio furioso, mas a sua voz permanece feroz e inabalável.

— E a minha magia?

— Isso depende só de ti — garante a Senhora. — Continua a inovar se quiseres, mas eu, por exemplo, estou farta de ver os mortais a abusar do poder do céu.

— Tal como eu — concorda o Pai.

Olham para Ashkar, que relutantemente acrescenta:

— Eu também.

— E se não houver discussão entre nós, não há razão para que precisem do céu para se defenderem — explica a Senhora.

Zemya olha cética para cada um deles.

— O que estás a dizer exatamente?

— Como prova do nosso empenho, e como retribuição pelos nossos erros, retiraremos os nossos poderes ao Ashkar.

A minha garganta fecha-se num arquejo de choque absoluto. Os outros guerreiros Kalima gritam com ainda mais indignação, o Serik mais alto do que todos os outros. No Azul Eterno, todos puderam perceber o que era não ter magia. Ser normal. Fraco.

Uma condição que fui obrigada a suportar durante dois anos em Ikh Zuree. E sobrevivi. Prosperei, assim que silencieei os meus

opressores e comecei a confiar em mim mesma.

O Serik também. Era corajoso, indómito e pronto para a batalha muito antes de ter o poder de comandar os raios de sol. E talvez seja esse o objetivo. Talvez nenhum de nós tenha realmente precisado de poder para além da nossa própria fé, força e determinação.

— Sem o céu, o teu povo não será nada — exclama Zemya, fazendo os Kalima protestarem ainda mais.

A Senhora do Céu encolhe os ombros.

— Ou talvez sejam obrigados a encontrar-se, a inovar e descobrir os seus próprios pontos fortes, como também tu fizeste...

A Senhora do Céu estende a mão a Zemya.

Ela olha para a oferta da Senhora e depois vira-se para olhar para o seu povo, suspenso na batalha. Estão a ganhar, mas por quanto tempo? E a que custo? Pôr de lado armas e rancores não significa necessariamente que se perdeu a guerra. Às vezes, permite alcançar a vitória mais gloriosa.

A Ghoa ensinou-me isso.

Depois de mais um esgar e de um abanar de cabeça exasperado — como se Ela se arrependesse imediatamente — Zemya pega na mão da mãe.

O céu explode com escuridão e luz, com vento, chuva e estrelas. Deitamo-nos de barriga para baixo e tapamos as cabeças enquanto o granizo fustiga o palácio destruído e lava o sangue do grande pátio. Faz-me lembrar a onda uivante de escuridão que me rodeava sempre que invocava a noite dentro do Templo da Serenidade no falso Azul Eterno do Kartok. Uma explosão de poder selvagem e desenfreado. Mas ao contrário desse logro, aquilo a que assistimos agora é uma purga e um castigo. Uma demonstração de poder e contenção. Uma última prova sobre quem governa os céus.

A tempestade flagela-nos durante o que me parecem horas, cada vez mais forte, até que para tão depressa como surgiu. Como se fosse arrastada pela mão da Senhora, revelando um céu azul

brilhante e claro. No pátio, todos se levantam do chão e olham para os degraus do palácio.

Mas os Primeiros Deuses desapareceram.

Tal como os nossos motivos para lutar.

Capítulo 34

Enebish

O concílio das cinco nações vai realizar-se em Sagaan exatamente duas semanas após o cessar-fogo. Os guerreiros recrutados dos Protetorados e os Zemyanos queriam voltar logo para casa, mas prevaleceu o acordo generalizado de que é necessário estabelecer princípios muito concretos. Para que a base da nossa nova aliança seja tão inamovível como os picos do Azul Eterno. Devemos isso aos milhares de pessoas que morreram a lutar nesta guerra sem fim. E devemos isso a nós mesmos.

Os clãs chotgorianos, os soldados namagaanos e os pastores que fugiram das grutas de gelo são os primeiros a chegar, apenas quatro dias após a nossa convocatória, juntando-se prontamente a nós, agora que o perigo já passou.

Quase todos os Ashkarianos saem às ruas para dar as boas-vindas aos líderes dos clãs que chegam das pradarias nevadas, mas eu permaneço no Tesouro, no gabinete do pai da Ghoe, onde passo cada vez mais tempo — quando não estou encarregada de manter a paz frágil entre tantos reis casmurros. Ou a ajudar a reconstruir as casas e lojas que foram destruídas pelos Zemyanos.

O resto de Sagaan está lentamente a emergir dos escombros, mas esta sala permanece intocada — totalmente arrasada durante o cerco. Há livros e registos rasgados e espalhados pelo chão, os móveis estão destruídos e a janela sem vidro foi tapada com um cobertor. É um espaço frio e imundo e as indiretas do Serik e da Ziva são cada vez menos subtis. Eles acham que a minha vinda aqui é estranha. Bizarra. Foi onde os Kalima traíram a Ghoe e onde o Rei Celeste morreu.

Mas também foi onde a Ghoe renasceu. Se me ajoelhar no vidro partido, ainda manchado de sangue, consigo imaginar como era a sua ponte de gelo — cristais brancos projetados sobre a escuridão do cerco.

Às vezes, ainda não acredito que ela se sacrificou para salvar os Primeiros Deuses. E, às vezes, gostava que não o tivesse feito. O seu gesto baralhou tudo. Pintou o mundo em tons de cinzento em vez de preto e branco. Tenho saudades dela e guardo-lhe rancor. Tenho-lhe amor e ódio em igual medida. O equilíbrio muda de dia para dia, às vezes, de hora a hora, dependendo de quão difíceis estão a ser os reis e os Zemyanos.

O Serik sobe as escadas e enfia a cabeça pela fresta da porta.

— Tens de parar de te esconder aqui. Além de ser uma obsessão mórbida, está aqui um frio de rachar. E cheira mal.

Encolho os ombros.

— Não me ralo com o cheiro. E é muito mais simples assim.

— Aceno na direção da via principal, repleta de Ashkarianos, Chotgorianos, Namagaanos e Zemyanos. Todos se juntaram, exatamente como eu queria, mas não da maneira que planeei ou esperava. Deviam ter estado ao meu lado contra o Kartok e os Zemyanos.

Não a Ghoe.

— Desde quando tomas decisões com base no que é mais simples? — pergunta o Serik. — E consegues recriminá-los por fugirem das grutas de gelo?

— Não — gemo, enquanto me levanto, ciente de que o meu ressentimento é injusto. As minhas expectativas eram muito altas. Foi ingénuo pensar que os Chotgorianos iriam lutar contra os feiticeiros zemyanos quando estavam debilitados e traumatizados devido ao trabalho nas minas. Quando mal nos conheciam e não tinham razões para acreditar que teríamos sucesso. Mas é uma falsa questão, visto que conseguimos salvar os deuses sem eles. E se a Senhora do Céu consegue perdoar-lhes, devo fazer o mesmo. Estou a tentar fazer o mesmo. Não quero reconstruir a fortaleza à volta do meu coração. Não quero deixar o Kartok prejudicar-me mais do que já fez. É por isso que esboço um sorriso e atravesso a divisão para me juntar ao Serik, na esperança de parecer contente. E na

esperança ainda maior de vir a sentir-me verdadeiramente contente, com o tempo.

— Ajudaria se dissesse que os Chotgorianos te trouxeram um presente? — A Ziva aparece atrás do Serik. Não sei se esteve sempre ali, escondida nas trevas que ainda respondem à nossa chamada — mas cada vez menos a cada dia que passa — ou se acabou de subir os degraus para se juntar a nós.

Rio-me.

— Que presente teriam eles para mim?'

— Se te disser, estrago a surpresa. Anda. — A Ziva pega na minha mão e quase me arrasta pelas escadas abaixo, aos pulos de contente, mesmo quando as suas feridas enfaixadas ainda não cicatrizaram e os seus olhos estão realçados por olheiras carregadas. Ela já não é uma criança, mas também ainda não é rainha. Apanhada entre dois mundos, como muitos de nós. Esperemos que, agora que a guerra acabou, ela tenha tempo para se encontrar a si mesma em ambos.

Quando saímos para o pátio, semicerro os olhos com ceticismo para a longa fila de viajantes até que o meu olhar aterra num carrinho no meio da procissão, em cima do qual está uma jaula com a mais bela águia dourada do mundo.

— *Orbai.* — Engasgo-me com o seu nome. Não me tinha permitido ter esperança. Tendo em conta a forma como o Kartok a obrigava a comportar-se, presumi que os Chotgorianos a teriam matado depois de desaparecermos no reino do Azul Eterno.

Mas aqui está ela, a entrar na cidade, e não sei o que voa mais depressa, se as minhas pernas ou o meu coração.

Abraço a Ziva com força. Em seguida, atravesso a multidão, com os olhos fixos nos olhos amarelos da minha águia. Os ouvidos estão sintonizados nos seus gritos agudos que acompanham os solavancos da carroça sobre as pedras da calçada.

Tem calma. Modera as expetativas. Prepara-te para o pior, insiste a parte mais racional. Mas o amor não quer Saber da razão.

E a fé não pode existir sem esperança. Provavelmente, eu não devia pedir mais nada, depois de todos os milagres que os Primeiros Deuses já realizaram, mas mesmo assim envio um apelo silencioso à Senhora do Céu. Porque esta é a única coisa que peço que é totalmente egoísta. E porque sei que ela atende estes pedidos aparentemente pequenos. É a minha mãe e irmã em todos os sentidos da palavra.

Atiro-me contra as barras toscas da jaula da *Orbai*, a gritar o seu nome, desejando poder esgueirar-me através das barras e enterrar a minha cara nas suas penas. A *Orbai* solta um grito ensurdecedor e o homem que puxa a carroça tropeça e amaldiçoa-me. Ignoro-o. Só vejo a minha águia à frente.

— Tive muitas saudades tuas — comovo-me. Enfio os dedos pelas frestas e desato a chorar quando ela não tenta morder-me. Mas as minhas lágrimas de alegria transformam-se gradualmente em desgosto porque ela também não se aproxima de mim nem faz estalidos com o bico. Não tenta roer as barras da jaula para tentar chegar até mim. Está ali, tão distante e reservada como no dia em que os caçadores a trouxeram das pradarias e a entregaram aos meus cuidados em Ikh Zuree.

As lágrimas escorrem-me pela cara. Não sei se são lágrimas de felicidade ou de tristeza. Parece que não voltarei a saber o que estou a sentir. A *Orbai* está viva. E já não está sob a influência do Kartok. Mas também já não é minha.

Caminho ao lado da carroça até que a caravana para no centro da praça. Os viajantes dispersam para comprar comida e para irem aos banhos, mas eu fico ali, ao lado da minha águia. Não me consigo afastar dela. Enquanto estou ali a falar docemente com ela e a permitir que cheire os meus dedos enquanto observo a curiosidade com que olha para mim, decido concentrar-me na gratidão e não no azedume. Este não é o reencontro que queria, mas é melhor do que aquilo que eu mais temia. É um ponto de partida. Um recomeço. E, tal como a cidade de Sagaan, os

Protetorados e até mesmo Zemya, tudo será reconstruído a seu tempo.

Eu e o Serik não somos convidados a participar nas negociações oficiais de paz, algo sobre o qual ele não consegue parar de resmungar, mas nunca fiquei tão aliviada. Que sejam os reis a discutir e a angustiarem-se com a governação dos seus povos insubordinados. Prefiro esconder-me no Tesouro ou ir até aos estábulos, onde transformei uma baia vazia num espaço para a *Orbai*.

— Vais preferir isto — digo ao Serik enquanto abro a porta do estábulo. — É muito tranquilo e repousante.

Só que naquele momento o estábulo é tudo menos tranquilo e repousante.

O Ivandar percorre o corredor central, murmurando e mexendo na coroa de algas que repousa em cima dos seus caracóis brancos e loiros. Estremece quando nos vê, como se o tivéssemos apanhado a roubar os cofres reais.

— O que fazem aqui?

— O que fazes tu aqui? — pergunta o Serik com um sorriso matreiro. — Não devias estar a aconselhar os outros líderes?

O Ivandar resmunga e encosta-se à baia mais próxima, sujando o seu fato verde-mar.

— Pensei que querias estas responsabilidades... — digo, aproximando-me.

— Sim. — O príncipe suspira. — Mas não as queria imediatamente. E não às custas da minha mãe. Ela não vem, não está em condições de viajar. Segundo os nossos curandeiros, ela desmaiou na altura em que o Kartok foi vencido e não se levantou durante cinco dias. E não se lembra dos últimos oito anos. Os pajens dizem que murmura e fala com as paredes. Dizem que canta canções estranhas, esfrega o pescoço e ri-se por tudo e por nada.

— Sinceramente, tens sorte se isso for o pior — diz o Serik com um abano exagerado da cabeça. — Já imaginaste o Kartok a vasculhar a tua mente durante *oito* anos?

Abro muito os olhos ao Serik, tentada a arrastá-lo para longe por uma orelha, como o abade costumava fazer em Ikh Zuree.

— Tenho a certeza de que a tua mãe vai voltar a si em breve — digo ao Ivandar, apesar de não ter a certeza de tal coisa. Mas recuso-me a aceitar que assim não seja.

A imperatriz Danashti *vai* voltar para o Ivandar pois preciso que a *Orbai* volte para mim.

— E se isso não acontecer? — insiste o Ivandar, olhando fixamente para a porta do celeiro para esconder a humidade nos olhos.

— Nesse caso, vais liderar o teu povo — digo simplesmente. — És mais do que capaz.

— Mas estou pronto?

— Acaba com as hesitações e concentra-te naquilo que podes controlar. — O Serik encosta as palmas das mãos nas costas do príncipe e empurra-o para fora da porta. — Se queres honrar a tua mãe e aqueles que sofreram e sacrificaram tanto, toma-te o melhor imperador que Zemya já conheceu. — O Ivandar olha para o Serik com uma expressão bem-disposta nos seus traços geralmente fechados. — Porque olhas para mim assim?

— Porque parecias a Ghoha.

O Serik bufa e começa a protestar. Mas depois morde o lábio e olha para os pés, com um pequeno sorriso nos lábios.

— Pela primeira vez na minha vida, vou tomar isso como um elogio.

Depois de o Ivandar atravessar o pátio cheio de destroços até à taberna onde estão a decorrer as negociações, retiro a minha águia do poleiro e levo-a para os jardins abandonados atrás do palácio incinerado. O Serik segue-me e senta-se debaixo de uma árvore, a observar.

Tenho passado o máximo de tempo que consigo com a *Orbai*, a reatar a nossa ligação. De certa forma, é como se o tempo tivesse voltado atrás e eu estivesse a reviver os nossos primeiros dias juntas, só que ainda melhor. Sem as outras aves do Rei Celeste, posso concentrar-me apenas na *Orbai* e apreciar cada pequeno marco.

Na semana passada, derramei lágrimas de contentamento quando ela voou para a minha luva pela primeira vez. E sempre que ela sobe pelo meu ombro e bate com o bico no meu ouvido, não consigo deixar de a elogiar com uma ridícula voz esganiçada. Espero que o Serik me provoque, mas ele não diz uma palavra. Só observa, com um pequeno sorriso nos lábios. Muito mais silencioso do que antes. Mais introspetivo.

— Em que estás a pensar? — Dou por mim muitas vezes a perguntar-lhe.

— Em que achas que estou a *pensar*, perante tal beldade? — Pisca o olho e aponta deliberadamente para a *Orbai* e não para mim. Mas apanho-o a olhar para as palmas das mãos quando pensa que estou distraída. Há duas noites, vi-o a tentar fazer fogo com dois paus, como nós. A rezar pela ajuda divina, por um poder que continua a diminuir dia após dia.

É durante uma destas sessões de treino tranquilas, no quinto dia de negociações, que a Ziva vem ter connosco ao topo da colina. Eu e o Serik estamos sentados a acompanhar o voo picado da *Orbai*. A Ziva e o Ivandar têm-nos mantido informados em relação aos planos para se avançar: haverá livre-circulação entre todas as nações, serão assinados acordos comerciais e ainda convénios para o envio de Ashkarianos para Namaag, Chotgor e Verdenet para fazerem formação e aprenderem a caçar, pescar e minerar ouro — atividades que lhes permitam ganhar a vida, em vez de sugarem os recursos das outras nações. É uma inversão completa. As mesmas pessoas que Ashkar se propôs a «estabilizar» estão mais capacitadas para o sucesso e a autossuficiência. Sempre estiveram.

— O conselho solicita a tua presença — diz-me a Ziva.

— Porquê? — Franzo a testa. — Não tenho assento à mesa das negociações.

E nem quero ter, acrescento em silêncio.

— É óbvio que vais ser castigada... — O Serik abana as sobran-celhas. — Lideraste uma rebelião e cometeste dezenas dê crimes contra cada um dos países e respetivo governante.

A Ziva ri-se e revira os olhos ao Serik.

— Eles também querem falar contigo.

Ele engancha o braço no meu e dá-me um beijo surpreendente na bochecha.

— Ainda bem. Se querem castigar um de nós, vão ter de castigar os dois.

Todo o conselho se põe de pé quando eu e o Serik entramos na pequena sala nas traseiras de uma taberna. O espaço é comum em todos os sentidos: pequeno e apertado, com muitas mesas e bancos, a tresandar a cerveja e madeira oleada. O que seria agradável se não me fizesse pensar noutro grupo que se encontrava nas traseiras de uma taberna e no seu líder de olhos de tigre que me ajudou a encontrar a força e a confiança para lutar, apenas para se tomar o meu adversário no lado oposto do campo de batalha.

O rei Minoak avança. Atrás dele, o Ivandar senta-se entre o rei Ihsan e os seus guardas cor de laranja e os líderes dos clãs chotgorianos. Varren e os outros guerreiros Kalima rematam o grupo — neste momento, são a coisa mais próxima que Ashkar tem de um governante.

O rei Minoak espera que a Ziva se junte a ele antes de se dirigir a mim e ao Serik.

— Temos para convosco uma enorme dívida de gratidão. Graças à vossa coragem e determinação, todo o continente está livre e unido pela primeira vez em séculos. A fim de salvaguardar esta paz, decidimos por unanimidade manter um grupo de guerreiros Kalima...

— Mas como... — intervenho.

— Podem não ser capazes de dominar o céu — corta o rei Minoak —, mas a necessidade de um grupo de guerreiros de elite composto por elementos de cada nação é inegável. E gostaríamos que liderasses este novo batalhão com o Serik como teu tenente, se estiverem dispostos a isso.

As mãos do Serik apertam-me o braço e ele grita:

— Estamos dispostos!

Mas não posso aceitar de imediato. É como se os olhos me saltassem das órbitas à medida que encaro os rostos diante de mim. Desde as feições sulcadas do rei Ihsan à pele dourada dos meus governantes de Verdenet, passando pelos Zemyanos brancos da cor dos nevões e os Chotgorianos de cabelo flamejante. Todos tão diferentes, mas todos tão iguais naquilo que realmente importa.

Os meus dedos deslizam para a marca da traição na minha cara, e depois mais para baixo, para as velhas cicatrizes roxas no meu braço.

— Querem que eu sirva como comandante?

O título tem tanto peso e responsabilidade. Tanta saudade e ressentimento.

— Provaste ser mais do que capaz — diz o rei Minoak, sorrindo-me orgulhosamente. Todos eles sorriem orgulhosamente. Restaurar a minha honra e posição, exatamente como sempre quis. Mais do que eu podia ter sonhado.

Mas as palavras de um velho provérbio verdenês tomam conta da minha mente. Um provérbio que a minha mãe costumava evocar quando éramos atormentados pelas secas de verão ou quando os Zemyanos invadiam o mercado de Nashab, ou quando eu me queixava das minhas tarefas e do calor sufocante:

O deserto é o berço mais cruel. O sol e a areia arrancam a carne dos ossos.

Mas os ossos quebram e saram. É assim que os homens se tomam colossos.

É inegável que os últimos meses me quebraram e despedaçaram em mil bocadinhos. E só há um lugar duro e implacável o suficiente para me purgar, endurecer e remodelar. Para me reconstruir, juntando os sonhos e aspirações que sempre tive para a nova pessoa que me estou a tomar.

— Estou muito grata pela honra — digo, com uma vénia a cada um dos governantes —, mas não quero voltar ao exército.

— O *quê*? — Um ligeiro assomo de calor brota do corpo do Serik quando ele se vira para mim de olhos arregalados. Não consigo olhar para ele. Se o fizer, sentir-me-ei tentada a mudar de ideias. Tudo para evitar a desilusão e a traição que, sem dúvida, assombram os seus olhos. Mas também não posso desapontar-me ou trair-me.

— Não podemos perder esta oportunidade! — insiste o Serik.

— Isto é o que sempre quiseste, o que sempre quisemos. Cavalgar para a batalha lado a lado.

Encolho ligeiramente os ombros.

— Espero que não haja batalhas para cavalgar durante muito tempo. E as circunstâncias mudam. O que pensei que queria não é aquilo de que realmente precisava. Espero que compreendas. Não estou a pedir-te para abdicares de nada.

O Serik resfolega e puxa o cabelo até lhe tapar os olhos.

— Não digas disparates! Não posso simplesmente juntar-me aos Kalima sem ti!

— Podes e deves. Os pássaros têm asas por um motivo, Serik. Deixa-as levarem-te para onde precisas de ir e depois voa de volta para mim. Podemos ter o que precisamos e podemos ter-nos um ao outro. Não tem de ser uma escolha. Assim como nunca teve de ser uma escolha para os Primeiros Deuses.

Os seus olhos cor de avelã pousam nos meus, magoados, mas compreensivos.

— O que queres tu, En? — pergunta, docemente.

O que quero eu?

Não sei como vocalizar a amplitude do que quero, mas quando fecho os olhos, a imagem é nítida: a areia entre os dedos dos pés e o sol a bater-me no rosto. Sandálias nos pés e o doce aroma de um telhado de colmo e embalar o meu sono. O som da voz da minha mãe trazido pelo vento e o sabor do guisado de lentilhas do meu pai na minha boca.

Quero voltar a Verdenet.

Não para recriar um tempo antigo, mas para seguir em frente; para um futuro com raízes no passado; continuar a fortalecer o meu país e o meu povo.

E, se tudo correr bem, a mim mesma.

Epílogo

Enebish

Seis Meses Depois.

A Ziva deixa cair a espada de madeira pela décima vez em menos de 20 minutos.

— Concentra-te, Zivana! — grito do outro lado do ringue de areia, e uso o seu nome completo para a irritar ainda mais. — Uma rainha tem de manter sempre a cabeça fria. Sobretudo sob pressão.

— *Estou* a concentrar-me! — Agarra na espada com tanta força que esta vai cravar-se-lhe na perna. O seu parceiro de treino, um rapaz zemyano chamado Josaf, ri-se quando ela guincha. À semelhança das centenas de outros aprendizes que se espalham pelo campo de treino que foi recentemente erguido à porta do mercado de Nashab.

Qualquer jovem do continente que queira aperfeiçoar as suas aptidões em legítima defesa pode vir assistir ao meu treino, e eu tenho uma boa panóplia de alunos das cinco nações. Esperemos que a paz entre os nossos países dure vários séculos mais do que a guerra e que eles nunca precisem de usar estas aptidões, mas é melhor estarmos preparados. Para garantir que as gerações futuras sabem defender-se e, mais importante ainda, saibam comunicar.

Foi a forma que encontrei de retribuir. Por estranho que pareça, é algo que me agrada — aprendi isso com a Inkar — e que me permite homenagear as minhas próprias mentoras, Ghoe e Tuva. E, de certa forma, a própria Senhora.

— Controlar a noite era muito mais fácil — murmura a Ziva, retomando a sua posição.

— Talvez devesse ser mais branda com ela — sugere o Ivandar, encostado à cerca ao meu lado. Visita-me de dois em dois

meses para observar os avanços dos alunos zemyanos.

O comentário foi feito num tom baixo, mas a Ziva lança-lhe um olhar implacável e aponta a lâmina de madeira na sua direção.

— Dispensso branduras. Achas que o teu povo vai ser brando comigo quando eu for rainha?

O grupo fica em silêncio, tenso, à espera da resposta do governante zemyano. Às vezes, estas relações recentes mais parecem uma caminhada num campo de sabres. Os ferimentos são quase inevitáveis. Mas a cada dia de marcha, os nossos pés vão ganhando calo.

Em vez de ficar ofendido, o Ivandar inclina a cabeça para trás, com a pele pálida já rosada e suado sob o sol do deserto, e ri-se.

— Quando tu subires ao trono de Verdenet, o meu povo já terá ouvido tantas histórias de como fizeste de mim um idiota rematado, que nunca sonharia sequer em gozar contigo.

O grupo faz coro com o riso do Ivandar e, por fim, até a Ziva sorri.

— Estás a fazer progressos impressionantes, En — diz o Ivandar uma hora depois, quando os aprendizes guardam as espadas de madeira e dispersam em direção ao mercado.

— Obrigada. Têm um longo caminho a percorrer, mas estão ansiosos para aprender.

— Não estou a falar deles. Nunca duvidei que serias uma excelente mentora. Estou a falar dela. — O príncipe zemyano e aponta para o céu, onde a *Orbai* desenha círculos perfeitos e mergulha, constante e previsível como o sol.

Após algumas semanas lentas de readaptação, foi como se alguém tivesse puxado uma alavanca na mente da minha águia e a *Orbai* voltasse a ser a *Orbai*, com estalidos nos meus ouvidos e bicadas amistosas na minha túnica, à procura de guloseimas.

Soltei um grito tão estridente e abracei-a com tanta força que ela nem se aproximou de mim no dia seguinte. E passei tanto tempo a agradecer à Senhora do Céu, que ela provavelmente nunca mais

vai querer ouvir falar de mim. Mas tinha de lhe fazer ver o quanto estou grata e o quanto me sinto reconhecida. Ela tem milhares de filhos espalhados por todo o continente, mas tem sempre tempo para me ouvir. Para me reconhecer e abençoar.

O Ivandar observa melancolicamente a *Orbai* a pousar na minha luva estendida.

— Presumo que a tua mãe não tenha melhorado — pergunto, compreensiva.

Ele abana a cabeça uma Vez.

— Ainda não. Mas não perdi a esperança.

— Nem devias. Ela esteve muito mais tempo sob a influência do Kartok.

— Não consigo decidir se isso é reconfortante ou aterrador. — O seu riso é triste e enternecedor.

— Já oraste a Zemya?

— Claro que já tentei invocá-la, mas a nascente termal sagrada está quase seca...

Uma parte de mim está surpreendida por saber que Zemya cumpriu os desejos dos pais, mas a outra parte de mim nem por isso.

— Ela vai arranjar outras formas de te contactar — assevero-lhe. Ele volta a assentir, ausente.

— Posso acompanhar-te a casa antes de voltar para a minha caravana?

— Acho que a tua comitiva não vai esperar tanto tempo.

O Ivandar franze o sobrolho, confuso. A cabana que arrendo fica às portas do mercado. No entanto, o Serik regressa esta noite do seu primeiro destacamento com os Kalima.

O que significa que, esta noite, vou finalmente para *casa*.

A viagem entre Lutaar e a pequena aldeia de Sangatha demora quatro horas a pé. Com o meu coxear, demoro seis. O sol já quase

se pôs no horizonte quando vejo as primeiras cabanas de colmo à distância e, de alguma forma, tudo parece encaixar. O meu poder nasceu aqui. É justo que morra aqui.

Olho para os fios de escuridão que rodopiam e se contorcem por cima de mim. A cada dia que passa, fundem-se um pouco mais num só, e tomam-se uma extensão inanimada de preto, à medida que a Senhora e o Pai retomam os seus poderes. É a noite, que começo a perceber como todos os outros.

O Serik espera por mim à entrada da aldeia. Passou os últimos quatro meses destacado com o seu batalhão em Zemya, a estudar as suas táticas e formações, de modo a integrá-las no repertório dos Kalima, e como a minha aldeia fica perto da fronteira, fazia mais sentido encontrar-se comigo aqui. O que não faz sentido é o meio de transporte escolhido.

Tenho de afilar o olhar e abanar a cabeça para ter a certeza de que é mesmo ele. Não por causa da armadura lamelar polida que enverga e que lhe cinge os ombros largos e a cintura estreita — embora nada disso me passe despercebido — mas porque está montado no cavalo de guerra negro da Ghoa.

— É a *Tahana*? — pergunto, quando me aproximo a coxear.

— Não me vês há meses e a primeira pergunta que me fazes é sobre o meu cavalo?

— Mas é ela? — insisto, com uma gargalhada.

— Pensei em fazer um favor a este animal e montá-lo depois de todos os outros Kalima recusarem — explica, enquanto desmonta.

— Mas achas que ela se mostra grata? Não. Retribui a minha generosidade todos os dias, sob a forma de pinotes, dentadas e trambolhões. Isto deve ser obra da Ghoa, que se está a rir de mim no Azul Eterno. — O Serik contrapõe as reprimendas estendendo a mão e acariciando carinhosamente o pescoço do cavalo. Quase parece orgulhoso.

— Acho que fazem um bom par — digo, atirando-me aos seus braços.

— Muito aquém de nós os dois. — Puxa-me para si, murmurando no meu cabelo, e fico espantada pela centésima vez com o facto de a minha cabeça caber perfeitamente debaixo do seu queixo, como se àquele espaço tivesse sido esculpido só para mim; e com a forma como os seus braços me envolvem e ele sabe exatamente como embalar os meus ferimentos.

—Tive saudades tuas — digo, agarrada ao seu manto batido do sol. É a única parte dele que ainda cheira a tinta de resina e pergaminhos de oração. Claro que recebeu um manto novo, como parte da sua farda Kalima, mas «perdeu-o» quase de imediato.

— Não precisarias de ter saudades se mudasses de ideias e decidisses voltar para os Kalima... — sussurra ele. Com um estalar dos meus dedos, a *Orbai* mergulha na escuridão que começa a instalar-se e, com um guincho, executa um voo rasante sobre a cabeça do Serik. Perto o suficiente para ele soltar uma maldição enquanto se baixa. — Bem, olá para ti também — atira, enquanto ela dá meia volta num afloramento de rochas e se prepara para uma nova investida. — Eu ia dizer que tive saudades tuas, mas parece que o sentimento não é mútuo. — Abana a cabeça, sentido, e vira-se para mim. — Estás pronta?

Entrelaço os meus dedos nos dele e aceno com a cabeça.

Sangatha foi reconstruída nos dez anos que se seguiram à altura em que a Ghoe me acolheu — e em que quase todos aqueles que eu conhecia morreram no incêndio —, mas as ruas sinuosas ainda estão bem vivas na minha memória. Os meus pés encaminham-se para o primeiro lar que conheci como se nunca o tivesse deixado.

À medida que passamos, as pessoas põem a cabeça de fora das cabanas e olham para nós — para o Serik, mais especificamente —, e eu agradeço o resguardo, a bênção do anonimato. Entre ele e a noite que se instala, não sou mais do que uma sombra.

Uma nova casa foi erguida onde outrora estive a minha. Volumosa e robusta, com um telhado de colmo fresco. O fumo escapa de uma abertura no topo e a luz das velas bruxuleia nas janelas,

mas contorno a cabana até encontrar uma saliência numa das ripas de madeira.

— O que estás a *fazer*? — pergunta o Serik, enquanto trepo para cima dela.

— O que achas que estou a fazer? Estou a subir ao telhado.

— Não podes subir aos telhados das casas das pessoas!

— Não me digas que o exército fez de ti um atinadinho — provoco, enquanto passo a perna pela beira.

O Serik murmura imprecações enquanto olha à volta, à procura de um sítio para amarrar a *Tabana*, antes de finalmente se juntar a mim.

— Isto é mesmo necessário? — indaga. — Não podíamos ter olhado para ela do chão?

— Não — digo, sem mais explicações.

Aqui em cima, entre as trevas e as estrelas, foi onde sempre senti mais intensamente a presença dos meus pais.

O Serik aperta-me a mão e ficamos em silêncio. Nesse silêncio, escuto os gritos e o crepitar das chamas no dia em que a minha aldeia ardeu. Mas também escuto os sons de uma infância feita de risos e orações sinceras. Tantas memórias que já tinha esquecido.

— Fala-me deles — insiste o Serik, apesar de já lhe ter falado centenas de vezes sobre os meus pais. Mas volto a falar.

Mais uma vez.

E ele ouve atentamente cada palavra.

No final, estou desfeita em lágrimas e a tremer, e não protesto quando o Serik me puxa contra o seu peito e me tapa com a sua capa.

— Queres que invoque algum calor? Às vezes, ainda consigo formar uma faísca.

Abano a cabeça e inspiro uma golfada de ar que me queima os pulmões, sustendo a respiração o máximo de tempo possível.

— Nos últimos tempos, tenho preferido o frio — sussurro.

— Tem piada que eu também — diz o Serik, e olhamos para cima, para a extensão infinita do céu.

Pode bem ser dos meus olhos turvos, desesperados para encontrar um vislumbre de movimento na escuridão, mas juro que vejo a Senhora do Céu e a Ghoe a olharem para nós e a sorrirem.

Agradecimentos

Apesar de este ser o meu terceiro livro, é a primeira sequência que tive a oportunidade de escrever (e faço figas para que não seja a última!), e revelou-se um projeto muito diferente dos meus romances autónomos. As personagens e o mundo já tinham sido criados — o que seria de esperar que facilitasse o processo — mas dei por mim a ter de aprofundar e mergulhar mais plenamente neste mundo, o que implicou uma menor presença e disponibilidade no mundo real.

Com isso em mente, parece-me justo começar por agradecer à minha família.

Um milhão de abraços e beijos ao Sam, o marido mais solidário e compreensivo do mundo. Quase me partiste o coração quando disseste que sentias que não me vias há um ano. Sei que tenho tendência a ser um pouco obsessiva e muito focada, mas nunca te queixas. Obrigada por me incentivares a defender o meu tempo de escrita e por brincares com a Kaia aos fins de semana para eu poder destilar mais umas quantas palavras. Obrigada por me aplaudires como ninguém e por insistires que sou a maior quando começo a entrar em pânico e a duvidar de mim mesma. Nada disto seria possível sem ti. Amo-te muito.

Kaia, podes ainda não saber ler, mas sabes como me animar e inspirar. Obrigada por correres logo para a secção de *Young Adult* de todas as livrarias, à procura dos «livros da mamã». Obrigada por dizeres aos teus amigos que as tuas personagens favoritas são a Enebish e a *Orbai* e não a Anna e a Elsa. E obrigada por insistires que pare de escrever para podermos ler mais livros da *Fancy Nancy*. Manténs-me focada no que é mais importante!

Estou muito grata aos clãs Hair e Thorley pelo entusiasmo e apoio. Tenho a melhor família do mundo. Um agradecimento especial aos meus sobrinhos e sobrinhas. Não há nada melhor do que receber as vossas mensagens enquanto leem os livros. Obrigada

por me dizerem que gostariam dos meus livros mesmo que não fôssemos da mesma família — esse é para mim o maior elogio!

Sei que todos os autores dizem que o seu agente é o melhor, mas a Katelyn Detweiler é um caso à parte. Obrigada por seres tão entusiasta e solidária e por saberes exatamente quando preciso de um empurrão ou de um incentivo. Chega a ser estranho que apareças quase sempre na minha caixa de entrada no preciso momento em que estou a ter um colapso. Obrigada por aliviares as minhas preocupações e por me trazeres bolos. És mágica, e estou imensamente grata por estarmos juntas nisto. O meu muito obrigada também aos agentes assistentes da JGLM que fazem tanto por mim: Sam, Sophia e Denise.

Tenho uma enorme dívida de gratidão para com a minha brilhante editora, Ashley Heam, que aprimora as minhas histórias como eu nunca conseguiria fazer sozinha. Sei que costumo ser *palavrosa* —, sem a tua orientação, os meus livros teriam 200 mil páginas de divagações inconsequentes — mas nunca consigo encontrar palavras suficientes para expressar o quanto estou grata por trabalhar contigo.

Tenho a sorte enorme de ser uma autora da Page Street! O meu obrigada ao editor-chefe Will Keister pelo seu apoio contínuo. Às minhas relações-públicas, Lizzy Mason e Lauren Cepero, que além de brilhantes e trabalhadoras são também muito divertidas. Obrigada à Kylie Alexander por desenhar as capas mais bonitas que já vi. Um agradecimento especial à minha revisora, Kaitlin Severini, que me faz parecer mais inteligente e sofisticada do que realmente sou. Obrigada à Lauren Knowles por me ter ajudado a terminar esta série. E um agradecimento especial à diretora de produção Meg Palmer, à editora-chefe Hayley Gundlach, à diretora editorial Marissa Giambelluca, à editora associada Tamara Grasty, à assistente de produção Mary Beth Garhart, e por último, mas certamente não menos importante, à maravilhosa equipa comercial da Macmillan.

Abraços e chocolate para todos os meus amigos autores: JC Davis, Hannah Karena Jones, Erin Cashman, Samantha Hastings,

Joanna Ruth Meyer, Nicole Lesperance, Maria Hebert-Leiter e Breeana Shields. Obrigada por me incentivarem, por ouvirem os meus lamentos e por não levarem a mal o meu silêncio enquanto ando às voltas com uma sequela.

Não estou nada grata à covid-19 por ter causado tanto caos e obrigado ao encerramento da creche da minha filha. É tua a culpa por ter falhado tantos prazos. Felizmente, trabalho com pessoas muito amáveis e pacientes. E, mais importante ainda, estou grata por estarmos todos bem.

Obrigada a todos os leitores, críticos, bibliotecários e *bloggers* que ajudaram a espalhar a palavra sobre os meus livros. Nem imaginam como agradeço o vosso entusiasmo e dedicação! É difícil singrar neste meio, por isso estou muito grata pelo reconhecimento!

Por fim, todo o meu amor à Enebish, à Ghoha, ao Serik e à *Orbai*. Foi uma viagem fantástica. Obrigada por me deixarem confraternizar convosco durante os últimos sete anos. Foi um prazer fazer parte do vosso percurso.